JAIME CORTESÃO

·A·EXPEDIÇÃO· de PEDRO·ALVARES·CABR

E O DESCOBRIMENTO

A EXPEDIÇÃO DE PEDRO ALVARES CABRAL

E O

DESCOBRIMENTO DO BRAZIL

DO AUTOR:

A Morte da Águia, 1909.
A Arte e a Medicina, 1910.
Daquem e Dalem Morte, 1913, (esgotado).
Glória Humilde, 1914, (esgotado).
Cancioneiro Popular, (Antologia pendida de um estudo crítico), 1914.
Cantigas do Povo para as Escolas, (Selecção e prefácio), 1914.
O Infante de Sagres, drama em IV actos, 1916 (3 edições, (esgotado).
Egas Moniz, drama em IV actos, 1916, (3 edições).
Memórias da Grande Guerra, 1919, (3 edições).
Soror Mariana—Cartas de Amor—Nova restituição e esbôço crítico, 1920.
Adão e Eva, peça em 3 actos, 1921.
Itália Azul, 1922.

JAIME CORTESÃO

A Expedição de Pedro Alvares Cabral

E O

Descobrimento do Brazil

LISBOA
Livrarias Aillaud e Bertrand
Paris-Lisboa
1922

À Colónia Portuguesa

DO

BRAZIL

Em boa verdade, não nos pertence a iniciativa dêste livro. Convidados a colaborar na História da Colonisação do Brazil, *a obra monumental, com que a Colónia portuguesa em terras brazileiras celebra o Centenário da Independência da nação irmã, e tendo-nos cabido, dentro do seu largo plano, o relato da expedição de Pedro Alvares Cabral, na sua organisação, biografias dos comandantes e primeiros passos até à partida do Restelo, veio o nosso trabalho a assumir proporções, que excediam o âmbito marcado. Convencidos, todavia, de que logrâmos esclarecer com as nossas investigações alguns pontos obscuros desta parte da história portuguesa e brazileira e ajudamos a ve-la a uma nova luz, amavelmente incitados também pelo sr. Carlos Malheiro Dias, organisador daquela obra, a publicar o nosso estudo na integra e em separata, resolvemo-nos, assim, a da-lo à estampa, acrescentando-lhe a colecção*

dos mais importantes documentos, até agora dispersos e que constituem as fontes respectivas.

Sem esta prévia explicação, fôra impossivel compreender o traçado geral da nossa obra, tão exuberante em certos pormenores e escassa na historia da expedição. Algum dia, que tenhamos conhecimento mais directo do Atlântico e da terra brazileira, concluiremos com um segundo volume este relato.

Ao ilustre escritor, cujo honroso convite originou este trabalho, devemos e agradecemos a alegria de termos durante meses convivido, numa profunda exaltação de espirito, com alguns dos Homens da nossa Edade de Oiro.

E, pois, este trabalho foi concebido dentro daquela vasta obra, era egualmente dever nosso com intimo júbilo cumprido, oferecê-lo á Colónia portuguesa, como homenagem sua ao Brazil, pelo Centenário da Independencia.

As muralhas de Lisbôa nos séculos XIV e XV

15
Ri
co
sis
ex
en
se
de
sé
ar
su
gu
a
me
ob
ext
im
ra.
nu

LISBOA NO ANO DE 1500

Lisboa, a senhora dos Mares, nesse ano de 1500, em que a armada de Cabral largava da Ribeira das Naus a caminho da Índia, mal começava a esburacar a sua velha mas resistente capa medieval. Possuia um aspecto exterior e íntimo, único na sua história. Por então ainda os melhores paços do rei e dos senhores condiziam na fábrica e na severa descomodidade com a singela policia daquele século, a findar. Todas as maravilhas duma arquitectura que atingira a expressão da mais sublime idealidade, quási exclusivamente se guardavam para os templos e os cenóbios, a atestar assim um sentido da vida sinceramente religioso. O vulto e a traça da cidade não obedeciam a qualquer plano de enobrecimento externo. O burgo tumultuário conservava o ímpeto e rudeza nativos da grei que o construira. Volvidos poucos anos, seria a Lisboa manuelina, oriental e faustosa, cujos fidalgos, aban-

donando a antiga cêrca e dobrando a última colina, que escondia a cidade (a de S.[ta] Catarina), pejavam, a exemplo do rei, de pompas e palácios a Ribeira, em direcção ao Mar.

Aquela data, D. Manuel não completara ainda cinco anos de reinado. E as primeiras novas certas da Índia, vindas pelo Gama, e que iam decidir da política e actividade nacionais, só há cinco meses que traziam em pasmo e sobresalto as gentes.

Torna-se mister esquecer de todo esta Lisboa de hoje, vasta e disseminada por monte e vale até ao mar, com sua fria Baixa pombalina e as avenidas claras e banais, para evocar com as gravuras de Braunio (1) e de Beninc (2) o antigo burgo, curto e amuralhado. Já não se aperta a apenas, como nos moiriscos tempos em que escrevia Osberno, no alto dum monte arredondado, *in cacumine montis rotundi* (3). Alastrava-se agora por cinco outeiros e outros

(1) *Urbium praecipuarum totius mundi theatrum*, vol. V.

(2) Desenho de Simão Beninc no *ms.* 12531, tab. VII, no *British Museum*, de Londres, *Port. drawings*. A Biblioteca Nacional possui a reprodução do manuscrito. Igualmente se pode ver o desenho de Beninc em *Rainhas de Portugal*, Benevides, e *A vida de Nun'Alvares*, O. Martins.

(3) *De Expugnatione Olissiponis*, in *Port. Mon. Hist.*, *Scriptores*, pag. 391.

tantos vales (1). No mesmo rotundo monte (do Castelo), cujas barreiras eram então quási limpas de casario, a mole da Alcáçova continuava a dominar, formidável e sósinha. Pendiam-lhe das ilhargas, caíndo sôbre a metade leste da cidade até à beira das águas, os esboroados panos das muralhas moiriscas. Ali findavam os limites da primeira Lisboa. Mas, tendo crescido e alagado as colinas vizinhas, circundavam-na agora as muralhas mais amplas de D. Fernando, com as suas setenta e sete torres e as trinta e oito portas, vinte e duas das quais sôbre a Ribeira. Viam-se-lhe aqui e ali as espessas quadrelas, encrespadas de ameias, avançando em cada saliência os válidos cubelos, rasgando-se a toda a volta com os arcos das portas e postigos, por cujas aspérrimas ladeiras se entrava na cidade, e, pojando num ou noutro lanço, a casaria, que trepara de encosto aos adarves cimeiros.

Todavia, comparado com a área actual, o âmbito circundado da cidade era limitadíssimo. As muralhas, que nasciam à beira do Tejo, no lugar onde hoje assenta o Arsenal do Exército,

---

(1) Nicolas de Popielovo, fidalgo alemão, que em 1484 visitava Lisboa igualava-a na grandeza a Colónia e a Londres. Veja-se *Viajes de extranjeros por España y Portugal en los siglos XV, XVI y XVII*, traduzidos por F. R. Collecion de Javies de Liske. Madrid, 1878.

subiam por S. Vicente a leste, trepando e ondulando ao norte, pelos altos da Graça, Castelo, Santa Ana, Carmo e de S. Roque, em cujo viso extremo a torre de Alvaro Pais sobresaía, e daí vinha descendo pelo largo do Loreto e Ferregial até ao Largo do Corpo Santo, beirando depois ao sul toda a margem do Tejo, que fôra delas se estendia na vasta e tumultuosa zona dos cais, espalmadoiros e estaleiros, coalhada de barcos e navios.

Na sua metade ocidental, entre os morros do Carmo e do Castelo, a cidade formava uma profunda depressão, mais vasta do que agora, até ao largo do Rossio; o qual intestava ao norte com a cerca e era muito mais espaçoso. Também as cinco colinas da cidade, salvo em que eram mais despidas, não desdiziam muito o seu relêvo actual.

Nas ruas sinuosas e sem ândito, de lágea ou de ladrílho, tão estreitas que raro excediam oito palmos, já naquela época se construiam casas com três andares sôbre a lógea térrea. Parcas de janelas, muitas das quais se resguardavam com a pálpebra das rotulas, exorbitavam no travejar de sacadas e balcões, enormes, para habitação, que alpendravam e escureciam mais as ruas, impedindo o trânsito. Predominava a construção românica de pedra. Mas usava-se a madeira também, à maneira do Norte; e os velhos hábitos moiriscos resaltavam ainda na

profusão de eirados, que cobriam as casas, das graciosas chaminés, e até, em muita habitação, do vermelho escuro dos adóbes.

Quem olhasse pela banda do rio o velho burgo, divisaria sôbre o embrechado dos cunhais e empenas e a revolta toalha das assoteas e telhados, encardidos pelo mugre do tempo, os muitos coruchéus das torres (1), pairando com seu leveiro desgarro oriental, e, mais belos e altos entre todos, os da Alcáçova, de S. Vicente e Sé. Os monumentos, por poucos, mas grandiosos, ganhavam maior vulto e mais clara expressão. A meio, paço do rei e castelo roqueiro, acrópole gentílica, tatuada do tempo e dos combates, a Alcáçova poisava sôbre o burgo, como uma corôa num escudo heráldico. Despontavam-lhe para o Ceu, em flecha, as torres,—a da Menagem, a do Tombo, a de Ulisses, o prófugo e mítico patrono da cidade. Posta a meio pendor, entre o morro do Castelo e o Tejo, a Sé erguia a meio dum terreiro, donde naquele tempo se avistava o rio, os dois esbeltos minaretes, com três andares de duplas janelas, encimados por grimpas. Por baixo uma galilé francamente rasgada aligeirava ainda mais a

(1) Dentro ou vizinhos da estreita cêrca havia mais de trinta igrejas e conventos. Castro. *Mapa de Portugal*, tomo III, cap. 2.

frontaria, enquanto a torre quadrada pesava soturnamente, a meio do transepto, na fábrica restante. Sôbre o românico monumento, que nas suas grimpas e numa ou noutra ogiva de ventana sonhava as asas góticas, nem de leve tombara o orvalho dos lavores manuelinos. Era como um hipogrifo de granito escuro, quimera medieval, lembrando idades monstruosas e fastos esquecidos. Depois, para a esquerda, sôbre um morro, então chamado ainda o monte do Almirante, porque aí haviam sido as suas casas, o convento do Carmo apoiava-se, macisso e longo, aos fortes botareus. A ábside nascia de espigões fortíssimos, que se erguiam no extremo do cerro sôbre o Rossio, a pique. Lembrava um sarcófago giganteo, assente sôbre um monte. Dir-se hia que a estátua jacente do Santo Condestabre avultara em todo o relêvo sobrehumano do heroi e poisava ao longo da arca tumular, gótica e enorme.

A meio da cidade, a Mouraria e a Alfama dos pescadores e mareantes, mais denegridas e tumultuosas, escachoavam, com resaltos de tectos embatendo-se e sulcos fundos de ruelas, contra as abas do Castelo e da Sé. De longe em longe, entre as restantes zonas habitadas, chapadas núas de outeiro, encrespadas de fragosidades, ou peças de olival cerrado, por S. Francisco, Sant'Ana, Castelo e Graça, abriam manchas terrulentas ou azul ferrete no

corpo fusco da cidade. Ramadas de vinhas e árvores fruteiras abriam toldos ou pendiam em muros quintalejos. Já então se viam fóra das muralhas vastos edifícios junto ao Rio, e quintas suburbanas, pastagens e pomares de vale em vale (1). Pelos visos as vélas dos moinhos; nas quebradas os armentios.

Para a Outra Banda azulejavam serras na distância e estiravam-se pelas abras do rio marinhas e estaleiros.

À tarde, a fundura marítima do ocaso dilatava os Ceus. Águias, contérminas àquela gente nessa idade (2), lançadas no profundo azul, marcavam-lhe com as remiges poderosas os confins altissimos. E como o Tejo ali em frente era mais vasto nesse tempo, e um listrão áureo de areias, entre a cêrca e as águas estendido, formava praia longa, a cidade, perdida na largueza dos montes e cintada pelas quadrelas das muralhas, mais achegada e estreita parecia. Na sombra, o grande túmulo do Condestável dir-se hia suspenso e levado em triunfo, paládio da pequena tribu errante. Viam--se as grimpas altas luzir sôbre as revessas ne-

(1) Damião de Gois, *Urbis olissiponensis descriptio*. Em *Hispaniæ illustratae*, Doctorum hominium, tomo II.

(2) *Cataldus Siculus, De obitu Alphonsi principis*, in Sousa. *História Genealogica*, tomo VI.

gras dos telhados. E o burgo estremecia como hoste, toda em armas, pronta à marcha, e que, antes de entrar às águas, saúdasse o Mar com as lanças ao alto.

A POPULAÇÃO E A VIDA DA CIDADE

Por êsse tempo os moradores de Lisboa e do arrabalde não passavam de cincoenta mil, o que está de sobejo em relação com o milhão e cem de todo o reino (1). Fôra mister para a total evocação do velho burgo reviver com êsses antigos moradores os passados costumes; repopular-lhe as abas das colinas, da Alcáçova à Ribeira, de cavaleiros, mesteirais, frades e matalotes; restituir aos primitivos íncolas a Mouraria e as Judarias; e variegar depois a multidão nativa com a mescla desultória de italianos, flamengos, franceses e alemães. Os hábitos e condições de vida davam à cidade uma fisionomia muito própria e totalmente diversa, não só da Lisboa de hoje, mas também àquela data das demais cidades da Europa.

---

(1) Costa Lobo, *História da sociedade em Portugal, no século* XV, cap. I e II.

Era a Lisboa ardente e sequiosa, de escassos chafarizes, à beira dos quais o povo e os escravos brigavam pela vez; dos açacais com seu asno e os quatro cântaros engradados, apregoando a água pelas calçadas íngremes; e das mocinhas negras, quási nuas, que a transportavam e serviam com as airosas quartas. Era a Lisboa honrada e mesteirosa dos mesteres esquecidos, atafoneiros, regatões, gibeteiros, esparaveleiros e dêsses escrivães do Pelourinho Velho, que, abancados as mesas, redigiam, ao sabor dos freguezes, cartas de amor, requerimentos, versos, discursos, epitáfios, «coisa que em parte alguma das cidades da Europa eu vi jamais», diria o viajado Damião de Gois (1). Era a Lisboa policroma dos faustosos mercadores de toda a Europa, entre os quais predominavam os elegantes florentinos, reluzente das armas cavaleiras e negrejante de hábitos monásticos; e ainda a Lisboa dos moiros, alvaneis, azulejadores e ceramistas, que nas tardes de festa bailava e ondulava aljubas alvas, ao som dos alaúdes e pandeiros. O marítimo burgo falazava desvairadas línguas. A veniaga cosmopolita disputava os produtos dos descobrimentos, dentre os quais aquela época avultavam o oiro da Mina e o assucar da Ilha.

(1) Obra citada.

Era na Rua Nova, a principal artéria comercial de então encostada ao lanço meridional das muralhas, quási à beira d'água, aproximadamente no lugar, onde hoje fica a Rua dos Capelistas, que drapejavam e luziam os primores e mercancias forasteiras.

Mas Lisboa via-se e revia-se mais na Ribeira das Naus, nas Taracenas, Almazem da Mina, nos espalmadoiros e estaleiros: aí, sim, mais que em alhures inconfundível, era glória dos seus e pasmo dos alheios.

Desde que nos últimos anos o entreposto do tráfico africano passara de Lagos para ali, se criara a casa da Mina e se lançaram com destino a Índia os primeiros navios, toda a Ribeira trabalhava, fervia, reboava com a azáfama do Mar. Já para além do extremo nascente das muralhas, junto às portas da Cruz, fumegavam os fornos, que coziam o trigo para o biscoito das armadas. Mais abaixo, a seguir, negrejavam, viscosos, os caes do carvão e da madeira. Depois, ladeando o esteiro, naquele tempo ainda alagado, do Terreiro do Paço, estendia-se a uma banda a Alfândega e da outra, prolongando-se até ao Corpo Santo, estanceavam a Casa da Mina, as Taracenas, as Ferrarias, e logo as Tanoarias, contra o barrocal de S. Francisco. Sôbre o vozeio do populacho, que duma a outra banda enxameava, zoava e ensurdecia o trom dos rijos mesteirais

que rebatiam as cavilhas férreas ou os arcos e aduelas para a louça das naus. E por todo o longo, desde as portas do Mar (junto à casa dos Bicos) até a Cataquefarás e a Santos se construiam os navios novos ou varavam os velhos, para compor as obras vivas, limpar os limos ou queimar o gusano. Ali verieis,—exultante e esforçosa entrepresa de que os modernos estaleiros dão pálido vislumbre—as carcassas das naus contra os esteios arrumadas, e ora apenas erguendo o encavernado, ora ajustando as tilhas e os costados, logo alevantando os arvoredos, ou retonando e estremecendo com as derradeiras marteladas desde o cadaste ou a duneta airosa até ao beque recurvado. Pela Ribeira em fora, à luz do sol, os remolares afusavam e tendiam os remos, os petintais carpintejavam os navios, os bragueiros entreteciam rêdes, e calafates, tanoeiros, artilhadores, cordoeiros de calabre, oficiais de cartas, mestres, pilotos e grumetes, todos borborinhavam, afanosos, com as fainas do Mar.

Também a rija têmpera dos velhos navegantes e guerreiros conservava-se impoluta. Nem os excessos da riqueza mal ganhada nem a molícia dos costumes estranhos abastardavam e pervertiam os fortes caracteres. Os homens eram fragueiros, sóbrios, esforçados e endurecidos contra as guerras do tempo e da fortuna. A religião continha-se nos limites da tolerância e

piedade sincera (1). E ainda quando o Rei, para adular a côrte de Castela, punha em scena a tragicomédia da expulsão dos moiros e judeus, aos quais impunha o êxodo e mandava reter do mesmo passo, o povo procurava com piedosa lástima mitigar junto dos perseguidos as sevícias do monarca (2). O flagício monstruoso de arrancar os filhos à criação e amor dos pais foi recebido com revoltado pasmo pelo povo

---

(1) «O fanatismo cego, bruto e feroz veio-nos com as primeiras luzes duma falsa civilização, nos fins do século XV, e progrediu com ela por todo o XVI. Dantes a raça crista tinha a consciência de uma grande superioridade religiosa e fazia-a valer na legislação; mas não confundia a crueldade com as distinções que nascem da diferença entre o superior e o inferior.» Herculano, *Monge de Cister*, I, cap. IV. «E em verdade não conhecemos em toda a história pátria documento mais demonstrativo da índole nacional do que a benevolência de que os judeus gosaram em Portugal até aos fins do século XV». Costa Lobo, *História da Sociedade Portuguesa no século* XV, cap. V.

(2) «... a qual obra não tão sòmente foi de grão temor, mesturado com muitas lágrimas, dor e tristeza dos Judeus, mas ainda de muito espanto e admiração dos Cristãos, porque nenhũa criatura pode padecer, nem sofrer apartar de si forçadamente seus filhos, e nos alheios por natural comunicação sente quási o mesmo, principalmente has racionais, porque com estas comunicou naturesa hos efectos de sua lei mais liberalmente do que ho fez com has brutas irracionaes, a qual lei forçou muitos Cristãos velhos moverem-se tanto a pie-

indulgente e tolerante. Lisboa, como as demais cidades da nação, sentia-se agora mais que nunca na pujança das suas energias. A longa paz dum século, apenas interrompida pelos quatro anos da guerra da sucessão de Castela (1475-79), em que os portugueses quási sempre foram os invasores, permitira o desenvolvimento gradual da população, a segurança do trabalho e o aumento da riqueza pública. A vasta emprêsa educadora preparada pelo Infante D. Henrique e continuada pelo sobrinho e pelo Príncipe Perfeito sazonava os melhores frutos. Em Lisboa pululavam agora os navegadores e os cavaleiros, os astrónomos e matemáticos, os mestres do astrolábio e do quadrante. A melhor nobreza descendia dos companheiros do Condestável e Dom João I. O povo não desmerecia também da arraia que alevantara o Mestre. E os fastos que os mais velhos memoravam, por ouvirem dos pais, eram

dade, e misericordia dos bramidos, choros, e plantos, que fazião os pais e mãis a quem forçadamente tomavão os filhos, que eles mesmos hos escondião em suas casas por lhos não virem arrebatar dentrasmãos, e lhos salvavão com saberem que nisso fazião contra a lei e prematica de seu Rei e senhor...» Damião de Goes, *Cronica del Rei Dom Manuel*, cap. XX. Judeus e mouros ficaram quási todos em Portugal. Para se avaliar da conduta repugnante do Rei, veja-se Costa Lobo, obra cit., cap. I e V.

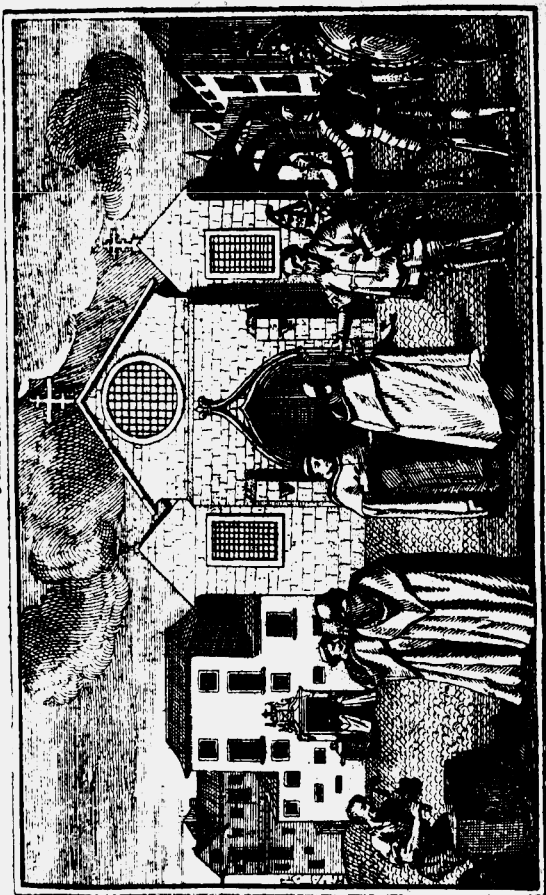
racontos de Aljubarrota e do postremo cêrco castelhano.

Mas esta conexão íntima entre a rudeza antiga da cidade e a plenitude e pureza da sua fôrça vai rapidamente esvanecer-se. Breve perderá êste queimor do tempo e dos trabalhos para se enfeitar de galas emprestadas. Fixemos-lhe o rosto grave, que uma ansiedade funda alterava já. Sim, por agora não era ainda a Lisboa opulenta e rendilhada da Conquista, do Paço da Ribeira, da Casa da Índia, da Torre de Belem e dos Jerónimos; mas a Lisboa épica refugida na cêrca, que olhava com amor as cicatrizes das muralhas, e cujo povo invocava, resando, o Condestabre, no morro do Almirante. Não ainda o imenso e ribeirinho caravansará, pejado pela turba dos mercadores que acorriam de toda a Europa ao tráfico das especiarias, dos embaixadores do Oriente, dos governadores, dos capitães de fortalezas e feitores, e dos áfricos, dos levantinos, dos brasilienses, entre a chusma dos quais o Rei cavalgava e estadeava pompas, seguido dos elefantes, da onça pérsia e da rinocerota, ao reboante clangor dos atabales e trombetas. A esfera projectada pela ambição universalista, que ia desvairar os homens, mal se inscrevia sôbre os monumentos. Os fumos da Índia não haviam entontecido as almas. Lisboa blasonava apenas os pilotos da Mina, e os veteranos de Alcácer e

de Arzila. Em vão procuraríeis entre os homens de armas que hão de embarcar nesta viagem o soldado da Índia, palreiro e dissoluto, que Diogo do Couto amargamente nos bosqueja, com a capa bandada de veludo, a coura e os calções do mesmo estofo, a barba curta tosada com donaire, chapeu de canotilhos e, na cinta apertada, a espada guarnecida de dourados. A maior parte dos cavaleiros e mareantes que vão partir são outros mui diferentes: criaram-se na escola do *Homem* e do «grande e honrado» Infante (1). Deles os mais experimentados e maduros relembram com saúdade e contam aos moços, para proveito e exemplo, os casos, os feitos, as lições dos tempos de Lagos e de Sagres. E o destino, que tantas outras memórias escureceu e dispersou, quis, volvidos alguns séculos, restituir-nos a imagem de tais homens nas tábuas de S. Vicente, — a milagrosa aparição de espíritos e semi-deuses tutelares. Eram assim os companheiros de Pedr'Alvares. Escolhei, para os ver, o painel apoteótico do Infante. Olhai as dez figuras, ao fundo alevantadas, tão puras, tão severas, tão ungidas de piedade e fortaleza. Muitos dos mestres, dos pilotos e marujos desta armada tinham o geito igual e aquele esguardo, assenhoreados de si mesmos.

---

(1) Azarara, *Crónica da Guiné*, cap. VI.

Occidente.

O convento do Carmo, antes do terramoto

(Gravura da *Cronica dos Carmelitas*)

Bem por certo que, entre a chusma dos que, trigosos, se aprestavam para a longa jornada, erravam então èsses titans ingénuos, envoltos no mongil e na barreta escura, ou em bragas, de gabinardo e carapuça, e nas faces, curtidas do vento e da salsugem, no olhar distante, cheio de ceu e de mar alto, a iluminada seriedade, o orgulho triste dos que andam sempre ao pé da morte para gloria da vida.

INFLUÊNCIA DAS PRIMEIRAS NOVAS DO ORIENTE SOBRE A NAÇÃO E O REI

«Boa ventura! Boa ventura! Muitos rubis, muitas esmeraldas! Estais na terra da especiaria, da pedraria e da maior riqueza que há no mundo!» Assim grita o Monçaide, direito ao Gama, a touca ao vento, ao entrar na capitaina, em Calecut.

«E quando assi ho ouvirão falar, estavão todos pasmados... e davão graças a nosso senhor chorando de prazer, e Vasco da Gama ho abraçou e ho fez assentar a par de si.» (1) Êsse grito de triunfo, êsse arrepio de pasmo e comoção, que arrasa de água os olhos dos marujos, trazem-no êles na alma, ao varar em Lisboa, e comunicam-no à nação inteira.

Logo ali na cidade houve touros, canas, mo-

---

(1) Castanheda, *História do descobrimento e conquista da India*, Livro I, Cap. XV.

mos, e os sinos todo o dia tangeram em sinal de alegria (1). O Rei apressa-se a comunicar a todas as cidades e vilas notáveis do reino a chegada do Gama, os grandes trabalhos que passou e a importância do descobrimento, encomendando-lhes muitas procissões e festas. A imagem da India e das suas riquezas, transmitida pelo deslumbramento dos primeiros navegantes incendeia as imaginações. E na carta de D. Manuel para os reis de Castela, dando-lhe parte do descobrimento, a alegria triunfante do rei, e o pasmo deliciado extravasam a cada frase: «acharam e descobriram a India e outros reinos a ela comarcãos... acharam grandes cidades e de grandes edificios e ricos e de grande povoação, nas quaes se faz todo o trauto de especiaria e pedraria... trouveram logo... canela, cravo, gengibre, noz moscada e outros modos de especiaria... e muita pedraria fina de todas as sortes, a saber rubins e outros; e ainda acharam terras em que ha minas d'ouro...» (2)

---

(1) Barros, *Decada I da Asia*, Livro IV, Cap. XI.

(2) Eis o traslado completo da carta de D. Manuel:

«Muyto altos, muyto eixcelentes princepes, e muyto poderossos senhores. Ssabeem Vossas Altezas como tijnhamos mandado ha descobrijr quatro navios pello oceano, os quaaes agora ja passava de dous annos que eram partidos; e como o fundamento principal d esta

Adivinha-se o rei revendo e sopesando as primeiras amostras da riqueza da Índia. O sonho, que a nação durante quási um século acarinhara, ia êle realizá-lo emfim. Tinha ali nas suas mãos as primícias dêsse Oriente tão longamente cubiçado. Antevia os almazens abarrotando especiarias. Ao oiro da Mina vinha juntar-se o oiro de Sofala. E contemplando as joias que o Gama lhe trouxera, por certo deli-

---

empressa sempre fosse por nossos antepassados de serviço de Deos nosso Senhor e muy principalmente nosso, prouve lhe por sua piedade asy os encaminhar, ssegundo ho recado, que pellos mesmos descobridores, que a nos a esta cidade ora chegaram, ouvemos que acharam e descobriram a Imdia e outros regnnos a ella comarquaáos, e emtraram e navegaram o mar d ella, em que acharam gramdes cidades e de gramdes edefiçios e ricos e de gramde povaçoom; nas quaaes sse faz todo o trauto da especearya e pedrarya, que passa em naaos, que os mesmos descobridores viram e acharam, em gramde cantydade e de gramde gramdeza a Mequa, e d hy ao Cairo, homde sse espalha pello mundo; da qual trouveram logo agora estes cantidade, saber: de canella, cravo, gymgivre, noz mozcada, e outros modos de d especearya, e ajnda os lenhos e folhas d elles mesmos; e muyta pedrarya fyna de todas ssortes, saber · robijns e outros; e ajnda acharam terra, em que que ha mynas d ouro; do qual e da dita especearya e pedrarya nam trouxeram logo tanta ssoma, como poderiam, por nam levarem pera ello aquella mercadarya, nem tanta, como convynha. E porque sabemos que Vos-

cia a os olhos naquele rutilar das vivas côres, repetindo-lhe, embevecido, os nomes raros. Que torrente de pedras tinha a Índia!

«Tem robis, diamantes taes
Que não tem preço ou contia,
Esmeraldas muy reaes,
Perlas de muy gram valia:
Espinellas e tem mais

sas Altezas d isto ham de receber grande prazer e contentamento, ouveemos por bem dar-lhe d isso noteficaçam; e cream Vossas Altezas que, segundo o que per estes sabemos que se pode fazer, que nam ha hy duvjda que, segundo a desposisam da gente christãa que acham, posto que tam confyrmada na fee nom seja, nem della tenha tam jnteiro conhecimento, se nam sigua e faça muyto serviço de Deos em sserem convertidos e jnteiramente confyrmados em sua santa fee, com grande eixalçamento d ella; alem de o trauto principall, de que toda a mourama d aquelas partes sse aproveitava, e que por suas mãos sse fazia, sem outras pessoas, nem linhajeens nisso entenderem, se mudar e comunicar por esta minha parte descuberta a toda christyndade, que ssera, com ajuda d elle mesmo Deos, que assy por sua piedade ho hordena, mais causa de nossas tençoes e proposytos com mais fervor se eixercitarem, por sseu serviço, na guerra dos mouros, pera que Vossas Altezas teem tanto proposyto e nos tanta devaçam. E pedymos a Vossas Altezas que por esta tam grande merce que de Nosso Senhor recebemos lhe queiram la mandar fazer aqueles louvores, que lhe sam devidos: e em merce o recebemos. Muyto alto etc.»

Carbunclos, ametistas,
Turquesas e chrysolitas
Cafiras, olhos de gato,
Jagonças, de tudo ha tracto
E outras mais q nom sam ditas. (1)»

Presume-se igualmente o assombro que as noticias da India, aumentadas pela fantasia dos marujos e pelo recontar de bôca em bôca, deviam ter causado no ânimo do povo. Os primeiros cronistas e historiógrafos dão-nos conta do facto.

Convém, não obstante, para se compreender inteiramente o significado da expedição de Pedro Álvares, que se conheça mais de perto êsse estado de espirito do Rei e da nação.

O Rei, cuja idade entrava pelos trinta exactos, sôbre ter atingido a sua alta gerarquia por uma série de acasos quási incrivel, o que já de si a mór parte das vezes soi marcar os caracteres mais puros, era, de natural, fraco, caprichoso e duma vaidade desmedida. Logo no comêço do seu reinado, a pedido dos futuros sogros, comete com deshumanissima impiedade, contra os interêsses nacionais e os mais hon-

---

(1) *Miscellania de Garcia de Rezende, e variedades de histórias, costumes, casos e cousas, que em seu tempo acontecerão.*

rados pareceres do seu conselho, um dos maiores crimes e êrros de todo o seu govêrno. Do seu louco amor das pompas desfiam bastas provas as crónicas do tempo. E Damião de Gois, com as cautelas que o tempo requeria, não deixa de apontar-lhe nobremente a funesta improcedência do carácter. (1)

Acrescente-se a isto um zelo imaginoso (2) e

---

(1) Abundam atravez da *Crónica de D. Manuel* as mal veladas alusões às graves inferioridades do monarca. Transcreveremos aqui apenas algumas das eloqüentes frases, em que o cronista deixa transparecer o seu juizo, ao debuxar-lhe o retrato físico e moral. «... Foi sofrido manso, e clemente, perdoava facilmente qualquer desgosto que tevesse dos que tocavam a sua fazenda, e pessoa, porque nos casos da justiça seguia a ordem dela, *posto que fosse algumas veʒes com dilações, alvaras despera, huns em contrairo dos outros, o que por ser de boa condiçam, e mavioso concedia tam facilmente, que por este respeito a huns se divertia a justiça, e a outros se alongava. Foi mui prudente, de claro, e bom juiʒo, o que lhe causava não ser tam sugeito ao parecer dos do seu conselho, como o era a seu particular apetite*, com tudo as mais das cousas que intentou, ou per conselho, ou por seu parecer lhe sucederaõ bem.» *Crónica de D. Manuel*. Parte quarta, cap. LXXXIV. Das feições corporaes del Rei dom Emanuel, e das calidades de sua real pessoa e cousas a que era inclinado e ordem de sua casa e modo de viver.

(2) «Inventivo e excelente baram» lhe chama Duarte Pacheco, *Esmeraldo*, edição Epifânio, p. 152.

ardente na direcção dos públicos negócios, muito mais quando lhe interessavam à ambição e ao gôsto das grandezas. Em homem, de imprevisto guindado a tal altura, e em ânimo frívolo e irrequieto, tamanha fortuna como aquela havia logicamente de influir por maneira anormal.

Relendo e compilando o que rezam as crónicas e os documentos soltos dêsse tempo e em particular os que êle próprio chancela e inspira, aquela presunção volve-se em realidade eloqüente. Causa, em verdade, pasmo o que êle sonha e ordena ao mesmo tempo. Na mente sucedem-se e tumultuam-lhe os projectos. A sede de domínio empolga-o até ao desvario. Um dos primeiros actos, que decide, logo após o regresso do Gama, e que licitamente se lhe pode prender, é a trasladação, com grande pompa realizada, da Sé de Silves para a Batalha, dos restos mortais do seu antecessor, que havia mais de três anos falecera. O júbilo torna-o reconhecido. Perante a grandeza do triunfo quebra o mal rebuçado desamor.

De terra em terra, acompanhado por todos os grandes da nação e arcebispos, bispos, oitenta capelães e cantores, a cavalo e de tochas acesas, e precedido pela orquestra bárbara das trombetas, charamelas, sacabuxas e atambores, o Rei, durante longos dias, atravessa o descampado reino, na cauda do fúnebre

cortejo. Ás noites, no silêncio dos tristes povoados, por onde fazem alto, o fantasma do Rei havia de surgir-lhe em pensamento, com a sua altura incomparável. E na Batalha, ja noite, terminada a ceremonia, ao relembrar o Homem que preparára com tamanha constância a obra grandiosa, que o cumulava agora de ventura, toma-o uma curiosidade doentia, e quási clandestinamente volta ao mosteiro e manda abrir o ataude, para o ver. «E como assi foy posto, conta o contemporâneo Garcia de Resende, se sahiu El Rey com todos os Senhores e Prelados, e se recolheo; e tanto que foy noite já depois de cea deu El Rey boas noites e foyse com alguns ao mosteiro, e meteose dentro da capella, onde o santo Rey jazia e com o Provincial e outros Frades mandou abrir o ataude, em que o corpo estava, e vio que tinha muito pó de cal, e mandou aos Frades que com canudos de cana lha assoprassem, e êle mesmo lha alimpava e beijou-lhe as mãos e os pés muitas vezes, e achou o santo corpo inteiro com cabelos e barba... e depois que o esteve olhando, sempre com o barrete na mão, o mandou emburilhar em olanda muito fina...» (1). Era de ver-se o dramático encon-

(1) Garcia de Resende, *Tresladação do corpo de Dom João II*.

tro dos dois reis. Ali perto descansava o genial Infante que primeiro concebera a idea de ganhar a Índia. Outro dos túmulos encerrava o bravo fundador da dinastia. Tudo eram príncipes e reis, que tinham alcançado a glória nas batalhas. E entre as pilastras alterosas, na calada da noite, à luz trémula das tochas, cercado pelos alvos habitos domínicos, pálido, descoberto, arripiado pelo contacto do cadáver, o Rei vivo mais pequeno ainda se sentia diante do Rei morto. Estava ali, é certo, o matador de seu irmão e que, a êle, o quisera ainda defraudar do trono. Mas no seu íntimo, revendo a imagem torva na grandeza de outrora, calava-se o ressentimento acerbo, de novo acobardado. Aquela trágica presença por certo o excitou por longo tempo e lhe acendeu um desejo imenso de exceder-se.

E é nesses primeiros tempos, como vamos ver, depois da chegada do Gama, em pleno deslumbramento da visão do Oriente e na impaciente emulação dos seus antecessores (1), que

---

(1) Eis as palavras textuais de Gois: «... mas tudo isto aproveitava pouco pera El Rey deixar de poer em obra a vontade que tinha de imitar os Reis seus antecessores e ser-lhes companheiro na gloria que alcançaram nas conquistas das cidades, vilas, castelos...». Gois, *Cronica de D. Manuel*, cap. XLVII, *De como El Rey determinou de passar em Africa*.

êle concebe toda a política imperialista, que há de marcar depois o seu reinado. Mas, como o desejo pessoal de glória o preocupa, começa a preparar um exército para invadir a África em pessoa, projecto que, pouco depois, vem a trocar pela idea de comandar uma grande expedição contra os turcos, no Mediterrâneo. Forma e inicia também por êsse mesmo tempo o plano grandioso da transformação da capital.

Pelo que diz respeito à expedição de Pedro Alvares, logo arde em ambição e impaciência, pois de comêço premedita substituir-se a todos os concorrentes no comércio do Oriente e, o que é mais, de maneira que, pagando menos, dê ao Samorim maiores vantagens. E, se na carta para os reis de Castela esconde cautelosamente os seus desígnios, nas instruções para o Cabral o seu vasto sonho patenteia-se: «e apomtay com elle (o Samorim de Calecut) em algũna cousa resoada, que se aja de dar de compra e de venda, dizendo-lhe que peroo seja menos do que os outros lhe pagam, *ha de sser, prazendo a Deus, a cantidade das naus e mercadoryas tamta, que lhe rendam os seos direitos muyto mais, que agora rendem.*» (1).

Ele sabe, todavia, que os preços das especiarias compradas directamente em Calecut

---

(1) *Alguns documentos da Torre do Tombo*, p. 100.

dão margem a lucros fabulosos. O Monçaide informa minuciosamente o rei de todo o trauto. Passados dois anos, quando as naus de Cabral regressam, carregadas de mercadoria, o embaixador veneziano escreve, alarmado, de Lisboa, para a Senhoria, em carta de 27 de Julho de 1501, isto é, logo sôbre a chegada: «Hano cargà ad stiva per precio *che me temo dirlo*, e dicono comprano uno canter de canela per un ducato et meno.» (1).

Depois, no ano de 1500 a 1501, entre a data da partida e a da chegada de Cabral, continua o esfôrço prodigioso da nação anteriormente planeado. No começo do verão de 1500, e, por conseqüência, já depois da largada de Cabral, parte Gaspar Côrte-Real a fazer descobrimentos na América do Norte (2). A 5 de Março de 1501 partem para a Índia quatro novas naus, sob o comando de João da Nova (3). A 10 de Maio dêsse mesmo ano seguem para as Terras de Santa Cruz, a continuar o descobrimento, mais três naus, numa das quais viaja Américo

---

(1) *Copia et sumario di una letera di sier Domenego Pixani, el cavalier, orator nostro in Spagna a la Signoria*, edição de Eugenio do Canto, Imprensa da Universidade de Coimbra, 1907.

(2) D. de Gois, *Cronica de El Rei D. Manuel*, cap. LXVI.

(3) Idem, ibidem, cap. LXIII.

Vespúcio (1). E, logo, a 15 de Junho saem para o Mediterrâneo, sob o comando do Conde de Tarouca, D. João de Menezes, uma armada de trinta naus, em socorro de Veneza e a pedido da Senhoria, com três mil e quinhentos homens de armas a bordo, e uma outra ainda que se destina a fronteira de Ourão (2). O envio dêste socorro a Veneza é que o demove de outro projecto mais grandioso. Com efeito, por essa época, contra a maioria de votos do seu conselho, e não obstante o grande descontentamento da rainha D. Maria, com quem casara havia pouco, chega a convocar um exército de 26:000 homens, para invadir a África, sob o seu comando pessoal (3). Mas tendo momentaneamente que abandonar êsse plano, resolve-se, na sua ânsia delirante de ganhar glórias, a comandar pessoalmente a expedição do Mediterrâneo Oriental. Êle próprio o declara em carta ao Doge de Veneza: «Pelo que, pondo de parte a expedição à Africa, resolvemos logo mandar-vos algum soccorro... e ao mesmo tempo nos propuzemos partir para ahi em pessoa, isto não só por consideração para com a

---

(1) *Cartas de Americo Vespucio*, in *Noticias para a Historia e Geographia das Nações Ultramarinas*, tomo II, p. 141.

(2) Gois, obra citada, parte I, cap. LI.

(3) Idem, ibidem, cap. XLVIII.

christandade, mas tambem por atenção á vossa pessoa...» (1).

Juntamente medita invadir a África com um poderoso exército, e invadir os mares da Índia com armadas. Logo envia a Veneza homens e naus, em abundância, e acaricia a idea de êle próprio, para espanto de toda a cristandade, ir comandar a expedição; para depois renovar a intenção de se passar a África em pessoa (2).

Nesse mesmo tempo em que o Tejo golfa armada sôbre armada para as costas de quatro continentes e em que os estaleiros devem regorgitar de construções, o Rei, antevendo a missão que Lisboa está destinada a desempenhar, trata de a alargar, polir e enobrecer. Os embaixadores da Índia das maravilhas vão afluir a capital. E D. Manuel peja-se da rusticidade do seu velho burgo. Já em 1499 êle procura preencher os espaços despovoados e promove a construção de casas, desde a porta da Alfôfa, ao longo da costa do Castelo, até ao postigo de Santa Maria da Graça, concedendo aos edificadores os mesmos privilégios e isenções de que gosavam os moradores da Alcáçova e além disso

---

(1) *Epístola* (em latim) *de El-Rei D. Manuel ao Doge de Veneza, Agostinho Barbadico*, com trad. de J. Pedro da Costa. Edição Eugenio do Canto, 1907.

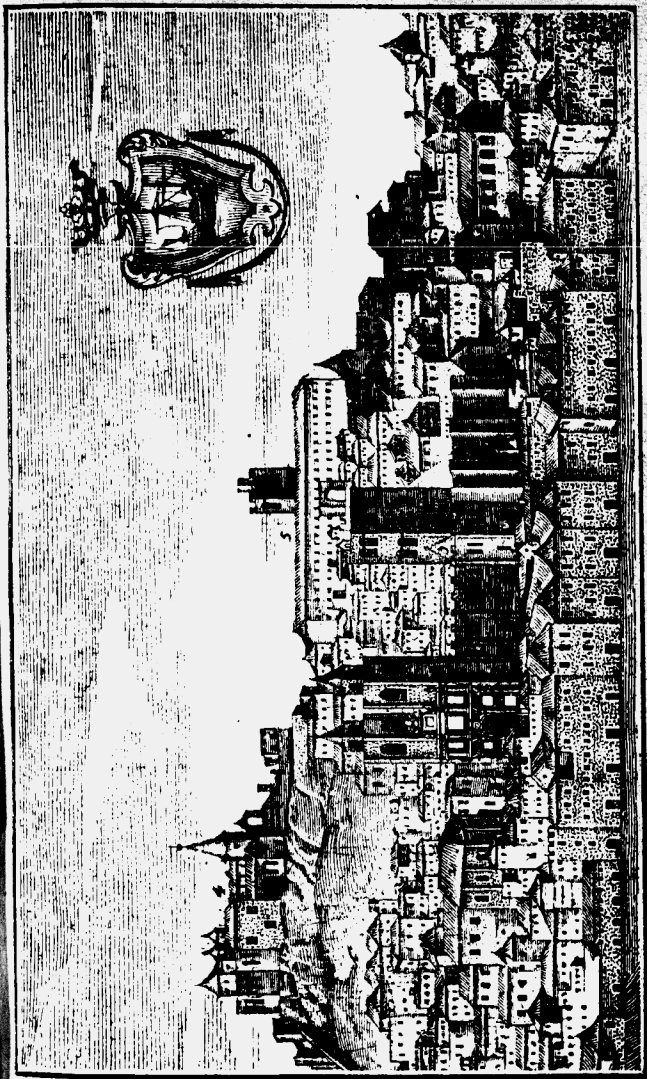
(2) Gois, obra citada, parte I, cap. LXV.

os terrenos livres de todo o fôro (1). Em carta de 8 de Maio de 1500, um mês depois da partida das naus de Pedro Alvares, determina que se dê princípio a construção dum grande cais «assy peilo que deilo se seguirá de muyto mais nobresa da cidade, como peilo melhor manejo e provimẽto destas cousas do trauto da mercadorya, q̃ tam jeeralmente a todos toca» (2). Depois, em carta régia de 10 de Dezembro de 1500, considerando que esta cidade é a principal do reino e que muito se deve atender ao seu enobrecimento, manda derribar todos os olivais, dentro do seu recinto, quer sejam de igrejas, de mosteiros, de morgados ou de qualquer outro senhorio, e mais determina que em volta da cidade e contíguo ás muralhas se abra um rossio comum da largura de dois tiros de besta onde os animais de carga se possam acomodar, para que assim não pejem e afeiem a cidade (3). Deve também ter sido por essa data que se começou a aterrar o espalmadoiro, onde mais tarde veio a ser o Terreiro do Paço. Todavia, o desejo

---

(1) Júlio de Castilho, *Lisboa Antiga*, II parte, tomo III, p. 143.

(2) Carta da Câmara Municipal de Lisboa, livro I de El Rei D. Manuel, citada em *A Ribeira de Lisboa*, p. 236, 237, por Júlio de Castilho.

(3) Costa Lobo, *Historia da Sociedade em Portugal no seculo* XV, p. 117.

Os paços do Castelo e a Sé

(Da viagem de Filipe II, de Lavanha)

de enobrecer Lisboa revela-se principalmente na construção, por êsse tempo iniciada, do mosteiro dos Jerónimos, e do grupo formidável de edifícios, que se compõe dos majestosos Paços da Ribeira, da Casa da Índia, dos Almazens e Taracenas de Cataquefarás (1). Na sua impaciência de habitar à beira de água em plena azáfama naval e mercantil, enquanto os novos Paços não terminam, melhora, para instalar-se nêle desde logo, o palácio de Santos-o-Velho, que adquire por escambo a Fernão Lourenço (2). E não será aventuroso imaginar-se que mandasse igualmente nesta data, como escreve Damião de Gois, «tirar os balcões e sacadas na cidade de Lisboa, obra proveitosa e mui necessária» (3). Compreende-se assim o desvanecimento com que num documento dêsse mesmo tempo declarava: «Esta cidade, louvores a Nosso Senhor cada dia se aumenta assim em povoação como em muitas cousas do seu enobrecimento» (4).

Eis a série de factos e indícios sôbre que assenta a nossa opinião de que as novas do descobrimento lançaram D. Manuel numa ex-

---

(1) Gois e Júlio de Castilho, obras citadas, *passim*.
(2) J. de Castilho, obra citada, p. 596 e 597.
(3) Gois, obra citada, parte IV, capitulo LXXXV.
(4) C. Lobo, obra citada, p. 53.

trema e anormal agitação do espírito. Um delírio de honras e grandeza se apossa do monarca. A muito custo os do conselho conseguem reprimir-lhe o ambicioso imaginar. E até as próprias recompensas ao Gama concedidas mostram, se lhe compararmos a liberalidade magnânima ao ingrato esquecimento com que despremiou tantos dos melhores servidores, a profunda impressão que o serviço galardoado lhe causou.

Esse acontecimento acordava também, como era natural, um nobre entusiasmo nos ânimos mais esclarecidos da nação. Duarte Pacheco, que escrevia cinco anos depois, êle sempre tam parco nas referências aos seus altos feitos e nos gabos aos navegantes e guerreiros do tempo, encarece francamente a proeza do Gama, abrindo a tal propósito uma eloqüente excepção ao seu austero laconismo. O pensamento de monopolizar o comércio, que enriquecera as cidades italianas, evocava nos cérebros cultos destinos magníficos (1). O problema comercial,

---

(1) Poderiamos citar vários passos em abôno desta asserção. Preferimos transcrever de Duarte Pacheco: «... honde de suas mãaos os Venezianos haviam ha especiaria e outras cousas com que abastaram Europa, Africa e parte d'Asia, agora nenhũa cousa teem nem podem hauer; salvo este bemaventurado principe...» «...e quem bem considerar tamanhas cousas como es-

que a Itália pusera à Europa, e cujo alcance Portugal conhecera pela estreita comunicação com Génova e Florença, ia Lisboa resolvê-lo emfim. Os florentinos, émulos de Veneza, eram os mais numerosos dos estrangeiros entre nós. Penetrava-nos pela arte, pela sciencia e pela acção, o mais alto espirito do Renascimento. E com razões sobejas a idea da cidade adriática acudia aos espiritos. ¿Veneza, empório do mar e do comércio, articulára, durante séculos, dois mundos, doirando a sua robustez itálica do explendor bisantino? Mas Lisboa, testa dos caminhos marítimos mais vastos até então sulcados, metrópole declarada ou oculta de terras, ilhas, mundos novos, requerida pelos mercadores, espiões, alviçareiros e *condottieri* desocupados de toda a Europa, reflectia já com mais intensidade o clarão indiano e aureolava-se do nimbo misterioso, que os mundos virgens e lendários sôbre ela projectavam. Essa consciência secreta duma missão altíssima a realizar fazia exceder as almas. Dentro das muralhas estreitas da cidade ardia agora um foco de energias infinitas, que os

---

tas, ja muyta parte dos famosos feytos d'Alixandre Magno e dos Romanos ficam muito abaixo em respeito d'esta santa e grande conquista.» *Esmeraldo de situ orbis*, Duarte Pacheco, edição Epifânio da Silva, p. 155.

mesmos florentinos, genoveses e venezianos estimulavam com os racontos do apogético explendor que os seus livres estados atingiam. Soava a hora em que a pequena grei ascendia ao zenite da carreira. Assim, em pleno ardor e plena glória, deviam ter vivido os gregos de Pericles e os toscanos de Lourenço, o Magnífico. Em baixo, o povo rude e mesteireiro queimava-se no mesmo entusiasmo. E, se alguns mais duvidosos ponderavam o caso incertamente, a maior parte louvava, a uma, a épica entrepresa. João de Barros, pôsto que relatando algumas décadas depois, acende ainda uma das suas mais formosas páginas no alor épico, que a façanha do descobrimento provocára (1).

---

(1) «E como nos taes ajuntamentos sempre concorrem diversos pareceres em tão novos casos, leixádo aquelles que perderão pae, irmão, filho, ou parente nesta viagem, cuja dor não leixava julgar a verdade do caso: toda a outra gente a hũa voz era no louvor deste descobrimento. Quando virão neste Reyno pimenta, cravo, canela, aljofre, e pedraria, que os nossos troxerão como mostra das riquezas daquella Oriẽtal parte que descobrirão: lembrandolhe quão espantados os fazia algua destas cousas, que as galés de Veneza trazião a este Reyno. As quaes praticas todas se convertião em louvores delRey, dizendo que elle era o maes bẽ afortunado Rey da Christandade: pois nos primeiros dous annos de seu reynado descobrira maior estado à coroa deste Reyno, do que era o patrimonio que com elle herda-

Dessa atmosfera de heroismo ideal, que a nação respira, vão sair os primeiros gigantescos capitães da India, homens da têmpera dum Pacheco, de D. Francisco de Almeida ou de Albuquerque. E' igualmente da consciência esplên-

---

ra. Cousa que Deos não concedera a nenhum principe de Hespanha, nem a seus antecessores que nisso bem trabalharão, per discurso de tantos annos: nem se achava escriptura de Gregos, Romanos, ou d'algũa outra nação, que contasse tamanho feito. Como era tres navios com obra de cento e sesenta homens quasi todos doentes de novas doenças de que muitos fallecerão, cõ a mudança de tão varios climas per que passarão, differença dos mantimentos que comião, mares perigosos que navegavão, e com fome, sede, frio, e temor que maes atormenta que todalas outras necessidades: obrar nelles tanto a virtude da constancia e precepto de seu Rey, que pospostas todas estas cousas, navegarão tres mil e tantas legoas, e contenderá com tres ou quatro Reys tão differentes em lei, costumes, e linguagem, sempre com victoria de todalas industrias e enganos da guerra que lhe fizerão. Por razão das quaes cousas, posto que muito se devesse ao esforço de tal capitão, e vassallos como elRey mandara, maes se avia de atribuir á boa fortuna deste seu Rey: porque não era em poder ou saber de homens, tão grande e tão nova cousa como elles acabarão. ElRey de todas estas praticas e louvores do caso era sabedor, porque naquelles dias não se fallava em outra cousa: que era para elle dobrado contentamento, saber quão prompta estava a vontade de seu povo pera prosiguir esta conquista.»—Barros, *Decada I*, Livro V, cap. I.

dida que a nação toma emfim das suas próprias virtudes e energias, que irá nascer, como em Atenas, ao calor da glória, após as guerras médicas, o teatro nacional. O vaqueiro, em que mestre Gil se trasvestira e que no dia 7 de Junho de 1502, irrompe pela câmara da Rainha na velha Alcáçova, ganhou o ousio no entusiástico levante com que o povo celebrou aquela façanha nunca vista.

Foi nesta atmosfera que a expedição do Cabral se organizou. Pelos rossios da cidade, às portas, nos mesteres, formavam-se disputas, ajuntamentos, alvoroços. Os pormenores inéditos corriam logo, de bôca em bôca. O povo apinhava-se no largo do Pelourinho Velho, em torno do Gaspar da India, do Monçaide e dos nobres malabares, quando, acompanhados dos fidalgos da côrte, regressavam da Alcáçova. E de roldão com os mercadores flamengos e espiões de Veneza seguia-os sob os suportais da Rua Nova, caminho da Ribeira, espiando-lhes as feições e as atitudes. Os raros pilotos e matalotes escapos da viagem, quando nos estaus da Ribeira ou baiucas da Alfama começavam o conto das maravilhas orientais, eram logo cercados pela turba e escutados com pasmo boquiaberto.

Como havia de ser bela então a ribeira do Tejo, desde as portas do Mar até às bandas do Restelo! Raro, em diferente país ou noutra

idade puderam olhos de homem alegrar-se com tão formoso e exalçante espectáculo. Dum tôpo ao outro da tira flava de areais, construiam-se palácios, taracenas, naus e, lá ao fundo, em lanços claros, a catedral do Mar. No encavernado e tilhas dos navios, pelas cantarias alvas das empenas ou sôbre os mastareus e estrados dos andaimes, alevantados em castelos, fervia, como bando de pássaros em balsa, o enxame dos alvaneis e petintais. Os camartelos e as enxós desciam, batucavam, refulgiam com faúlhas solares, num revaivem febril. As abas de S. Francisco, revestidas de forjas, estrondeavam, qual se os Titans, a lufa-lufa, cravassem a ferragem sobre uma proa gigantesca. Vozes enrouquecidas de mestres estentores bradavam, alterosas, as vozes do comando. E uma inferneira tonitroante e erguida a espaços com a celeuma da maruja, alevantava-se, corria, empolgava a turba, como cântico bárbaro, entoado sôbre uma nau ciclópica à hora de sarpar.

EXAME DAS FONTES E PRIMEIROS TEXTOS SÔBRE A EXPEDIÇÃO

Antes de entrarmos pròpriamente na história dos primeiros passos da expedição de Alvares Cabral, convém fazer o exame das fontes respectivas. São elas de três espécies diferentes: *a)* documentos oficiais sôbre a organização da armada; *b)* testemunhos directos dalgumas das pessoas que viajaram ou colaboraram nela; *c)* Informações transmitidas pelo Rei ou por italianos para o estrangeiro, quer durante a viagem, quer alguns dias depois da chegada dos primeiros navios de Cabral.

a) Pertencem ao primeiro grupo a carta da capitania mór a Pedro Alvares de Gouveia, datada de 15 de Fevereiro de 1500 (1) e os dois

---

(1) Pedro Alvares Cabral assinava *Gouveia*, por parte de sua mãe. Êste documento foi encontrado na Torre do Tombo pelo sr. Aires de Sá e publicado na sua obra *Frei Gonçalo Velho*, vol. I, pág. 283.

apontamentos fragmentários de instruções para a viagem, os primeiros dos quais encontrados por Varnhagen e publicados na sua *História geral do Brasil* e os outros existentes na Tôrre do Tombo (1).

b) O segundo grupo é formado pelas cartas de Pero Vaz de Caminha e de mestre João, físico, escritas do Brasil e igualmente arquivadas na Tôrre do Tombo (2), e da Relação de tôda a viagem, feita por um piloto anónimo da armada (3).

Deve acrescentar-se a êste grupo a carta de Bartolomeu Marchioni, armador duma das naus da expedição (4).

c) Constituem o terceiro a carta de D. Manuel aos reis de Castela, seus sogros, escrita poucos dias depois da chegada de Cabral e que existe não só, em português, num traslado guar-

---

(1) Publicados em *Alguns documentos da Tôrre do Tombo.*

(2) Idem.

(3) A Relação do piloto anónimo apareceu traduzida do português para italiano em *Delle navigatione et viaggi, raccolta,* Ramusio, vol. I, 1503, e em latim no *Novus Orbi*, de Grineo. Foi mais tarde restituida a português e publicada em *Noticias para a historia e geographia das naçõis ultramarinas*, vol. II, com o titulo de *Navegação de Pedro Alvares Cabral.*

(4) *Codice Voglienti V.* Uzielli. *Elogio di Emmanuele Re di Portogallo scrito da P. Voglienti.*

dado nos Arquivos de Veneza (1), mas também vertida para castelhano em Navarrete (2). Pertencem ainda a êste grupo as cartas dos italianos residentes em Lisboa, com referências a viagem, e entre as quais sobresaem, por conterem informes preciosos, a carta de Pisani e a de la Faitada escritas poucos dias depois da chegada de Cabral (3).

Nesta mesma série faremos entrar a carta de Américo Vespucio, datada de 4 de Junho de 1501, em Cabo Verde, isto é, no começo da sua primeira viagem, ao serviço de D. Manuel, e que apareceu em 1745, na Biblioteca Riccardiana (Florença), juntamente com outra datada de 18 de Julho de 1500, numa colecção de manuscritos do começo do século XVI. O problema

---

(1) *Trelado da carta que el Rey nosso senhor escreveo a elrrey e a Rainha de Castella seus padres da nova Ymdia*, publicada por Eugenio do Canto em edição especial.

(2) *Carta del Rey D. Manuel de Portugal a los Reyes Catolicos, dando les cuenta de todo lo sucedido en el viage de Pedro Alvarez Cabral por la costa de Africa hasta el Mar Rojo*, in Navarrete. *Coleccion de las viages e descobrimientos*..., tomo III, pág. 94 a 101.

(3) *Copia et sumario di una letera di sier Domenego Pixani, el cavalier, orator nostro in Spagna à la Sigonoria, Diarii di Marino Sanuto*, tomo IV, e edição de E. do Canto. *Carta de Zuan de la Failada*, *Diarii*, tomo IV coll. 66 e seg.

da sua autenticidade obriga-nos a algumas palavras mais. Como tem sido considerada apócrifa a carta de 18 de Julho, Varnhagen e Peschel lançaram sôbre aquela a mesma suspeita. Ao contrário, outros escritores, como Baldelli, Humboldt, Trubenback e Uzielli consideram-na autêntica. Fiske e Vignaud inclinam-se a que a carta foi retocada, não só com o fim de lhe corrigirem certos barbarismos da linguagem de Vespúcio, como pelo acrescentamento de algumas particularidades. Sem partilhar as dúvidas de Vignhaud (1), inclinamo-nos, não obstante todos os seus caracteres de autenticidade e circunstâncias que a confirmam, a crer que o copista lhe introduziu algumas pequenas modificações. E, pois que historiadores da autoridade de Varnhagen a consideraram apócrifa e outros como Vignhaud a aceitam com demasiadas restrições, temos que defender por nossa parte a opinião da autenticidade no que respeita a essência dêsse documento. Na época em que Varnhagen escrevia não se conheciam algumas das fontes e documentos que hoje esclarecem a viagem de Pedro Álvares. Por sua parte Vi-

---

(1) Toda esta questão é largamente tratada na obra monumental *Americ Vespuce* (1451-1512) de Henry Vignaud, 1916, de pag. 60 a 65. O texto da carta, em italiano, reproduzimo-lo nós da mesma obra de pag. 403 a 407.

gnhaud, mau grado o seu vastíssimo estudo sôbre Américo Vespúcio, desconhece bastante a história portuguesa dêsse tempo para avaliar com justeza a missão que o seu biografado podia ser chamado a desempenhar em Portugal.

Antes de mais nada a data da carta, escrita de Cabo Verde, está em absoluto acôrdo com a carta de Pisani. Sabendo egualmente por êste último documento que a primeira nau chegada a Lisboa e, por certo, que primeiro partiu de Cabo Verde, pertencia a um florentino, com quem Américo Vespúcio estava forçosamente, como adiante veremos, nas melhores relações, compreende-se que por êsse intermédio enviasse a carta para o seu amigo de Florença. Além disso, certos factos, como o número de navios afundados durante a viagem, coincidem com o que as outras fontes nos referem. Ainda assim os seus vastos informes sôbre a personalidade de Gaspar da Índia, até aqui mal estudada, mas unânimes com a carta de Lunardo da Chá Masser, (1) por tão longo tempo conservada secreta e com certos documentos só recentemente publicados, é que provam a sua autenticidade, segundo cremos, por maneira irrefutável. Mais adiante, quando nos referirmos a Gaspar da India teremos ensejo de esmiuçar esta questão.

---

(1) *Centenário do descobrimento da América*, publicação da Academia de Sciências de Lisboa.

Quanto as objecções de Vignhaud pelo que toca ao facto de Vespucio omitir nas duas outras cartas sôbre a sua viagem a intenção, expressa nesta, de alcançar as Índias, quer-nos parecer que isso prova apenas a convicção em que estava àquela data da continuidade entre a América e a Índia ou de que já então Portugal procurava a passagem para o Oriente, pelo sul da América. Mais repara Vignhaud em que Vespucio não refira em nenhuma dessas cartas o encontro com os navios de Cabral. Todavia a relação do piloto anónimo comprova inteiramente o facto, e essa omissão nas outras cartas explica-se facilmente, dado que êle se arroga aí o falso papel de descobridor primeiro. E se a carta não contém os habituais barbarismos da escrita de Vespúcio, em compensação não lhe falta o costumado entono de arrogância e glória de si mesmo.

Outros documentos, mais ou menos coevos, vêm acidentalmente lançar luz sôbre um ou outro ponto. A alguns dêles, da maior importância, porque ocupam um lugar à parte, havemos de referir-nos mais adiante. Por agora citemos o mapa de Cantino, o qual contém uma inscrição acêrca da viagem de Cabral e uma carta de El-Rei de Cochim a D. Manuel, na qual se fazem igualmente referências a esta expedição (1).

---

(1) Publicada em *Alguns documentos da Torre do Tombo.*

Como auxiliares seguem-se em ordem de importância os relatos dos cronistas portugueses do século XVI, Castanheda (1), João de Barros (2), Damião de Gois (3), Osório (4), Gaspar Correa (5), devendo acrescentar-se-lhes ainda o *Livro das Armadas* (6).

O exame comparativo das fontes originais oferece desde logo uma vantagem: estabelece-lhes a indiscutível e recíproca autenticidade (que poderia afigurar-se duvidosa quanto as que chegaram até nós em traduções), pois coincidem inteiramente, salvo pequenas divergências, explicáveis aliás pela diferença de intenções que inspiraram cada um dos documentos.

Por outro lado, como se completam e esclarecem mutuamente, é possivel formar com êles um esquema inteiro dos factos mais notáveis da expedição, compreendendo a respectiva escala

(1) *Historia do Descobrimento e Conquista da India.* O primeiro volume foi publicado em 1551.

(2) *Decadas da Asia.* A primeira saiu em 1552.

(3) *Chronica de D. Manuel.* As duas primeiras partes sairam em 1566.

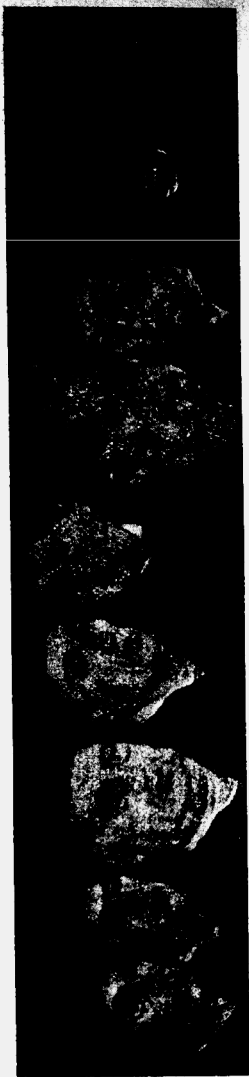
(4) *De Rebus Emmanuelis gestis*, 1586. Foi traduzida por Filinto Elisio.

(5) *Lendas da India*, publicadas por Lima Felner, 1898.

(6) *Relação das armadas saidas do reino desde 1497 até 1566*, com desenhos e notas manuscritas. Pertence à Academia de Sciências de Lisboa.

cronológica. E se éste esquemático relato deixa ainda insoluveis alguns dos problemas mais graves que à viagem se prendem, serve, pela sua indiscutível veracidade, como padrão para contrastar a fidelidade dos relatos das crónicas. Êsse esquema constitui verdadeiramente uma pedra de toque. Certas discussões proteladas a volta dalguns dos pontos mais escuros da expedição, derivam do imerecido crédito a um désses cronistas concedido.

No âmbito déste livro não cabe a restituição dos factos principais da expedição, feita segundo o exame comparado das fontes. Temos, não obstante, que apontar os juizos que fizemos sôbre cada um dos relatos dos diferentes cronistas. Com o decorrer do texto, e a propósito, aduziremos algumas das provas respectivas.

Duma forma geral o esquema obtido pela conjugação das fontes lembra-nos uma medalha com sua efigie finamente esculpida, que pelo andar do tempo e o poluir das mãos a pouco e pouco perde o nítido relêvo original. Logo depois o mais exacto é Castanheda. Pormenores há que nunca mais se tornam a encontrar nas outras crónicas; assim como uma das suas inexactidões nunca mais deixa de reaparecer nos que escrevem após. O primeiro livro impresso em Portugal sôbre a viagem de Cabral é o seu. Êste facto explica que estabelecesse corrente num ou noutro ponto, sem que, todavia, ne-

Portugueses de Quatrocentos

(Do painel do Infante, — Políptico de S. Vicente, **Nuno Gonçalves**)

nh
co
de
la
du
pe
m
nh
fo
m
vo
no
po
br
tr
se
m
ro
qu
pe
ri
vi
G
e
a
o
g
d
a
d

nhum dos que escrevem ou imprimem depois o copiasse servilmente. Por sua parte a narrativa de Castanheda aproxima-se em especial da Relação do Piloto anónimo, e pode considerar-se duma fidelidade escrupulosa. Vem a seguir, pela ordem cronológica da impressão, a primeira Década de João de Barros. Nas suas linhas gerais, acompanha o que se averigua pelas fontes; mas omite ou desvirtua alguns dos pormenores, ainda que forneça muitos dados novos verificavelmente exactos. Se é o que melhor nos dá a visão íntima dos factos, afigura-se-nos por vezes mais cuidoso do estilo, em que sobreleva a todos, do que da exactidão, e mostra um gôsto exagerado até ao absurdo no desenvolvimento das intrigas. Gois, mais sóbrio, menos eloqüente, mas mais exacto do que Barros, guiando-se pela Relação do Piloto anónimo, que conheceu, chega a corrigir Castanheda, pôsto que omisso num ou noutro ponto. Osório, de todos o mais sucinto, procura, sem novidades, seguir os mais autorizados. Finalmente Gaspar Correa, sôbre ser omisso com prejuizo e abundante sem proveito, atinge na inexactidão a pura invencionice. Erra a data da partida; omite quási tôdas as outras, incluindo a da chegada; engana-se quanto ao nome do substituto de Pedro Alvares; aumenta com nomes falsos a lista dos capitães, escondendo alguns dos verdadeiros; e ignora, transpõe, altera ou inventa

factos, com audaciosa fantasia. Chega a parecer milagre que num dos pontos mais notoriamente obscuros tanto nas fontes como nos cronistas êle rasteasse a verdade tam de perto. A obra de Gaspar Correa merece apenas o interêsse real que, em história, se deve ligar as lendas.

Dêste segundo exame comparativo entre as fontes e as crónicas conclui-se que quási todas são diferentes, podendo, pois, fornecer subsídios para a restituição completa da viagem, mas que o relato de Castanheda constitui o auxiliar eleito para completar o que das primeiras se averigua.

Quanto ao *Livro das Armadas*, a página relàtiva à armada de Cabral não passa, nos dizeres, duma cópia mal feita do que dizem as crónicas, como teremos ensejo de provar.

DISTRIBUIÇÃO DOS COMANDOS. FIGURAS PRINCIPAIS DA ARMADA.

Antes de estudarmos a organização e os objectivos da armada de Cabral, devemos averiguar quais os capitães e figuras principais, que acompanham e organizam a armada, e traçar-lhes o mais possível as origens e biografias, ɪanto com êsse prévio exame se esclarece aquele estudo. As fontes, sendo na cronologia muito mais minuciosas que os cronistas, mostram-se em geral escassas, quanto às referências de nomes e factos individuais. Hemos, pois, que socorrer-nos do auxílio das crónicas neste particular. Dentre todos os documentos originários, o mais abundante na citação dos nomes é a carta de Caminha. Vejamos pelo que diz respeito aos capitães. Estabelece-se incontroversamente pelas fontes que eram treze os navios da armada e treze os capitães, incluindo Pedro Álvares.

Caminha, testemunho de veracidade irrecusá-

vel, cita os nomes de sete capitães, a saber: Pedro Alvares Cabral, Sancho de Tovar, como sota-capitão (qualidade por várias das outras fontes confirmada), Simão de Miranda, Aires Gomes da Silva, Bartolomeu Dias, Nicolau Coelho e Vasco de Ataide, que por altura das ilhas de Cabo Verde se perdera da armada. Nenhuma das outras fontes acrescenta a êstes algum nome. Castanheda, Barros, Gois e o *Livro das Armadas*, além daqueles sete nomes, atribuem também capitania a Diogo Dias (alguns dizem Pero), irmão de Bartolomeu Dias, a Pero de Ataide, por alcunha o *Inferno* (segundo Barros e Gois) e a Nuno Leitão, Gaspar de Lemos, Luís Pires e Simão de Pina. Osório, por mais sucinto, refere-se apenas incidentalmente a três capitães, além de Cabral,— Sancho de Tovar, Gaspar de Lemos e Pero de Ataide. Cita ainda o nome de Nuno Leitão, mas sem lhe atribuir aquela categoria. Apenas Gaspar Corrêa diverge desta voz unânime. Menciona catorze capitães para os treze navios, percebendo-se que harmoniza esta disparidade com atribuir o comando da capitania e o sub-comando da armada a Simão de Miranda, ficando a Pedro Álvares apenas o comando geral. E elimina da lista dos comandos os nomes de Aires Gomes da Silva e Pero de Ataide, que sûbstitui por Brás Matoso, Pedro de Figueiró e André Gonçalves, coincindindo

nos restantes. Quanto a primeira dessas divergências nem as fontes, nem o costume seguido nas demais armadas autorizam a supôr que a Cabral não coubesse o comando directo dalguma das treze naus, sendo além disso êrro manifesto atribuir a Simão de Miranda o sub-comando de toda a armada. Pelo que à segunda diz respeito, pois que da lista dos treze capitães referidos por aqueles escritores, apenas dois não aparecem mencionados como tal em Gaspar Correia, e um deles Aires Gomes da Silva é citado na carta de Caminha, temos que o seu depoimento apenas invalida o nome de Pero de Ataide. Ora acontece que depois de Pedro Álvares e Sancho de Tovar, sub-comandante, é êsse precisamente o nome de capitão que as crónicas mais referem, durante todo o relato da viagem, não só por lhe ligarem várias particularidades individuais, mas em lhe atribuirem o comando do primeiro dos nossos feitos épicos na India e mais brilhante das missões isoladas, confiadas a um só navio durante aquela expedição. O próprio Gaspar Correia cita o seu nome nesse passo da viagem, atribuindo-lhe primasias da glória em tal empresa conquistada. Acresce ainda que Pero de Ataide volta a Portugal e de novo embarca para a India numa das armadas seguintes, comandando igualmente uma nau e continuando ali com maior vulto as façanhas que da primeira

vez já praticara. O conjunto destas circunstâncias, dentre as quais sobreleva a continuidade brilhante dos seus feitos e funções, confirmada noutros passos por Gaspar Correia, afasta mais uma vez a hipótese dum êrro cometido pelos quatro cronistas. Acrescentemos ainda que êste grupo de escritores, salvo uma única excepção, que mais adiante explicaremos, concorda sempre com as fontes nas atribuições a indivíduos dos factos proeminentes da viagem. Uma outra incerteza poderia surgir, se algum dos nomes citados por Correia fôsse confirmado por qualquer documento de importância. Mas tal não acontece. Cremos assim não haver duvidas de que os capitães da armada de Pedro Álvares sejam os que Castanheda, Barros e Gois nomeiam. E releve-se o nosso longo interêsse em demonstrá-lo a conta do demasiado crédito com que alguns historiógrafos tem discutido o testemunho de Correia, que não àquele que nós próprios lhe liguemos.

Além dêstes, avultam entre as pessoas notáveis pelo sangue e feitos, que seguem nesta expedição, os nomes de Aires Correa e Duarte Pacheco. O primeiro vai por feitor da armada, mas leva por missão principal estabelecer a feitoria em Calecut. Quanto a missão, que o segundo, porventura, levasse, conservam todos os cronistas um singular silêncio.

Todavia a sua prática e saber excepcionais e

os altos serviços prestados anteriormente não podem deixar de assinalar-lhe ali uma função muito elevada. Todos os cronistas, incluindo Gaspar Correa, lhe referem a presença na expedição. Além disso, Castanheda e Gois, identificando-o com aquele heroi, que em 1504 defende do rei de Calecut a fortaleza de Cochim, eliminam a hipótese dum êrro devido a homonímia (1).

O probo e fiel Castanheda vai mais longe: identifica-o novamente por uma ligação mais

(1) «Deste ano de mil e quinhentos e tres, parecendo a el rey de Portugal... não quis mandar mais de seys naos repartidas em duas capitainas. Das primeyras foy capitão mór hum fidalgo chamado Afonso dalbuquerque, que depois governou a India como direy no terceyro livro. E forão seus capitães Duarte pacheco pireyra, *de que faley atras*...» Castanheda, obra citada, Livro I, cap. LV.

«Ao dia seguinte, informado el Rei de Calecut pelos Mouros, que forão com Pedro Dataíde, de quão animosamente os nossos o fizerão, mandou pedir a Pedralvarez, que lhe mandasse os que forão naquelle feito, pera se poder gabar que vira homens, que merecião ser vistos de todolos Reis, e senhores do mundo, aos quaes fez a todos merces e em especial a Duarte Pachequo Pereira, por lhe os Mouros dizerem, que nunca virão homem tão animoso nem tão esforçado, e que elle fora a causa unica de se aquella nao tomar, do qual e das façanhas que fez na India e en outras partes se dirá ao deante.». Gois, obra citada, parte I cap. LVIII.

íntima a factos indviduais ali passados. Refere com efeito êsse cronista que o Rei de Cochim, quando em Janeiro de 1504 Francisco de Albuquerque lhe deixa, em apoio contra o Samorim, Duarte Pacheco com um irrisório número de soldados, não obstante se dá por satisfeito, pelo que conhecia dêste capitão (1). Quere aludir sem dúvida as provas que êle dera na armada de Cabral.

Havemos de nos referir ainda a alguns fidalgos portugueses, quais sejam D. Alvaro de Bragança e o Conde de Portalegre, e a mercadores estrangeiros, como Bartolomeu Marchioni e Jerónimo Cerniche, que entravam nesta armada com suas naus para fins comerciais.

Passemos agora a ver quais os títulos de nobreza, virtudes ou feitos pessoais que justifiquem a escolha dos primeiros nomes para os postos principais da armada.

---

(2) «E como ele sabia que a ficada era muyto perigosa por a muyto pouca gente que podia deixar não ousava de cometer a nenhum dos capitães que ficasse, e por derradeyro de a oferecer a todos, e eles a não quererem a deu a Duarte pacheco que a aceitou de boa vontade mais pera servir a Deus e a el Rey que por lhe ser proveitosa, que bem sabia quão pouca fazenda avia de ganhar em ficar na India da maneyra que sabia que avia de ficar: e sabendo el rey de Cochim como ficava ouvese por contente disso pelo que dele sabia.» Castanheda, obra citada, Livro I, Cap. LXIII.

GENEALOGIA E BIOGRAFIA DE PEDRO ALVARES CABRAL

«Por se levantar a glória
Das linhagens mui honradas,
que por obras mui louvadas
de si deixaram memória
a quem lhe siga as pegadas,
suas armas decifrando,
algumas irei lembrando,
donde lhe a nobreza vem,
Por que faça quem a tem
pola suster, bem obrando.»

. . . .

«De purpura celestial,
sobre prata mui luzente,
a geração mui valente
que delas se diz Cabral
traz sem outro diferente.
E para que estas aponte

escrito trazem na fronte
seu esforço e lealdade
naquela grã liberdade
do castelo de Belmonte.»

Assim nos pinta João Roiz de Sá (1), em campo de prata, as duas cabras passantes de púrpura vestidas, das armas dos Cabrais, cujo maior título de gloria, sumula de alto esfôrço e lealdade está na grande liberdade do castelo de Belmonte, isto é, «hũa das mayores prehemineneias do Mundo, que he nam darem homenagẽ dos Castellos, que se lhes entregam», no dizer dum outro linhagista (2).

Em verdade, ainda que se lhes possam buscar origens tão remotas como a própria monarquia, a nobreza dos Cabrais firma-se por mostras de lealdade inquebrantada, durante a grave e incerta crise da independência portuguesa, no século XIV.

Assim, a legítima fidalguia de Pedro Alvares remonta até seu terceiro avô Alvaro Gil Ca-

(1) *De Joam rroĩz de saa decrarando alguũs escudos darmas dalgũas lynhageẽs de Portuguall, que sabya donde vynham. Cancioneiro Geral* de Garçia de Resende, edição Gonçalves Guimarães, tomo III, pag. 208. Modificamos a ortografia para melhor entendimento.

(2) Antonio de Villasboas e Sampaio, *Nobiliarchia portugueza*, titulo dos Cabrais.

bral, alcaide-mór do castelo da Guarda, em tempos de D. Fernando e do Mestre de Aviz. Quando el-Rei D. João de Castela, nos tempos do Mestre, entrou em Portugal pela Guarda, logo se foram a ele, além do bispo, que já o acompanhava, vários fidalgos e escudeiros da comarca. Mas Alvaro Gil Cabral conservou o castelo pelo Mestre, mau grado as tentadoras ofertas do monarca e as reiteradas pressões por interpostos fidalgos portugueses exercidas. Daí por diante continuam os seus serviços de lealdade e quando, em 1385, se celebram em Coimbra as côrtes que levantam o Mestre de Aviz por soberano, Alvaro Gil Cabral é um dos que assinam o auto do levantamento. Um ano antes, já o Mestre, quando apenas regente e defensor do reino, lhe fizera mercê das alcaidarias dos castelos da Guarda e Belmonte, de juro e herdade para sempre, desobrigando os seus descendentes de prestarem homenagem, isto, além de outras mercês em boas terras. Sua mulher D. Maria Eanes Loureiro era neta de D. Rui Vasques Pereira, tio do Condestável. Alvaro Gil Cabral faleceu em Coimbra em 1433 e jaz, sepultado em jazigo próprio, na Sé Velha, dessa mesma cidade.

Eis o nobre tronco da família. Nas altas fragas da Guarda e de Belmonte, em rude terra centeeira, nas abas da Estrela e da Atalaia, já fronteiras da Espanha, nasceram as passantes

cabras, vestidas com a púrpura da lealdade. Daí por diante sucedem-se os esforçados e lealíssimos Cabrais.

De Alvaro Gil nasceram Luís Alvaro Cabral, que herdou a casa vinculada de seu pai com senhorios e alcaidarias, e D. Brites Álvares Cabral, mãe que foi de Gonçalo Velho, o que por mandado do Infante D. Henrique descobriu os Açores.

Luís Alvares Cabral foi escudeiro fidalgo de D. João I e vedor da casa do Infante D. Henrique, que acompanhou na tomada de Ceuta (1).

Herdou-lhe os vínculos seu filho Fernão Cabral, que continuou no cargo, junto do mesmo Infante e com êle esteve igualmente na tomada de Ceuta. «E aqui, — relata Gomes Eanes de Azurara, traçando-lhe a biografia em breve escôrço, — aveis de saber que Fernão d'Alvares Cabral adoeceu de pestenença na galee do Infante Dom Anrique, onde vinha, cujo veador era, e foi posto fóra em terra e prouve a Deus de lhe dar saude para lhe fazer adiante muito serviço; e tanto que Cepta foi tomada, e elle guarido, se foi aaquela Cidade, e esteve nella por alguns annos, e esteve nos cercos ambos, sempre como bom Fidalgo, e foi o primeiro que matou Mouros de cavallo em aquella cidade, fazendo sem-

---

(1) Azurara, *Chronica de Dom João I*, parte I, cap. LX.

pre coisas dinas de muita honra e assy acabou ao diante em defendendo seu Senhor sobre o cerco de Tangere, cuja morte foi a elle muito honrosa, por acabar em serviço de Deos, e do Senhor que o criara...» (1). O mesmo Azurara lhe dedica um largo capítulo na *Chronica de Dom João I* (2).

De Fernão Alvares Cabral e de sua mulher D. Teresa de Novais de Andrade, filha de Rui Frei de Andrade, almirante de Portugal, nasceu Fernão Cabral, o pai de Pedro Alvares, e Diogo Cabral, que casou na Madeira com uma filha de João Gonçalves Zarco. Este Fernão Cabral, fidalgo da casa de D. Afonso V, prestou ao dito Rei, segundo os dizeres duma carta da sua Chancelaria, grandes serviços não só nas partes de África, como nos reinos de Castela, onde continuamente o seguiu dispendendo grande parte da fazenda própria (3).

Sôbre ter herdado a casa de seu pai, com as mesmas alcaidarias e senhorios, Fernão Cabral exerceu durante longos anos o cargo de regedor da justiça das comarcas e correição da Beira e Riba de Côa, tarefa espinhosíssima e onde encontrou as maiores dificuldades. Um

---

(1) *Chronica do Conde D. Pedro*, liv. I, cap. XXVIII.

(2) Cap. LX da parte I.

(3) Vide Aires de Sá, *Frei Gonçalo Velho*, tomo I, documentos CXLV.

dos mais probos historiadores dos nossos tempos, que particularmente estudou a sua acção como magistrado, não regateia louvores aos seus serviços (1). Fernão Cabral, pelo ca-

---

(1) «A tarefa deste magistrado que, pelo menos durante desasete annos até 1842, exerceu o seu alto cargo nesta comarca, não era para invejar. Em todo este espaço de tempo o seu nome nos aparece, ora invocado para salvaguarda do direito, porem, em maior numero de casos, como o de um réu de desacatos á justiça. As acusações eram publicas em côrtes, assinadas e seladas pelos conselhos da Beira. Da sua defeza que havia de ser verbal, não nos ficou documento: se e que lhe era exigida, porque e notável que em geral, nas respostas aos capitulos, rara vez o rei contradita as acusações contra qualquer funcionário; mas tambem não as da por provadas: limita-se a resolver o caso na suposição da sua existencia. Todavia, em vista da contraposição dos testemunhos, da palpavel improcedencia de algumas imputações, da confiança que lhe foi conservada durante tam longo tempo, da benevolência que a êle e a seus descendentes testemunharam sucessivamente D. Afonso V, D. João II e D. Manuel, não temos a menor duvida em afirmar a probidade e rectidão de Fernão Cabral, aferida pelo padrão jurídico da época. Nem era êle dominado da cobiça. Do esbanjador Afonso V que dissipava os bens do Estado, sem conta nem discrime, este funcionário de primeira jerarquia não recebeu outras mercês mais que a conversão em hereditária da alcaidaria vitalícia de Belmonte e o padroado da igreja de S Sebastião em Azurara. O que êle não poude foi resolver a pendência sobre os vinhos, que continuou a fornecer acendalhas para as malquerenças entre os ci-

samento com D. Isabel Gouveia, herdeira de seu pai, João de Gouveia, alcaide-mór de Castelo Rodrigo, e senhor de Almendra, Valhelhas e Castelo Bom e pelas mercês sucessivas de D. Afonso V, D. João II e D. Manuel e ainda porque sucedeu também no morgadio de D. Maria Gil Cabral, estendeu por toda a Beira uma casa opulentíssima (1). Tão avantajada estatura havia, que o cognominaram o *gigante da Beira*, segundo uma velha tradição conservada em Belmonte (2). Já o coudel-mór Fernão da Silveira, numas trovas que lhe fez, se lhe dirige:

«Myçer gualante Cabral
. . . .
Sois em corte feo, grande,
E no campo outro tal»

---

dadãos da Guarda.» Costa Lobo, *História da Sociedade em Portugal no século XV*, pag. 231 a 232.

Costa Lobo confunde, todavia, por vezes Fernão Cabral com o pai, Fernão Alvares Cabral, assim como Sanches de Baena na sua memória genealógica confunde Luís Alvares Cabral com o filho, o que se pode verificar em Azurara, nos capítulos citados. Costa Lobo comete ainda outras pequenas inexactidões, inúteis de referir.

(1) Vide a longa série de documentos que se lhe referem, publicada em *Frei Gonçalo Velho*, de Aires de Sá, tomo I.

(2) Pinho Leal, *Portugal antigo e moderno*, palavra Belmonte.

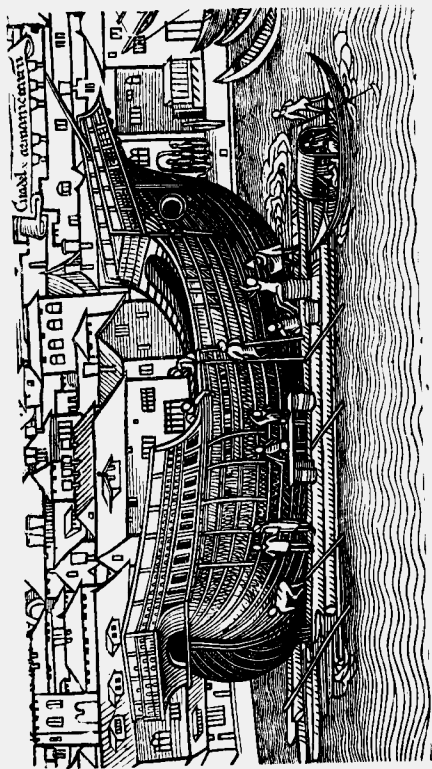
e de seguida acrescenta:

> Um Mancias sois segundo,
> Por servir damas tornado,
> e dos galantes sois dado
> por espelho neste mundo...

Mas logo nos remoques de que as trovas estão cheias o fidalgo troveiro insinua que nem só das damas Fernão Cabral cuidava, pois lhe chama «metedor dalvoroços antre moças de pandeiro e soalheiro» (1).

Atravez dos documentos, que se lhe referem, o rico e avantajado corregedor das Beiras, crestado pelas guerras de África e Castela, activo, desembaraçado, poderoso, iguala sempre com a estatura fisica a moral, saindo ileso dos ataques, que em côrtes lhe endereçam, a conta da sua áspera justiça, e merecendo continuamente as mais lisongeiras, quando não respeitosas referências aos três monarcas, sob cujo sceptro a sua fadigosa vida decorreu. As mesmas alianças por casamento contraidas entre os seus filhos e algumas das mais poderosas famílias dessa época, maiores até em proeminência, atestam o seu poderio, abastança e bom nome.

---

(1) *Cancioneiro geral* de Garcia de Rezende, edição citada, tomo I, pag. 189 a 192.

Nau em construção, dos fins do século XV

P
apr
se n
agu
brev
trou
con
tem
nha
res
feit
con
rec
anu
con
cer
hav
ma
Sus
dos
que
No
tro
do

Pr

bri
sen

Pedro Alvares Cabral nasceu em Belmonte, aproximadamente no ano de 1467 ou 1468. E, se no solar de seu pai aprendeu, de criança, as aguerridas e marinheiras tradições da família, breve, na côrte de D. João II, para onde entrou, como moço fidalgo, havia de arder por continuá-las, ao estudar as humanidades dêsse tempo, tam versadas em cosmografia e marinharia, e ao contacto da pleiade de navegadores e capitães que rodeavam o *Príncipe Perfeito*. Morto D. João II, D. Manuel agraciou-o com o fôro de fidalgo do seu conselho (1), oferecendo-lhe mais o hábito de Cristo e uma tença anual. Pelo seu casamento, sôbre ter alargado consideravelmente (2) a fortuna já herdada (por certo diminuta por não ser o primogénito e haver mais dez irmãos), aliou-se a uma das mais ilustres e poderosas famílias dessa época. Sua mulher D. Isabel de Castro, terceira neta dos reis D. Fernando de Portugal e D. Henrique de Castela, era filha de D. Fernando de Noronha e de sua mulher D. Constança de Castro, irmã esta de Afonso de Albuquerque e neta do primeiro Conde de Atouguia.

---

(1) *Historia Genealogica da Casa Real*, tomo II das *Provas*, pág. 326.

(2) Vide doc. XVII, em Sanches de Baena, *O descobridor do Brasil, Pedro Alvares Cabral*, memória apresentada à Academia de Sciências de Lisboa.

¿Que feitos ou serviços prestára Pedro Alvares Cabral que lhe revelassem as altas qualidades e o impusessem na escolha para tam elevado cargo, como o que há de exercer na expedição da Índia? Se alguns praticou, dignos de menção, não os regista a história. E o único indício documental. anterior à sua nomeação, que vem quebrar êsse silêncio, consta duma carta de D. Manuel em que, a pedido de Pedro Alvares, o Rei confirma e divide em duas partes iguais a tença de 26:000 reais que D. João II concedera a êle e a João Fernandes Cabral, seu irmão primogénito. A propria concessão de D. João II aos dois, dentre os cinco filhos varões de Fernão Cabral, faz supor que êles se houvessem distinguido por serviços praticados. Mas esta nova carta, que é datada de 12 de Abril de 1497, expressamente declara, com exclusiva referência a Pedro Alvares: «E visto por nós seu requerimento ser justo, *havendo respeito a seus serviços e merecimentos, querendo-lhe fazer graça e mercê...*» (1). Ignora-se,

(1) Eis o texto completo da carta, que extratamos de Aires de Sá, obra citada, tomo I, doc. CLXII: «Dom Manuell por graça de deus Rey de portugall e dos algarves daaquem e daalle mar ẽ africa senñor de guince A quantos esta nosa carta virem fazemos saber que *pedro alvarez de gouvea* fidalgo da nosa casa nos dise ora que ele e *joham fernandez cabrall* seu irmáao tinham delRey

não obstante, quais fôssem êsses serviços. Mas o uso do tempo, que fazia das praças de África a escola de guerra para os moços fidalgos, a tradição ininterrupta da familia, pois desde o pai ao bisavô todos ali treçaram armas com bravura, o próprio comando duma armada em que seguem guerreiros já experimentados, tudo

---

meu senor cuja alma deus aia de temça e cada huũ anno em quanto nosa mercee fosse vinte e seis mill Reaes per sua carta de padrom que lhe deles mandara dar segundo pareceo per o trellado della que dos livros da chancelaria do tẽpo que aos sobreditos foy dada per o dito Sennor a dita temça foy tirada de verbo a verbo per gil fernandez escripvam da chancelaria de dom Jorje meu muito prezado e amado sobrinho que hos em seu poder tem do díto tẽpo e que eles perderom a propria carta do dito Senñor que da dita temça tinham e a nom podiam achar pera a ora vyrẽ comfirmar per nos pedymdonos por quanto a dia carta era perdida que nos prouvese mandarmos dar a cada huñ nosa carta de padrã apartada do que a cada huñ montase dos ditos XXbj (26000) Reaes. saber Xiij (13000) Reaes a cada huũ pera dos ditos dinheiros aver seu pagamento homde lhes provese segundo nosa hordenança. E visto per nos seu Requerymento seer justo avendo Respeito a seus serviços e merecimentos querendolhe fazer graça e mercee Teemos por bem e nos praz que ele dito ***pedro alvarez de gouvea*** tenha e aja de nos de tença ẽ cada huũ anno des primeiro dia de janeiro que ora pasou deste anno presente de mill iiij^c^R.bi. (1497) em diante em quanto nosa merçee for os ditos Xiij Reaes que a ele mota aver da

leva a crer que ao menos êle houvesse prestado ali também os serviços a que a carta se refere.

Á falta, pois, de anteriores relatos, que nos revelem as suas virtudes e carácter, vamos aferí-los pelas provas únicas que a história nos conserva. Sem outras, que não fôsse o simples facto de lhe haverem confiado a capitania mór de tão importante expedição, êste bastava para

---

sua metade dos ditos vinte e seis mill Reaes que ambos tinham como dito he por quanto Xiij Reaes da outra metade mandamos dar outra nosa carta ao dito *Joham fernandez* pera delles apartadamente aver per ella seu pagamẽto e porẽ mandamos aos veedores de nosa fazenda que façam Riscar dos nosos livros della os ditos XXbj Reaes que ambos os sobre ditos juntamente neles tem assemtados e mandem assemtar ao dito *pedro alvarez* soomente os ditos Xiij Reaes cõ decraraçõ que som ametade dos ditos XXbj Reaes que ambos tinham como dito he e que perderom o outro padrom do dito Senor que delles lhe foy dado e lhes mandamos ora dar a cada hũ delles mõta aver ẽ maneira que se em alguu tẽpo o outro dito padrõ parecer lhe seja Roto e nõ aja per elle duas vezes pagamento dos ditos dinheiros dos quaes Xiij Reaes elle tirara em cada huũ anño de nosa fazenda carta desẽbargo delles per homde lhe sejam mui bẽ pagos e por sua guarda e nosa lẽbrança lhe mandamos dar esta nosa carta de padrom per nos asinada selada do noso selo pemdente dada em a nosa cidade de evora a Xij dias dabrill pedro lomelim a fez anño de myll iiijIR.bij (1497) annos. *Chancellaria de D. Manoel, liv. 27°, fl. 76*».

revelar e encarecer-lhe merecimentos raros. Em D. Manuel concorriam inteligência e ambição suficientes para não entregar o comando da expedição, que ia seguir-se à de Vasco da Gama, em mãos que não fossem provadamente hábeis e seguras.

Mas vejamos quais os traços, apuráveis das fontes sôbre a sua expedição, capazes de ajudar-nos a debuxar-lhe o retrato moral. Pedro Álvares Cabral era faustoso, amigo de grandezas e, como tal, possuidor de grande estado, para o que haviam de concorrer em grande escala os bens e educação de sua mulher. Não devia ser êste, por certo, para D. Manuel o menos recomendável dentre os seus atributos. Nas instruções, dadas pelo rei, para bom recado e direcção da expedição, o monarca mais duma vez recomenda a Pedro Álvares que dê aos principes do Oriente boas mostras tanto de si como de armada. Mas êle, no seu desejo de grandeza, excede-as. Quando, chegado a Calicut, tivesse que avistar-se com o Samorim, esmiuçava o Rei: «ireis em terra com dez ou quinze homens, quais vos melhor parecer levardes comvosco, os outros capitães em suas naus e em vossa nau um capitão». (1) Ouça-

---

(1) *Alguns documentos da Torre do Tombo.* Alguns fragmentos de instruções a Pedro Alvares Cabral, pag. 99.

mos agora o que diz o piloto da relação anónima: «Recebendo Pedro Álvares este aviso aprontou-se para saír em terra e ficar ali dois ou três dias, *levando consigo trinta homens dos mais honrados, e assim se pôs pronto com todos os seus oficiais e criados, como podia convir a um Príncipe, e levou toda a prata que havia em as naus*, das quais deixou por capitão-mór Sancho de Tovar...» (1) Nas terras de Santa Cruz, quando os dois primeiros indígenas vem a bordo, já de noite, Pedro Álvares Cabral recebe-os, à luz das tochas, «sentado, como diz Caminha, em huma cadeira e huma alcatifa aos pés por estrado, e bem vestido com um colar de ouro mui grande ao pescoço» e os capitães das naus e senhores principais, sentados no chão, ao longo da alcatifa.

Preocupado em estadear as suas galas, não o faz por soberba insolente. Afável e bondoso, sempre que os indígenas vão às naus, veste-os, oferta-lhes as pequenas bugigangas com que êles se enfeitiçam, ordena que lhes ponham mesa e de comer, e quando êsses primeiros se deitam no chão para dormir, dá-se ao mimo tocante de os mandar cobrir e pôr-lhes coxins sob a cabeça.

---

(1) *Navegação de Pedro Alvares Cabral*, in *Noticias para a histórica e geografia das nações ultramarinas*, tomo II, pag. 119.

Mesmo com inimigos desleais tem rasgos de magnanimidade generosa. No próprio dia em que se avista com o Samorim, começam, de facto, as hostilidades entre os dois. Os refens de Calicut, a meio da cerimonia da troca, lançam-se ao mar para fugir. Fica apenas num dos nossos bateis um velho gentil-homem malabar, e dois dos nossos nas mãos deles. «No dia seguinte, condoendo-se Pedro Alvares daquele velho, que havia já três dias que não tinha comido (em obediencia aos preceitos da sua religião), o mandou pera terra, e lhe deu todas as armas, que tinhão ficado na nau, pertencentes aos que se havião lançado ao mar...» (1).

Capaz de desafrontar-se com bravura, mas prudente e escrupuloso, mais quere encher-se de razão que cevar os primeiros ímpetos da cólera. Quando, em Calecut, os mouros e os da terra assaltam e roubam a feitoria, matando Aires Correia e perto de sessenta portugueses, Pedro Alvares, raivando de dôr e indignação, tem ânimo para moderar a sua e alheia impaciência e espera um dia inteiro que o Samorim lhe dê satisfações do feio caso; e só depois lhe manda combater e queimar as naus sur-

---

(1) *Navegação de Pedro Alvares*, obra citada, tomo II, pag. 113 e 114.

tas no pôrto e bombardear a cidade, todo o dia (1).

Mas em si a bravura exclue toda a bravata. A sua prudência chega por vezes ao extremo limite, que, transposto, se torna em cobardia. Quando a armada do rei de Calecut o segue sôbre Cochim, dando mostras claramente agressivas, Pedro Alvares, que já tem as naus quasi de todo carregadas, se não foge, procura todavia, cheio de prudência, evitar o combate. Ainda que João de Barros e outros cronistas afectem o contrário, a relação do piloto anónimo e a carta de D. Manuel não deixam a mínima dúvida sôbre o seu procedimento.

---

(1) *Treslado da carta que el Rey nosso senhor escreveu a el rey e a Rainha de Castella seus padres da nova Imdya*, edição Eugenio do Canto. Conta neste passo Castanheda que, despejadas as naus, «ficarã nelas os cativos atados de pés e de mãos, e assi forão queimadas a vista de muyta gente da cidade que estava na praya pera lhes acodir, mas não ousarão com medo da nossa artelharia. E era espantosa cousa de ver arder dez naos todas juntas, fazerense carvões, e ouvir a grande grita dos mouros que estavão dentro, e nisto se gastou todo aquele dia.» Este acto de espantosa crueldade está em contradição com o caracter de Pedro Alvares. Com efeito não só nenhum outro relato o confirma como a carta de D. Manuel aos reis de Castela e Gois o desmentem, afirmando que os cativos forão distribuidos pela armada. É este um dos poucos erros graves cometidos pelo honrado cronista.

Generoso, afável e escrupuloso até com inimigos, exige, seja de quem fôr, o máximo respeito a sua honra e gerarquia. Regressado à pátria, nomeia-o D. Manuel capitão-mór da nova armada que ao Oriente envia.

Pedr'Alvares, ao conhecer o regimennto de Vicente Sodré, que de sua bandeira, com cinco naus o separava, dando-se por ofendido, não aceitou o encargo. «Homem de muitos primores acerca de pontos de honra» lhe chama João de Barros neste passo (1).

Pundonoroso a tal extremo, não o cega a vaidade do comando. Antes se havia de sentir repeso, por condescendente em demasia, pois, contra o seu expresso voto, cedeu a instâncias de Aires Correa, em resoluções, que haviam de causar a morte a êste e o afrontoso assalto à feitoria (2).

---

(1) Castanheda diz apenas: «e tendo dada a capitania mór dela a Pedralvares Cabral lha tirou por alguns justos respeitos», fórmula vaga de quem receia afirmar um facto, que envolva censura para o Rei. Barros e Gois são terminantes e concordes e deles seguimos a versão. Correia vem a ponto com uma longa história de imposições feitas pelo Gama a D. Manuel. Fundando-se na versão deste ultimo, Sanches de Baena arquitecta uma luta de famílias entre Cabrais e Gamas, para nós mais que duvidosa, dada a suspeita origem em que se funda.

(2) Concordam neste facto com as fontes o minucioso relato de Castanheda e Gois.

Um documento precioso, pelo nome que o firma, as circunstâncias que o ditaram e a pessoa a quem se dirigiu, aponta e confirma plenamente êste rápido esbôço de tão nobres linhas. Referimo-nos à carta de Afonso de Albuquerque, endereçada ao Rei, instando com êle para que chame Pedro Alvares ao seu serviço, quebrando o injustificado apartamento em que há tanto o conserva. Aí se lhe refere o honrado Albuquerque em termos eloqüentes, chamando-lhe «mui bom fidalgo» por «sua bondade e cavalaria», «homem avisado», merecedor e desejador de ganhar honras, terminando por afirmar «*é homem que eu sei certo que terá vossa alteza contentamente de sua pessôa e de tôdas as cousas honradas que nele há para algumas necesssidades de vosso serviço que lhe encarregardes e esforça-me Senhor, a dizer, porque vi que tem vossa Alteza tomado a experiência de sua pessôa e de seus serviços e que em todos os feitos em que ele poser as mãos, que vos há de merecer mercé...*» (1)

Tão claras, convictas e desassombradas são estas últimas expressões e melindrosas as circunstâncias que as provocam, que atestam irrecusavelmente a elevação e inteireza de carácter de Pedro Alvares.

---

(1) Esta carta, em que infelizmente há muitos espaços apagados pelo tempo, foi publicada nas *Cartas de*

No seu lugar e em iguais circunstâncias, por maneira bem diversa procediam outros dos capitaes daquele tempo, — um cubiçoso e desleal Sodré, um desapiedado e insofrido Gama ou um autoritário e terrível Albuquerque.

Afonso de Albuquerque, edição da Academia de Sciências. Trasladamo-la por inteiro aqui, dada a luz com que alumia a figura e vida de Cabral. «Senhor — Eu tenho tanta necessidade de meus parentes vos falarem por mim e Requererem minhas cousas amte vosalteza que nam sey como ouso de fazer por nimguem porem eu ey de fazer meu dever; beijarey as mãos de vosalteza rrecebermo como obra de minha obrigaçam que neste caso tenho a minha irmãa e a meus sobrinhos e a meus parentes: e por que isto digo a vosalteza he por pedr alvares meu cunhado (cognado) casado com minha sobrynha, filha de minha irmãa criada de vosalteza e da Senhora Rainha; eu fuy o que concertey e ordeney este casamento e lhe fiz dar da fazenda de minha irmãa e de meu cunhado dom fernando mais em casamento.... do que seu movell e rraiz podia abastar, e que pero.... era muy boom fidalgo e merecedor disto.... e cousa mayor, todavia se teve respeito a.... e omrra e credito que vosalteza tinha de sua pessoa e o contentamento de seus seruiços e de sua bondade e cavalarya e devemos todos por muito certa sua medramça e galardam de seus serviços e ser ele tall pessoa e asy aceito a vosalteza e encarregado por vosalteza em carregos omrrados que nos pareceo que nam podia deixar daver de vosalteza omrra e merce por sabermos que era cavaleiro homem avisado e que ha de dar em todo tempo e em todo feito bõoa rrezam de sy como vosalteza ja dele tem tomado a espiryemcia: agora Senhor

Concorrem nêle, com a antinomia das sensibilidades mais ricas e perfeitas, um quê de forte e ingénuo, de bravo e enternecido, de grandioso e humilde, de magnanimidade aparatosa e modesta esquivança, que trazem à memória

---

vejo esta quebra sua amte vosalteza durar muitos dias
em tempo que vosalteza se serve jeralmente dos cava-
leiros e fidalgos do voso Reino e conquistas.... os
quaes recebem merce Remdas co.... segumdo cada
hum faz : merece por cognado pero alvares homem
desejador.... em obras e em dito e em feito ser sem-
pre servidor de vosalteza de sua pessoa tem que asy o
temdes lamçado de voso serviço e quanto me a mim
mais parece que a culpa deste feito era sua tanto mais
sua do parecer e ey de crer que ele tem certo o perdam
e gaiardam de vosalteza como viimos por espiryemcia
em outras pessoas serem lhe seus erros perdoados e
feita omrra e dado Remdas e merce e acceitos a vosal-
teza. e porque a condiçam dos portuguezes he criar nos
vosalteza e nos castigar fazer merce e nos chamar e
desagravar e se servir de nos e nos tirar de nosos arru-
fos e errados comselhos como geralmente cada dia vo-
salteza faz por omde tornamos logo a por nosas vidas
ho cutello como noso Rey e senhor verdadeiro e cada
huum so trabalha por vos merecer.... devia pero alva-
res de ser por muitas resões e.... huum destes; e se
minha pessoa e valia amte vosalteza.... de isto mere-
cer, eu senhor vos beyjarei as mãos por ele ser chama-
do de vosalteza aconselhado e rreprendido e tornado
em vossa graça e serviço por que he homem que eu sey
certo que terá vosalteza comtemtamento de sua pesoa e
de todalas cousas homrradas que nele ha pera alguũas
necesydades de voso serviço que lhe emcarregardes e

o Condestavel, e, extremando-o dos demais capitães contemporâneos, o alevantam acima da moral comum da sua época.

Herdara de seu pai a estatura desmedida, como se constatou, ao destapar-lhe a sepultura. Devia trazer barba, como os grandes capitães daquele tempo, cerrada e longa. Minavam-no as quartãs; e «havia anos que tremia», informa Castanheda (1). Essa latente morbidade havia de acender-lhe com fogachos bruscos a sensibilidade já de si aguda. E, como a chama intima dos caracteres fortes e ardentes transluz sempre na face com seu clarão peculiar, bem podemos evocar do nobre capitão o gigantesco vulto, cuidadamente vestido e adereçado, a barba pelo peito, o sobrecenho altivo, e, na face pálida e sombria de impalu-

---

esforçome Senhor a dizer porque sey que ja tem vosalteza tomado a espiryemcia da sua pessoa e de seus serviços e que em todolas feitos em que ele poser as mãos que vos ha de merecer merce: beijarey as mãos de vosalteza lembrarse das al.... mem... mãa sobre mim pelo falecimento.... que a em minha companhia e ajud.... e perder o escamdalo que de mim tem.... sem tel o pero alvares apartado de voso serviço.... vosa corte e sua filha como da morte de uns filhos: acabada em Calecut a ij dias de dezembro de 1514 (por letra de Albuquerque) feytura e servidor de vosalteza — A° *dalbuquerque*. (Subscripto) A Ell Rey noso Senhor».

(1) Obra citada, livro I, cap. XXXVIII.

dado, a gravidade, a distância, a tristeza dos que não ignoram a sua perfeição (1).

Concluiremos por isto que a excelência do seu carácter fôsse o móbil único que determinou D. Manuel na melindrosa escolha? Não; Pedro Álvares, suposto que magnificamente escolhido para a missão que lhe era destinada, excedia em isenção e pundonor a craveira exigida pelo rei aos seus bons servidores. Essa

---

(1) O retrato, com que vulgarmente se representa Pedro Alvares Cabral, é reproduzido dos *Retratos e elogios dos Varões e Donas* (Lisboa, 1817). Não mencionam os respectivos editores a origem dessa imagem. E possível, todavia, que dalguma tela ou gravura antiga o tivessem copiado, dado que isso mesmo fizeram com outros dos retratados. Seja como fôr, o retrato moral, que acabamos de bosquejar, debuxado esse sôbre os documentos, condíz singularmente com as feições que o representam nos *Varõis e Donas*. Outro suposto documento iconografico é o busto do medalhão dos Jerónimos, que se dá como representando Pedro Alvares. Bem mereciam um estudo serio os quatro medalhõis, representando bustos de navegadores, sobre os pilares duma das alas dos Jeronimos esculpidos. Varnhagen, o mais minucioso dos autores que ao caso se referem, diz na sua *Noticia historica e descritiva do Mosteiro dos Jeronimos* (Lisboa, 1842): «Nos cinco grandes pilares fronteiros ás portas dos confissionarios veem-se tambem em linha horisontal o sol e seguidamenee quatro bustos em medalhõis, dos quais se diz com toda a probabilidade significarem O Oriente com os quatro herois portugueses que lá tinham ido quando ai chegava a construção;

orgulhosa inteireza de ânimo de futuro arrastá-lo-hia, de contrário, para um ostracismo, que se lhe protraiu pelo resto da vida. E, se, como tudo indica, não praticara até à data feitos que o impusessem para missão tão espinhosa, hemos de buscar em outras circunstâncias os motivos que, somados às suas nobres qualidades, decidiram o rei a nomeá-lo. Ponderemos primeiramente que logo desde o comêço do seu rei-

---

isto é, ao que parece, o Gama e seu irmão, Nicolau Coelho e Pedro Alvares Cabral. Este ultimo busto confirma a tradição, pois está de cara voltada para o lado oposto ao Sol, comemorando assim o seu afortunado descobrimento das terras ocidentais ou Brazil». Teixeira d'Aragão, em *Vasco da Gama e a Vidigueira*, referindo-se aos tres primeiros, chega a dá-los como os retratos mais autenticos dos herois que representam. Ainda hoje os guardas do claustro repetem, ciceronando, a tradição. E deles soubemos que todos os anos o director da Casa Pia, adjunta ao mosteiro, manda no dia da festa do descobrimento do Brazil engalanar de flôres e palmas o suposto busto de Cabral. Que os bustos representem navegadores não é para duvidar. A autenticá-los, veste-lhes a cabeça a gorra marítima da época. E tanto quanto o permite a graciosa estilisação com que o cinzel os esculpiu, pode do primeiro dos bustos afirmar-se que se assemelha ao mais conhecido dos retratos do Gama. Como a Varnhagen mui provavel se nos afigura o que a tradição afirma. Pondere-se, todavia, que Fr. Jacinto de S. Miguel, escrevendo no começo de seculo XVIII (*Mosteiro de Belem*, manuscrito publicado por Martinho da Fonseca) não faz a minima referencia a semelhante tradição.

nado o novo monarca contrariou a política de D. João II de abatimento da nobresa. Bartolomeu Dias, que tão difícil empresa chefiou, era um modesto escudeiro. O *Príncipe Perfeito* temia enaltecer os orgulhosos fidalgos portugueses. Ao contrário D. Manuel, não só volta a política de protecção a nobresa, sem as prodigalidades de D. Afonso V, como distingue nos favores os peores inímigos do seu antecessor, o que nesta própria expedição veremos. Auxilia-nos aqui a carta de Albuquerque a explicar, segundo cremos, dentro destas razões, o segrêdo da escolha. Já vimos que Cabral, pelo seu casamento, se ligara a Noronhas e Albuquerques. Escusa o nome do grande Afonso referências a encarecer-lhe os méritos. Dum dos irmãos da esposa, D. Garcia de Noronoa, lembraremos que findou sua carreira gloriosa como viso-rei da India. Por seu lado, o irmão primogénito, João Fernandes Cabral, ligára-se do consórcio a casa dos condes de Monsanto e do marechal D. Fernando Coutinho, e D. Brites, sua irmã, desposava-se com D. Pedro de Noronha, filho do marquês de Vila Real, magnate de suprema influência nesta época. Mostram estas relações, dum lado, a alta gerarquia dos Cabrais, e deixam entender, por outro, que Pedro Álvares, pela razão de ser um dos segundo génitos, mau grado os seus primores de cavaleirosa fidalguia, não emparelhava inteiramente, em prosápia e ri-

O Infante D. Henrique

(Do manuscrito da «Crónica do descobrimento e conquista da Guiné» da Bibl. Nac. de Paris).

queza, com aquela nata de famílias nobres e opulentas. Essa desigualdade concorreu em muito para a sua nomeação. Os próceres mais altos da nação, um senhor Dom Álvaro, o Marquês, os condes de Portalegre, de Monsanto, Tarouca, Vimioso, ou os que, na casa del Rey serviam, Silvas, Menezes, Castelbrancos não comandavam até a data empresas tão mal seguras e longínquas. E assim temos por certo que os próprios membros da família da esposa ou quiçá dos cunhados, Vila Real e Monsantos, induziram o rei áquela escolha já para satisfação das nobres ambições, já para acrescentamento na honra e na fazenda do parente menos valido e alevantado.

Sabe-se que, regressado da expedição à India, foi nomeado capitão-mór da nova armada, que veio a partir em 1502, cargo que todavia recusou, e vimos quais os motivos que o determinaram, segundo Barros e Gois, a tal resolução. E tempo de dizermos que, contra a lenda de Gaspar Correia, a qual atribui a nomeação do Gama a imposições suas ao monarca, vexatórias por insistentes, ante as primeiras recusas de D. Manuel, conspira a carta de 10 de Janeiro de 1502, escrita um mês antes da partida da armada. Por êsse documento o rei concede ao descobridor da India uma renda anual de 300:000 reais, de juro e herdade, para êle e todos os descendentes; o cargo de almi-

rante da India «com todalas honrras, priminências, liberdades, poder, juridiçam, rendas foros e direytos, que com o dicto almyrantado por direyto deve aver e as tem o nosso almirante destes reynos»; a faculdade de êle e seus descendentes enviarem uma vez cada ano duzentos cruzados nas naus da India para se empregarem em mercadorias; o título de Dom, que estende a seus irmãos e descendentes; e mais ordena que os herdeiros de tamanhas mercês «se chamem da Gama por lembrança e memória do dito Vaasquo da Gama» (1). Acrescente-se que, segundo Barros, os duzentos cruzados de mercadorias lhe vinham a dar regularmente, no reino, um conto e oitocentos mil reais (2). Se o Gama houvesse desobrigado o Rei, com instâncias insolentes, não o premiava êle na mesma ocasião com tamanhas mercês e em carta, de que transluz a maior satisfação dos seus serviços.

Por outro lado, tendo o rei prometido, segundo Correia, desagravar Pedro Alvares dessa mudança de comando, com mercês generosas, deparamos ao contrário, com remuneração assás escassa dos seus serviços. Os documentos mais antigos que até nós chegaram referentes

---

(1) *Alguns documentos da Torre do Tombo*, pag. 127 a 131.

(2) *Decada* I, livro V, cap. XI.

as mercês reais concedidas a Cabral constam de duas cartas dirigidas ao recebedor da sisa da marcaria, ambas datadas em 4 de Abril de 1502, mandando pagar por êsse imposto 15:000 reais e outra 30:000, a Pedro Álvares «de sua tença» naquele ano. Um outro documento igual ao segundo dêstes dois nos aparece, datado em 6 de Março de 1504, referente ao ano anterior. Ainda um recibo, assinado pelo proprio Cabral, a 10 de Janeiro de 1515, menciona o pagamento de 200:000 reais de tença anual correspondentes ao ano de 1514, o que lhe foi conferido por uma carta geral (1). Infelizmente nem se conhece essa carta nem a data em que lhes foi conferida, elementos muito provavelmente preciosos para nos esclarecerem sôbre as relações entre o rei e o seu ilustre servidor. Não se conhecem também outros documentos, que se lhe refiram, com a concessão de mercês novas. A mesma escassez no que respeita a indícios biográficos demonstra o esquecimento a que o votou o rei. Por duas cartas régias de 1509 (2) averiguamos que Pedro Álvares se retirara para Santarém, onde procura alargar as propriedades. Depois disto o seu nome só nos aparece no «Livro da Ma-

(1) Podem lêr-se estes documentos em Sanches de Baena, obra citada.

(2) Aires de Sá, obra citada, tomo I, documentos.

tricula dos moradores da Casa del Rey D. Manoel no primeiro quartel do ano de 1518» como cavaleiro do conselho e com a pensão mensal de 2:437 reais (1). Finalmente, por três cartas datadas em Novembro de 1520, concedendo, uma 30:000 reais de tença por ano a D. Isabel de Castro, em atenção aos muitos serviços de seu falecido marido Pedro Álvares Cabral, e as duas outras concedendo, cada 20:000 reais de tença anual, a António Cabral e a Fernão Álvares Cabral, seus filhos, pelos mesmos motivos, conclue-se que o seu falecimento se deu quási com certeza nesse ano (2).

Comparando com as mercês concedidas ao Gama, ao depois alargadas com o título de Conde, as que o Rei outorgou a Pedro Álvares, entrando ainda mesmo em desconto com o ingrato esquecimento do monarca, demonstrado pela carta de Afonso de Albuquerque, vê-se claramente que D. Manuel não teve em grande conta os seus serviços.

Pedro Álvares foi sepultado em Santarém na igreja da Graça, que então pertencia ao convento dos gracianos, com quem a viuva em 1529 contratou o jazigo perpétuo.

Levava êle, consigo a bordo, na viagem, uma

---

(1) *Sousa. Hist. Geneal., Provas*. tomo II.
(2) Aires de Sá, obra citada, documentos.

imagem de Nossa Senhora da Esperança, que ainda hoje existe, como símbolo de fé humana e religiosa no êxito da sua singularíssima missão (1).

«Pouco fez ou baixamente avalia suas acções quem cuida que lhas podiam pagar os homens» — dizia o P.e António Vieira. Se a sua

---

(1) Transcrevemos duma carta do Conde de Belmonte, D. José Maria de Figueiredo Cabral da Câmara:

«Na descrição dos encargos e despesa dêstes Morgados «Belmonte» ha «uma pensão» pela qual claramente se deduz que a casa e varonia de Pedro Alvares Cabral continuou, por morte de seus filhos, no ramo directo de seu sobrinho Fernão Cabral, donde procedem os actuais Cabrais, representados hoje pelo sr. D. José Maria de Figueiredo Cabral da Câmara, 4.º conde de Belmonte: «Francisco Cabral, 5.º sobrinho de Pedro Alvares Cabral, o Descobridor do Brazil, e herdeiro da Casa de Belmonte, por morte de seus irmãos Fernão, Luís e outros, instituiu uma capela com a pensão de um círio para alumiar quotidianamente a Imagem de Nossa Senhora da Esperança que há no Convento dos Padres Terceiros, junto de Belmonte.»

Esta imagem de Nossa Senhora da Esperança (que ainda hoje existe) acompanhou Pedro Alvares Cabral na sua viagem à India (e Descoberta do Brazil), o qual, na volta a Belmonte, lhe erigiu ali, em uma Quinta, uma ermida, a cuidado dos Franciscanos, ermida que ficou na posse de seu sobrinho, Fernão Cabral, Senhor de Belmonte e de seus descendentes que a aumentaram e lhe cunsignaram rendimentos.» Aires de Sá, *Frei Gonçalo Velho*, vol. II, documento DCCIII.

esperança visava a estreita remuneração dos seus trabalhos, o que não cremos, cruelmente se iludiu; se, ao invez, punha em longínqua mira a dilatação do nome português, bem excedidos foram os seus votos, por mais arrojados que os tivesse concebido, ao levantar do seu padrão nos areais de Vera Cruz.

DADOS GENEALÓGICOS E BIOGRÁFICOS SÔBRE OS CAPITÃES E FIGURAS PRINCIPAIS DA ARMADA

Quais, agora, as razões que indicaram para os respectivos postos os outros capitães da armada? A alguns inculcavam, é patente, a sabedoria náutica e qualidades de comando, doutras vezes provadas. Estão nesse caso Bartolomeu Dias, seu irmão Diogo e Nicolau Coelho. Mas, acima dessas claras razões, a nobreza do sangue motivava a escolha dos comandos. Confirmam-no, nesta mesma expedição, Pedro Alvares Cabral e Sancho de Tovar, respectivamente capitão-mór e sota-capitão da armada, cujos nomes bem por certo àquela data apenas excediam alguns dos outros em primasias de nobreza, que não em altos feitos praticados. Essa mesma preocupação das precedências fidalgas na escolha dos comandos se infere a cada passo dos relatos das crónicas. Referem elas, por mais clara certeza, que D. Manuel consen-

tiu aos comerciantes que armassem seus navios com que fossem ao tracto das especiarias, com a condição de apresentar os capitães das respectivas naus, para receberem a confirmação indispensável. Essa preocupação transparece igualmente de todos os documentos que até nós chegaram, quási sempre que neles se enumera uma lista de capitães. João de Barros, cronista palaciano, vai mais longe e declara: «Quando nomeamos algum capitão se he homem fidalgo e tão conhecido por sua nobreza e criação na casa d'el Rey, logo em falando nelle a primeira vez diremos cujo filho he, sem mais tornar a repetir a seu pae: e se he homem fidalgo de muitos que ha no Reyno, destes taes não podemos dar tanta noticia porque não vierão ao lugar onde se os homens habilitão em honra e nome, que he na casa d'el Rey, por isso podem nos perdoar...» (1). Com efeito, ao enu-

---

(1) Transcrevemos aqui todo o passo do cronista. por extremamente elucidativo: «Ca ordenou el Rey pera que os homens deste Reyno cujo negocio era commercio tivessem em que poder tractar, dar-lhe licença que armassem naos pera estas partes, dellas a certos partidos e outras a frete; o qual modo de especiaria a frete ainda hoje se usa. E porque as pessoas a quem el Rey concedia esta mercê tinhão per condição de seus contractos que elles avião de appresentar os capitães das naos ou navios que armassem, os quaes el Rey confirmava: muitas vezes appresentavão pessoas mais suffi-

merar os capitães da armada de Cabral, cuja filiação já anteriormente declarara, resa assim: «Pedralvares Cabral, capitão mór, Sancho de

---

cientes pera o negocio da viagem e carga que avião de fazer do que erão nobres per sangue. Fizemos aqui declaração porque se saiba *quando se acharem capitães em todo o discurso desta nossa historia que não sejam homens fidalgos, serão daqueles que os armadores das naos appresentavão, ou homens que per sua propria pessoa ainda que não tinhão muita nobreza de sangue avia nelles qualidades* pera isso e tambem por darmos noticia do modo que levamos em nomear os homens que he este. Quando nomeamos algum capitão se he homem fidalgo e tão conhecido per sua nobreza e criação na casa d'el Rey, logo em falando nelle a primeira vez dizemos cujo filho he, sem mais tornar a repetir seu pae, e se he homem fidalgo de muitos que ha no Reyno, destes taes não podemos dar tanta noticia porque não vieram ao lugar onde se os homens habilitão em honra e nome que he na casa d'el Rey, por isso podem-nos perdoar: e tambem a dizer verdade os escriptores, dos individos não podem dar conta, e quem muito procura por elles quebra o nervo da historia, parte onde esta toda a força della. Todavia nesta digressão duas cousas pretendemos, notificar a todos que nossa tenção he dar a quada hum não somente o nome de suas obras: mas ainda o de seu avoengo, se ambas estas duas vierem a nossa noticia. *E a segunda que quando fizermos algum grande cathalogo de capitães (porque estes sempre hão de ser nomeados) ora sejão de naos ou navios: sempre devem entender que as pessoas maes principaes per sangue e feitos, andavão nas melhores peças d'armada.»* João de Barros, *Decada primeira da Asia*, Livro V, cap. X.

Toar, filho de Martim Fernãdez de Toar, Simão de Miranda filho de Diogo de Azevedo, Aires Gomez da Silva filho de Pero da Silva...» (1), e de nenhum dos outros fala da ascendência paterna. Daqui podemos inferir que dentre todos os capitães êstes excediam os outros nos títulos heráldicos. Os demais cronistas, como Castanheda e Goes, se não citam a filiação de nenhum deles, contudo enumeram também a êstes três em primeiro lugar. As investigações que fizemos nos nobiliários manuscritos confirmam inteiramente o que os cronistas deixam antever.

Sancho de Tovar, o substituto de Cabral, era fidalgo castelhano, 1.º filho de Martim Fernandez de Tovar, o qual por ter seguido o partido de Afonso V, contra Fernando e Isabel, depois da vitória dêstes perdeu todos os bens e foi mandado degolar. Sancho assassinou o juiz que sentenciou o pai e fugiu para Portugal. O solar dos Tovares era na vila de Tovar, a 6 léguas de Burgos. Para provar as excelências da linhagem, de origem remotíssima, bastara dizer-se que entre os avoengos de Sancho se conta Fernão Sanchez de Tovar, adeantado-mór de Castela e almirante da esquadra que venceu os portugueses em Saltes,

(1) *Decada primeira da Asia.* Livro V. cap. I.

nos tempos do nosso D. Fernando e que, às primeiras arremetidas, em Aljubarrota foi ferido gravemente. Os Tovares eram das mais nobres famílias de Castela (1).

D. Manuel, que nesse tempo podia ainda alimentar a esperança duma Espanha unida sob o sceptro dum filho seu, dando a Sancho de Tovar a honra daquele posto, se lhe levava em conta a provada nobreza e até a tradição marinheira da família, obedecia, porventura, aos motivos políticos que naquele tempo aconselhavam tanto os monarcas portugueses como os castelhanos a ostentar a gratidão pelos fidalgos, que, esquecendo as razões de Pátria, legitimavam apenas a sucessão do sangue. De facto, o príncipe D. Miguel, filho de D. Manuel e neto herdeiro de Fernando e Isabel, só aos 19 de Julho dêsse ano, isto é, depois da partida de Cabral, falecia em Granada (2).

Morto o príncipe, desapareciam os motivos políticos que levavam o rei a distinguir o castelhano fugitivo. Com efeito, os capitães da armada que regressam da Índia são quási todos galardoados com novos comandos ou honrosas mercês e cargos; mas de Sancho de

---

(1) *Nobiliário manuscrito de Rangel de Macedo*, existente na Biblioteca Nacional de Lisboa.

(2) Damião de Goes. *Crónica de D. Manuel*, I parte, cap. XIV.

Tovar, que ainda no regresso realizava com êxito o descobrimento de Sofala, nunca mais falam os documentos e os cronistas. O nome de Sancho de Tovar, a revelar-lhe a vida palaciana, surge uma vez trovando no *Cancioneiro Geral* de Rezende (1).

Simão de Miranda ou Simão de Miranda de Azevedo, filho de Diogo de Azevedo, pertencia a família portuguesa muito nobre, cujas origens, ainda que mais longe possam rebuscar-se, provem, como as de Pedro Alvares Cabral, procurar-se na crise nacional do século XIV. O mais notável entre os seus primeiros ascendentes é Afonso Pires da Charneca, irmão de armas do Condestável Nuno Alvares, seu vedor, companheiro dos lances mais difíceis e um daquêles por quem êle distribue as suas terras. Afonso Pires esteve na Batalha Real e assina com os demais fidalgos fieis ao Mestre o auto do seu levantamento, nas côrtes de Coimbra. Seu filho, Martim Afonso da Charneca, arcebispo de Braga, esteve em França, como embaixador de D. João I. Simão de Miranda, seu neto, era casado com D. Joana Correia, filha de Aires Correia, o qual, como dissemos, ia também na armada por seu feitor geral e para

(1) Edição citada, vol. IV, p. 78.

feitor de Calecut (1). Tendo regressado da Índia, parte na armada de Jorge de Melo, em 1512, comandando uma nau e despachado para capitão de Sofala, onde vem a morrer, ao que parece em 1515 (2). O nome de Simão de Miranda aparece bastas vezes no Cancioneiro de Rezende, trovando, a par dos melhores fidalgos, sôbre as futilidades irrisórias da côrte, como era uso do seu tempo (3).

---

(1) Êstes apontamentos genealógicos são transcritos do Nobiliário manuscrito de Rangel de Macedo, um dos melhores que se conhecem sobre familias portuguesas e existente na Biblioteca Nacional, Colecção Pombalina.

(2) Barros, Decada II, livro VII, cap. II.

(3) Para se averiguar do seu estro damos aqui uma dentre as melhores das suas trovas :

«*De Simão de myranda a senhora dona Brialys de Vilhana. aconselhando-lhe que se goarde de soberba e desprezar ninguem*

Fortuna. sortes, mau fado
sempre vem pela soberba.
ou por quem muito despreza
qualquer malaventurado.

Da soberba vem cayr
do mays alto no mays fundo.
goardesse quem neste mundo
folga mal de bem ouvir.
Quem cayr neste pecado,
non se fye em gentileza,
porque quem muytos despreza.
seu valer é desprezado»

A família, porventura, mais nobre pertencia Aires Gomes da Silva, filho de Pero da Silva. Os Silvas descendem de el-Rei D. Fruela II, de Leão, tronco, que durante séculos, frondeja nalgumas das mais nobres casas de Portugal e de Castela. Desde os primeiros tempos da monarquia aparecem seus nomes cumulando altos cargos e assinalados feitos. Dom Gomes Pais da Silva foi companheiro de Gonçalo Mendes da Maia, o *Lidador*, e alcaide-mór do castelo de Santa Olaia, um dos postos mais arriscados no reinado de D. Afonso Henriques.

Mais tarde, em tempos de D. Fernando e D. João I, os nomes de seu bisavô e avô, respectivamente Gonçalo Gomes da Silva e João Gomes da Silva, surgem bastas vezes nas crónicas de Fernão Lopes e sempre em termos e situações honrosas. Ambos assinam o auto de levantamento do Mestre nas côrtes de Coimbra. O último foi alcaide de Montemór-o-Velho, senhor de Tentúgal, Vagos, Unhão, Buarcos, Jestoço e Sinde, capitão-mór e alferes-mór de D. João I. Entra na batalha de Aljubarrota e na tomada de Ceuta, e vai como embaixador a Castela negociar as pazes. Daí por diante, até aos tempos de D. Sebastião, os Silvas continuam a privar no paço, a ocupar cargos altíssimos e a ilustrar-se em rasgos de lealdade e valentia. A um primo e homónimo de Aires Gomes da Silva, seu contemporâneo,

vemo-lo íntimo de D. João II, seu camareiro-mór, embaixador a Inglaterra e mais tarde e durante o tempo de D. Manuel ocupando o mais alto cargo na administração da Justiça, o de Regedor da Casa da Suplicação. Os Silvas teem pantheon no formoso convento de S. Marcos, entre Coimbra e Tentúgal. Ainda hoje os seus túmulos constituem a mais bela e variada colecção de monumentos de arte nêsse género existente em Portugal. O mosteiro de S. Marcos é um dos monumentos portugueses que mais memórias épicas exala.

Outro seu primo, e em grau egual ao Regedor da Casa da Suplicação, era D. Diogo da Silva e Menezes, 1.º conde de Portalegre, aio de D. Manuel e mais tarde seu escrivão da puridade. Sabe-se pela carta de la Faitada que um dos navios da armada pertencia ao conde de Portalegre e a alguns mercadores, e que êsse foi um dos quatro sossobrados pela grande tormenta entre o Brasil e o Cabo Tormentoso. Mais se conhece pela narrativa dos cronistas que Aires Gomes da Silva comandava um dos navios naufragados. Julgamos assim provável que uma e outra fossem a mesma nau e que Aires desempenhasse na expedição aquêle honroso cargo, ao serviço e por influência do seu ilustre primo, o valido do monarca.

De Aires Gomes sabe-se apenas desde que embarcou que durante a sua curta estada no

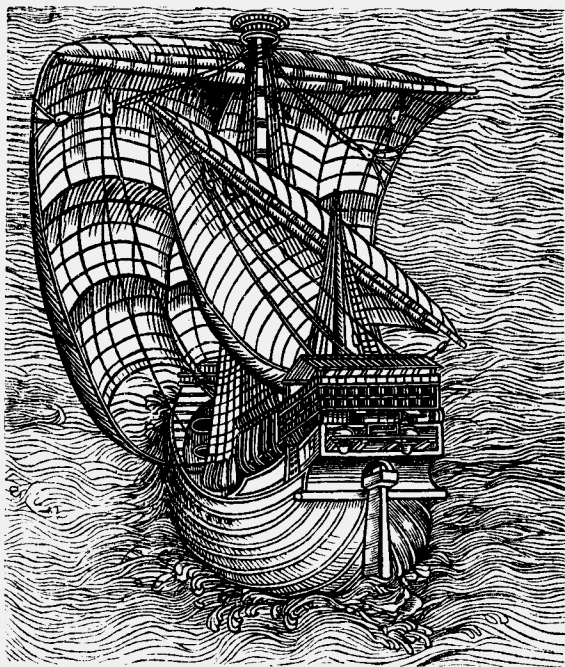
Brasil trouxe, como Cabral e Simão de Miranda, um dos naturais da terra por pagem algum tempo, sinal de que blazonava altas fidalguias (1). Pouco depois morria, como dissemos, durante a tormenta que assaltou a armada, a caminho do Cabo da Boa Esperança.

Mas, sendo de família tão ilustre, que pode bem hombrear com a de Pedro Alvares Cabral, senão de mais alta gerarquia, porque motivo referirá o palaciano João de Barros o seu, após o nome de Simão de Miranda? Porque êste Aires Gomes da Silva tinha quebra de bastardia na sua nobilíssima prosápia. Seu pai Pero da Silva era filho bastardo do grande João da Silva, o alferes-mór de D. João I (2).

Nicolau Coelho era, na bravura e esfôrço inquebrantáveis, digno da geração ilustre, de quem o poeta João Roiz de Sá, seu contemporâneo, em sua gesta heráldica, trovava:

---

(1) «porem não trouvemos esta noute aas naaos senom iiij (4) ou b (5), saber: o capitam moor dous e Simão de Miranda hum que trazia ja por paje e Ayres Gomes. outro, asy paje» *Carta de Caminha, Alguns documentos*, pag. 109.

(2) Colhemos os informes genealógicos do nobiliário manuscrito de Rangel de Macedo e do nobiliário igualmente manuscrito do abade de Purozelo, Biblioteca Municipal do Porto. Sôbre os Silvas veja-se tambem *O primeiro livro dos Brasõis*... de Brancamp Freire.

Casco de um navio de 1500

(Gravura de Dürer)

ref
lho
ca
Ga
do
gr
br
in
de
ma
an
ei-
a
de
ca
da
po
du
ce
ju
20

—

«Coelhos, tal perfeição
d'esforço e de opinião
sostem no que começarem,
que o coração lhes tirarem
não lhes tira o coração.» (1)

referindo-se, é bem de ver, áquele Pero Coelho, a quem D. Pedro, o Crú, mandou arrancar o coração. Em 1497, acompanha Vasco da Gama, comandando o *Bérrio* e sendo assim um dos descobridores da Índia. É êle que no regresso vem adiante anunciar a nova do descobrimento. Mal refeito dos perigos, fadigas e inclemências inúmeras da épica jornada, parte de novo, passado um escasso meio ano, na armada de Cabral. E em 1503, pouco mais dum ano volvido após o seu regresso a Portugal, ei-lo de novo a caminho da Índia, comandando a nau Faial, na armada de Afonso e Francisco de Albuquerque, enchendo as páginas das crónicas com as façanhas praticadas. De regresso da sua primeira viagem à Índia, D. Manuel, por carta de 24 de Fevereiro de 1500, isto é, duas semanas antes de embarcar de novo, concede-lhe 50:000 reais de tença, sendo 30:000 de juro e herdado para êle e seus sucessores e 20:000 «para enquanto fôr mercê de Sua Alte-

---

(1) *Cancioneiro Geral de Resende*, tomo III, pag. 211.

za» (1). Além disso concedeu-lhe que usasse por armas, em campo vermelho, um leão rompente de ouro (o leão dos Coelhos), entre duas colunas de prata, que assentam sôbre dois montes verdes e em cada uma um escudinho azul com as quinas de Portugal, e ao pé do escudo uma nau no mar: timbre meio leão de ouro, com uma das colunas na mão (2). De Nicolau Coelho conseguimos averiguar que era filho de Pedro Coelho, do qual Rui de Pina fala como tendo sido uma das pessoas principais que morreram no escalamento de Tanger. Além de Nicolau, teve um outro filho,—Gonçalo Coelho, do qual refere o Nobiliário «que dizem foy contador mor do Reyno, e delle não temos outra noticia» (3). Possivel é que seja êste o Gonçalo Coelho que comandou a expedição ao Brasil em 1503. Da carta de Pero Vaz de Caminha vê-se que Pedro Alvares tinha Nicolau Coelho na conta dum dos mais desembaraçados dentre os seus capitães. O mesmo Caminha, citando os nomes de capitães que rodeavam Cabral na scena da recepção dos primeiros indígenas, coloca Nicolau Coelho a seguir a Sancho de Tovar e Simão de Miranda, não se

---

(1) *Alguns documentos da T. do Tombo*, pag. 97.

(2) Vilas Boas, *Nobiliarquia Portuguesa*, título dos Coelhos.

(3) Nobiliário de Rangel de Macedo.

referindo então a Aires da Silva, o que prova a sua alta preeminência entre os capitães da armada. Em todas as viagens êle desempenha sempre algumas das missões mais arriscadas. Se, como alguns querem, o medalhão dos Jerónimos representa a sua imagem, Nicolau Coelho possuia uma rude face de fauno ou de tritão, respirando audácia e alegria bárbara. Devia ser de rijíssima têmpera o capitão navegador. Dir-se-ia possuido pelo encanto do Mar. Embarca infantigavelmente a cada armada. Quando regressa da India com Francisco de Albuquerque, a sua nau Faial sossobra e afunda-se com ela. A terra não era digna de comer o corpo daquele Homem.

O nome de Bartolomeu Dias ligou-se para sempre a uma das maiores datas na história do descobrimento do planeta. Dobrou o Cabo Tormentoso. Cantou-o um dos maiores génios da poesia universal. Precursor do Gama, Moisés daquela Terra de Promissão, fica na história com a figura dolorosa dos profetas que anunciam mas não chegam a ver o maravilhoso mundo das suas profecias. João de Barros, numa das suas belas páginas, fixou-o nessa atitude sofredora do herói, que não consegue realizar o seu destino, forçado pela inércia e incompreensão dos homens. «Chegados ao ilheo da Cruz, quando Bartholomeu Diaz se apartou do padrão, que ali assentou, foi com tanta dor

e sentimento, como se deixara um filho desterrado pera sempre, lembrando-lhe com quato perigo de sua pessoa e de toda aquella gente, de tão longe vierão somēte àquelle efecto pois lhe Deos não concedera o principal» (1). A marinhagem recusa-se a continuar; e como o seu regimento manda que nos casos graves consulte as principais pessoas que levava, e todos assentaram que se retroceda, Bartolomeu Dias mais remédio não tem que regressar (2). As lágrimas, que lhe custou então o apartar-se do padrão derradeiro, havia de chorá-las toda a vida, muito mais vendo com amargura em mãos alheias a palma, que ėle se conhecera capaz de conquistar.

É ėle que dirige a construção dos navios que pela vez primeira vão chegar à India. E quando o Gama parte, acompanha-o até a Mina, comandando um navio que ali vai fazer mercadoria. Depois segue com Cabral, e percebe-se pela carta de Caminha a confiança que ao capitão-mór merece a prática do velho navegante.

O senhor Henrique Lopes de Mendonça, a quem a vida e personalidade de Bartolomeu Dias mereceram estudo e investigações muito aturadas, não conseguiu ainda assim descobrir-

---

(1) Barros, *Decada I*, livro III, cap. IV.
(2) Idem, ibidem.

-lhe antecedentes genealógicos. Infundadas, pois, nos parecem as ascendências que lhe atribuem dalgum dos vários navegantes anteriores, que usavam do mesmo patronímico (1). Não era por

---

(1) «As genealogias, que consultei em grande numero, são mudas com respeito á familia do illustre navegador, cuja linhagem não se me afigura por extremo luzida. Effectivamente, o patronymico Dias, filho de Diogo, era por aquelles tempos communissimo em Portugal. É provavel que a ignorancia d'este facto induzisse Major e outros autores, sobretudo extrangeiros, a aparentarem o descobridor do Cabo da Boa Esperança com varios mareantes notaveis que o precederam nas explorações maritimas pela costa occidental de Africa.

«Abundam pelas paginas dos chronistas os que usam do mesmo patronymico. Occorrem-me os seguintes: João Dias, capitão de uma caravela na pequena frota de Lançarote que em 1444 fez presas na Bahia de Arguim; Diniz Dias (chamado tambem Diniz Fernandes por Barros), o mais illustre de todos, que em 1445 passou o Senegal e chegou ao Cabo Verde; Lourenço Dias, morador em Setubal, que fez parte de duas expedições subsequentes, a de Antão Gonçalves e a segunda de Lançarote, na qual apparece tambem um Vicente Dias como capitão de uma das caravelas pequenas. Não existem comtudo dados positivos que liguem genealogicamente qualquer d'elles a Bartholomeu Dias. Nem me parece muito provavel que se operasse no seculo XV a transformação do patronymico em appellido de familia.» Henrique Lopes de Mendonça, *Bartolomeu Dias e a rota da India*. Sôbre B. Dias veja-se ainda do mesmo autor: *Apontamentos sobre o piloto Pero de Alemquer* e *A unidade de pensamento no ciclo das Descobertas*.

certo de fidalguia excelsa a origem do grande marinheiro. E até mesmo Barros, quando, referindo-se-lhe, o apelida «cavaleiro da casa de El-Rei D. João II», se excedeu. Um documento, pouco depois da sua morte escrito, chama-lhe escudeiro mais simplesmente. Esse mesmo documento vem confirmar a asserção de Castanheda de que êle fôra nomeado recebedor da Casa da Mina (1). Com efeito exerce êsse cargo durante os anos de 1494 a 1497.

Presago, o Adamastor bradava ao Gama:

> «E da primeira armada que passagem
> Fizer por estas ondas insuffridas,
> Eu farey dimproviso tal castigo
> Que seja mor o dano que o perigo.
> Aqui espero tirar, se não me engano
> De quem me descobrio suma vingança,
> ....» (2)

«Quando a armada navegava entre o Brasil e o Cabo, veio um tufão tam forte e tam de súbito, conta o piloto da Relação anónima, que nesse mesmo instante se perderão quatro naus, com toda a sua marinhagem, sem se lhe poder

(1) H. L. de Mendonça, idem.

(2) Reprodução *fac-similada* da verdadeira 1.ª edição dos *Lusiadas*, de 1572, edição da Biblioteca Nacional, canto V, fólio 86, verso.

dar socôrro algum». Numa delas seguia Bartolomeu Dias como capitão. Tanto ou mais que Nicolau Coelho, o descobridor do Cabo Tormentoso merecia, na morte, o túmulo do Mar.

Diogo Dias, irmão de Bartolomeu Dias, entra igualmente na pleiade dos velhos navegantes. Acompanha o irmão no descobrimento do Cabo; segue com Vasco da Gama à Índia, como seu escrivão, na nau S. Gabriel; pertence ao número reduzido dos que vão com o Gama a terra; desembarca de novo como feitor, em Calecut; é preso, ameaçado de morte, e só a muito custo consegue reembarcar e regressar a Portugal. Pelo conhecimento da terra e manhas dos naturais estava naturalmente indicado para seguir de novo nesta armada. Mas, desgarrada a sua nau, após a tempestade que os assalta no caminho do Cabo da Boa Esperança, vai dar a Magadoxo, sendo o primeiro capitão português que viaja o Mar Vermelho. Depois de uma série de incidentes trágicos, que lhe reduziram a tripulação a sete pessoas, consegue chegar a Lisboa com as primeiras novas dos nomes e regiões que visitara.

Pertencia Simão de Pina igualmente a uma nobre família. Filho de Diogo de Pina, teve por avò Vasco Anes de Pina, a quem D. João I, em reconhecimento dos serviços prestados, deu a alcaidaria de Castelo de Vide. Dêste mesmo era igualmente neto Rui de Pina, o cronista e

negociador de Tordesilhas, por conseqüência muito próximo parente do capitão de uma das naus de Pedro Alvares Cabral (1).

Essa mesma nau pertence ao número das quatro que se afundam na tempestade ocorrida entre o Brasil e o Cabo da Bôa Esperança. Pelo que diz respeito a PERO DE ATAIDE, se todos os informes que as crónicas nos dão sôbre êle concorrem para crermos que era pessoa nobre, todavia os nobiliários, que consultámos, não identificam nenhum dos indivíduos dêsse nome, naquela época vulgar, com esta de que nos ocupamos ao presente. Sabemos que Pero de Ataide comandava um navio, que, segundo Barros, se chamava *S. Pedro*. Quási todas as fontes e cronistas referem que era um navio pequeno, podendo depreender-se de Vespúcio que tinha 70 toneladas. Com êsse navio e setenta homens de combate, entre os quais alguns nobres, como Duarte Pacheco, Vasco da Silveira e João de Sá, foi Pero de Ataide incumbido por Cabral da célebre acção da nau dos elefantes, que era tripulada por trezentos ou mais homens e que êle, não obstante, facilmente tomou, com grande pasmo do Samorim de Cale-

---

(1) Colhemos êstes informes genealógicos no nobiliário manuscrito de Manso de Lima, um dos mais autorizados e completos da Biblioteca Nacional.

cut e de quantos malabares presencearam a façanha. Regressado a Portugal, Pero de Ataide torna a embarcar, comandando a nau S. Paulo na armada do almirante D. Vasco da Gama, que em 1502 parte para a Índia. Ali chegado e já depois do Gama ter partido, acompanha a armada dos Sodrés a caminho do Estreito. Depois da morte dêste, fica comandando uma pequena armada até se juntar aos Albuquerques, continuando com igual denodo as proezas da primeira viagem.

Quando voltava com Francisco de Albuquerque para Portugal, perde-se-lhe a nau nos baixos de S. Lázaro, dos quais, a custo salvo, foi ter com alguns dos tripulantes a Moçambique, onde morreu neste ano de 1503. O *Livro das Armadas*, guiado apenas pela identidade do nome, refere-lhe êste desastre, como tendo acontecido na primeira viagem, o que vai contra o silêncio das fontes e a diversa referência dos cronistas. Isto mesmo basta para aferir do seu escasso valor documental.

De *Vasco de Ataíde* muito pouco sabemos. Barros, sempre o mais completo nas referências individuais, junta, ao enumerar os capitães, o seu nome ao de Pero de Ataide, o que parece indicar próximo parentesco. Quanto ao seu destino durante a viagem, as fontes divergem dos cronistas.

Estes incluem o nome de Vasco de Ataide no

número dos capitães que morreram durante a grande tempestade, entre o Brasil e o Cabo da Boa Esperança. Caminha, que viajava na capitaina e escrevia na ocasião em que estava em contacto diário com todos os comandantes, afirma que a nau de Vasco de Ataide desgarrou da armada por alturas de Cabo Verde. Ainda que os cronistas *una voce* atribuam o facto a nau de Luis Pires, não podem ainda assim invalidar o testemunho indesmentível de Caminha. Demais o engano explica-se. A carta de D. Manuel, dirigida após o regresso de Pedro Alvares aos reis de Castela, e a Relação do Piloto anónimo afirmam categoricamente que a nau desgarrada nunca mais apareceu. Logo Vasco de Ataide morreu durante a jornada. Sem essa mesma circunstância, não poderíamos pôr de acôrdo os factos com a informação, que nos dão as fontes, de serem seis as naus perdidas no decorrer da expedição. Por isso mesmo Castanheda, informando que a nau desgarrada regressou a Lisboa, se contradiz, ao afirmar de seguida igualmente serem seis as naus que se perderam. Barros e Gois e com êles os historiografos modernos continuaram a repetir o êrro de Castanheda, sem meditar na discordância que assim introduziam no relato da viagem. Todavia, não só o testemunho das duas fontes é irrefutável, como o numero das naus perdidas o torna necessário. Tendo, pois, Vasco de Ataide

morrido durante a viagem, compreende-se que os cronistas, induzidos naquele erro, justificassem por maneira diferente a sua morte.

A NUNO LEITÃO DA CUNHA chama Barros cavaleiro, mas não lhe conhecemos a origem. Não falam dele os vários nobiliários manuscritos que consultámos. Sabe-se apenas, pelo relato das cronicas, que, no desastre de Calecut conseguiu a custo salvar a vida ao filho de Aires Correa, — António Correa, então de 12 anos de idade e que mais tarde assombrou a Índia com as suas façanhas.

Diz Barros que a nau Anunciada era do seu comando, e Peragallo que ela pertencia a Bartolomeu Marchioni, associado a D. Alvaro (1). E' possivel, pois, que êle fosse criado da casa de Bragança.

Regressado a Portugal, exerceu, ainda segundo Barros, o importante cargo de almoxarife do armazem das armas.

Da origem ou fidalguia de GASPAR DE LEMOS nada conseguimos igualmente averiguar. Investigações especiais feitas na Tôrre do Tombo no sentido de descobrir algum documento que se lhe referisse, foram infrutiferas. Pelos cronistas sabemos que êle comandava o navio dos manti-

(1) *Cenni intorno alla colonia italiana in Portogallo*, 156.

mentos e que foi encarregado por Pedro Alvares de trazer a Portugal a notícia do descobrimento das terras de Santa Cruz. As fontes atribuem igualmente essa missão ao navio de mantimentos, mas nenhuma individúa o comandante.

Finalmente de Luís Pires afirmam os cronistas que, desgarrada a sua nau por alturas de Cabo Verde, regressou com ela a Portugal. Certificam-nos, ao contrário, as fontes que a nau desgarrada era do comando de Vasco de Ataíde e se perdeu. Como por outro lado foram quatro as naus perdidas durante a grande tempestade e dentre os quatro nomes dos respectivos capitães, mencionados pelas crónicas, há que eliminar o nome de Vasco de Ataíde, e, além disso, se conhece o destino de todos os outros capitães, conclui-se que a nau de Luís Pires foi uma das quatro sossobradas.

*

* *

Afóra os capitães das naus, ainda outra alta personagem.—Aires Correa, desempenhava na armada um elevado cargo,—o de feitor geral. Levava também o cargo de montar a feitoria em Calicut. Sabendo-se que a expedição visava principalmente fins comerciais, presume-se que Aires Correa era das figuras mais

gradas que seguiam na armada. Do largo fragmento de instruções dadas por D. Manuel a Pedro Alvares conclui-se a alta preeminência do seu cargo e a consideração especial que o monarca lhe votava. Não só levava regimentos à parte, para o estabelecimento da sua feitoria no Oriente, o que lhe concede junto do capitão-mór foros de independência, como D. Manuel expressamente ordena a Pedro Alvares que em todas as cousas não apontadas pelo seu regimento êle tome «sempre em tudo comsselho dos capitães e feytor...» O relato da viagem confirma a atenção especial que o capitão-mór concedia a Aires Correa. Tamanha era, que o levou a ceder da sua própria opinião em acontecimentos tam graves como os que determinaram a matannça dos portugueses e a morte de Aires Correa em Calecut.

As investigações que fizemos nos nobiliários mostram-nos que Aires Correia pertencia a famílias muito nobres. Era filho de Gonçalo Teixeira e por sua mãe descendia dos Correias, linhagem das mais altas em Portugal. Sabemos já que Simão de Miranda, um dos mais nobres capitães da armada, era seu genro. Acrescentaremos que seguia também na armada seu filho António Correia, que então contava 12 anos de idade, mas que ao diante foi um dos mais assinalados capitães do Oriente. A António Correia deu D. João III o apelido de Baharem,

da ilha do mesmo nome por êle conquistada, e além disso armas especiais em cujos quarteis figuram não só a cruz potenteia dos Teixeiras, como a águia negra dos Correias e Aguiares, descendentes de Pedro Pais Correia e por êle, de D. Payo Correia, o célebre mestre de Santiago (1).

Aires Correia, feitor da expedição de Pedro Álvares, deve ser o mesmo de que fala Castanheda, quando afirma que D. Manuel lhe comprou a nau de duzentos toneis, que levou os mantimentos na viagem do descobrimento, de Vasco da Gama. Esse facto supõe juntamente conhecimentos comerciais e náuticos, circunstância muito de molde a indicar o seu nome para o alto cargo que desempenhava.

*

* *

Dentre os mais preciosos auxiliares da expedição de Pedro Alvares avulta ainda o nome de *Gaspar da Índia* ou *da Gama*. Só há alguns

---

(1) Veja-se *Nobliarquia portuguesa* de Vilas Boas e o nobiliário manuscrito de Manso de Lima, na Biblioteca Nacional, e os dos abades de Purozelo e Esmeriz, na Municipal do Pôrto.

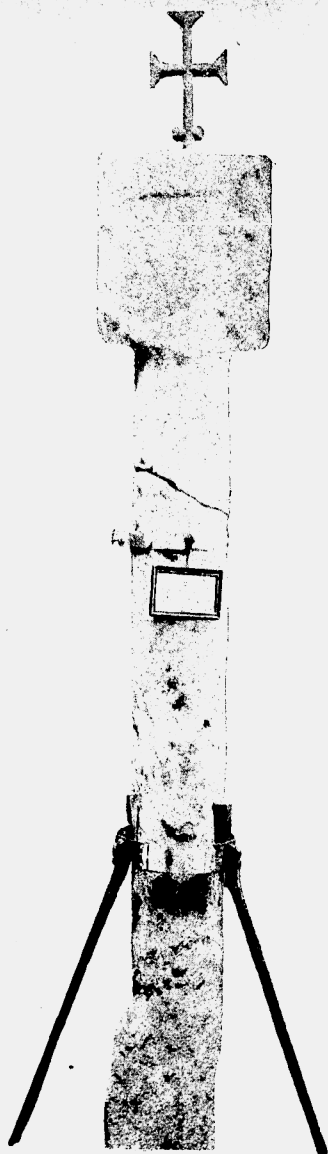
anos é possivel atribuir á sua personalidade a importância e relêvo devidos. Sumariamente as crónicas referem como no regresso do Gama da viagem de descobrimento à Índia, ao aportar em Angediva, fora preso um mouro que ao serviço do «Çabaio» procurava detê-los. Posto a tormento, confessou o homem os ruins propósitos com que ali viera; e, chegado ao reino e tomado no baptismo, sob o apadrinhamento de Dom Vasco, o nome de Gaspar da Gama, ficou ao serviço de D. Manuel. Só Damião de Gois, ainda que por forma igualmente sumária, atribui a Gaspar parte da importância, que, em verdade, teve nos primeiros anos da conquista da India.

Nenhum outro documento português e impresso do século XVI esclarece mais o seu papel nessa parte da história nacional. Vejamos o que se apura em Gois. Primeiramente diz êle que «era judeu natural do Regno de Polonia da cidade de Posna». E mais adeante acrescenta que Vasco da Gama sempre lhe «fez muita honrra e bom gasalhado, pelo achar homem, que tinha experiência de muitas cousas da Índia, e doutras províncias, e o trouxe a Lisboa, onde se fez Cristão, e lhe chamarão Gaspar da Gama, do qual se El Rei Dom Emanuel depois servio em muitos negócios na India, e o fez cavalleiro de sua casa, dando-lhe tenças, ordenados, e oficios de que se manteve toda sua

vida abastadamente.» (1) Daqui se depreende claramente que haviam de ter sido excepcionais os serviços prestados por Gaspar da India, posto que Damião de Gois os aponte por forma muito vaga. Alguns documentos ultimamente publicados permitem avaliar melhor êsses serviços. O primeiro dêles é a *Relação* de Leonardo da Chá Masser, agente veneziano, enviado a Lisboa, no princípio do século XVI, para se informar secretamente das navegações dos portugueses. Nesse longo relatório, cheio de informes preciosos sôbre as primeiras nove expedições à India e ainda sôbre o govêrno e pessoa de D. Manuel, Leonardo Masser, referindo-se a Gaspar da Índia, informa que sabia falar diversas línguas e era «pratichissimo di quelli paesi (da Índia)» e acrescenta «se chiamava in moresco Mamet, e se maridò in una donna portoghese nativa di questa cittá (Lisbôa); e have provision de questo Serenissmo Re de ducati 170 de intrada all'anno per suo viver, per aver dato lui tall'informazione dell'Índia, essendo stato ditto Gaspar delli anni trenta due da poi che parti del Caiaro per terra alla Mecha, e per molti altri lochi in quelle parti d'Índia.» (2)

---

(1) *Crónica del Rei Dom Emanuel*, primeira parte, capítulo XLIV.

(2) *Centenário do descobrimento da America*, memórias da comissão portuguesa, Carta de El Rei D. Manuel, apêndice, pag. 69.

Padrão dos Descobrimentos portugueses

tic
me
ma
su
pa
Po
da
da

D.
liz
os
In-
a
co
sa
ge

alt
de
es
pa
co
c
gu

e s

Ficamos, pois, sabendo que, a par da prática de muitas línguas, Gaspar conhecia largamente o Oriente pelas suas viagens. Estas mesmas informações se confirmam por uma carta sua dirigida a D. Manuel e datada, ao que parece, de Cochim, a 16 de Outubro de 1505. Por ela se vê que êle e um filho serviam, àquela data, os portugueses, como línguas, nas partes da India. (1)

Segundo êsse mesmo documento, o viso-rei D. Francisco d'Almeida empregava-o em fiscalizar, por intermédio dos mouros e naturais, os actos dos portugueses, em quantos portos da India êles estanceavam. Na carta, o judeu aponta a D. Manuel os nomes de vários portugueses como reus de desonestas traficâncias. Dela ressai todo o seu caráter de denunciador lisongeante, e espertalhão servil.

Da mesma epístola se depreende, todavia, a alta conta em que D. Lourenço e D. Francisco de Almeida tinham os seus préstimos. Foi ela escrita nas vésperas da partida de D. Lourenço para Ormuz. Quere o capitão levar Gaspar consigo na viagem. Êste. por doença, escusa-se e oferece-lhe seu filho Baltazar, «melhor linguoa que eu». Intervem então o viso-rei pedin-

(1) *Cartas de Affonso d'Albuquerque*, vol. II, pag. 371 e seg.

do-lhe que vá «porque soes lymguoa e conselho», instâncias e palavras, que dão bem o valôr dos seus conhecimentos.

Existe, além disto, na Chancelaria de D. Manuel, na Torre do Tombo, uma carta pela qual o monarca lhe faz mercê, desde o primeiro de Janeiro de 1504, da tença anual de 500:000 reais. Nessa carta diz o Rei, ao justificar essa mercê: «avendo nos respeyto ao muyto serviço que Gaspar da Gama nos tem feito no negocyo e trautos da India e esperamos delle ao deamte receber... (1) Para se avaliar da qualidade dêsse serviço, convém lembrar que a tença concedida a Gaspar da India é igual a que D. Manuel concedeu a Nicolau Coelho.

A discutida carta de Américo Vespucio, datada de Cabo Verde, a 4 de Junho de 1501, vem corroborar e desenvolver os principais dêstes informes, do mesmo passo autenticando-se com êles. Segundo ela, Américo encontrou-se ali com Gaspar, de quem aprende, alvoroçado, bastas notícias sôbre o Oriente, as quais constituem o principal motivo dessa carta. Escreve Américo: «che questi mi conto uno uomo degno di fede, che si chiamava Guaspare, che avea corso dal Cairo fino a una provincia che si domanda Molecca,

(1) Sousa Viterbo, *Trabalhos nauticos dos portuguezes*, vol. II, pag. 198.

(forse Malacca) la quale sta situata alla costa del mare Indico». E a seguir: «Ora mi resta a dire della costa, che va dallo stretto del Mare Persico verso el mare Indico, secondo che mi racontono, molti che funno nella detta armata; e massime il detto Guasparre, el quale sapeva dimolte lingue, e il nome di molti provincie e cittá». Continuando a esmiuçar os informes de Gaspar, acrescenta «Item mi disse ch'era stato in una altra Isola che si dice Stamatra (forse Sumatra), la qual é di tanta grandezza, come Ziban (Ceilão)...» (1). E mais adiante escreve ainda que Gaspar lhe falara das Molucas e doutras ilhas, cheias de riquezas. São os informes de Vespucio, que aliás tanto ajustam com os anteriores, aqueles que melhor patenteiam os motivos porque o Gama e D. Manuel protegeram com tamanha largueza Gaspar da India.

Diz Vignaud (2) que faltam os elementos para resolver definitivamente a questão da autenticidade da referida carta de Américo Vespúcio. Cremos que de ora em diante êles existem. Não só, já o vimos, a data da carta de Vespucio coincide com os informes da carta de Pizani, e o seu encontro com aquilo que o Piloto anónimo refere, como a personalidade de Gas-

(1) Vignaud, *Americ Vespuce*, pag. 405 a 407.
(2) Idem, 64.

par se conforma plenamente com o que as demais fontes nos revelam. A carta de Leonardo Masser só em 1846 saía dos arquivos secretos de Veneza para a publicidade que lhe dava o *Archivo Stórico Italiano* e não se pode crêr que Vaglienti, seu colecionador contemporaneo, ou alguem por êle podesse falsificar informações que tão extranha e largamente condizem com a realidade.

Quando muito o copista políu-lhe os barbarismos de linguagem. No mais considerâmo-la uma peça indispensável e do maior alcance para o processo definitivo da sua personalidade e obra.

ASSOCIADOS COMERCIAIS DO REI NA EXPEDIÇÃO. OS MARCHIONI DE FLORENÇA

Tanto os nossos cronistas de Quinhentos como os historiógrafos modernos ignoraram, omitiram ou menospresaram um facto que reveste uma alta importância para se compreender inteiramente o significado desta empresa, qual seja a compartecipação de dois fidalgos portugueses e de alguns mercadores estrangeiros, além do monarca, nos interêsses comerciais da expedição.

Uma das cartas de italianos, que mais informes presta sôbre a organização da armada e os acidentes da viagem, a de Zuan Francesco de la Faitada, escrita de Lisboa a 26 de Junho de 1901 e dirigida a Domenico Pisani, noticia que, dentre as naus e os navios, que seguiram para a India um dêles era «del signor don Alvaro, in compagnia de Bortolo fiorentino et Hieronimo et un genovese, l'altro del conte de Porta Alegra e de certi altri merchadanti assai.» Mais

ou menos individuados cinco dos parceiros da corôa nos interêsses da expedição, vejamos quem êles sejam e as razões tão fortes que podiam decidir o Rei a associá-los à primeira empresa mercantil com que rematavam e para a qual tenderam os esforços duma obra quási secular.

Dom Alvaro, assim chamado, sem apelido, apenas pelo nome do baptismo, à maneira dos filhos dos Infantes, era o quarto filho de D. Fernando, 2.º duque de Bragança e irmão de D. Fernando, o 3.º duque, justiçado pelo *Príncipe Perfeito*. Desempenhou D. Alvaro o cargo de regedor da Casa da Suplicação, cujo exercício começou em 1475, sendo nomeado, volvidos dois anos, chanceler-mór do reino. Acumula os dois cargos até 1483, ano em que para Castela se expatria, fugindo à justiça, que a seu irmão mais velho executara. Isso não impede que em 1485 seja condenado à morte e confiscação dos bens, por cúmplice e encobridor. Magnificamente aceite pelos Reis Católicos, passa naquele reino a ser senhor de Gelves, alcaide-mór de Sevilha e de Andujar, contador-mór e presidente de Castela. Falecido D. João II, cujo ódio só na morte cançou, apressa-se D. Manuel a escrever-lhe (1), em afável missiva, ordenando-lhe que regressasse ao Reino.

---

(1) V. a carta em Gois, *Chronica de D. Emanuel*, parte I, cap. XIII.

Restituido nos bens e acrescentado em honras, percebe-se da leitura das crónicas e documentos coetâneos que se torna um dos maiores validos e confidente do monarca, de quem era tio. Os reis de Castela cometem por essa data a D. Manuel a casar com D. Maria, a terceira das suas quatro filhas. Mas das quatro, confidencia Gois, «ha com que el-Rei Dom Emanuel mais desejava casar, foi ha Infante Dona Isabel, viuva do Principe D. Afonso, e por ter esta vontade se escusou do da Infante Dona Maria, por Dom Afonso da Silva, quando ho veo visitar da parte dos Reis,... e por vir ao fim que desejava, estando em Torres Vedras comunicou este negocio com Dom Alvaro, ho qual se lhe offereceo para ho nelle servir, e dali se foi a Castella mui bem acompanhado...» (1).

Tendo-lhe tratado o casamento com a primeira mulher, é ainda D. Alvaro quem recebe da Infanta D. Maria procuração passada em Granada, a 16 de Agosto de 1500, para em nome dela contrair matrimónio por palavras de presente com D. Manuel.

Acrescentemos que sua filha D. Beatriz de Vilhena, por iniciativa do Rei, se casou com Dom Jorge, Duque de Coimbra, e filho bastardo de D. João II, «e has vodas se feseram

(1) Obra citada, cap. XXII.

em Lisboa, acrescenta Gois, sendo presentes el Rei, e a Rainha dona Leanor sua irmam, que criara a dita donna Beatriz em sua casa, des no tempo del Rei dom Joam seu marido e lhe queria tanto como se fora sua filha...» (1).

Membro da família real, em cujo favor vivia, propiciador dos casamentos régios, mantendo com o monarca estreita intimidade, compreende-se que o Rei lhe fizesse a elevada mercê de o associar na expedição, quando mais não fôsse por lhe pagar os serviços tão melindrosos que prestara (2).

Não menos se compreende que igualmente associasse na empresa o conde de Portalegre. Foi D. Diogo da Silva de Menezes o aio que o criou e educou e mais tarde, durante o seu reinado e até morrer, seu escrivão da puridade e vedor da fazenda. Bastas vezes as crónicas dos dois reis anteriores se lhe referem, mencionando façanhas bélicas de grande capitão. Serviu nas guerras de Castela e África, tendo ficado prisioneiro em Tanger, a quando o seu terceiro escalamento (3). Mas, mais que noutro feito, se distinguiu na conquista das Canárias, começada

---

(1) Obra citada, parte I, cap. XLV.

(2) Sôbre D. Alvaro veja-se *Livro I dos Brazõis* de Brancamp Freire.

(3) Rui de Pina, *Chronica de D. Affonso V*, cap. CLIII.

em 1466, e onde tomou duas fortalezas e se agüentou por alguns anos até que foi mandado recolher ao reino. Após os pleitos com Castela sôbre a posse do arquipélago, ficou ainda assim como senhor das ilhas de Lançarote e Forte, cujo senhorio continuou por algum tempo nos Silvas de Menezes (1).

Subido ao trono, refere Gois que um dos primeiros actos de D. Manuel foi elevar a conde de Portalegre o seu velho aio (2). A cada passo da leitura da *Crónica de D. Manuel* se depreende a alta conta em que o monarca o tinha. Na Torre do Tombo, diversas cartas de mercê a D. Diogo se conservam, em que o monarca, mencionando os serviços do seu aio, lhe patenteia funda gratidão (3). Numa delas, o Rei, depois de referir-lhe extremadas façanhas, acrescenta: «...e consirando isso mesmo como des o tempo da nosa mocidade, em que per sua linhagem, grandes vertudes e desperiçam nos foy dado por ayo, no qual careguo elle nos tem muyto servido, *com tanto amor, boom comselho e lealdade quanto em algũn muyto fiell amyguo e servidor se podese achar*; e isto asy nos

(1) Barros, *Decada I*, livro I, cap. XII e George Glas, *The History of the discovery and conquest of the Canary Islands*.

(2) Idem, parte I, cap. XIV.

(3) Chancelaria de D. Manoel, Livro 31.

ditos Regnnos de Castella. onde amdamos por comprir a paz e aseseguo destes Regnnos, como depoys que nelles fomos atee ora na guovernança que teve de nosa casa e terras, *asy nas cousas que neste meo tempo vieram que ha nosa pesoa e estado tocasem...*». Como se vê, o documento é duma rara eloqüência, e infere-se das últimas palavras dêste passo que seu aio, sôbre te-lo criado com amor, lhe defendeu por certo, contra D. João II e ao lado da Rainha, os direitos à coroa. Razões nos sobram para crer que a Rainha D. Leonor, sua irmã, e D. Diogo, seu aio, foram durante os primeiros anos do reinado os seus mais directos conselheiros (1). Assim temos que D. Manuel associava na grande empresa os dois validos talvez mais próximos e íntimos. Dos primeiros dois fidalgos que iam usufruir da vasta empresa comercial da India, a qual D. João II com tamanho esfôrço preparara, um era seu inimigo declarado e o outro pelo menos contrariador oculto no grave lance da sucessão do trono.

Se as razões que aduzimos explicam a intromissão dos dois validos, mais, por elas mesmas, estranho nos semelha que à empresa se ajuntassem estrangeiros. Quem seriam o «Bartolo fiorentino», o «Hieronimo» e o «genovese»,

---

(1) Vidè *Relação de Lunardo Masser.*

que nos surgem ao lado de D. Alvaro, como armadores duma das naus?

Segundo la Faitada, foi essa também a que primeiro, da armada de Cabral, a Lisboa chegou.

Todavia, referindo-se a essa mesma embarcação, a carta de Pisani (1) diverge das informações do cremonês: «Questa nave intrata in porto é la nave et el cargo de Bartolo Fiorentino». A crermos, pois, Pisani, pelo menos a parte principal na associação cabia a êste. ¿Como se compreende que D. Manuel consentisse numa expedição que tinha um aspecto de solene embaixada para fins de posse e de comércio, a intrusão dum ou de mais estrangeiros? ¿Que espécie de homem seria êste *Bartolo Fiorentino* a quem se concedia tamanha honra?

Lendo as crónicas quinhentistas depara-se--nos um Bartolomeu Florentim, por esta forma nomeado, e em circunstâncias tais que não podemos deixar de o identificar com aquêle. Surge-nos pela primeira vez o seu nome na *Verdadeira informaçam das Terras do Preste Joam das Indias* do Padre Francisco Alvares, cuja primeira edição é de 1540, e a seguir em

(1) *Diarii* di Marino Sanuto, tomo IV. E. do Canto fez uma pequena edição desta carta. Vem egualmente na *Raccolta colombiana*.

Castanheda. Como as notícias deste por vezes confirmam e esclarecem as da *Verdadeira informaçam*, começaremos por transcrever do último.

Quando, em 1487, D. João II resolve, logo após a partida de Bartolomeu Dias, enviar por terra Pero da Covilhã e Afonso de Paiva à Índia e à Etiópia «para sua despeza lhes deu el Rey quatrocentos cruzados da arca das despezas da orta Dalmeirim; e tomando deles o que podessem gastar foy posto o resto *no banco de Bertolameu florentim*, e assi lhes deu el Rey uma carta de crença para serem socorridos em perigo ou necessidade em quaisquer reynos que se acharem...» (1). O Padre Álvares acrescenta que D. João II encomendou a Pero da Covilhã o feito de descobrir donde vinha a canela e as outras especiarias «*em grande segredo*» e que aos dois «lhes derã hũa carta de marear tirada de Mapamundo e que foram aho fazer desta carta ho licẽçiado Calçadilha q̃ he bispo de Vizeu, e o doutor mestre moyses a este tempo judeo e que fora feita esta carta em casa de Pero d'Alcaçova.» (2). Pero da Covilhã e Afonso de Paiva, continua Castanheda, «forão ambos despachados em Santarem, aos

---

(1) Castanheda, *Conquista da India*, livro I, cap. I.
(2) Alvares, *Verdareira informaçam*, folio 91.

sete dias de Mayo de 1487, *per ante el Rey Dom Manuel que então era duque de Beja...*» Chegados os dois viajantes a Barcelona, «lhes cambarão ho cambo pera Napoles a que chegarão dia de S. João e sendo-lhes dado seu caimbo pelos filhos de Cosmo de Medicis forão ter a Rodes...» Um dêles, Pero da Covilhã, consegue chegar à India e visitar Calecut, Goa, Ormuz e depois Solala na África Oriental.

D. João II para obter êsses informes teve que lhes mandar novos emissários.

Averiguado temos, pois, que um grande banqueiro florentino, com vastas relações em quási todas as nações mediterrâneas, auxilia D. João II no seu vastíssimo e secreto plano dos descobrimentos. Um outro florentino, o mais preeminente dos seus concidadãos durante aquele século, auxiliava indirectamente o monarca português. Conforme trasladamos atrás, os Medicis *deram seu caimbo* a Pero da Covilhã e Afonso de Paiva. Àquele tempo o representante dos Medicis, neto de Cosme I, e não filho, — como diz Castanheda, era Lourenço de Medicis, o mais culto e brilhante de todos os chefes políticos da Renascença. Seu pai morrera, havia muito, e o irmão Juliano fôra assassinado em 1478. Muito provavelmente o banqueiro Bartolomeu serviria de intermediário entre o Rei e o florentino. Portugal e Florença, que desde D. João I colabo-

ravam em negócios marítimos e comerciais (1), aparecem de novo auxiliando-se, com a aproximação dos dois mais eminentes vultos de toda a sua história política, — o *Príncipe Perfeito*, e Lourenço, o *Magnífico*.

Começa a compreender-se que um estrangeiro que prestou tão proveitoso auxílio no descobrimento da India, por terra, apareça agora usufruindo os primeiros frutos dessa empresa. Mas não param por aqui as elucidativas referências dos cronistas. Quando João da Nova parte com uma armada para a India, ainda antes do regresso de Pedro Alvares, uma das naus vai capitaneada por Fernão Vinet, florentino, empregado de «Bartolomeu Marchioni, florentino», senhor do navio, «mercador muito rico, residente na cidade de Lisboa», informa Gois (2) e «o mais principal em substância de fasenda que ella naquelle tempo tinha feito», acrescenta Barros (3), isto é o mercador mais rico e que, em Lisboa, mais tinha prosperado àquele tempo. Barros vai mais longe nas informações, e diz-nos que João da Nova deixou em Cananor dois feitores e um deles «era hum

---

(1) Giuseppe Canestrini, *Memoria intorno alle relazioni commerciali dei Fiorentini col Portoghesi*, tomo XXIII do *Archivio storico italiano*.

(2) Obra citada, parte I, cap. LXIII.

(3) *Decada* I, livro V, cap. X.

feitor de Bartholomeu Florentim, que o capitão Fernão Vinet do seu navio pelo mesmo modo deixava ali feitorisando...» (1) O banqueiro e mercador Bartolomeu cresce de importância: envia uma nau comandada por empregado seu e deixa feitor proprio na feitoria, em Cananor. Por outro lado Barros chama-lhe, como Castanheda, Bartolomeu florentino. Cremos inútil dispender razões para identificar o banqueiro que auxiliava D. João II e o mercador tão importante, que enviava nau e feitor próprio na armada de João da Nova, com o *Bartolo Fiorentino* das cartas de Afaitaidi e de Pisani, senhor duma das naus e parte da carga que viajava sob o comando-mór de Pedro Álvares.

Continuemos a dar ainda assim a palavra aos cronistas. Gaspar Correia, a propósito desta mesma armada de João da Nova, fala também de Bartolomeu Florentim. Dado o necessário desconto ao devanear de Correia, não deixa de ser curioso transcrever o que refere: «Sobre o que logo El Rey moveo contractos com mercadores riquos, estantes de muito tempo em Lisboa que antre si fiserão armador a um Bertholameu Florentym, homem de grossa fazenda... que esperavam muyto mais proveito que da Flandres, nem outras

(1) Obra citada.

muytas partes em que tractavam por todo ponente e levante...» (1) A crermos, pois, nesta passagem, Bartolomeu Florentim foi arvorado desde o começo em representante dos mercadores estrangeiros em Lisboa para o comércio directo com a India. Seja como fôr, na armada que a seguir partiu sob o comando do Gama lá ia a nau S. Tiago dos Marchioni, conforme se depreende duma carta de quitação de D. Manuel, por Sousa Viterbo publicada (2).

Da armada de Afonso de Albuquerque que partiu em 1503, sabemos que fazia parte uma nau armada «por conta dos Marchiones de Lisbôa», conforme escreveu João de Empoli, florentino, que ia por feitor da dita nau (3).

Acabaremos por agora as citações dos cronistas, acrescentando apenas que essas viagens se repetiram, voltando João de Empoli à Índia mais que uma vez como capitão de nau, e tendo um dos próprios Marchioni, Pedro Paulo, filho de Bartolomeu, embarcado em nau sua para a Índia, em 1520, na armada que Jorge de Brito capitaneava (4).

---

(1) *Lendas*, p. 254.

(2) *O Economista*, 24 d'outubro de 1884.

(3) *Viagem às Indias Orientais*, por João do Empoli, an *Collecção de noticias para a H. e G. das P. Ultramarinas*, tomo II.

(4) Barros, *Decadas* II e III, *passim*.

Estátua orante de D. Manuel, no pórtico axial dos Jerónimos

O
rènc
diçõ
tant
cart
bo
1507
a c
dia
vem
Esta
fere
tino
faus

D
já v
por
dá
do
estr
sos
nos
Jero
geir

(1)
(2)
Arte
(3)

Omitem, é certo, os cronistas qualquer referência à participação dos Marchioni nas expedições que seguem à de João da Nova, mas, tanto como os documentos já citados, as duas cartas de quitação, existentes na Tôrre do Tombo e publicadas por Viterbo (1), dos anos de 1507 e 1514 provam que as suas relações com a coroa e interferência nos negócios da Índia ganham de intensidade. Não só êles servem de banqueiros ao Rei e negocceiam com o Estado em navios e mercadorias, como se infere doutras fontes que os armazens do florentino davam o principal fornecimento para os faustosos presentes aos potentados indianos (2).

Documentos anteriores veem mostrar-nos que já vinha de traz êste favor da coroa. Quando, por carta de 21 de Agosto de 1498, D. Manuel dá a primazia, no carregamento e exportação do açúcar da Madeira, aos nacionais sôbre os estrangeiros, ressalva: «...hos mercadores nossos naturais, no comto dos quais queremos e nos apraz que caybam Bertolameu Frorentim e Jeronimo Sernige; e antam entraram os extrangeiros» (3). Mais significativa, porventura, do

(1) Barros, *Decadas, II e III, passim.*

(2) S. Viterbo. *Notas ao Catálogo da Exposição de Arte Ornamental.*

(3) Frutuoso, *Saudades da terra,* 585.

que esta, é a concessão de explorar directamente o oiro da Mina (1), sabido como severíssimas disposições proibiam o acesso de estrangeiros à costa da Guiné.

Êstes factos apenas se podem explicar por uma grande troca de serviços e comunhão de interêsses entre a coroa e o Marchioni. Ao passo que se lêem as crónicas e os documentos, cresce-lhe a figura. A esfera da sua acção dilata-se. E, só meditando no papel que êsse homem desempenha nessa época da história nacional, se poderá compreender inteiramente esta alusão de Albuquerque numa carta ao Rei: «.. e não vos vejo feytor na India que vos saiba mandar um avyso destas cousas, porque vejo cadano nas cartas de vosaltesa falar-me neste feito como cousa nova que mamdaes apalpar e de que nem temdes nenhua emformaçam nem aviso: e eu, senhor, nam mespanto diso, *porque não ha de emtender pedr'omem tanto na mercadaria como bertolameu*» (2). Mais explícita a passagem duma outra carta sua a Duarte Galvão: «... lá tenho escrito a El Rei que creia mais no escritório de Bartolomeu com Lionardo soo, que em quantas feitorias e quantos fei-

(1) *Diarii di Marino Sanuto*, vol. IV, col. 621, cit. em Peragallo, *Cenni intorno alla colonia italiana.*

(2) Afonso de Albuquerque, *Cartas*, tomo I, 274.

tores que tem na India» (1). Êste Leonardo a quem o Albuquerque se refere é Leonardo Nardi, agente comercial de Marchioni na Índia (2).

O banqueiro e mercador assume agora a importância não só dum tipo perfeito de homem de negócios, como dum inspirador e director técnico na parte comercial da empresa da Índia. E bem o podemos desde já considerar uma das mais curiosas personagens da nossa história dos descobrimentos, digno de desempenhar perante o comércio cosmopolita de Lisboa a função que lhe atribui Gaspar Correia.

Identificado o Bartolo, vejamos quem fosse o Hieronimo da carta de la Faitada. Outro não pode ser que o Jerónimo Sernige, a que se refere a carta de D. Manuel sôbre a exportação do açúcar, acima referida. Além dessa concessão, mais sabemos que êle usufruiu igualmente da regalia excepcional de enviar navios à Guiné (3). Era Sernige gentilhomem florentino de há muito estabelecido em Lisboa. Quando o Gama regressa da Índia, Sernige, entusias-

---

(1) Obra citada, vol. I, 104.

(2) Veja-se a memória de Peragallo, *Cenni intorno alla colonia italiana in Portugallo nei secoli* XIV, XV e XVI, 2.ª ed., 114.

(3) *Raccolta Colomb.*, parte III, vol. II, 82.

mado, dá logo a nova para Florença, em carta, já várias vezes publicada (1).

Da sua identificação com a obra nacional dos descobrimentos pode avaliar-se, sabendo-se que em 1511 D. Manuel lhe concedia o título e privilégios de cidadão de Lisboa, motivando a concessão por forma mui particular: «Havendo nós respecto *aos serviços que temos recebido e ao deante esperamos receber* de Geronymo Cerniche, Frolentim, morador estante nesta nossa... cidade de Lisbôa... temos por bem e o fazemos cidadão da dita cidade... e lhe seram guardados seus privilégios, franquesas, honras, liberdades tam enteiramente, como os ditos cidadãos e com as premynencias que eles teem e devem teeer... e Nos praz que o dito Geronimo Cerniche entre nos pelouros e regimento da camara da dita cidade pela propria maneira que costumam fazer os ditos cidadãos», etc. (2).

Quanto ao genovês, a que se refere la Faittada, crê Peragallo que fôsse António Salvago, duma importante família genovesa dêsse apelido que em Lisboa exercia o comércio desde longa data (3).

---

(1) *Raccolta*, parte III, vol. II, 113, *Ramusio*, vol. I, fol. 119 e seg.

(2) Viterbo, *A livraria real no reinado de D. Manuel*, 72.

(3) Obra citada, pág. 104 e 148.

Pelas regalias aos dois primeiros concedidas, percebe-se que haviam de prestar a D. Manuel altos serviços. Peragallo crê até que a célebre Bíblia dos Jerónimos fôsse oferecida ao Rei pelos dois ricos mercadores (1), o que mais faz supor as boas relações entre os três existentes.

Não obstante, por muito valor que se atribua aos serviços prestados por Bartolomeu Marchioni a D. João II e a D. Manuel nos primeiros anos do seu reinado, não deixa de parecer estranho que um estrangeiro gosasse de tamanho favor da coroa, que lhe permita desde a primeira expedição de carácter comercial enviar por conta própria nau sôbre nau, a cada armada. Esta continuidade na regalia faz-nos supór que existisse qualquer contracto entre o rei e o rico florentino, apenas explicável por altos serviços continuados a prestar ao monarca pelos Marchioni.

Sabemos pela memória citada de Canestrini que os Marchioni, além das suas relações com as nações mediterrâneas, eram associados a outros ricos mercadores florentinos, os Frescobaldi e Gualterotti de Bruges e outros que mais tarde haviam de espalhar os produtos do Oriente na Flandres e nas restantes nações do norte da Europa. Isso explica até certo ponto o favor

---

(1) *La Biblia dos Jerónimos.*

concedido pela coroa, que inteligentemente procurava à sua espantosa empresa comercial todos os meios de expansão. Ainda quando não existissem provas dessa política, era inteiramente lícito supô-la. Mas a mesma preciosa carta do veneziano Pisani refere que o rei o convidara a escrever a Senhoria de Veneza, aconselhando-a a mandar a Lisboa os seus navios, a carregar especiarias, pois lhes faria bons recebimentos e se poderiam julgar em casa sua (1).

Todavia, a continuada série de atenções e favores e a primazia, a Bartolomeu concedidos, não podem, a nosso ver, explicar se apenas pela função comercial de intermediário com os mercados europeus. Já nesse tempo pululavam em Lisboa, os mercadores estrangeiros, tantos dos quais poderiam exercer essa função; e muitos outros acorriam aos lucros da especiaria.

Que outros serviços, pois, poderiam prestar os Marchioni? A *Relação* de Lionardo da Chá Masser auxilia a esclarecer êste mistério. Ao dia seguinte da sua chegada a Lisboa, o agente veneziano que nos vinha espionar, é preso e levado à presença de D. Manuel. Este, depois

(1) «...et diseme dovesse scriver a vostra serenita, lhe mandi da me avanti le galie a levar specie de qui, a de qual faria buona ciera, et poriano judicar esser in caxa sua...»

de largamente o interrogar sôbre os propósitos que o levavam a Portugal, manda-o encerrar numa prisão, onde fica incomunicável. Depois de por três ou quatro vezes ser novamente interrogado, como ele se mantivesse nas primeiras afirmações, manda D. Manuel restitui-lo a liberdade. Concluiu o veneziano que alguem lhe fazia oposição e informara o rei dos seus propósitos. Trata logo de averiguar.

«Et io liberato che fui volsi diligentemente inquerire et intendere quali fussino stati quelli che mi fecero tale oposizione; et intesi da piu persone degne di fede, li quali me dissero che già un mese inanzi el mio zonzer de li fu significato a Sua Altezza da Venezia da uno Benetto Tondo Fiorentino (nevodo de Bortolamio Fiorentino, el quale fa grandissime facende nella città de Lisbona), che el veniva uno ad instanzia della Signoria de Venezia, e del Gran Soldano, per veder et intender quelle cose de quel viaggio d'India nel suo regno, e che la Signoria de Venezia mandava due nave carghe d'artellarie al Gran Soldano per devedere a Sua Altezza il navegar loro.» (1)

Temos assim que Bartolomeu florentino informava o Rei por intermédio dum sobrinho

---

(1) *O centenário do descobrimento da América*, Relação, 87.

seu (1), que em Veneza vigiava, não só da partida dum agente secreto ao serviço da Senhoria e do Soldão, mas ainda dos auxílios que aquela prestava a êste para impedir o domínio português nos mares da Índia. Informações de factos tão graves, que em Veneza se deviam ocultar o mais possível, dada a política de aparente amizade seguida com Portugal, não se podem atribuir a mero acaso, mas antes a um serviço adrede organizado. Por muito difícil que seja documentar um facto desta natureza, este passo da carta de Chá Masser não nos parece de molde a deixar dúvidas. Que o rei se servia de florentinos em casos mais ou menos semelhantes, prova-o ainda um outro facto. Quando Américo Vespúcio volta da sua segunda viagem depois de ter aportado ao norte da América do Sul, D. Manuel a quem interessaria conhecer os resultados dessa e da anterior viagem, manda-o cometer a Sevilha para que se passe ao seu serviço. Como Américo recuse, D. Manuel envia para o convencer, Juliano, filho de Bartolomeu del Giocondo, que então estava em Lisboa e que emfim o consegue trazer consigo. O próprio Vespúcio narra

---

(1) Deve tratar-se de Benedello Morelli Marchioni, que viveu tambem em Lisboa e entrou no comércio da Índia. Veja-se Peragallo.

estas particularidades na terceira das suas cartas sôbre as navegações na América. Se êste Juliano del Giocondo, pertencente a uma nobre família florentina, estava em Lisboa de passagem, como se depreende dos dizeres de Vespúcio, não será aventuroso presumir que mais uma vez o riquíssimo banqueiro e armador Bartolomeu Marchioni prestasse um serviço à corôa portuguesa, espiando por intermédio de associados ou serventuários as muitas novidades de Sevilha e conseguindo-lhe o intermediário eloquente, que trouxesse Vespúcio a Portugal. Esta série de razões explicam inteiramente que D. Manuel associasse o estranho mercador à empresa mercantil da Índia. Basta para isso reflectirmos em que o auxílio dos mercadores estrangeiros havia de ser utilíssimo aos vastos serviços de espionagem mantidos pela corôa.

Elas convencem-nos até que Bartolomeu Marchioni tinha real direito a ser associado. A tantos títulos, verdadeiro representante do comércio cosmopolita, êle auxiliava, nessa qualidade, com elevada compreensão a empresa portuguesa dos descobrimentos.

Não sem profundas razões nos aparecem associados nesta emprêsa um genovês e os florentinos. Desde D. Denís que Génova colabora comnosco, sendo genoveses que nos organizam a marinha nesse tempo. É em 1317 que o rei

trovador investe o genovês Emmanuele Passano, tronco dos Pessanhas, no cargo de almirante da marinha nacional, com a obrigação de ter sempre sob as suas ordens outros vinte capitães genoveses. Lembremos que a primeira tentativa de chegar à Índia pelo Atlântico, a do genovês Ugolino Vivaldi, que partiu de Génova com esse fim, sem que se tornasse mais a saber dele, data de 1291; e que já nessa época em Lisbôa existia uma familia genovesa com o mesmo apelído, gosando de particular consideração junto da corte. Crê Peragallo que um e outra ao mesmo tronco pertencessem (1).

Da leitura das crónicas conclui-se que até ao tempo de D. Afonso V predominaram em Lisbôa os genovezes dentre os demais italianos. Mais que um navegador de Génova auxilia o Infante nos descobrimentos e desde logo os vemos exercendo a sua actividade nas ilhas recentemente descobertas, como os Doria e Lomellino na Madeira, Casana nos Açores e Antonio Noli, a quem foi concedida, em paga de extremados serviços, o senhorio da Ilha de S. Tiago de Cabo Verde. E, se mais tarde encontramos uma percentagem maior de florentinos participando e usufruindo da nossa empresa, temos de buscar igualmente as razões desse

---

(1) Obra citada, pag. 169, 170, 175 e seg.

facto em época anterior. Datam do reinado de D. João I as relações estreitas entre Lisboa e Florença. Em 1429 Luca degli Albizzi, capitão das galeras florentinas do Occidente, vem a Lisboa pedir ao Rei para os mercadores e navios florentinos os mesmos privilégios a outros italianos concedidos. Pedro Gonçalves, o vedor da fazenda, visita o capitão da esquadra florentina e assenta com êle a concessão, o que a República agradece em carta nesse mesmo ano (1). Já antes desta data nós importávamos o trigo da Toscana, além dos seus estofos. Mas desde então crescem muito as mútuas relações.

O Infante D. Pedro depositava dinheiros em Florença e existem documentos de créditos seus sôbre o *Monte comune* e das longas negociações dos seus herdeiros para os rehaver (2). Ao que parece a dinastia de Avis tinha nessa época ali por agente e banqueiro a Francisco di Nicoló Cambini, em casa do qual falecia em 1459 o cardeal D. Jaime, filho de D. Pedro.

No tempo de D. Afonso V mais do que nunca se estreitaram essas relações. Não só êle participava à República as suas sucessivas conquistas na África e esta sucessivamente o felicitava,

(1) Canestrini, idem, 98 e 99.
(2) Canestrini, idem.

como Lourenço, o *Magnífico*, emprestava somas importantes ao mesmo Rei. Numa carta a D. Afonso V, em 1456, a República de Florença confessa a sua gratidão pela inegualável hospitalidade concedida aos seus mercadores «...mercatores nostros, quorum vox et sententia est et vulgata fama: nullis in mundi partibus, hospitalius, benignius, carius recipi et tractari quam in regno et quam a clemencia Vestrae Majestatis...» Do *Livro Vermelho* de D. Afonso V se depreende tambem que eram os florentinos dos extrangeiros, que mais negociavam e pululavam em Lisboa.

Em tempos de D. João II e D. Manuel a percentagem cresce. Fazendo a destrinça de tôdas as famílias de origem italiana que habitavam então aqui, segundo o citado livro de Peragallo, concluimos que mais de metade eram de Florença. O mesmo escritor afirma: «Nella storia delle esplorazioni commerciali in India aperte alla attività europea dalle navigazioni portoghese, nessun popolo spiegó tanta iniziativa avedutezza ed energia, quanto i cittadini i più illustri di Firenze...» (1) Contam-se, na verdade, por dezenas as famílias de florentinos que naquela época vivem e trabalham em Portugal.

Assim melhor se compreende que o sábio

(1) Obra citada 149.

florentino Toscanelli, em cartas a um cónego de Lisboa propusesse novas rotas aos descobrimentos portugueses; que os Marchioni com tamanho zêlo nos servissem; e que os Vespúcio, Empòli, Vinet, Buonagrazia, Corsali, Strozzi, Verdi e tantos outros dessa mesma nação viajassem a bordo das nossas naus. Mais que uma aliança de estados, existiu entre as duas cidades uma aliança de tendências, aptidões e esfôrço civilizador. A Florença, a cidade mais culta dessa época e à qual a actividade bancária em toda a Europa dava uma compreensão mais vasta do comércio, estava naturalmente destinado auxiliar a empresa dos descobrimentos. De alguma forma se havia de aliar a cidade que melhor definiu o pensamento da Renascença àquela que mais encarnou êsse espírito em acção. Não é por mero acaso que os nomes de Pedro Alvares Cabral e Bartolomeu Florentino aparecem juntos na história. A nossa primeira expedição comercial à Índia representa o têrmo para que convergem tantos esforços e acontecimentos na aparência obscuros de Portugal e da Europa e os três italianos a parte mais alta do comércio europeu, atestando com a sua presença o altíssimo interêsse cosmopolita da emprêsa.

DUARTE PACHECO E AS ANTERIORES VIAGENS AO CONTINENTE AMERICANO

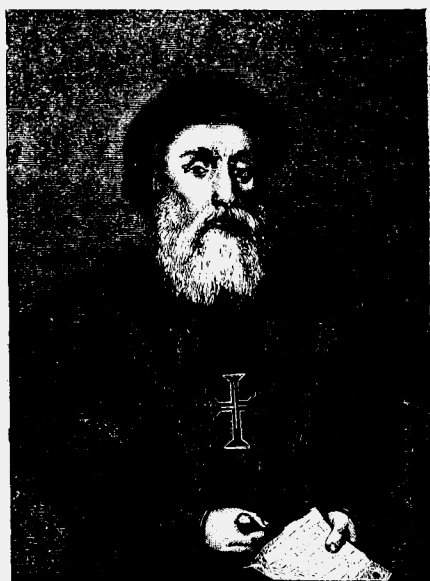
Dentre as pessoas, cuja participação na armada pode dalguma sorte esclarecer os seus objectivos, falta-nos apenas referir a Duarte Pacheco. Propositadamente guardamos essa referência para o fim, pois a presença do grande capitão navegador a bordo, sem que os cronistas lhe refiram qualquer função, afigurando-se-nos de princípio singularmente misteriosa, acaba não só por se tornar lógica mas necessária para a perfeita compreensão da viagem de Cabral.

Ombreando em nobreza com alguns dos capitães da armada, Duarte Pacheco excedia-os a todos em sabedoria e ânimo. Pertencia à mesma leal nobreza dos Cabrais, Mirandas de Azevedo, Silvas, Pinas, que auxiliaram o Mestre de Aviz, a firmar a independência portuguesa na grande crise nacional do século XIV.

João de Barros, tão escrupuloso, como vimos, no atribuír dos titulos heráldicos, ao enumerar os capitães da expedição dos Albuquerques, que em 1503 foi para a India, logo diz: «Duarte Pacheco Pereira, filho de João Pacheco», o que, já sabemos, na pena do cronista palaciano, vale uma carta de nobreza.

De todos os capitães da armada, póde em nobrêsa emparelhar-se a Aires Gomes da Silva, pois ambos descendiam de troncos nobilíssimos e tinham na ascendência quebra de bastardia. Seu terceiro avô, Diogo Lopes Pacheco, um dos perseguidos de D. Pedro, o Crú, e em Castela exilados, pelo assassínio de D. Inez de Castro, regressa mais tarde a Portugal e abraça o partido de D. João I. João Fernandes Pacheco, seu filho, pertence à fila mais ardida dos vencedores de Aljubarrota.

O a.ô de Duarte, Gonçalo Pacheco, era filho bastardo do heroi da Batalha Real; pertenceu à casa do Infante D. Henrique; e foi tesoureiro da casa de Ceuta, armador de navios e homem «de grossa fasenda», conforme Barros elucida. O filho dêste, João Pacheco, capitaneou, ao que parece, uma armada, que andou no levante pelejando com os turcos, e os mouros o mataram em Tanger, ao recolher-se ali com os navios (1).

(1) Nobiliário de Rangel de Macedo.

Vasco da Gama

do
arı
ce
14
to
ve
co
liv
ma
m
de
en
ne
tas
to
po
Jo
lo
Ca
à
ch
O
si
ma

Nasceu Duarte Pacheco em Lisboa, por meados do século xv, filho de navegante e neto de armador, o qual durante largos anos conheceu, pois sabe-se que seu avô ainda existia em 1475 (1). Da leitura do *Esmeraldo*, de que é autor, se depreende que era um dos capitães navegadores de maior experiência marinheira e confiança do monarca. Logo no prologo de seu livro escreve: «...e por não alarguar mais na matéria, deixo de dizer as particularidades de *muitas cousas que êste glorioso príncipe mandou descobrir por mim* e por outros seus capitães *em muitos luguares e rios da costa da Guinee...*» (2). E mais adiante, referindo-se às costas da Africa Ocidental, acrescenta: «porque de todolos rios desta regiam da Ethiopia, *os quais por muitos anos cada dia praticamos...*» (3). João de Barros, ao narrar a viagem de Bartolomeu Dias, no regresso do descobrimento do Cabo da Boa Esperança, conta que êle aportara à ilha do Principe «onde acharão Duarte Pacheco cavaleiro da casa del Rey mui doente. O qual por não estar em disposição pera per si ir descobrir os rios da costa a q̃ o el Rey mandava, inviou o navio a fazer algum resgate:

(1) *Esmeraldo,* edição Rafael Basto, documento III.
(2) Edição Epifanio, pag. 15.
(3) Idem, pag. 28.

onde se perdeo salvandose parte da gente, que com elle se veo em estes navios de Bartholomeu Diaz.» (1).

Destes passos e maiormente dos conhecimentos que revela no seu livro, se infere que êle era um dos mais sábios navegadores e cosmógrafos do seu tempo; êsses são também os títulos que explicam a sua intervenção nas negociações do tratado de Tordesilhas. Que D. Manuel continua a depositar nêle a mesma confiança que o seu antecessor, prova-o a incumbência, que segundo o *Esmeraldo*, o rei lhe fez em 1498 de ir descobrir a quarta parte. Tendo seguido para a India em 1503 capitaneando uma das naus, que iam sob o comando de Afonso de Albuquerque, lá permanece até 1505, praticando na defesa de Cochim contra o Samorim de Calecut, tais prodígios de esfôrço e de bravura, que na história ficou como um dos melhores modelos da valentia lusitana. Durante êsse tempo, na sua qualidade de capitão-mór dos mares da Índia é o primeiro que no Oriente firma o poderio português. Com a fortaleza de Cochim êle assenta, na verdade, as bases do nosso império oriental.

Da confiança que D. Manuel continuou a dispensar a Duarte Pacheco, são indícios o comando de alguns navios que em 1509 lhe entrega para

(1) *Decada I*, livro III, cap. IV.

castigar o corsário Mondragon, a quem aprisionou junto do Cabo Finisterra, destroçando-o e trazendo consigo as embarcações, que do combate se salvaram. Em 1511 novamente comanda uma armada que vai socorrer Tanger, cercada pelo rei de Fez (1). Mais eloqüente, para evidenciar quanto D. Manuel reconhecia os seus merecimentos, é o encargo que lhe dá de descrever toda a costa de Africa e de Asia navegada pelos portugueses, conforme o próprio Pacheco diz no prólogo do seu livro: «e porque vossa altesa me dise que se queria nisto fiar de mim, portanto preparei fazer hum livro de cosmografia e marinharia...» (2)

Assim, conjugando aptidões ás mais diversas, todas, por certo, àquela data já provadas, Duarte Pacheco surge-nos como uma das mais belas e altas figuras da Renascença portuguesa. Diplomata, entra nas negociações do tratado mais transcendente da sua época; guerreiro, comanda as mais épicas façanhas da história da conquista do Oriente; navegador, pertence à pleiade ilustre dos melhores capitães dos descobrimentos; e cosmógrafo, deixa, inacabado, um dos grandes monumentos da sciência do seu tempo. Fixemos, todavia, de entre as suas aptidões aquela

---

(1) Sousa Viterbo, *Trabalhos Nauticos*, vol. I, pag. 237 e seg.

(2) *Esmeraldo*, edição Epifânio, pag. 17.

que melhor define a sua personalidade. Em Duarte Pacheco as afirmações do valor guerreiro, se documentam a sua maravilhosa fôrça de ânimo, são em grande parte obra de ocasião. Para diplomata tinha decerto a recomendá-lo mais que outros méritos os seus conhecimentos scientificos. E ainda como navegante permanece o homem de sciência, que estuda e cria, experimentando. Com efeito o seu trabalho *Esmeraldo de situ orbis* supõe uma vida inteira de estudo e experiência scientìfica. A par duma notável cultura geral, essa obra revela profundos conhecimentos da sciência cosmográfica e da marinharia do seu tempo, de que êle se afirma um dos melhores continuadores. Duarte Pacheco ficará, pois, mau grado as suas bélicas façanhas, na história da civilização como cosmógrafo e navegante. Estes são tambêm os títulos que o extremam e caracterísam verdadeiramente. Podendo em muitos passos do *Esmeraldo* referir feitos seus, quási sempre os cala. Em certa altura salta-lhe mesmo da pena uma sentença moral sôbre a vaidade, digna do Eclesiastes: «....assim que os antípodes habitam hũa parte e nós a outra, e nesta em que habitamos, nenhum he contente de todo o bem que possuy, e emfim oyto pees de terra nos habastam e aly se acaba de consomir a vaydade de nossas cuidaçóis» (1).

---

(1) *Esmeraldo de situ orbis*, edição citada, pag. 21.

Todavia, o homem, de cujo rígido carácter se podiam multiplicar as provas, ao falar dos objectivos do seu trabalho, escreve com a consciência do seu valor e o puro desinteresse, que caracteriza o verdadeiro espírito scientifico: «...e por quanto o lume do descobrimento da redondeza do mundo principalmente está na mesma marinharia e nas rotas e caminhos da costa e golfam do mar, portanto convém que aquillo que pelos antiguos escritores e assy pellos modernos ficou por dizer, pera sabedoria e comprimento desta navegaçam das Ethiopias de Guinee e das Índias e outras partes, nós o diguamos e descrevamos; porque perdendo-se em algum tempo a dita navegaçam, pello que aqui he escrito, brevemente se possa tornar a saber e a reformar...» (1). O mesmo homem que afirma a vanidade das cuidações humanas, levanta ao mais alto grau o interesse da obra de sciência, que procura servir a humanidade. Torna-se indispensavel para avaliar a figura de Duarte Pacheco colocá-lo dentro desta atmosfera, de que êle próprio se rodeia. A história, dando corpo a um erro de visão, cognominou-o de *Achilles lusitano*; mas êle no conhecimento melhor do seu valôr, atribui-se aí um lugar menos pomposo, mas mais sólido.

---

(1) Obra e edição citada, pag. 48.

Posto isto, façamos algumas rápidas considerações sôbre o célebre passo donde se conclui a sua viagem à América em 1498. Para confirmar a sua asserção de que a terra tem inclusa na sua concavidade e centro toda a massa planetária das águas, Pacheco assim reza: «E alem do que dito he, *ha experiencia, que he madre das cousas, nos desengana* e de toda duvida nos tira; e *por tanto*, bemaventurado Principe, temos sabido e *visto como* no terceiro anno de vosso reinado do hanno de nosso senhor de mil quatrocentos e noventa e oito, *donde nos vossa alteza mandou descobrir ha parte oucidental, passando alem ha grandeza do mar oceano*, onde he hachada e navegada hũa tam grande terra firme, com muitas e grandes ilhas adjacentes a ella, que se estende...» (1).

---

(1) Eis o trecho completo do *Esmeraldo*:

«... e como quer que a mais baixa parte da terra he ho seu centro e ho meo d'ella, sobre ho qual as auguoas estam fundadas, por tanto disse o profeta David no salmo trinta e dous, que começa *Exultate, justi*: «Ajuntou asy como em odre as auguoas do mar; poz os tesouros em ho aviso»; e como asim seja que ho haviso da terra he ho seu centro e os tesouros das auguoas sam postos no mesmo luguar, que he ho seu proprio asento, segue-se que a terra tem auguoa dentro em sy e ho mar nam cerca ha terra, como Homero e outros autores diseram, mas antes a terra por sua grandeza tem cercadas e inclusas todalas auguoas dentro na sua com-

Epifânio, na *Introdução* à sua edição do *Esmeraldo*, afirmou: «...a redacção de Duarte Pa-

---

cavidade e centro. E alem do que dito he, ha experiencia, que he madre das cousas, nos desengana e de toda duuida nos tira; e por tanto, bemauenturado Principe, temos sabido e visto como no terceiro anno de vosso Reinado do hanno de nosso senhor de mil quatrocentos ẽ noventa e oito, donde nos vossa alteza mandou descobrir a parte oucidental, passando alem ha grandeza do mar oceano, onde he hachada a navegada hũa tam grande terra firme, com muitas e grandes ilhas ajacentes a ella, que se estende a setente graaos de ladeza da linha equinoçial contra ho pollo artico e posto que seja asaz fóra, he grandemente pouorada, e do mesmo circulo equinocial torna outra vez e vay alem em vinte e oito graaos e meo de ladeza contra ho pollo antartico, e tanto se dilata sua grandeza e corre com muita longura, que de hũa parte nem da outra nam foy visto nem sabido ho fim e cabo della; pello qual segundo ha hordem que leua, he certo que vay em cercoyto por toda a Redondeza; asim que temos sabido que das prayas e costa do mar d'estes Reynos de Portugal e do promontorio de Finis-Terra e de qualquer outro lugar da Europa e d'Africa e d'Asia hatravesando alem todo ho oceano direitamente ha oucidente, ou ha loest segundo hordem de marinharia, por trinta e seis graaos de longura, que seram seiscentas e quarenta e oyto leguas de caminho, contando ha dezoyto leguas por graao, e ha luguares algum tanto mais lonje, he hachada esta terra naueguada pellos nauios de vossa alteza e por vosso mandado e liçença, os dos vossos vassalos e naturaes, e hindo por esta costa sobredita, do mesmo circolo equinocial em diante, per vinte e oyto graaos de

checo está longe de ser um primor» (1). Esta passagem, salvo a hipótese, dalgum êrro de cópia, claramente o demonstra. Essa mesma in-

---

ladeza contra o pollo antartico he hachado nella munto e fino brasil com outras muitas cousas de que os nauios nestes Reynos vem grandemente carregados; e primeiro muitos annos que esta fose sabida nem descuberta, disse Vicente istorial no seu primeiro livro que se chama *Espelho das historias* no capitolo cento e satenta e sete: «Alem das tres partes do orbe ha quarta parte he alem do mar oceano interior em ho meo dia em cujos termos os antipodes dizem que abitam»; ora como asim seja que esta terra d'aleem he tam grande e d'esta parte d'aquem temos Europa, Africa e Asia, manifesto he que ho mar oceano he metido no meo d'estas duas terras e fica medio-terrano; pello qual podemos dizer que ho mar oceano nam cerca ha terra como os philosophos diseram, mas antes a terra deue cercar o mar, pois jaz dentro na sua comcavidade e centro; pello qual comcrudo que o mar oceano nam he outra cousa senam hũa muito grande halagùoa metida dentro na comcauidade da terra, e ha mesma terra e ho mar, ambos juntamente, fazem hũa Redondeza, de cujo meo saem muitos braços que entram pella terra, que medios-terranos sam chamados, e que isto creamos por verdade.» Pag. 23 e 24.

É curioso notar que Duarte Pacheco, invocando o valor da experiência, se decide no velho pleito entre a escola homérica e a de Hiparco pela opinião deste último. Afinal, só quando Cook terminou a experiência, após as suas largas exploraçõis pelo Pacifico, se víu definitivamente que a razão estava com Homero.

(1) Obra e edição citada, pag. 12.

congruência de redacção permitiu que logo de princípio se lhe não desse a importância merecida. Não obstante, se a incorrecção gramatical póde deixar dúvidas quanto ao pensamento do escritor, êle depreende-se claro e logicamente das outras afirmações implícitas em cada frase, e que nós de propósito sublinhamos. O leitor não tem apenas de ler, deve construir com o pensamento. Quando êle nos refere a ordem para descobrir a parte ocidental, que o rei lhe deu *(donde nos vossa alteza mandou descobrir ha parte oucidental)* já falara duma experiência desenganadora e dum facto sabido e visto em conseqüência dessa viagem (...«*ha experiencia... nos desengana... e portanto... temos sabido e visto como* (isto é, que) *no terceiro anno...*»). Estas consideraçõis de Duarte Pacheco fazem daquela ordem um facto executado e constituem uma afirmativa irrecusável de realização.

Cremos nós que se poderia dar a êste trecho, para a sua melhor compreensão, a seguinte paráfrase sintática: — Além disso a experiência, que é a mãe da verdade, nos desengana e de toda a dúvida nos tira. Assim, bem aventurado príncipe, nós o que vimos afirmamos, pois que no terceiro ano do vosso reinado, em mil quatrocentos e noventa e oito, vossa alteza nos mandou descobrir a parte ocidental, passando além a grandeza do Oceano. Aí é achada e

navegada uma imensa terra firme com muitas e grandes ilhas adjacentes a ela, que se estende...

Demais pode a Duarte Pacheco faltar a lógica sintática, mas sobra-lhe a lógica moral, eixo do seu carácter inteiriço. Homem do mais puro heroísmo, com um desprêso da morte que lhe dá a força para realizar as insuperáveis façanhas do Oriente; dum espírito de justiça que o leva a reclamar do Rei com áspera nobreza o pagamento dos serviços aos seus companheiros de Cochim, e a falar com extenso louvor dos feitos de Dom Vasco da Gama e, acrescentando, ao menos, a cada descobrimento o nome do descobridor; mas duma modéstia que o obriga a calar outras referências pessoais em lugar onde eram claramente azadas, Duarte Pacheco nunca teria omitido o nome de Pedro Alvares, ao pé do seu, se legitimamente lhe coubessem as glórias do descobrimento. Mas ao cosmógrafo e ao navegante, que tanta vez na sua obra louva Menelau, Anno Cartaginense e Eudoxo, os primeiros que, segundo os antigos realizaram o periplo africano, «de que os autores ha trás fazem grande festa e mençam» (1), que não pode ter ilusões sôbre o mérito dos seus cometimentos, antes sabe

(1) Obra e edição citada, pag. 17.

quanto mais tarde se hão de celebrar os nomes dos que realizaram navegações longas e arriscadas, pesa que de futuro uma razão de Estado possa prevalecer às da justiça e da verdade. Mais que o amor proprio, móve-o a nobreza de carácter. Mais que um espírito glorioso de si mesmo, um nobre espírito scientifico, em tudo cuidoso da verdade, lhe desata a pena sóbria.

Aqui, pois, a verdade histórica não resalta duma única frase, mas conclue-se logicamente de toda a vida e obra do escritor.

Estas razões, para nós concludentes, levam-nos a estabelecer como facto assente a viagem de Duarte Pacheco à América, em 1498. Qual a região da «quarta parte» que o navegante visitou? Conforme cremos, a sua mesma obra contém resposta para esta pregunta. Pacheco fez do capitulo 7.º do primeiro livro do *Esmeraldo* uma táboa em que aponta os graus de *ladeza*, em relação aos pólos ártico e antártico, de vários lugares da Europa, Asia e Africa. Termina referindo, numa relação aparte, os graus de *ladeza* de 18 ilhas, cabos, angras, rios e portos «da terra do Brasil d'aleem do mar Oceano» entre 3 e 28 graus, contra o pólo antártico. Por certo que se o cosmógrafo tivesse visitado outros pontos da América, não deixaria de apontar-lhes nesse longo capítulo os graus de *ladeza* respectivos, concluindo, assim, que a

sua viagem de 1498 foi de descobrimento ou talvez mais propriamente de reconhecimento ao mesmo Brasil.

Mas, dir-se-ha, ¿ como se compreende que Duarte Pacheco realizasse uma viagem ao continente americano, sem que os cronistas mencionem um facto de tão grande alcance? O mesmo silêncio guardado em relação a outras expedições imediatamente anteriores ou posteriores tira a essa objecção todo o valor. Sabemos hoje que uma politica de sigilo severissimo acautelava os interêsses nacionais das vastas cubiças dos estranhos. E é devido aos secretos informes que os italianos de Lisboa transmitiam para as suas metrópoles que hoje podemos pouco a pouco reconstituir uma parte da nossa obra, desconhecida e imensa.

Assim é que os arquivos estrangeiros tem nos últimos anos revelado uma série de documentos, que dão aos nossos descobrimentos uma amplitude de plano e realização, que assombra pelo arrôjo e persistência, mas que os nossos cronistas inteiramente calaram ou desconheceram. Os materiais para a história dos descobrimentos portugueses são actualmente tantos e tais, que é necessário reescrevê-la por inteiro. A glória de Colombo empalidece dia a dia. E os mesmos estrangeiros, que tantas vezes têem depreciado a obra das navegações portuguesas, nos começam a fazer justiça. Já

Vignhaud, o historiador americano, aceita a prioridade do descobrimento do Brasil por Duarte Pacheco e até a possibilidade de ter sido descoberto em data anterior por outros navegantes portugueses. Todavia, não só Vignhaud se refere a êste problema por forma assás sumária, como termina por uma conclusão inaceitável. Porque as suas palavras estão intimamente ligadas ao nosso estudo, não podemos deixar de lhe fazer uma referência demorada. «Il va de soi, diz Vignhaud, qu'il ne s'agit ici que de la découverte du Bresil par les Espagnols, car les Portugais revendiquent, non sans quelque raison, la priorité de cette découverte. Des documents anciens, tels que des concessions royales de terres nouvelles découvertes ou à découvrir dans la mer Océane, des temoignages respectables comme ce de Fructuoso et de Duarte Pacheco, des cartes de la premiere partie du xv^e^ siècle, comme celles de Becharia et de Bianco, des légendes très répandues et des indications de différents genres autorisent l'assertion, la supposition, si l'on veut, qu'avant les expeditions connues de Vespuce, de Pinzon, de Lepe et même de Cabral, quelque-uns de ces hardis et aventureux Portugais qui navigaient alors en grand nombre, de Lisbonne aux iles du Cap Vert et à la Guinée, avaient abordé, par hasard ou en cherchant fortune, à la côte brésilienne qui est si rapprochée de celle de l'Afrique Occidentale.

Ce n'est pas ici le lieu de discuter la valeur des preuves ou indications ainsi fournies et des conséquences qu'on en peut légitement déduire. Un erudit portugais les a toutes réunies avec soin et les a commentées judicieusement. Nous renvoyons à ce petit, mais substantiel ouvrage pour un exposé complet de la question.» Em nota, Vignhaud declara o nome da obra: *A Descoberta do Brazil*, por Faustino da Fonseca, sôbre a qual pronuncia o seguinte juizo: «Ouvrage substantiel qui dans un cadre restreint contient un nombre considérable de faits bien controlés, la plupart peu connus.» (1) A seguir, o historiador americano afirma «En ce qui concerne Cabral, disons toutefois, qu'il ne saurait y avoir aucun doute sur le fait *qu'il n'est pas le premier découvreur portugais du Brésil.*» Ba-

---

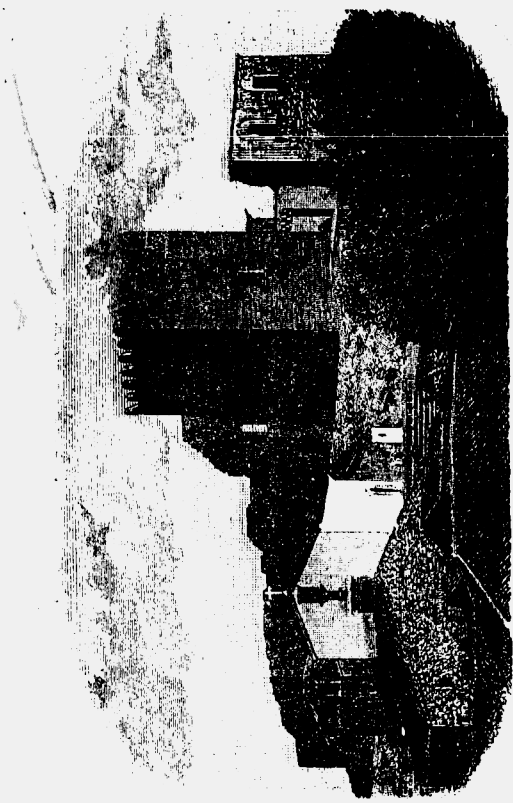
(1) Vignaud faz uma pequena restrição nos louvores à obra de Faustino da Fonseca, a de não ter conhecido os trabalhos em linguas estrangeiras referentes aos assuntos que tratava. Pode-se igualmente dizer de Vignhaud que tem um conhecimento muito precário da documentação portuguesa sôbre as mesmas questões. Não obstante termos por um pouco exagerado o seu juizo sôbre Faustino, e demasiadamente ligeira a forma porque trata o problema, folgamos de vêr que se começa a prestar justiça ao homem, que, mau grado a facilidade de certas afirmações, tanto abriu o caminho a àquêles que tiverem de tratar definitivamente de história do descobrimento da América.

seia-se Vignaud para fazer esta afirmação em dois testemunhos a que chama «irrecusáveis», — o *Esmeraldo* de Duarte Pacheco e a carta de mestre João, físico.

Verdadeiramente curiosa é, no entanto, a conclusão que tira: «Mais cette priorité n'a aucune importance. Une decouverte n'est effective, que losqu'elle a une suite. Qu'importe que Pacheco et d'autres aient vu le Bresil les premiers, si personne ne l'a su, si on n'a pas pris acte? Qui peut dire combien de fois les Antilles ont eté vues, avant la grande entreprise de Colomb, par des pilotes égarés ou aventureux dont les noms sont restés inconnus? La découverte en pareil cas, est comme si elle n'avait pas eu lieu; celle de Cabral étant la seule qui ait été constatée par des documents authentiques, la seule dont le Portugal ait repris acte et qu'il ait notifiée au monde, est la seule qui compte. Remarquons aussi que Cabral est le seul qui donne um nom à la region à laquelle il avait abordé.» (1) Se Vignhaud soubesse que os descobrimentos portugueses se fizeram segundo um vasto plano nacional, e não pela simples aventura ou com o fito exclusivo de procurar fortuna, como supõe, outras, porventura,

---

(1) As citações que fazemos de Vignhaud referem-se todas à sua obra *Americ Vespuce*, de pag. 143 a 145.

seriam as suas conclusões. Demais o sigilo sôbre as viagens anteriores visava exactamente a seqüência e a posse. Ao contrário de Vignhaud, supômos que a viagem de Cabral só por si pouco prova e antes deve ser, para sua compreensão total, incorporada no grande plano, de que as viagens anteriores fazem lògicamente parte. A nosso vêr ainda, o que dentro da história e da sciência determina a prioridade dum descobrimento é, não a posse que êle representa, circunstância essa de ordem política, mas o carácter scientífico que a êle preside. A competência do descobridor, a intencionalidade, o conhecimento de causa e os precedentes de plano e de organização, eis os dados que, em nossa opinião, podem definir um descobrimento como um verdadeiro facto histórico e scientífico. São essas precisamente as circunstâncias que hoje dão à empresa nacional dos portugueses um tão elevado alcance na história do descobrimento do planeta. Se assim não fosse, e apenas o acto de posse validasse um descobrimento, teríamos de riscar do número dos descobridores homens como Cook, Nordenskjöld, Nansen e tantos outros, cujas empresas tiveram um carácter puramente scientífico. Equivalia a negar quási toda a série de viagens e explorações realizadas desde a segunda metade do século XVIII até aos nossos dias.

O castelo de Belmonte, onde Alvares Cabral nasceu

Du
Ma
sci
rác
gra
po

So
e
ép
te
To
vo
de
gi
G
es
«f
A
Pa
R
te
L
m

B
pa
D

Notemos ainda que, sob êsse ponto de vista, Duarte Pacheco é um verdadeiro precursor. Marca para a sua época a mais lata concepção scientífica dos descobrimentos. Definindo o carácter humano das navegações e estudos geográficos, e participando dêsse espírito, antecipou-se mais de dois séculos ao seu tempo.

Ao contrário de Vignhaud, o dinamarquês Sophus Larsen, numa obra recente, *Dinamarca e Portugal no século XV*, julga poder fixar em época muito anterior as primeiras conscientes tentativas portuguesas na direcção ocidental. Todo o trabalho do ilustre escritor gira em volta duma carta de Carten Grip, burgomestre de Kiel, datada de 3 de Março de 1551 e dirigida ao Rei Cristiano III. Nessa carta Carten Grip refere-se a uma viagem, realizada pelos escandinavos Pining e Porthorst, para o que «foram providos de alguns navios pelo augusto Avô de Vossa Majestade Real, o Rei Christiano Primeiro, para, *a convite de Sua Magestade Real, o Rei de Portugal, procurarem novas terras e ilhas nos mares do Norte.*» (1) Sophus Larsen, depois de reünir e comentar uma numerosa documentação, que confirma ou escla-

---

(1) Foi publicada pela primeira vez pelo Dr. Louis Bobé, em 1909, no *Danske Magazin* 5 R. Tomo 6, pág. 303. No tempo de Cristiano I reinava em Portugal D. Afonso V.

rece êste facto, conclui que essa expedição se fez com o fim de atingir a Índia pela passagem do noroeste; que os navegadores, tendo partido dos fiords da Islândia, visitaram as costas ocidentais da Groenlandia (e, por conseqüência, o estreito de Davis), a Terra Nova e a foz do S. Lourenço; que a bordo iam certamente portugueses; e que êstes deviam ser João Vaz Côrte Real e Alvaro Martins Homem, circunstância esta que o auxilia a concluir que a viagem se realizou em 1472 ou 1473.

Manifesta ainda o ilustre escritor a opinião de que esse plano foi concebido pelo Infante D. Henrique e que este procurou relações com a côrte de Dinamarca e Noruega, que um outro documento prova existirem já de facto no tempo de D. Afonso V, época em que se realiza a expedição. Sem querermos aqui entrar no exame da obra de Larsen, que vem confirmar a autenticidade de outros documentos e indícios e abalar as afirmações de Harrisse quanto à provável viagem de João Vaz Corte Real à Terra Nova, diremos que o seu trabalho mostra suficientemente que, antes de Colombo, nós conhecíamos o continente americano, e talvez sem a ilusão do genovês de que se tratava do extremo oriental da Asia.

Que a D. Henrique preocupasse o pensamento de descobrir um continente naquela direcção, confirma-o Diogo Gomes, seu con-

temporâneo e criado quando afirma na sua *Relação* que o grande Infante, no desejo de conhecer os limites do Oceano ocidental, mandara caravelas a descobrir ilhas e terra firme, *insutas an terram firmam*, além da descrição de Ptolomeu (1). Além disso os monumentos cartográficos da época como o mapa de Becharia e os dois de Bianco deixam supôr o conhecimento de ilhas ao ocidente e até da terra firme americana, ainda que na suposição bem natural de que se tratava de terras insulares. Ao visitar, em 1472 ou 73, a foz do S. Lourenço, como crê Larsen, os portugueses teriam aí colhido os primeiros indícios duma região continental. Vinte anos antes de Colombo, pois, já os portugueses deviam conhecer mais que as Antilhas a terra continental da América.

Em 1488 dobra Bartolomeu Dias o Cabo da Boa Esperança, e só nove anos depois desse extraordinário acontecimento e mais de quatro após a chegada de Colombo, de regresso da primeira viagem, Vasco da Gama parte para o

(1) «Em tempo o Infante D. Henrique, dāsejando conheçer as regiõis afastadas do oceano ocidental, se acaso haveria ilhas ou terra firme alem da descrição de Ptolomem, enviou caravelas para procurar terras.» *As relaçõis do descobrimento da Guiné e das ilhas dos Açores, Madeira e Cabo Verde*, versão do latim por Gabriel Pereira, pag. 28.

definitivo descobrimento do caminho marítimo para a Índia. Não referem os cronistas durante esse longo intervalo façanha descobridora nossa digna de mencionar-se. Todavia é em 1494 que se assina o tratado de Tordesilhas entre os Reis Católicos e D. João II, tão longamente disputado, e pelo qual finalmente nós conseguimos uma demarcação que abrange na nossa esfera os vastos territórios do Brasil.

É, porventura, crivel que o activíssimo monarca por tão largo período suspendesse as explorações navegadoras? E que êle sistematicamente se obstinasse em alcançar a India, contornando a África e recusando assim os planos de Toscanelli, de Colombo e Monetário, que lhe aconselhavam a rota do Ocidente, e ao mesmo tempo com tamanho ardor tivesse porfiado em obter contra a primeira demarcação uma outra que abrangesse aquela parte austral do continente americano, sem o seu conhecimento prévio? Os mesmos Reis Católicos escreviam a Colombo, durante as árduas negociações, que depois da prática com os portugueses diziam vários que a sudoeste existiam ilhas ou um continente mais rico que todos os outros. (1) Mais nos confir-

---

(1) «Y porque despues de la venida de los Portugueses en la plática que con ellos se ha habido, algunos

ma nessa suposição as cartas de mestre João e Estevão Frois. Na primeira, escrita a 1 de Maio de 1500, do Brazil, o fisico da expedição de Pedro Alvares, ao falar a D. Manuel da terra descoberta, diz: «quanto señor al sytyo desta terra mande vosa alteza traer un napamundi que tyene pero vaaz bisagudo e por ay vera vosa alteza o sytyo desta terra, empero aquel napamundi non certyfica esta terra ser habytada, o no: es napamundi antiguo e ally hallará vosa alteza escrita tam byen la mina...» Isto supõe que muito antes de 1500 se conhecia aquela mesma região. Por outro lado, segundo a carta de Estevão Frois a D. Manuel, escrita de S. Domingos das Antilhas, existente no Arquivo Nacional, já mais de vinte anos antes da sua data, 1514, os portugueses conheciam

---

quieren decir que lo que está en medio desde de la punta que los Portugueses llaman de Buena Esperanza, que está en la rota que agora ellos llevan por la Mina del Oro e Guinea abajo hasta la raya que vos dijistes que debia venir en la Bula del Papa, piensan que podrá haber Islas y aun Tierra firme, que segun en la parte del sol que está, se cree que seran muy provechosas y mas ricas que todadas las otras; y porque sabemos que desto sabeis vos mas que otro alguno, vos rogamos que luego nos envieis vuestro parecer en ello, porque si conviniere, y os pareciere que aquello es tal negocio cual acá piensan que será, se enmiende la Bula.» Navarrate, tomo II pag. 109.

os litorais do norte do Brasil (1). Quere dizer, pois que, pelo menos à data do tratado de Tordesilhas, haviam aumentado já os nossos conhecimentos do novo continente. Finalmente o mapa de Cantino, de origem portuguesa, feito em 1502 em Lisboa e enviado ao duque de Ferrara por aquele seu agente, no qual se representa o litoral da América desde a Groelândia até ao sul do Brazil, revelando conhecimentos do continente americano muito superiores aos dos navegantes espanhois, supõe uma série de explorações, que os nossos cronistas, uns

---

(1) «e lhes perguntavam no tormento se vinhamos de Portugal com intenção de entrarmos em terras dél-rei deCastela. Responderam que não e que vinham a descobrir terras novas de V. A., como tinham dito em seus interrogatórios, e a-pesar disto, senhor, nos não querem despachar nem nos quizeram receber a prova do que alegavamos, como V. A. possuia estas terras ha vinte anos e mais e que já João Coelho, o da porta da Cruz, visinho da cidade de Lisbôa, viera por onde nós outros vinhamos a descobrir e que V. A. estava de posse destas terras por muitos tempos e que o assento quanto a limites era que da linha equinocial para o sul pertencia a V. A. e da mesma linha para o norte a el-rei de Castela e nós não passaramos a linha equinocial nem chegaramos a ela com 150 léguas... Carta de Estevão Fróis a D. Manoel I, tentativa de tradução de portugues arcaico para portugues moderno, pelo dr. António Baião, in *História da Colonisação portuguesa no Brazil*. Introdução. pag. XVLI.

desconheceram, outros de propósito calaram. Nêsse mapa surge-nos pela primeira vez delineada grande parte das costas dos Estados Unidos da América do Norte, incluindo a Flórida, onde só volvidos pelo menos uns seis anos, o primeiro navegante castelhano havia de chegar. Aos navegantes espanhoes nenhum motivo aconselhava o silêncio sôbre os descobrimentos realizados. Não é, pois, de crer que o mapa de Cantino nessa parte, demais traçado em Portugal, revelasse outros conhecimentos que não os dos navegantes portugueses. Acrescente-se que já em 1501, segundo se depreende duma carta de Pasqualigo ao senado veneziano, relatando a chegada dum dos navios de Gaspar Côrte Real no regresso da Terra Nova, nós possuíamos o segredo da continentalidade americana (1). Esta série de indícios, que podíamos largamente continuar, confirmando-se mutuamente, provam que nós muito antes da Espanha possuimos, mas ciosos calámos, o conhecimento das vastas terras do ocidente, além do mar oceano.

Ao plano dessa e outras explorações, anteriores e posteriores, que nos deram o conheci-

---

(1) «qual terra... etiam credono coniungerse con le Andilie, che furono discoperte per li reali de Spagna, et con la terra dei Papagá, noviter trovata per la nave di questo rè che andavono in Calicut...». Marino Sanuto, *Diarii*-códice Marciano, VII, 228.

mento do continente americano, pertence ainda, segundo cremos, além da viagem de Duarte Pacheco, a de Cabral. Após a viagem do Gama, que trouxe, com os informes dos pilotos indianos e de Gaspar da Índia, vastos conhecimentos geográficos sôbre o extremo Oriente, o velho problema da passagem pelo Ocidente deve ter preocupado de novo os portugueses. A carta de Américo Vespúcio, escrita de Cabo Verde, no começo da viagem de 1501, revela-nos que já nessa data tínhamos notícia das ambicionadas Molucas. E se êle claramente diz que o fim da expedição de 1503 era atingir Malaca pelo sudoeste, igualmente se infere que pensava já em alcançar essas regiões com a expedição de 1501, pelo que afirma na carta de Cabo Verde. Depois de ter referido a notícia das terras indianas, que soubera por Gaspar da Índia, acrescenta «E io tengo speranza in questa mia navigazione rivedere, e correre gran parte del sopradeto e discoprire molto più e alla mia tornata darò di tutto buona e vera relazione.» (1) Para Vignhaud esta mesma frase torna a carta suspeita, pois nas duas outras sôbre essa expedição Vespúcio não refere aquele intento. Êsse facto indica apenas que, dado o malogro das suas altas esperanças, ele os calou, ao relatar

---

(1) Vignaud, *Americ Vespuce*, pag. 406.

a expedição, o que é de todo ponto natural. Além de que a carta tem, como provámos, os mais claros caracteres de autenticidade, aqueles dizeres são inteiramente confirmados por Gomara, quando afirma que foi, em 1501, que o Rei D. Manuel encarregou Vespúcio de procurar uma passagem para as Molucas, nas paragens do Cabo de Santo Agostinho. (1) Temos, pois, para nós, que a expedição de 1501, logo seguinte à de Cabral, já visava muito provavelmente aquele fim. Áquela data os portugueses, que dentro em pouco podiam traçar o mapa de Cantino, deviam saber que se houvesse alguma passagem praticável pelo Ocidente, só era possível encontrá-la para o Sul. Assim Cabral, antecipando-se aos espanhois, que já se aproximavam do Brasil pelo Norte, ia tomar posse duma região duplamente estratégica, em relação à Índia, quer por servir de escala na viagem pelo cabo da Boa Esperança, quer por assegurar uma suposta passagem pelo sudoeste.

Qual a função, pois, de Duarte Pacheco, o grande navegante e cosmógrafo, nesta expedição? Porque se calaram os cronistas sôbre a sua viagem anterior e sôbre o seu papel na de Cabral?

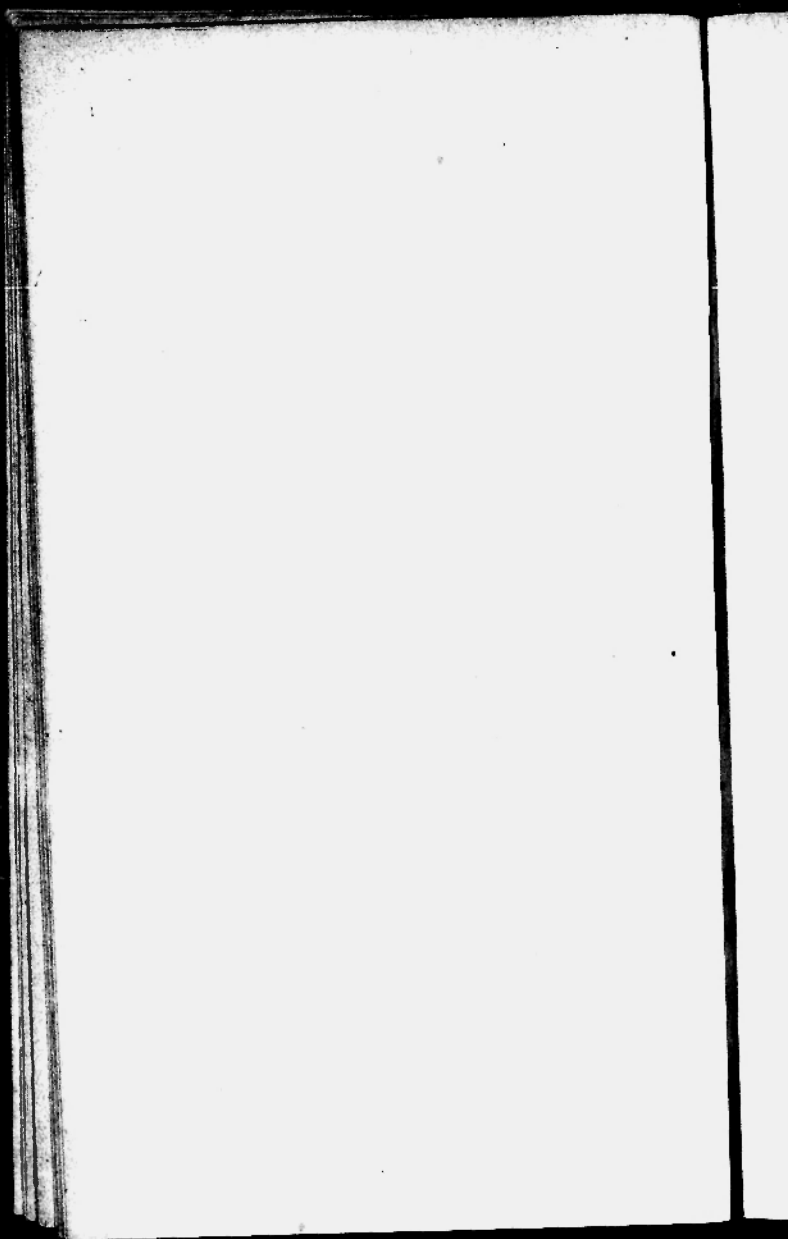
---

(1) *Historia de las Indias*, edição de 1554, cap. 87, fol. 113.

À semelhança das espécies várias, que conservam em pura perda e prejuizo certos meios de defesa que a evolução tornou inúteis, assim Portugal permaneceu fiel ao instinto que o levava a esconder os seus planos e desígnios, de tal sorte que veio a prejudicar-se no futuro, quando chegou a hora de reivindicar a sua obra. Não se compreende também que Rui de Pina e Resende escondam, por exemplo, a notícia circunstanciada da emprêsa de Bartolomeu Dias, por certo conhecida dêles, ou da viagem de Pero da Covilhã e Afonso de Paiva, das negociações de Tordesilhas, do projecto de D. João II de enviar à América uma armada comandada por D. Francisco d'Almeida (1) e de tantos outros factos, da mais alta importância, se não em obediência a um velho hábito contraído em anos de sigilo. De tal maneira sôbre determinados factos, que importava esconder, abundam os documentos adrede fabricados e faltam os únicos capazes de os esclarecer que temos de supôr um cuidado extremo em propositadamente os sequestrar. Felizmente que Veneza espiava e os embaixadores alviçareiros noticiavam às metrópoles respectivas as façanhas, que nós outros ocultavamos tão avaramente. Só uma alta cons-

(1) Barros, *Decada* I, livro III, cap. XI.

ciência nacional, convicta de que por então o silêncio mais que a vanglória aproveitava, podia realizar êsse heroísmo tão contrário à própria natureza humana de calar algumas das suas mais lídimas façanhas.

D. João II, no seu nacionalismo ciosíssimo, quis esconder do mundo o próprio mundo. Por tantos títulos representantes do Renascimento, êle traía nesse ponto o espírito da Época. Ao italiano da Renascença, cujo livre individualismo não conheceu limites e em cujo espírito o conceito de pátria era tão deslaçado, mas possuidor em alto grau do sentido cosmopolita, estava destinado, ao descobrir-nos os segredos, revelá-los e enfeitar-se com as glórias dêles. Valha a verdade, nós o vimos, a Génova e Florença cabia, de justiça, boa parte dessa glória. A política do *Príncipe Perfeito* realizou, mau grado seu, êsses votos imanentes da História, permitindo que a um genovês se atribuísse o descobrimento do Novo Mundo e lhe desse o nome um florentino. Dir-se hia que uma justiça superior aos homens e aos povos tentou compensar os sacrifícios isolados duns e o demasiado zelo nacionalista de outros. Em troca da glória do descobrimento e nome do Novo Mundo, o nacionalismo português frutificou numa das maiores nações americanas. E não é êsse, por certo, um dos sacrifícios menos duros que essa nação ficou devendo ao nosso doloroso esfôrço de criá-la.

ORGANIZAÇÃO E OBJECTIVOS DA EXPEDIÇÃO

Em verdade, so agora podemos abranger a organização e objectivos da armada de Cabral no vasto âmbito dos elementos que a compõem e das circunstâncias que a determinaram. A nação atingira, como vimos, o máximo do poder criador. O carácter nacional, cujas raizes mergulhavam ainda na memória do Santo Condestável, formara-se na escola e pelo tipo do Infante Navegador e do Príncipe Perfeito, —áspero, puro, reflectido e apto a sacrificar-se em tudo às geniais razões de Estado, que dirigiam a nação. Ao alto o Rei, de fresca data, colhidos os frutos do trabalho secular da grei, delirava de ambição triunfante. O imenso plano nacional atingia a maturação perfeita. Em meio do pasmo ou da inveja dos estranhos, favorecida duns e ainda mais estorvada pelos outros, a nação radiava na plena posse e realização dos seus desígnios. Com efeito, só incorporando a

expedição de Pedro Alvares Cabral no plano de D. João II, ela ganha significado inteiro. Vista assim, pode considerar-se como a primeira e clara afirmação duma politica sábia e ocultamente realizada. Pedro Alvares é o Oedipo oficial da esfinge dos descobrimentos portugueses. Veneza e a Espanha sabiam, emfim, com decepção e assombro, o segredo que levara D. João II conjuntamente a teimar no descobrimento do Índia pela Africa e a defender presumidas terras no Ocidente, com ameaças de expedições armadas e a incompreendida intransigência dos nossos delegados em Tordesilhas.

Sobe alfim o pano desvelando o scenário magnifico, que abrange as costas de três continentes; e o arauto, que adrede se escolheu, nobre, magnânimo, vistoso, surge à boca da scena, anunciando com solenidade a grande peça que vai representar-se. Nem se julgue que o facto de apear Pedro Alvares Cabral do seu pedestal de primeiro descobridor do Brasil lhe diminui o valor dentro da obra nacional. Ao contrário. Florão de abóbada, indica ao mundo o ponto central e culminante de tantos dos nossos feitos, na aparencia ilógicos. Pedro Alvares inicia o grandioso drama, que epilogava com a propria morte da nação: o império económico portuguès, aproveitando a base naval da Brasil e o oiro da Mina e de Sofala

para a conquista de todo o comércio do Oriente. Até as cerimórias de Santa Cruz, seguidas da carta de D. Manuel para os Reis Católicos, dão a quem detidamente as ler a impressão duma scena preparada.

Demais, a preparação e a elaboração lenta duma vasta obra reconhecem-se a cada passo. As figuras principais da armada, os que capitaniam e dirigem, pertencem, uns — Pedro Alvares, Simão de Miranda, Aires da Silva, Simão de Pina, Duarte Pacheco, Aires Correa — a velhas famílias, cuja servidora lealdade resistira incólume à terrível crise do século XIV ou entravam outros, como os irmãos Dias, Nicolau Coelho e ainda Pacheco na pleiade dos fortes navegadores do periplo africano, do descobrimento da Índia e do Novo Mundo, ou representavam, como Sancho de Tovar, a aspiração universalista da coroa, na sua forma mais sedutora e perigosa.

Enxameavam, por certo, os pilotos, mestres, matalotes do caminho da Mina, da Guiné, da Índia, das ilhas e da América. Expedição que visava fins religiosos, levava a bordo os missionários franciscanos, presididos pela figura venerável de Fr. Henrique, frade-orador, sacerdote e aedo, à maneira antiga, que ao chegar ao Brasil podia erguer pela primeira vez naquela terra, com a arte sublime da palavra, «uma solemne e proveitosa pregação da histo-

ria do evangelho e ao fim dela... da... vinda e do achamento desta terra...» (1). Nem lhe faltava, como expoente máximo da raça, aquela alma gêmea de Bernardim e de Camões para escrever, com homérica frescura, a primeira estrofe dos *Lusíadas* do Ocidente, que se chama a carta de Caminha.

Por outro lado, muito ao contrário do que afirma Vespúcio na carta de Cabo Verde, autenticando-a com a sua jactância costumada, ao dizer «perché non fu in essa frotta cosmografo ne Mattematico nessuno, che fu grande errore», a armada levava um cosmógrafo de tam alta envergadura como Duarte Pacheco e ainda mestre João, físico, que segundo todas as probabilidades era astrólogo de El-Rei e traduziu em castelhano, língua da sua naturalidade, o livro da Geografia e Cosmografia de Pompónio Mela, cujo manuscrito existe na Biblioteca da Ajuda (2).

Iam ainda, segundo Castanheda, 1:500 homens de armas e cavaleiros fidalgos, como Vasco da Silveira e João de Sá, êste ultimo que acompanhara já Vasco da Gama, pois, no dizer de Barros, a frota ia «mui poderosa em armas e em gente luzida». Além de Gaspar da India,

---

(1) Carta de Caminha, in *Alguns Documentos*, pág. 113.
(2) *Trabalhos nauticos dos portugueses*, Sousa Viterbo, vol. II, pág. 285.

Retrato de Pedro Alvares Cabral, reproduzido dos *Varões e Donas*

se
G
nc
nc
a
or
in
g
d
cc
se
cc
d

ç
r
n
c
c
2
d
tr
q
a
«
n

d
I
A

seguiam ainda como intérpretes, pelo menos, Gonçalo Madeira de Tanger, já experimentado no mister, e um grumete negro da Guiné. Nem nos esqueçam os 20 degredados que durante a viagem haviam de ser deixados em terra, onde fôsse mister aprender a língua ou colher informes. Na maioria das vezes pagavam ligeiríssimas faltas com gravosas penas. Alguns deles, como João Machado, prestavam adeante, com lealdade e zelo inestimavel, os maiores serviços nas contendas da India; ou aprendiam, como um dos que ficou em Santa Cruz, as indigenas línguas nunca ouvidas.

A armada compunha-se de treze embarcações, naus, navios mais pequenos e três navios redondos, que, se empregavam, como é sabido, no descobrimento das costas e dos rios. A construção das naus ganhara com as experiências anteriores. Duarte Pacheco dedica todo o 2.º capítulo do 4.º livro do *Esmeraldo* aos cuidados minuciosos que se empregaram em construir, prover de gente e aparelhar os navios que foram à India com o Gama, e no capitulo adiante declara que as armadas seguintes foram «tam bem haparelhadas como as primeiras e muito melhor».

Informa João de Barros que o navio de Pero de Ataide se chamava *S. Pedro* e o de Nuno Leitão, *Anunciada*. Chamava-se um outro *El Rei*, e temos todas as razões para crêr que

era a nau grande do comando de Sancho de Tovar. (1) Em artilharia, munições, aparêlho e mantimentos a armada levava o máximo e o melhor que era possível áquele tempo. Os cofres, maiormente o do capitão-mór e do feitor, abarrotavam e reluziam de oiro amoedado — os justos e os espadins de D. João II, os cruzados e os portugueses de D. Manuel, os últimos dos quais já celebravam o descobrimento da Índia, e ainda fóra do reino, as dobras castelhanas, os florins de Aragão, as coroas flamengas, os ducados de Veneza ou Roma e até a dobra mourisca ou valedia. Os capitães fidalgos levavam ricos vestidos para as recepções em estofos de Veneza, de Florença e Flandres, adornos de oiro e numerosa baixela

---

(1) Segundo a Relação do piloto anónimo, a armada, após a tempestade em que sossobraram quatro naus, fracionou-se em três partes, acrescentando que num dos grupos ia o capitão mór e no outro a nau El-Rei. Castanheda, confirmando, esclarece que a terceira parte era constituida pelo navio de Diogo Dias, que para sempre se apartou da armada, e que no segundo iam Sancho de Tovar e Nuno Leitão. Sendo assim, sabido o nome da nau de Nuno Leitão, a nau El-Rei pertencia ao sub-comandante. Ainda mesmo, quando ao segundo grupo pertencesse um terceiro navio, como se depreende da Relação do piloto anónimo, este, ao citar uma nau, referia-se por certo à de Sancho de Tovar, a qual sabemos ser das mais notáveis da armada.

de prata para o seu serviço. E na nau de Cabral amontoavam-se para os presentes aos monarcas de Melinde e da India, bacias e gomis de prata com bastiães dourados, os arreios de prata, as maças com as suas cadeias, tudo em prata, vistosas almofadas de brocado e de veludo carmezim, doceis franjados de oiro, tapetes e panos de Arraz opulentíssimos. O que de melhor a sumptuária nacional e a estrangeira importada podiam fornecer acomodava-se nos almofreixes de bordo, para que a armada tivesse o cunho duma embaixada solene e aparatosa. Os armazens do florentino Marchioni haviam de ter despejado ali as joias, os panos, as alfaias mais ricas que os seus agentes de toda a Europa lhe enviavam.

As instruções do capitão-mór, das quais, como dissemos, chegaram até nós dois trechos, e que podem ainda completar-se em parte com as instruções congéneres de D. Francico de Almeida, Fernão Soares e Diogo Lopes de Sequeira, revelam tanto pela vasta concepção do plano como pelo ordenar dos mínimos detalhes e previsão de acidentais estorvos, uma perfeita segurança e plenitude de método e de esforços, aplicados ao objectivo a realizar. Começam essas instruções por determinar o alardo da partida, e, a seguir a maneira que se deve ter na vigia de fogo, no regimento dos mantimentos, com as chaves dos paiois, na repartição

do vinho aos marinheiros, com as salvas e os sinais para a frota, durante toda a viagem e depois a derrota e acidentes possíveis, terminando com os objectivos da expedição, definidos e esmiuçados com previsão inexcedível. E, se a carta de capitania-mór concedia a Pedro Alvares poderes inteiros e severos de justiça, limitados apenas para os nobres, as instruções em mais que um passo patenteiam um cuidado paternal pelas tripulações.

Notemos ainda que, a crermos Gaspar Correia, o pagamento adeantado duma parte dos ordenados, que ia até um ano de vencimentos para a gente casada e a participação de toda a tripulação nos lucros, realizada com o direito de transportar especiarias, compradas nas mesmas condições do Estado e com a repartição das presas, se aproximam, na protecção as famílias, e excedem, nos interêsses aos indivíduos concedidos, a moderna organização dos exércitos em campanha.

São aquelas mesmas instruções que nos dão a entender o carácter da expedição em relação à Índia. Podem considerar-se objectivos principais, por um lado a aliança com os indios e a sua melhor cristianização, e por outro a guerra aos mouros infieis, para obter, pela paz com uns e a luta com os outros, o exclusivo do comércio oriental. Quanto à guerra com os mouros, fazer reparo a essas intenções seria ingénua incom-

preensão do tempo. Êsse pleito secular constituía ainda então um dos fundamentos da própria nacionalidade. As duas finalidades, a religiosa e a económica, surgem-nos, a cada passo daquelas instruções juntas e irmanadas nas figuras de Fr. Henrique e Aires Correia. À fôrça de junção repetida as duas figuras chegam a parecer-nos fundidas numa só, encarnação solidária da grei, aportando as praias indianas com a cruz numa das mãos e a balança na outra. E a balança, mais do que a cruz, era naquele tempo um símbolo de paz. Ao comércio se deve em toda a história uma grande parte dos descobrimentos geográficos.

Induzidos na ilusão do Gama e dos seus companheiros, os portugueses consideravam ainda então os malabares como cristãos. As instruções de Pedro Álvares respiram desde o princípio ao fim bôa fé e desejo de paz. E nada nos leva a crer que nesta altura a política imperialista do monarca e dos seus conselheiros revestisse outro carácter que o meramente económico. Nêsse intuito Pedro Alvares leva ordens expressas para dar de si e com a armada mostras de nobre e magnânima embaixada. «Ireis, recomenda o Rei, ancorar em Calecut com vossas naus juntas e metidas em grande ordem, assim de bem armadas, como de vossas bandeiras e estandartes e o mais louçãs que poderdes.» Ali chegados e encontrando

naus, de Meca que elas fossem, «não fareis nenhum nojo, antes as salvareis, e lhe mostrareis todo bom rosto e sinal de paz e boa vontade, dando de comer e beber e fazendo todo outro bom tracto a todos aqueles que as nossas ditas naus vierem...». E temendo que a dualidade entre o embaixador magnânimo e o comerciante ambicioso possa levantar suspeitas ao precavido Çamorim, o monarca ordena a Cabral que, em casos de hesitação ou dúvida, cure mais de afirmar a nobreza que o interêsse. Depois de lhe recomendar toda a cautela no ajustar dos preços, as instruções terminam: «E parecendo-vos que o dito Rei de Calecut neste caso se peja em alguma maneira, e vos parecer que não sai a isso assim bem, que espereis que nisso se aproveitara, em tal caso não cureis de insistir e não lhe falareis mais nisso... por lhe não parecer que para isto levais cousa determinada...»

Acima de tudo, Cabral deverá afirmar a sua nobre qualidade de enviado especial «porque vós não sòmente sois nem is mercador como os outros que à sua terra vão de tão perto, como sabeis; mas que sois nosso capitão e principalmente por nós enviado, com fundamento de muito amor, paz e amisade...». Nem a cubiça extrema mareava ainda o carácter nacional, nem as mesmas claras instruções de guerra aos mouros preveem ou dão margem às crueldades

com que alguns capitães desluziram a honra e as proezas. As instruções expressamente determinam que, após a tomada dalguma frota moura aos prisioneiros, que se não possam transportar ao reino ou resgatar na Índia, se metam numa nau e que os deixem ir nela.

Isto pelo que toca à Índia. Quanto à missão de Cabral, aportando ao Brasil, falta no seu fragmentado regimento a parte que nos podia elucidar sôbre as instruções que levava a tal respeito. Essa falta, junta a outras da mesma natureza, tem para nós o aspecto dum sequestro e constitui mais uma prova da intencionalidade da derrota, tantos são os factos que por outro lado a documentam e lhe demonstram em volta especiais cuidados de sigilo. Assente como um facto provado, pelo menos uma viagem anterior de Duarte Pacheco ao Brasil; demonstrado o conhecimento anterior de vastas regiões americanas; esclarecida a ambição do monarca, incendiada com as novas do Gama, de patentear ao mundo, em toda a grandeza o plano nacional, agora também que o verdadeiro caminho para a Índia estava descoberto e não havia a recear as ilusões da Espanha; definido o carácter de embaixada solene e de conquista marítima e económica da expedição; conhecidos ainda os avanços dos castelhanos pelas costas da América em direcção a Santa Cruz; tudo concorre para explicar e tornar necessá-

ria a intencionalidade da derrota naquela direcção.

Um outro facto da maior importância vem corroborar, em plena harmonia, com várias destas circunstâncias, a derrota objectival para o Brasil: referimo-nos à presença, na armada, de Duarte Pacheco. Que representava ali o antecessor de Cabral na viagem à América, o cosmógrafo, o negociador de Tordesilhas, o homem rígido que estava nos segredos transcendentes do Estado, o futuro executante de tão altas missões, por agora sem capitania de nau ou expressa função, numa aparente obscuridade tal que a carta de Caminha não o cita? Luminosamente se patenteia agora que êle era ali o elo secreto e forte que ligava a expedição ao plano nacional e o guia daquela parte da derrota, em nome da obra realizada.

E aqui uma objecção naturalmente ocorre. Se nesta mesma época os alviçareiros italianos, excedendo o conhecimento dos futuros cronistas nacionais, transmitiam para as suas metropoles tantas novas da Índia, das viagens dos Côrte-Reais e das seguintes expedições à costa sul-americana, como se compreende que aquele segredo não houvesse transpirado, tanto mais que na armada se incorporava um navio estrangeiro?

Ora a verdade é que o segredo transpirou.

A carta de Domenego Pisani, escrita logo após a chegada da primeira nau da expedição de Pedro Alvares, e aqui já tantas vezes referida, reza assim: «De sopra el Capo de Bona Speranza, verso garbin (para sudoeste), hanno discoperto una terra nuova, chiamano la terra de li papagá, por esser li papagá longi uno brazo e piú, de varij colori, de li quali hano visto doy. *Judicano questa terra esser terra ferma, perche corseno per costa 2000 mia e piu, né mai trovorono fin.*» Emquanto a carta de Caminha fala duma ilha e a Relação do piloto anonimo hesita entre chamar ilha ou terra firme à região descoberta, Pisani fala claramente duma terra firme e duma extensão de costas já exploradas, superior a 2:000 milhas. Muito diferentemente sabemos, pela carta de Caminha, que a porção de costa avistada pela armada de Cabral foi muitíssimo mais curta. «Esta terra, senhor, diz êle, me parece que da ponta, que mais contra o sul vimos, até outra ponta, que contra o norte vem, de que nós desta parte houvemos vista, será tamanha, que haverá nela 20 ou 25 léguas por costa.» Aquela informação revela, pois, viagens e explorações anteriores daquela costa. Acrescentemos que Pascuáligo numa carta sua dessa mesma data corrobora os informes de Pisani, ainda que dando apenas 600 milhas de extensão à costa conhecida: «corsa la costa de ditta terra per

spazio de 600 e più milia no hanno trovato fin alcuno.» (1)

E Vespucio, na sua carta de Cabo Verde, referindo-se às terras de Santa Cruz, tal noção adquire de que se trata duma grande terra firme, que não hesita em a afirmar ligada à ~~que~~ que ële descobrira muito mais ao norte, em companhia de espanhoes: «E dipoi d'aver navigato venti giornate circa a settecento leghe (che ogni lega é quattro migla e mezzo) posono in una terra dove trovorono gente branca e ignuda dela medesima terra, che io descoperi per Re di Castela, salvo que é piú a levante...»

Atribuir esta estranha concordância com a verdade e as possibilidades dum anterior conhecimento ao acaso, seria reincidir num êrro que tem apenas a recomendá-lo a comodidade de resolver dificuldades com pequeno esfôrço. Ao contrário, tudo novamente concorre para

---

(1) Harrisse, depois de citar estas duas passagens, acrescenta: «If either of those assertions was exact, Cabral could have furnished the cartographical data south of Porto Seguro: but such is not the case, and the two Venetian diplomatists were certailhy led into error by their Portuguese informers.» *The Discovery of North America*, pag. 341. A Harrisse faltaram muitos dos elementos para avaliar com justeza desta viagem, tantos que considera como meramente casual o aportar de Cabral a Vera Cruz. A carta de Pascualigo vem em Sanuto, *Diarii*, vol. LV, col 200.

dar viabilidade a semelhante informação. Vimos atrás que o primeiro navio da armada a Lisboa chegado pertencia a um estrangeiro: Bartolomeu Marchioni, florentino.

Sabemos já que Bartolomeu era associado nesta expedição nem mais nem menos que de D. Alvaro, tio e confidente do monarca. Dada a elevadíssima categoria do florentino, por êste mesmo facto provada, não será arriscada em demasia a suposição de que ele por inconfidencia do Bragança, homem, ao que parece, jactancioso (1), conhecesse uma parte dos segredos de Estado.

Averiguado igualmente ficou que Bartolomeu Marchioni prestava à coroa tais serviços, pelo que respeita à realização do plano dos descobrimentos, que é lícito supô-lo um pouco no segrêdo dêsse plano. Essa conjectura mais verosímil se afigura, considerando que muito provavelmente o rico mercador interferiu na vinda de Vespúcio para Portugal, com o fim de revelar ao rei os conhecimentos, adquiridos a bordo dos navios espanhois, das costas sul-americanas. De novo lembraremos que Vespúcio na carta de Cabo Verde identifica as costas por ele descobertas e as visitadas por Cabral como

(1) Brancamp Freire, *Livro 1 dos Brazões*, V. D. Alvaro.

a mesma terra firme. Aquele facto, por essa data realizado, mais que nenhum poderia explicar que Marchione e os seus colaboradores mais próximos estivessem no segrêdo do conhecimento anterior desta parte da América. Uma duvida podia subsistir quanto à possibilidade de Pisani e Pasqualigo terem obtido aquela informação por esta via. ¿Sendo Marchione um auxiliar do Rei, iria trair aquele alto segrêdo junto dos venezianos, os quais, como se vê pela carta de Chá Masser, o consideravam seu inimigo e que, por sua banda, eram rivais dos portugueses? Antes de mais nada, e em princípio, essa duplicidade de carácter não é deveras estranhável num italiano da Renascença. Além disso, fornece-nos uma carta de Pietro Pasqualigo, embaixador de Veneza em Lisboa, a prova de que Bartolomeu Marchione auxiliava àquela data os venezianos igualmente (1).

Outro ainda dos objectivos da expedição era o estabelecimento duma feitoria em Sofala, encargo particularmente destinado a Bartolomeu e Pero Dias. A posse do Brasil e do oiro de Sofala constituiam ambos, segundo cremos, dois objectivos auxiliares da conquista do comércio oriental. Assim, a expedição revestia essencialmente um carácter de imperialismo econó-

---

(1) *Racolta colombiana*, parte III, vol. I, pág. 83.

mico e continha já em si, com a participação estrangeira, a garantia da expansão comercial em toda a Europa.

Seja como fôr, pois que falamos de imperialismo, dois documentos preciosos, o fragmento maior das instruções e a carta de Caminha garantem-nos que o comandante da expedição, ao tractar com os indígenas das regiões visitadas, sôbre guiar-se pelos melhores desejos de honra e bôa paz, irradiou de si e quasi sempre comunicou à sua gente uma elevada piedade cristã.

A PARTIDA DA ARMADA DO RESTELO

Chegado o tempo azado e prestes as naus para a partida, a um domingo, 8 de março de 1500, dirigiu-se D. Manuel, com toda a sua côrte ao Restelo, onde já estavam as naus com as gentes de mar e de armas, para juntos ouvirem missa na ermida de Nossa Senhora de Belem (1). Em torno da velha ermida do Infante

---

(1) A tradição aponta a ermida, que ainda hoje se vê no mais alto da cêrca dos Jerónimos, como sendo aquela donde partiu Vasco da Gama e Pedro Alvares Cabral. Vários escritôres o afirmaram, e entre êles Luciano Cordeiro *(Portugueses fóra de Portugal — Uma sobrinha do Infante*, pag. 122). É, todavia, essa ermida de construção posterior àquela data. Fr. Jacinto de S. Miguel, frade jerónimo, que nos princípios do século XVIII escreveu a *Relação da insigne e real casa de Santa Maria de Belem*, diz a pag. 107 e 108 da sua obra: «A terceira e ultima destas tres ermidas é ***a que está mais no alto desta cerca, que é a do nosso padre S. Jerónimo,*** com tres altares nella e por dentro de obra de cantaria, toda lavrada e com tanta galanteria o seu

D. Henrique começava a erguer-se dos fundamentos entre os andaimes alterosos, o futuro mosteiro dos Jerónimos.

Devia ser um dêsses dias de primavera precoce, dum extranho encanto, tão comuns em Lisboa neste mez. O ar fino e macio esperta o sangue, ao respirar-se. O Tejo dum azul lus-

---

lavor que bem se vê ser grande primor dárte de sua arquitectura, sendo de tanta capacidade o corpo de toda ela que bem podia servir de templo e egreja a uma comunidade pequena». Não menos eloquente é o testemunho de Damião de Gois. Ouçamos: «esta capela se converteu no sumptuoso mosteiro, que no mesmo logar fundou el-rei D. Manuel, depois que Vasco da Gama tornou da India, o que certo é muito de louvar em el-rei, que com não ter mais conquistado da India, que saber que se podia ir a ella por mar, foi tanta sua fé em Deus, que como se ja tivéra ajuntados muitos tesouros da conquista dela, logo da sua própria fazenda *mandou abrir os alicerces em redor desta capela,* sôbre os quais se fez um dos grandes e magnificos edificios de tôda a Europa...» Trata largamente deste assunto Faria e Silva em *A Igreja da Conceição Velha,* Destes testemunhos, hemos de concluir que, não obstante as obras do mosteiro terem começado, ainda existia em baixo a primitiva ermida, fundada pelo Infante D. Henrique, sobre a areia da praia, no mesmo sitio dos Jerónimos, que nos primeiros tempos estavam à beira d'agua. Demais a posse aos frades Jerónimos só foi dada a 21 de Abril de 1500. À data da partida de Cabral, pois, devia existir a primitiva ermida e ainda a cargo dos freires de Cristo, que só depois passaram para a Conceição Velha.

troso maravilha os olhos. E das funduras marítimas da barra vem um apêlo aliciante e misterioso.

Naquele tempo o Tejo era mais largo em frente do Restelo; e as praias, que, hoje só mais abaixo principiam, alastravam da ermida até às águas, num declive de areais lavados. Nos tesos dos outeiros mais próximos, por cujas remançosas faldas viçavam hortos e pomares, girava com lenta majestade o velame trigueiro dos moinhos. Na outra banda, as ásperas colinas de abruptos barrancos humilhavam-se ali, as entradas do mar, e iam morrer em praia, a Caparica.

Por ser domingo, dia de festa e despedir da armada, despopulara-se Lisboa e o povo denso alastrava e revolvia-se pelas praias e pomares vizinhos. Predominavam no sombrio arraial os tons escuros do bristol, do condado ou do pano de varas com que a arraia miuda se cobria. Por entre a desenvolta chusma dos mesteirais, com seu gibão cintado e os vastos borzeguins festeiros, ou das mulheres, grossas de saias e leves de corpete, a entornar pelo decote os seios altos e morenos, os grados mercadores arrastavam as suas capas negras e compridas, como as dos frades agostinhos. Aqui e além, os matalotes, de partida, o pé descalço, as bragas soltas, o rude cotão cingido ao peito, o barrete vermelho para trás, ou os homens de armas, de

saio laminado e gorgeira metálica, eram festejados e abraçados em roda por amigos e parentes.

De quando em quando, do mais espesso do arraial vinham mulheres chorosas, com a mantilha escura descaida da testa até aos ombros, tombavam dobradas de aflição a porta da capela, e encomendavam, arquejando, os filhos e os maridos, a Virgem do Restelo.

As naus de mastro e verga limpa, a enxárcia fina flutuando, empavezadas de estandartes e bandeiras divisas de cada um dos capitães, baloiçavam o bojo curto e negro, na fundura do rio. Um ou outro pano solto, erguido pelo vento, enfunava a direito. Apenas nalguma caravela as vergas altas das latinas obliquavam contra o mastro, como asa lassa repousando.

Rodava já o sol no alto, quando o Rei e toda a côrte, em altaneira cavalgada, vieram e atravessaram, direitos à ermida, por entre a negra multidão, numa levada de cores vivas. Ao andar, enfunavam-se as capas roçagantes e os sombreiros garbosos; e ouviam-se as espadas com seus punhos dourados, batendo em tilintins agudos.

Já Pedro Alvares, os capitães das naus e as pessoas mais gradas da companha se ajuntavam na ermida.

Celebra a missa pontifical o bispo de Ceuta, D. Diogo Ortiz, matemático e cosmógrafo,

que auxiliára D. João II no plano dos descobrimentos e conhecia os altos segrêdos da nação. Mais uma vez a continuidade do plano se afirmava na figura que ia sagrar, à partida, o capitão-mór da expedição.

A capela da ermida, armada com panos de côres rútilas, regorgitava da gente nobre, de capitães e navegantes. Faiscavam na sombra os elos dos colares, os borlados e guarnimentos de oiro e pedras finas. Junto do Rei, agrupavam-se, por certo, o duque D. Jorge, filho do *Príncipe Perfeito*, D. Alvaro de Bragança e o Conde de Portalegre, que vinham ver também os seus navios, o Albuquerque, para abraçar o sobrinho pela última vez, o Alcáçova, que redigira as instruções, Aires Gomes da Silva, o Regedor, o Gama, D. Francisco da Almeida, e a flôr da fidalguia cortesã. E não haviam de ficar distantes, entre a gente que acompanhava a côrte, o Marchioni, o Serniche, o Salvago e os demais opulentos parceiros dos validos reais, na expedição.

Junto do altar, do lado da epístola, rutilava o sólio episcopal, com seu docel franjado de oiro, ladeado pelos assentos mais humildes dos acólitos. Do lado do evangelho, vergava e fulgia a credência com os vasos dourados, as pratas e as alfaias, que serviam à celebração do sacrifício. O bispo, de capa magna e mitra a oiro e pedras preciosas, avançou para o altar,

empunhando com aprumada majestade o báculo doirado, ladeado dos acolitos e precedido dos ceroferários, turiferários e do porta-cruz, com os capitulares de capas roçagantes. Sôbre o altar, para melhor vista da assistência, enquanto durou a cerimónia, esteve arvorada a bandeira da cruz da ordem de Cristo. Um cheiro espesso a cera e incenso entontecia. Lentos, os cânticos dos padres abismavam os homens em meditação. Prégou Dom Diogo Ortiz, glorificando aquela santa empresa e louvando e incitando Pedro Alvares Cabral e os seus companheiros, com o exemplo de quantos o tinham precedido no heroico esforço. Cá fóra, a matalotagem descoberta, que se apinhava à entrada da ermida, escutava em silêncio ou mesurava com as frontes em sinal de assentimento. E dentro da cortina real, ao lado do monarca, Cabral, solenemente adereçado, mostrava no rosto grave e sombrio de impaludado uma funda e ardente comoção. Eras novas, cheias de glória para os homens, alvoradas de fé, antevisões de impérios, anúncios em boca de profeta, por mais imaginoso, nunca ouvidos, relampejavam das palavras inspiradas do bispo. Muitos olhos abriam-se de pasmo; e um arrepio de entusiasmo heroico corria à flor das almas.

Finda a missa, o bispo lançou a bênção a Pedro Alvares e igualmente benzeu a bandeira de Cristo, que o Rei solenemente lhe entregou,

colocando-lhe também na cabeça um barrete bento, que o Papa lhe mandara. Depois fez-se uma solene procissão de relíquias e cruzes para acompanhar Pedro Alvares ao embarque. Seguia à frente o bispo, ladeado dos acólitos e precedido do porta-cruz e dos capitulares; acompanhavam-no os freires de Cristo, com as tochas na mão; e, empós o Rei, que conservava ao lado Pedro Alvares Cabral, seguía-se a côrte, os outros capitães e os tripulantes descobertos; atrás o povo acompanhava os cânticos, em côro.

A imensa voz religiosa reboou pelas praias. Uma fé sublime alagava os peitos rudes e borbulhava em lágrimas nos olhos.

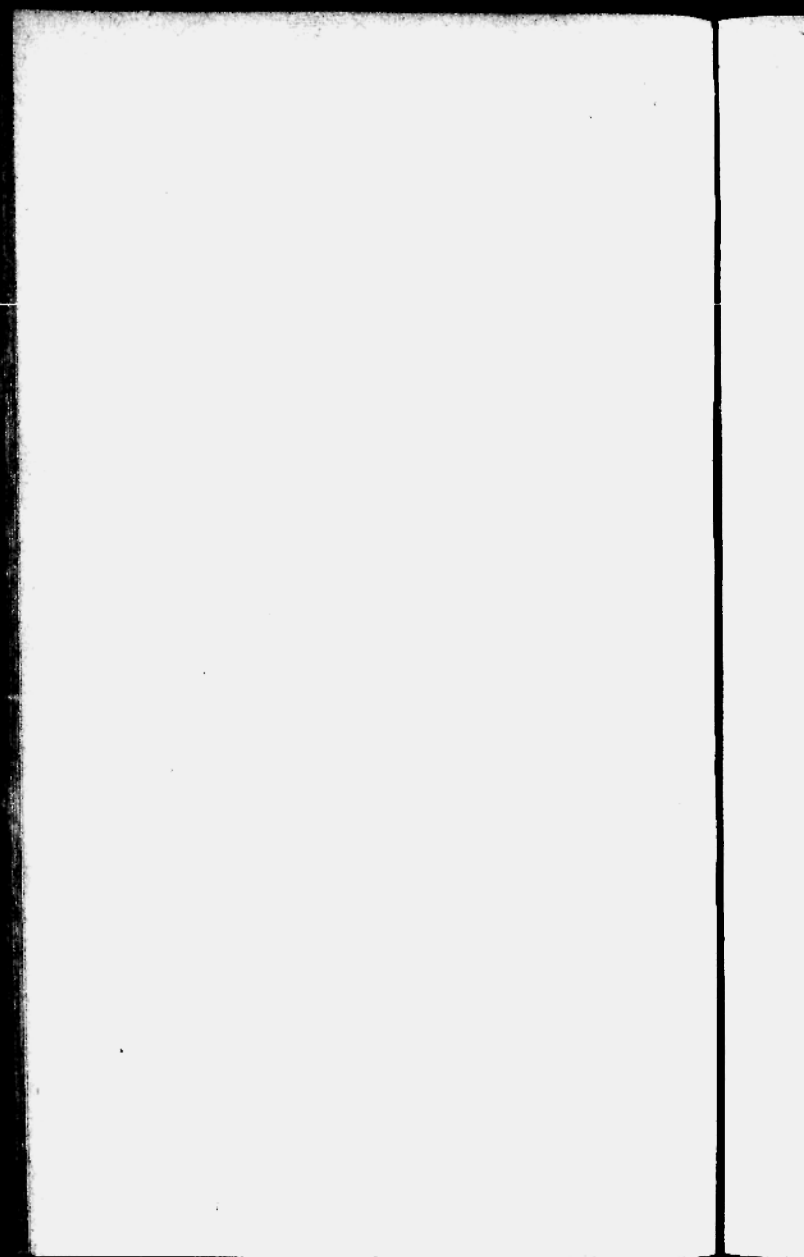
Na orla da água, o Rei, à despedida, recomendou uma última vez, com palavras amigas, a Cabral, a armada e os tripulantes. E depois que o capitão-mór e os outros capitães lhe beijaram a mão, todos começaram de entrar para os bateis. As colchas dos barcos, as bandeiras, estandartes e librés cobriam de côres o Tejo, que, no dizer de João de Barros, «não parecia mar, mas um campo de flôres, com a prol daquela mancebia juvenil, que embarcava». Nos bateis, que acompanhavam os que iam para o mar, sopravam, gemiam, batucavam, retiniam, num alarido bárbaro e atroante, as trombetas, os atabaques, os sestros, as frautas, os tambores.

Erguera-se, como é de uso, a tarde para a barra, um vento fino e sacudido. Escuras, as naus boiavam mais na urna azul do rio, e sôbre o trigueiro treu das velas oscilando sangrava a cruz de Cristo, emblema do sacrificio eterno do Homem pelo homem. Gaivotas, bandadas pelo alto, traçavam em volta os augúrios heroicos. A marinhagem encostada às amuras, ou debruçada das varandas, das janeladas e grades dos chapiteus, sacudia nas mãos com saüdoso desgarro as carapuças encarnadas. Dir-se hia que o clarão apoteótico do ocaso nascia dos corações em fogo. Sôbre as cobertas dos navios, as pontas das lanças fulgiram, pela ultima vez, à luz do poente. E na terra, os andaimes da catedral do Mar, em construção, cresceram no crepúsculo, arrancaram da sombra, e figuravam um arco de triunfo gigantesco, alevantado sôbre aquêle povo. O próprio Velho do Restelo, se de novo olhava da praia os que partiam, havia de louvar agora a sublime e nunca vista empresa.

Mas, ao cerrar-se a tarde, a turba debandou e o vento começou a soprar com mais violência. Na praia agora apenas os vultos ermos das mulheres, arrancadas aos últimos abraços, e desgrenhadas pelo arrepio vesperal, começavam de bradar ou de chorar baixinho. As bandeiras, as flâmulas, as latinas agudas das mezenas, drapejaram mais ansiosas, como se as sacudis-

sem mãos convulsas de quem grite ou soluce. As velas dos moinhos, num sobresalto súbito, giraram com mais fôrça, qual se na sombra os montes, comovidos, acenassem, acenassem também para dizer adeus.

Quantas daquelas naus, quantos daqueles homens não mais tornariam a ver êstes ceus, êstes montes, estas águas!

Só no dia seguinte a armada havia de partir. Raros fecharam olhos nessas últimas horas. E toda a noite o vento, numa exaltação, assoviou pelas enxárcias, — nos cabos e amantilhos, nas betas, nas driças, nos ostingues, contra as escoteiras retezados, tangendo como em outras tantas cordas daquelas treze liras, com gemidos lancinantes, a balada saudosa das viagens.

CONCLUSÃO

Iniciou Pedro Alvares Cabral os dois actos políticos mais grandiosos de toda a nossa história, — o império económico do Oriente e a colonização do Brasil. Como hoje do primeiro quási que só restam, padrões da vasta rota, as nossas colónias africanas, os historiadores contemporâneos ligam-lhe o nome, por via de regra, apenas ao segundo dêsses feitos.

Não obstante, o alcance da viagem de Pedro Alvares, dentro da sua época, provém de que êle revelou a Europa, em toda a grandesa magnífica, o plano nacional dos descobrimentos, tão longa e ocultamente conduzido e realizado. Êle inicia de facto com a primeira expedição a India de carácter comercial, o império económico português, que aproveitando a base naval do Brasil e o oiro da Mina e de Sofala, vai dominar todo o comércio do Oriente. E, tanto, como um plano da nação, realiza desta sorte uma aspiração multisecular da Europa. O sonho comercial da burguesia medieva encarna emfim

no nosso navegante. Nem o acto da posse e do baptismo de Vera Cruz, por êle realizado, e as origens da nação brasileira se podem inteiramente compreender, sem que os encaremos neste largo âmbito de história.

Intuitos comerciais sobrelevavam no plano dos descobrimentos portugueses. E o descobrimento da América foi uma conseqüência da procura do caminho marítimo para a Índia; derivou como um complemento daquela empresa formidável, que durante séculos preocupou a Europa. Portugal quis guardar-se, como fruto escolhido do seu conhecimento oculto e à custa de ceder a gloria de prioridade nesse descobrimento, a posse do Brasil.

Diminui em grandeza a origem da nação brasileira, pela sua inserção numa empresa de carácter comercial? Não o cremos. Essa origem sai assim dos domínios do acaso para a intencionalidade dum plano nacional. Vejamos o que se propunha, na essência, êsse grandioso plano.

Pretende o materialismo histórico explicar pelos factos económicos toda a história humana. Segundo essa escola filosófica, são as necessidades de ordem material e os meios inventados para as satisfazer, que originam e transformam as instituições sociais. No polo oposto, supõe a concepção idealista que a humanidade traz em si uma idea prévia de justiça e de direito e se move num caminho progressivo de civilização,

não pela transformação mecânica dos modos de produção, mas sob a influência daquele ideal. Pensamos, à maneira de tantos, que as duas concepções se podem e devem conciliar. Se a organização económica da sociedade influi poderosamente na sua concepção moral e direcção geral da sua vida, não é menos verdade que os sentimentos e as ideas generosas são igualmente factores da história humana.

Noutro capítulo afirmamos que os Descobrimentos portugueses vieram resolver um problema económico da Europa. Já um dos mais claros e penetrantes espíritos contemporâneos, num estudo sôbre a *Conquista de Ceuta*, fundando-se no exame crítico duma das fontes respectivas, a *Crónica da Conquista de Ceuta* de Azurara, defende, com um raro poder de lógica, a hipótese de que a iniciativa daquela emprêsa, longe de pertencer aos Infantes, partiu da burguesia comercial de carácter cosmopolita (1). Motivo? «Conquistar Ceuta era o primeiro passo decisivo para a solução do problema em que se empenhava o alto comércio: o do tráfico do Oriente». Na verdade em quási toda a Europa a burguesia comercial predominava. Florença, o mais civilizado dos estados contemporâneos, era uma república de mercado-

(1) António Sérgio, *Ensaios*.

res. No norte da Europa, para onde logo após as cruzadas se deslocara do Mediterrâneo o centro da actividade comercial, fundára-se a Liga Hanseática, estado único, no género, de origem e propósitos meramente mercantis, mas que armava esquadras, construia fortalezas e movia guerras por conta própria. Desde o século XIV que as nações italianas concorriam, fazendo escala por Lisboa aqueles portos de comércio. Acresce que naquela época os conquistadores maometanos do Egipto e da Asia Anterior ameaçavam cada vez mais o comércio europeu com a Asia e que, por êsse motivo, os italianos aspiravam desde os fins do século XIII a descobrir um caminho marítimo para o Oriente. A uma dessas tentativas já noutro logar nos referimos.

Além disso foram os descobrimentos portugueses precedidos das inúmeras viagens por terra, em especial as de Marco Polo e Nicolau Conti, que mais particularmente deram a Europa o conhecimento das riquezas orientais.

Durante longos séculos, a Europa sonha e trabalha na emprêsa que nós havemos de realizar. Pelo que diz respeito à arte de navegar, se nós conseguimos mais tarde desenvolvê-la largamente e dar-lhe um carácter nacional, sabe-se hoje, pelos estudos de Steinchneider, que à literatura árabe e judaica, se devem, desde o

século XII, os conhecimentos de astronomia náutica que haviam de servir de base às nossas primeiras navegações; assim como aos catalães os primeiros esforços donde havia de saír a nossa sciência cartográfica (1).

Uma vasta aspiração e preparação humana, em que colaboram os povos e raças mais diversas, precede a nossa obra. E quanto mais recebemos e somos dos outros influidos, mais a deante oferecemos e influimos na Humanidade.

Posto isto, teríamos nós obedecido apenas a razões de ordem económica geral? Não; ao iniciar e realisar os Descobrimentos comungamos o mais elevado espírito da Renascença. E antes, se recuamos o prólogo dessa empresa às viagens terrestres ao Oriente e às primeiras tentativas de descobrir o caminho para a India, devemos buscar-lhe as raizes espirituais no estudo de Aristóteles e no franciscanismo, que durante a última parte da Idade-Média tanto contribuiram para aproximar o homem da Naturêsa. Os alvores do renascimento português incorporam-se nesse grande clarão espiritual. Os recentes estudos de história de arte e das sciências nesse período mostram que nós caminhavamos então ao lado dos mais civilisados

---

(1) Bensaude. *L'astronomie nautique au Portugal à l'époque des grandes découvertes.*

povos. Se proseguíamos com as navegações altos interesses económicos partilhávamos também a aspiração que animava os povos europeus de alargar a consciência humana e conhecer o Universo. Ao lado dos grandes estadistas que dirigiam a política comercial tivemos, alem duma pleiade só hoje conhecida de grandes artistas, homens animados do mais puro espírito scientífico. E a deformação da história, que fez dos Descobrimentos uma aventura bélica, foi ao ponto de travestir algumas das nossas mais lídimas figuras de sábios, como Duarte Pacheco e D. João de Castro, quasi apenas com a couraça do guerreiro.

Facto eloqüente, assistem à posse do Brazil, os representantes do espírito e dos povos que prepararam e auxiliaram a obra nacional dos Descobrimentos. Em volta do berço verdejante de selvas, impregnadas pelo hálito do Atlântico, donde a nação brasileira surgiu, estão representadas no acto solene e oficial do baptismo, ao lado da nação que lhe vai dar a vida, com o sangue e o sofrimento, Génova e Florença, que ali enviam juntas uma nau, Castela, que partilha comnosco as glórias descobridoras do Novo Mundo, nas pessoas de Sancho de Tovar e do físico e astrólogo mestre João, os judeus cosmopolitas na pitoresca figura de Gaspar da India, o franciscanismo, que inicia a Renascença na compreensão e amor da nature-

za, nos oitos frades, a que preside Fr. Henrique, e até o próprio Oriente asiático nos fidalgos malabares, que o Gama trouxera a Portugal e agora regressavam a India.

O Brasil, nascendo de Portugal, na sua plenitude e pureza máximas, quando atingíamos o fastígio da nossa obra e antes de lhe sofrermos as terríveis conseqüências, nasce também do coração da Renascença, dentro do seu livre espírito cosmopolita, restringido apenas no que êle afectava os interêsses nacionais.

Nunca nação algumas teve tão elevados prenúncios a propiciá-la na sua origem. Nunca nação alguma nasceu dum esfôrço mais consciente, grandioso e harmónico.

Isso permite que a ceremónia tocante do baptismo, imortalizada pela carta de Caminha, presida um fidalgo, em cuja alma há um quê de angélico, tão elevado, generoso e enternecido como um puro símbolo da grei.

Desde logo a bordo da sua nau, pedaço da terra portuguesa, dormem os dois indígenas brasilienses, embalados pela doçura do grande capitão. E se Caminha fala dos dois degredados, que são forçados a ficar em terra, acrescenta que dois marinheiros, na véspera da partida, desertaram da armada, por se acolher às selvas. Um dos espiões italianos, que então viviam em Lisboa, mais bem informado, porventura, sôbre o número dos desertores, só

mais tarde com precisão verificável, vai mais longe e fala de cinco marinheiros, que fugiram, atraídos pelo encanto da terra (1). Assim, desde a origem, Portugal sagra também a sua posse com a atração irresistível dos nossos pelas florestas brasileiras.

E, se Caminha representava ali a religiosa ternura lusitana, a alma lírica da grei, para escrever a carta de origem do Brasil, não faltou igualmente uma figura vicentina, a de Diogo Dias, «homem gracioso e de prazer», tocando «um gaiteiro nosso com sua gaita» e dançando com os indígenas, para dar áquela scena o carácter nacional dum auto ou dum presépio pastoril.

---

(1) «Mettero un termine il quale hora ha posto in uso questo Re; tutti coloro quali nel suo regno commettono cose digne de gran pena overo di morte, tutti quelli fa pigliare ne alcun ne amaza, et servandoli col tempo gli manda in questi lochi et insule ritrovate, et imponeli questo, che se mai per alcun tempo ritornarano de dende gli harano lassati per terra a Lisbona, perdonali el delicto, et fali mercede de cinque cento ducati, ma credo io che rari ve ne ne tornarano, benchè in un locho che se chiama Sancta Croce, per essere dilectevole di bona aria et de dolcissimi fructi abondante, fugirno cinque marinari dele nave del Re, et non volseno piu tornare in nave, et li restarno.»

Dispacci dalla Spagna, sub anno 1501. Cancelleria Ducale. Arquivos de Modena. Citado em Harrisse, *The Discovery of North America*, pag. 346.

Bem longe duma obra de acaso ou de aventura, o aportar da frota a Santa Cruz incorpora-se assim num vasto plano nacional, metodicamente previsto e realizado. Portugal, ao conceber, com a inconsciência de todos os grandes criadores, a pátria brasileira, no zenite do génio e no explendor do seu heroismo consciente, entregava-lhe com o seu nacionalismo tão disciplinado e isento, a constância da vontade e o espírito organizador, gérmens da sua futura grandeza geográfica e espiritual. Brazonavam na origem a futura nação àlguns dos mais puros representantes da fidalguia lusitana, a que alevantou e defendeu o Mestre, com a fidelidade à terra e à grei natal, elemento primário na génese dum povo. Os sacerdotes franciscanos, representantes do mais compreensivo e abrazado cristianismo, erguiam-lhe nos fundamentos, para a sagrar, o símbolo duma religião, que fôra o melhor apanágio de humanidade, durante toda a Idade Média. Fixavam-lhe, sob os astros, a posição no globo, os melhores marinheiros e cosmógrafos do tempo. Pela voz e arte de Diogo Dias, ecoavam-lhe desde logo pelas selvas os cantos e músicas populares de Portugal. Regavam-lhe o chão, numa indelevel afirmação de lusitanismo, as primeiras lágrimas de saudade, choradas pelos olhos dos dois pobres exilados. Caminha escrevia com emoção enternecida a primeira página dos seus fastos. E para apa-

drinhar a nação que surgia com a Renascença, Portugal levava às festas solenes do seu baptismo uma nau de Florença, como que a predestiná-la para as glórias da Arte e a ansiedade divina da Beleza.

Sim, bem longe das inspirações ou caprichos do acaso, o Brasil nasce de nós, na plenitude do sentido e do ritmo, como um primeiro canto de epopeia.

DOCUMENTOS

EFRO

Mo

Do
guos
nhei
que
Jmd
pedr
nhea
lhe
dara
emo
e a
mo
em
par
Req
e c
con
dito
seru
faro
nan
por
rem

PERO ALUAREZ DE GOUUEA. CARTA DA CAPITANYA MOÓR E PODERES QUE LEUOU QUANDO FOY ENUYADO AS JMDIAS PER CAPITAM

Dom Manuell etc fazemos saber a vos quapitaes fidalguos caualeiros escudeiros meestres e pyllotos marinheiros e companha e oficiaes e todas outras pesoas que hys e jnviamos na frota e armada que vay pera a Imdia que nos pela muyta comfiamça que Temos de *pedraluarjz de guouuea* fidalguo de nosa Casa e por conheçermos delle que nysto e em toda outra coussa que lhe emcaregarmos nos saberaa muy bem seruir e nos daraa de sy muy boa comta e Recado lhe damos e emcarregamos a Capitanya moõr de toda a dita frota e armada Porem vollo noteficamos asy e vos mamdamos a todos em geerall e a cada huũ em espiçiall que em todo o que per elle vos ffor requerjdo e da nossa parte mamdado cumpraes e facaes jmteiramente seus Requyrjmemtos e mamdados asy e tam jmteiramente e com aquela deligemcia e bom cuydado que de vos comfiamos e o faryes se per nos em pessoa vos fosse dito e mamdado por que hasy o avemos por bem e noso seruiço e aqueles que asy o fezerdes e comprirdes nos fares nysso muyto seruiço e os que o comtrario que nam esperamos nos deseruiram muyto e lhe daremos por elo aqueles castigos que por taes cassos merecerem ¶ Outrosy por que as coussas de nosso seruiço

sejam guardadas e ffeitas como deuem em semelhamte frota e armada e por tall que sejam castigados aqueles que alguũs mallefiçios e delitos cometerem comtra noso seruiço e em quaes quer outros cassos que acomteçer possam per esta presemte lhe damos todo nosso jmteiro poder e alçada da qual em todollos cassos ataa morte naturall vssaraa jmteiramemte e se daram ha emxucaçam seus juizos e mamdados ssem delle aver apelaçam nem agrauo/ Porem este poder e allcada se nam emtemderaa nas pessoas dos capitaes das naaos e nauyos que com elle vaao e fidalguos e outros que na dita frota e armada emviamos quamdo alguũs casos crimes cometerem per que deuam ser castiguados por que sobre estes ssoomemte se faram os proçessos de seus cassos e nos seram trazidos pera os vermos e segundo as calidades delles seram ponydos e castiguados como for justiça e em testemunho de todo mamdamos fazer esta carta per nos asinada e aseelada do nosso sello a qual em todo mamdamos que se cumpra e guarde como nela se comtem sem mjmguoamemto alguũ. Dada em a nosa cidade de lixboa a xb dias de feuereiro amtonio carneiro a fez anno de nosso Señor Jhuũ x.º de mjll e quinhentos.

Chancellaria de D. Manuel, liv. 13.º, fl. 10.

Fragmentos de instrucções a Pedro Alvares Cabral quando foi por capitão mór de uma armada á India

Jesus. Item tanto que, a Deus prazeendo, partirdes da Angadyva, hirees vosa via ancorar davante de Callecut, com vosas naaos juntas e metidas em grande hordem, asy de bem armadas, como de vossas bandeiras e estendartes, e as mais louças que poderdes; e pousarès n aquele lugar, que souberdes que he melhor ancoraçam, e de mais segurança das naaos, e a nenhũas naaos que hy achees, posto que saibaes que sejam das de Meca, nem da dita Angadyva até Callecut, nam fares nenhum nojo, ante as sallvarès, e lhe mostrarès todo boom rostro e synall de paz e booa vontade, damdo de comer e beber, e fazendo todo outro boom trauto, a todos aqueles que as ditas nosas naaos vierem; teendo, porem, resgardo que nam emtrem tantos juntos, que gastem mujto mantymento, nem das naaos sse posam apoderar. E, depois de ancorados e amarrados, e tudo concertado, lançarès ffora em huum batel, Balltasar e estes outros indyos que levaaes, e, com eles, hum par d homens, dos que vos parecer que tem pera ello desposisam e descripçam, e manda los es que vaão com os ditos yndios ao Çamorym, rey de Calecut, e lhe digam como sempre, nos tempos pasados, dessejamdo muyto de saber das cousas d aquellla teerra da India e jemtes della, principalmente por serviço de nosso Senhor, por termos

enformaço que elle e seus suditos e moradores de seu reyno sam christaãos e de nosa fee, e com que devemos folgar de ter todo trauto amizade e prestança, nos desposemos a emvyar allguũas vezes nossos navyos a buscar a via da Yndya, por sabermos que os yndyanos sam asy christãos, e omeens de tal fe, e verdade, e trauto, que devem ser buscados, pera mais jmteiramente averem pratica de nosa fee, e serem nas cousas della doutrynados e ensinados, como compre a serviço de Deus e sallvaçam de suas allmas; e despois, pera nos prestarmos a tratarmos com elles, e elles comnosco, levamdo das mercadaryas de nosos regnos a elles necesarias, e asy trazemdo das suas; e que prouve a Deus, visto noso bom preposito, que, agora pouco tempo he, Vasco da Gama, noso capitam, ffoy em tres navios pequenos entrado no mar da Yndya, teer a sua terra, aa cidade de Callecut, domde os ditos jndios trouve, pera delles se aver falla e pratica, os quaaes lhe mandamos tornar, e per elles pode saber o que em nosas terras ha: e que, assy como lh os manda tornar, assy elle lhe deve mandar pagar a mercadarya que ao dito Vasco da Gama per seu mandado deceo em terra e lhe foy tomada, e que nos deu nova, principalmente d elle e de sua christindade e booa tençam acerqua do serviço de Deus, e, despois, de sua verdade e boom trauto de sua teerra, do que ouvemos muyto prazer. E detrymynamos emviar a vos, com estas poucas naaos, carregadas das mercadaryas que ouvemos enformaçam que ha sua terra eram necessaryas e proveytosas, pera com elle asemtardes, em nosso nome, paz e amizade, se elle asy follgar de ha ter comnosquo, como confyamos pollo que o dito Vasco da Gama nos dise; e nos pareçe que elle deve follgar, pois he Rey christaão e verdadeiro: porque, de nosa paz e trauto em sua teerra, se lhe seguira grande proveyto, principallmente pera ser ensynado e alumyado da fee, que hee cousa que mais que todas se deue jsty-

mar; e, despois, pellos grandes proveytos que avera, das mercadaryas que de nossos reynos e senhorios a sua terra lhe mandaremos, e nossos naturaaes lhe levaram; porque o que agora vay he ssomente pera amostra; porque nam sabeemos se estas, ou outras, ssam as que se la mais querem. E, porque vos folgaryees de vos veer com elle, pera mais largamente lhe dizerdes as cousas que de nosa parte vos mandamos que lhe fallasseijs, e lhe dardes nossas cartas, e alguũas cousas que, de pressente, por começo e synal d amizade, lhe emvyamos; e que vos pareçe que como quer que d elle e sua verdade todo se deva confyar, que nam devês sajr em terra ssem vos dar arrefeens pello que se fez ao dicto Vasco da Gama, que foy rethyudo em Pandarane; e assy por certa mercadarya nossa, que levava pera mostras, que em terra mandou poher e lhe ffoy tomada; o que creemos que nam foy por sua causa nem culpa. mas por requerymento e modos d allgũas jentes fora da fe, que ssem serviço e gardada *(sic)* de sua verdade nam dessejam; e, por tamto, lhe pedijs que vos queira dar as dictas arrefes, pera ficarem em vosas naaos atee vos a elas tornardes; e que folgaryes, pella enformaçam que d elles temdes, que fossem ff. e ff.; os quaees vos terees toda maneira, que vós la beem pareçer, pera, per allguum dos nossos que com os ditos indios logo emviardes, sserem vistos e conheçudos, de maneira que, emviando os o dito rey de Calecut, possa conheceellos, e vos nom posam em lugar deles meter outros, que nam sejam de sua valia e condiçam, no que terès muy grande resgardo; e que, damd os elle, yrès em teerra e lhe darès o que o dito he, e ffallarês cousas que elle muyto folgara d ouvyr, e que lhe trazera muyto proveyto e homrra, e que lhe pedijs que lhe nam pareça estranho pedirdes as ditas arrefens, porque asy he costume d estes reynos, que nenhum capitam principall nom sse saya de sseus navyos, em lugar em que ha paz nom

estee asentada, ssem arrefeens e segurança, e que nesta viagem asy o fezeste sempre: porque, posto que em allguuns lugares tocasseis, em que fostes muy bem recebido, e comvidado pera sayr em terra, o nom quisestes ffazer neem fezereys em casso que arrefeens vos deerem; mas que ho farês a elle, por ser christão e vertuosso, e porque vos a elle emvyamos, e que, ante de vos emviar estas arrefens, pode emviar seguramente aas ditas naaos seus feytores e carranes da terra, aos quaees todas as naaos seram mostradas, e as arcas e ffardos abertos; e veeram como sam cheas de mercadarya, e que mandamos a elle mercadores pera lhe dar proveyto, e que nam sam ladroes, como nos foy dito que lhe queryam fazer a emtemder, quando o dito Vasco da Gama laa ffoy.

E, se vollas deer, emtam, leixando as dictas arrefeens em vossas naaos e poder, homrradamente e muyto beem tratadas, e poreem, com tanto resgardo, que se nam posam hijr.—hijrès em terra com dez ou xb (15) homeens, quaaes vos milhor pareçer levardes comvosco, os outros capitaaes em suas naaos, e na vosa naao, hum capitam, todo asy a recado, que, do mar nem da terra, as ditas naaos nam sse possa fazer nenhuum dano; e leixando recado que, ate vos nam tornardes as naaos, nenhũa jente nam vaa mays em teerra, neem lançem nenhũua cousa fora; sallvo sse vos mandardes recado, per cada huum dos homens que comvosco foram, que ho faça; e emtam, yrees fallar ao dito rey, e lhe darees nossas encomendas, e asy lhe ofereceres aquillo, que por vos lh emviamos; e lhe direes de nossa parte, como desejamos sua amizade e comcordya, prestança, e trato em sua terra, e que pera ello vos emviamos la, com aquelas naaos de mercadarya; e que lhe rogamos que elle dee hordem como seguramente nosas mercadaryas se posam vender, e nos faça dar carrega pera as ditas naos, d espeçiarya e das outras mercadaryas da terra,

que pera ca sam proveytossas; e dee hordem como as ajaees per aqueles preços que na teerra estam e sse costumam vemder, de guissa que, se allguuns mercadores hy estantes, d esprouver de noso trato sse fazer hy, nom posam teer formas de as mercadarias da terra as fazerem mais levantar, daquillo por que elles as ham; e, se a vosa chegada, as dictas mercadarias pellos estantes forem atravesadas, vos faça dar pelo preço as que sejom necesarias pera carregar estas naaos; ou, sse amtes quisser obrigarsse sseu feytor a per ssy sosomente vos dar toda a carrega que ouverdes mester pera as naaos, repartida per aquelas partes e ssorte de mercadaria que lhe apontares, apontados os preços das suas, e de como tomaram as nossas, a vos vos prazera de assy sse fazer por mais breve despacho vosso, e mais brevemente se fazerem as mercadaryas..........
....
em qualquer d estas que asentardes vos ele prometer e, ffeita, começarés de mandar vender as mercadaryas que levaaes, e asy comprar das que querés trazer, e que no começo de vossas vendas e trato, elle sentira quem sooes e o proveyto que, agora e ao diante, de nossas naaos ha de receber.

Item Amtes d yrdes a el rey, se vos for posyvel, temde maneira de saber sse os direitos que se aly pagam das mercadaryas que entram, e asy das que saem, sam estes, que nos disse Gaspar, de que levaaes hũua folha; e, achamdo que he assy, dirês ao dito rey, que vos fostes sabedor como em sua teerra ha grandes dereytos, e que vos pareçe, que a nos nom se devem de levar tam gramdes; porque teemos novamente emviado a sua terra, e no comeco dos trautos sempre em todas partes se costuma fazerem quyta e favor aos que vaáo com mercadaryas; e que nos asy o costumamos em em nossos regnos; e, portanto, vos pareçe que elle asy ho deve fazer a nos e nosa mercadarya, e apontay com

elle em algũua cousa rezoada, que se haja de dar de compra e de venda, dizemdo lhe que, peroo seja menos do que os outros lhe pagam, ha de sser, prazemdo a Deus, a cantidade das naaos e mercadaryas tamta, que lhe rendam os seus direitos muyto mais, que agora remdem. E, parecemdo vos que o dito rey de Calecut neste casso sse peja em algũa maneira, e vos pareçer que nam say a ysso assy bem, que esperes que nisso se aproveitara, em tall casso, nam curares de insistijr, e nom lhe fallarès mais nisso, porque abastara o que lhe temdes fallado, por lhe nam parecer que pera ysto levaaes cousa detrymynada, e que perde allgũua cousa dos direitos que os mouros lhe dam. E, se porventura rrescusar de vos dar estas arrefens aquy nomeadas, ou outros taaes, de que tenhaaes enformaçam çerta, que sam de toda segurança e pera receberdes, pera, sobr ellas, vos em pessoa sayrdes em terra, nam sayrêes; e emtam, lhe mandarês apomtar que, pois vollas nam quer dar, que vos parece que nom folga tanto de lhe fallardes, e ver e ouvjr nosas cousas, como nos parecia, e que, por ysso, semellas, vos parece que nam devês sayr em terra; mas que, pera se fazer o trauto da mercadarya, e lhe sser fallado nas cousas d ele e lhe levar o que lhe envyamos per vos, lhe pedijs que vos queira enviar as naaos tres ou quatro mercadores e pessoas pera ysso, ssobre as quaees enviares outras tamtas, pera as ditas cousas per ellas lhe emviardes, e lhe fallarem de vossa parte. E, emtam, emviarês Ayres Correa, e, com elle dous dos sseus sprivaáes huum da receita, e outro da despesa, e lhe mandarès o que lhe emviamos, e lhe fallaram no trato e asento da mercadaria e dar da carega, pella maneira que em çima apomtamos que lhe vos avyes de dizer, vendo vos com ele; e lhe diram que lhe parece gramde erro e pouco seu serviço, nam dar as arrefees que, pera sayr em terra, lhe vos mandastes pedir, porque, se vos com ele vyrees, lhe

discreys cousas muyto de seu serviço, e asentareys aly huũa nosa cassa, em a qual ficaram os clerigos e frades que envyamos pera lhe ensynarem a fee, e como nela ham de crer e se salvar. E assy ficaram mercadaryas e......... de que elle recebera muyto proveyto... onrra... hirem a sua terra..... e abastarem sseu *(sic)* naturaes das cousas necessaryas, que as terras muyto nobrecem. E, se, todavya, elle se lançar de vos dar as ditas arrefeens pera, sobre ellas, vos poderdes seguramente hyr em terra, emtam lhe pediram que, aquelas que as naaos mandou, pera eles sobre ellas, hirem a elle, aja por bem estarem comvosco nas naaos, ate que elles carreguem.

Emtam asemtado ysto com o dito rey, em que nam cremos que aja duvjda, começara o dito Ayres Correa de tirar suas mercadarias em teerra, e vemder e comprar as que lhe pareçerem proveytossas pera nosso serviço; e nam pohera em terra toda a mercadaria junta, senam aquela que parecer necesarya pera se poder vemder, e empregar o dinheiro que d ella proceder em outra que logo sse venha as naaos; de maneira que sempre em terra sse corra o menos risquo que poderdes.

Em casso que o dito rey diga que nom ha de dar arrefeens, porquamto elle o nam costuma fazer a nehuuns, porque sua terra, pera todos aquelles que a ella quisserem hijr trautar, he certa e segura, e que asy será a elles, sse nella quisserem decer, trautar, comprar e vender, e quaaes quer outras pallavras a este rrespeyto, de modo que todavya se escusse de dar as ditas arrefes asy pera sobre ellas vos sayrdes, como atras he dyto, como outras pera sobre ellas fazer o dyto Ayres Correa ha mercadarya da carrega, em tall casso, vos lhe poderes mandar tornar a dizer que, o que elle asy diz, será muy gramde verdade, e que vos nam credes que all se faça, nem elle o conssemta; mas que, posto que tall seja o costume seu e de sua terra, e ysto que lhe requeres das

ditas arrefens, lhe pareeca cousa nova, a vos se deve fazer o que lhe apontaaes, porque vos, nam ssomente ssoes nem hjs mercador como os outros que a sua terra vaão de tam perto, como sabees: mas que sooes nosso capitam, e principallmente por nos emviado, com fundamento de muyto amor. paz e amizade, por ser rey christaão e tal, com que muyto o dessejamos, e que tantos annos e tempos ha que proseguymos, pello fruyto principall de serviço de nosso Senhor, que d isso se segue, e sua sallvaçam d elle dito rey, e dos de sua terra, pera que levaaes todos os aparelhos e cousas que myudamente neste recado lhe poderes apontar, asy de clerigos e frades, como de todallas outras cousas d esta necesydade; e, despois, pera que, ssobre as cousas do trauto sse ffaz tall assemto e acordo, com que pera os tempos vimdoyros fique seguro e certo, e se possa fazer com todo descamsso d aqueles que ao diante emviarmos, e poder asy pasar que sem nenhuum receo posam os nossos hyr a sua terra, e os seus vijr a nossa, sse compryr.

E, semdo casso que o dito rey de Calecut per nenhuum modo nam queira vijr a dar, asy as ditas arrefeens, nem pera vossa sayda em pessoa em terra, nem pera o dito Ayres Correa fazer ssobre ellas o negocio da carrega da mercadaria, como acima he apomtado, emtam, vos lhe tornarés ha emviar dizer, que, a vos vos vos *(sic)* despraz muyto d elle assy o fazer; porque nam esperavejs que nisso ouve *(sic)* pejo allguum; e que vos despraz ainda muyto mais, pello desprazer que nos averemos d aver, por hy nom asentardes nem fazerdes com elle as cousas e negocios de nossa paz, amor e asento, como esperavamos que se fizesse, pera o que, nam ssoomente vinheys nem ereys por nos emviado, mas ajnda pera despois de vosa carrega tomada, leixardes hy em sua cidade nosso feytor, e com elle ficar casa de nossas mercadaryas e outras pessoas que, pera com elle fica-

rem na casa, levaveys hordenadas; de que a elle se seguyrya tanto proveyto, que recebesse, allem d elle, muyto contentamento, por sua terra ser mais abastada e aproveytada em suas necesidades; e que, poys elle tanto pejo tem em cousa tam pouca, e por que segura tanto noso amor, prestança e amizade, posto que d isso se vos syga muyto desprazer, pellas rezões ja dytas, que vos hirees loguo a Callemur, e hy farees vosso asemto, paz, e asentarês vosso feytor e casa, que pera sua cidade levaveys, e com elle comsertarês todas cousas pera que se sygua e faça todo nosso serviço, o qual vos sabees que sse fara asy inteiramente, com'em sua cidade, e pella ventura, mays abastado e certo, e que elle sabe que ysto he assy verdadeiramente.

E, despois de assy myudamente com o mais que sobre ysto vos parecer, segundo o que la mais souberdes, veemdo que elle nam se muda pera o fim que aly queremos, emtam, pasado allguum dia ou dias, como vos milhor parecer, ainda que nisto deve aver poucas dilacoes, pellos pejos que sabees que d isso se sseguem, — emtam lhe tornarés a mandar dizer que, posto que tenhaes certeza que nosas cousas e nosso serviço sse farya muy jmteiramente em Calemur, e aly posamos teer muy segura nosa cassa e feytor, vos pello desprazer que sabees que d isso receberemos, por a elle primcipalmente vos emviarmos, e antes querermos com elle paz, amizade e asento, que com outro nenhuum rey da Yndya, detrymynaes, pospoemdo todo prasmo que dos vossos, neste casso, possaaes receber, ffazerdes com elle vossa mercadarya, e tomardes em sua cidade sua carrega; e com esta detryminaçam derradeira, emviarês em terra Ayres Correa e seus sprivaães, os quaes, em cada huũa das maneiras atras apontadas, trabalharam d aver e comprar as mercadaryas de vosa carrega, com ha mais brevidade e boom despacho que poderem, fazendo com a mayor segurança que vos la bem pare-

cer, e virdes que compra por mais certo recado das cousas de nosso serviço.

E, emquanto nestas negociacoes e fallas andardes com o dito rey de Callecut, trabalhar vos es, per qualquer modo que milhor posaes, de ssaber sse podês aver carrega em Callnur pera vossas naaos, e assy, se, queremdo vos lla pasar e asentar vossa cassa, sse podera fazer com nosso serviço, e serês la bem recebido, e assy, sse pera o diante, asentando hy, poderam sser seguras todas as cousas, asy pera a carrega dos tempos vyndoyros, como da estada do nosso feytor, e toda outra enformaram, semelhante, pera que, nom soomente posaes ser enformado no que la ajaes de fazer, mas ajnda pera d isso poderdes trazer jnteira e certa enformaçam, quando em booa *(sic)* vierdes.

Iteem, porquanto nesta maneira, nom saymdo a jemte fazer suas mercadaryas, se sseguyria jnconveniente, ter sse ha esta maneira, saber: o dicto Ayres Correa comprara toda a espeçiarya que as ditas partes quisserem comprar, as quaaes lhe entregaram suas mercadaryas, pera per ellas as aver, e dar lha a pellos precos por que a possa comprar, ssem nisso aver nenhuua outra mudança, segundo mais compridamente em seu regymento se decrara; e, se pella ventura pareçer que esto sera gramde trabalho ao dito Ayres Correa, e que ho nam podera ssofrer, pello que ha de fazer no nosso, emtam vos com elle e seus sprivaães embjerês huum feytor, que pera ello vos pareça mais auto e pertecente e ser lhe a hordenado huum sprivam, o quall a compra da especiarya das ditas partes fara das mercadarias que d ellas receber, passamdo em tall hordem, que se faca toda verdade, e se nom syga as partes nenhuum engano, semdo o tal feytor, porem, sempre acordado com o dito Ayres Correa, no preço das mercadaria *(sic)* asy das nossas que vender, como das que na terra compрar. E quanto aas outras mercadaryas myudas de pe-

drarya e outras, pera estas ssera hordenado huum outro feytor, em cada naao, que venha em terra, saber : cada dia, huum feytor de cada naao huum dia, e faca a compra das taaes mercadaryas, e vyra cada dia dormyr a naao; e, nesta maneira, sera provydo a huũa cousa e outra, com segurança de nosso serviço. E sse for casso que el rey de Callecut vos dee as arrefens atras apomtadas, ssobre que avees de ssayr em terra, pera lhe falardes e dardes nosso presente, e fazerdes o mais que atras vos he apomtado, emtam, vendo que as cousas passam em tall hordem, que sejam fectas com toda segurança, e que elle estara nellas certo, e se nam poderya seguyr jncomveniemte o que todo bem poderês sentyr pellos modos e meyos dos negoçios, e todas outras cousas que bem o poderam mostrar, — dir lhe ês que nos vos nom emviamos a elle pera ssoomente esta primeira viajem com elle fazerdes nosa paz e amizade, e assy nella carregardes nosas naaos que levaaes da especiarya e cousas da Yndya e de sua terra; mas pera que loguo em sua çidade leixees e fique nosso feytor e casa de nossas mercadaryas e pessoas outras que nella ajam de ficar, e assy clerigos e frades, e as cousas da Igreja, pera que nosa fee lhe seja asy jnteiramente mostrado e ensynada que possa nella ser dotrijnado, como fyel christaáo, no que elle sentyra quanto amor lhe teemos, e dessejamos todos sua amizade e prestança; e que lhe lhe pedijs que, pera sua ficada, elle vos ordene e mande dar casas em que seja apousentado, e tenha com toda segurança suas mercadarias e as pessoas que com elle ham de ficar; e que pera elle, e todos os que com elle ficar, e asy as mercadaryas que lhe leixardes, fiquem e sejam seguros em todos tempos; de que vos mande dar sua carta, e toda outra segurydade, tall como ssouberdes que he usso e costume da terra. E, dando vos assy o dito rey de Calecut estas segurancas, e quaesquer outras que la sentardes que devaes rrequerer, pera maior

segurança da ficada do dito feytor, segumdo o que la milhor poderdes saber, pelo costume da terra, ficara o dito feytor em a dita cidade com as mercadaryas..... ssobejarem da carrega e assy do toda a mais especiaria..... ordenado pera sua..., e dir lhe ês que, pois asy leixaaes o dito feytor e pessoas outras, e asy nosas mercadarias, a que muy principalmente fomos movydo por elle conhecer com quanto dessejo de sua amizade e prestança estamos, e quanto com ella sempre nos he de prazer, que lhe pedijs que queira emviar comvosco allguũas pessoas homrradas que nos venham ver, pera que nom ssoomente vejam a nos e a nossos reynos, mas, ajnda pellas obras, honrras e merçes, que de nos receberam posam milhor sentijr a vomtade que teemos pera elle e suas cousas; e trabalhar vos ês de as trazer, e, trazemdo, as receberam de vos toda honrra e boom trauto, que seja posyvel.

E se for casso que vos nam sejam dadas nenhũas das arrefeens, por nenhuum dos modos atras apomtados, e de necessidade ajaaes de trabalhar por aver a carrega das naaos, na forma atras scripta, per homde craramente ssemtirês e verês que nosso feytor e mercadaria, e asy as outras pessoas que com ele vaão hordenadas pera ficarem, nam devem ficar seguras na dita cidade de Callecut, em tal casso, depois de nossas naaos carregadas, lhe emviarês dizer que vos levaveijs preposito, e, ajnda, nosso mandado, de aly leixar nosso feytor e casa de nossas mercadaryas, como no capitulo atras se decrara, com o mais que emtam vijrdes; e, assemtando vos asy a ficada do dicto feytor, e as cousas com o dito rey de Callecut fiquem acordadas, com todo sseu prazer e nosso serviço, e vos, tomada vossa carregua, por derradeiro lhe direes, que elle deve ter ja conheçido quanta segurança de nossa paz e amizade seempre ha de teer, a qual per nos, e pellos nossos, em todos tempos lhe ssera jmteiramente gardada, e com todo sseu

proveyto e beem de seus reyno e jentes d elles; mas que, porquamto nos teemos sabido que em sua cidade tratam mouros. jmigos de nosa santa fee, e a ella vem suas naaos e mercadaryas, com os quaaes, assy pella obrigaçam que a ysso deve ter todo rey catholico, como porque a nos veem quassy por direita sobcessam, pello que myudamente lhe poderes apontar das cousas da guerra d aalleem, nos teemos contjnuadamente guerra, porem, que, por tal, que as cousas grandes he pequenas fiquem craras e certas, como antre nos e elle comveem, lhe fazees saber que, sse com as naaos dos ditos mouros de Meca topardes no mar, avees de trabalhar, quanto poderdes, por as tomar, e de suas mercadaryas e cousas, e asy mouros que nellas vierem, vos aproveytar, como milhor poderdes, e lhe fazerdes toda guerra e dapnno que posaaes, como a pessoas com quem tamta jmizade, e tam antyga, temos; e tambem porque comprimos com aquelo que a Deus nosso Senhor somos obrigado; porem, que seja certo que, em seu porto, e davante sua cidade, posto que vos as topees, e asy quaaesquer outros nossos capitaaes, que ao diante emviarmos, por lhe gardarmos o que em toda cousa de sseu prazer e contentamento sempre aveemos de folgar, lhe nom farês dano nem mall allguum, e ssoomente lhe ssera asy feito topamdo as no mar, como he dyto, homde elles a vos, e assy aos nossos que ao diante acharem, asy facam o que poderem; e que sseja ajuda certo, por saber como a elle e a suas cousas ha de ser gardado o que se deve como a rey com que tanto amor, paz e amizade senpre avemos de folgar de teer; e que, tomando vos, ou quaesquer outros nossos capitaães, as ditas naaos, que todos os jndyanos que nellas se acharem, e suas mercadaryas e cousas, nom se fara nojo nem dapnno, antes toda homrra e boom trauto, e seram seguros d isto pera livremente com todo o sseu serem leixados; porque ssoomente aos ditos mouros

sera feita a guerra, como a jmygos que sam nossos; e ajnda nos praz que, pois elle pode escusar estes mouros em suas terras e trato d ellas, pois prouve a nosso Senhor que de nos e de nossos recebesse todo o proveyto que d elles ate ora ouve, e ajnda muyto mais, que seria beem, e serviço de Deus, e porque nisto comprya o que deve como rey christaão, os lançar de sua terra e nom consentyr a elo mais vimjr nem trautar, poys d elles e de sua detemça, vinda e estada nella, lhe nom segue mais bem, que o proveyto que d elles ha, o qual em nos nossos *(sic)* recebera, com ajuda de nosso Senhor, comtanto mais acrecentamento, que elle seja contente; e que, semdo asy os taaes mouros e naaos de Mequa pellos nossos tomadas, que, neste casso, elle dê segurança, per sua carta, que, posto que, por causa d ello, os ditos mouros de Meca, que aos taes tempos, em sua cidade e terras esteverem, e quaesquer outros que ho depois requeiram requeiram *(sic)* que lhe seja feita represarya em nosso feytor e casa e nosas mercadarias e pessoas que com ellas esteverem, pera per ello serem satisfeytas do dapnno que lhe pellos nossos for feito, elle ho nam faça; nem aos nossos, nem nosas mercadaryas seja por ysso feito costrangymento, nem dano allguum, antes os defenda sempre, como he obrigado pella paz e amizade que comnosco tem.

Item, lhe direes que, porquanto nos temos sabido que em sua cidade e terra, ha costume que, ffalleçemdo nella allguum mercador, toda sua fazemda, mercadaryas e cousas suas fiqua a elle dito rey, e se recada pera elle, o que nom serya rezam se entender em nosso feytor, porque o semelhante se deve gardar naquellas pessoas que suas propyas mercadaryas e cousas fazem e trautam, o que nosso feytor nom faz, por tudo ser nosso, que, nisto, elle dê segurança que, posto que Deus nosso Senhor desponha do dito nosso feytor, e lla falleça, que emtam, todas nossas mercadaryas e cousas, e asy

toda nosa casa, seja fora do tall costume e d isso lyvre, e nosso feytor, que por seu falleçemento ficar faça lyvremente e sem nenhuum jmpedimento, todo, como o feytor fallecido fazia, sem a elle dito rey vimjr cousa alguũa, nem com ho nosso sse bollyr, porque, como dizemos nom serya rezam se gardar, nem fazer no nosso, o que aos outros mercadores e pessoas se faz.

Item, a esta falla pode se vjir, segundo os passos dos negocios que passardes, e que preseemtirdes nelle tantos pejos em cousa em que elle o nam devera teer, sobre vos dar as ditas arrefens, que vos o hijs leixar e poher em Callemur; e emtam vos partirês asy carregado, e vos hijres dereytamente a Callemur, e lhe darees as cartas nosas que llevaaes e lhe direes como nos vos emviamos a essas partes da Indya pera com os reys d ella asemtardes paz e amizade, como muytos tempos ha que ho dessejamos, e sse deve d huuns reys christaãos aos outros; e que, por vos ser dyto que em sua terra nom poderyes, logo esta primeira viajem achar carrega pera nossas naaos, fostes primeiro a Callecut, homde vossa carrega tomastes; e que, por nos termos sabido que elle he rey verdadeiro, e por tall ante todos conheçido, e assy que nas cousas de nossa fee estaa mais çerto e ffora da comversaçam e prestança dos mouros, jmigos d ella, e por muyto desejarmos, por todos estes respeytos, e todos outros que temos sabidos de sua vertude, vos mandamos que fosseijs a elle, e com elle em nosso nome asentasseijs paz e amizade, pera, ao diante, como... amigos, nos e os nossos nos prestarmos de suas terras, e elle e os seus das nossas, como he rezam e aveemos de follgar; e nam ssoomente por esto,... mais ajnda, recebemdo elle nossa paz e amizade, como esperamos, logo leixardes em sua cidade nosso feytor e pessoas nossas, e casa de nossas mercadaryas, pera que, nos tenpos vijmdoiros podessem a sua cidade himjr nossas naaos e navyos tomar sua

carrega. e se venderem nossas mercadaryas, e compra-
rem as que de la ouvermos mester, de que a elle, e a
toda sua terra, se sseguyra gramde homrra e proveyto;
e, tanto que, pella ventura, fique em sua cidade a prin-
cipall porta de todollos reys da India, que lhe pedijs
que sse elle comvosco quiser asentar, receba d isso pra-
zer e aja por bem ficar asy o dito feytor e vos dé d ello
toda segurança do costume da terra, saber: suas car-
tas, e qualquer outra semelhante; e, sse quiser mandar
alguũa pessoa ou pessoas suas, que venham comvosco
a nosos reynos, pera verem o que neles ha, e lhe poder
levar de tudo certeza, que credes que nos o averemos
em prazer, e lh as mandaremos tornar nas nossas naaos,
e que receberam de nos homrra e merçe, e assy de vos
no caminho sseram tratados como vos mesmo. E,
damdo a, emtam ficara o dito nosso feytor, com todos
os que vaão hordenados de com elle ficar, mercadaryas
e cousas que leva pera sua ficada; e, tudo concertado,
vos vos vimjres em booa ora. E nesta falla primeira,
que com ho dito rey ouverdes, trabalharés loguo de sa-
ber se em sua cidade se achara carrega das especiaryas,
e viram a ella as outras mercadaryas da Indya, e sse
elle sse trabalhara d isso; e assy sse as mercadaryas
que agora levastes, as querem aquy, ou outras; e, sse
outras, de que ssortes, pera nos saberdes dar de tudo
rezam, e allem disso ficara cujdado principal do fey-
tor... saber e sse dar hordem como o dito rey lhe
emvie..... por ellas e dê forma como aly se tragam a
vender, pera as elle poder comprar e ter prestes, pera
quando nosas naaos forem, prazendo a nosso Senhor,
acharem certa sua carrega, com todallas outras cousas
de que se ha de ter cuidado, segundo que em seu regy-
mento se declara.

E, tanto que, em booa ora, aquy em Canelur, tever-
des comcertado e a ficada do dito feytor asemtada, e
elle decido em terra com todo o que vay ordenado de

sua ficada, na forma que no capitulo atras sse decrara partir vos ês em booa ora, vya d estes reynos; e sse no caminho topardes allguũas das naaos de Meca, e parecemdo vos que tendes desposisam pera as poderdes tomar, trabalhar vos ês de as tomardes, nam jmvestymdo com ellas, podendo escussar, e soomente com vossa artelharya as fazerdes amaynar e lançar seus botes fora e nelles emviarem e virem seus pillotps, mestres e mercaaores, por que nesta maneira se faça mais seguramente esta guerra, e se possa seguyr menos dano a jente de vosas naaos; e, se, com a ajuda de nosso Senhor, per vos forem tomadas, de todas as mercadaryas que nellas achardes vos aproveytarês o milhor que poderdes, e as recolherés a nossas naaos; e todos os pilotos e mestres e allguuns mercadores principaaes que hy posam vimjr nas nossaas naaos, nos trarês; e os outros, e jente das ditas naaos, que assy tomardes, resgatares, avemdo pera ysso disposisam e lugar, e o tempo o consentijr; e, nam o podemdo asy bem fazer, entam, meterés todos em huũa das naaos, ha mais desaparelhada que hy ouver, e os leixarés hijr nella; e todas as outras meterés no fundo e queymarês, teemdo muy grande recado que, se, prazemdo a nosso Senhor, as ditas naaos tomardes, sse aproveytem as mercadaryas grossas e myudas que nellas....... com todo nosso serviço.

E, tanto que, prazemdo a nosso Senhor, teverdes atravesado, e fordes em Melynde, porque ja emtam terés sabido quaaes dos navyos de toda a armada sam mjlhores velleiros e quaes menos, e zorreiros, como fordes no dito Melymde, terés esta maneira, saber: todos os navyos que forem milhores veleiros, apartarés a huũa parte, e estes mandarês que façam seu caminho via d estes reynos, sem por os outros esperarem, mandando, porem, que estes, que asy forem mais velleiros, esperem huuns por outros, e gardem todo outro mais regimento que levaaes hordenado, na espera e synaes d huuns a

outros. por se nom perderem; e os que forem menos
velleiros e zorreiros apartarês a outra parte e estes ta-
ram seu caminho apartados per ssy, na forma que man-
damos e he decrarado que no façam os velleiros; e, se
for casso que ha vosa naao cayba no conto dos vei-
leiros, vimjrês vos na sua companhia e conserva, e hor-
denarês pera a parte dos que forem zorreiros, e piores
da veella, huum capitam moor, taall pessoa, qual pera
ysso escolherdes e vos pareçer que pera ysso sera mais
auta e pertencente, ao qual ficara e darês odo vosso
inteiro poder; e mandamos per este que todos os outros
capitaães e companha lhe obedeçam, e cunpram seus
mandados, como a vos mesmo ho faryam; e, se vos
cayrdes e vos... com os zorreiros, ficarês com elles,
e pera os outros hordenarês outro capitaão moor, na
forma sobredita....... dos mais velleiros, ou na parte
dos zorreiros cayr Sancho de Toar nam cayndo elle
comvosco jumtamente, neste casso, na parte em que
elle cayr, ficaram (sic) elle capitam moor.

E, posto que asy myudamente, neste regymento, vos
apomtemos as coussas que facaes e gardês, porque se-
gumdo os tempos e modo dos negoçios, especialmente
neste, de que ate ora tam pouco he sabido, e pella di-
versidade que, pela ventura, poderês achar nos costu-
mes da terra, parecemdo vos que em outra maneira
devês mudar e fazer as coussas, pera que as tragaes e
venham ao fim que conveem, e dessejamos por nosso
serviço, neste casso, pella muita comfiança que de vos
teemos, aveemos por beem e vos mandamos, que facaes
e syguaaes todo o que milhor vos pareçer, tomando
ssempre em tudo comsselho dos capitaães e feytor e de
quaesquer outras pessoas que vos pareça que nisso de-
vaes meter; e, emfym, o que escolherdes e acordardes,
seguyrês e farees.

Item, o capitam segundo.................................
....

Carta de Pero Vaz de Caminha

Senhor. Posto que o capitam moor d esta vossa frota, e asy os outros capitaães, sprevam a Vossa Alteza a nova do achamento d esta vossa terra nova, que se ora neesta navegaçom achou, nom leixarey tambem de dar d isso minha comta a Vossa Alteza, asy como eu milhor poder, ajmda que, pera o bem contar e falar, o saiba pior que todos fazer; pero tome Vossa Alteza minha inoramçia por boa vomtade; a qual bem certo crea, que por afremmosentar nem afear aja aquy de poer mais ca aquilo que vy e me pareçeo. Da marinhajem e singraduras do caminho nom darey aquy conta a Vossa Alteza, porque o nom saberey fazer, e os pilotos devem teer ese cuídado; e portanto, senhor, do que ey de falar começo e diguo:

Que a partida de Belem, como Vosa Alteza sabe, foy segunda feira ix de Março, e sabado xiiij *(14)* do dito mes, amtre as biij *(8)* e ix oras, nos achamos amtre as Canareas, mais perto da Gram Canarea; e aly amdamos todo aquele dia em calma, a vista d elas, obra de tres ou quatro legoas; e domingo xxij *(22)* do dito mes, aas .x oras, pouco mais ou menos, ouvemos vista das jlhas de Cabo Verde, saber: da jlha de Sam Njcolaao, segundo dito de Pero Escolar, piloto; e, a noute segujmte aa segunda feira, lhe amanheçeo *(sic)* se perdeo da frota Vaasco d Atayde com a sua naao, sem hy aver tempo forte, nem contrairo pera poder seer; fez o capi-

tam suas deligençias pera o achar a huũas e a outras partes, e nom pareceo majs; e asy segujmos nosso caminho per este mar de lomgo ataa terça feira d oitavas de pascoa, que foram xxj *(21)* dias d Abril, que topamos alguuns sygnaaes de tera, seemdo da dita jlha, segundo os pilotos deziam obra de bj^c lx *(660)* ou lxx legoas, os quaaes heram mujta camtidade d ervas compridas, a que os mareantes chamam botelho, e asy outras, a que tambem chamam rabo d asno; e aa quarta feira segujmte pola manhaã topamos aves, a que chamam fura buchos; e neeste dia, a oras de bespera, ouvemos vista de tera, saber: primeiramente d huum gramde monte muy alto e redomdo, e d outras terras mais baixas, ao sul d ele, e de terra chaã, com gramdes arvoredos, ao qual monte alto o capitam pos nome o monte Pascoal, e aa tera a tera da Vera Cruz. Mandou lançar o prumo; acharam xxb *(25)* braças; e ao sol posto, obra de bj *(6)* legoas de tera surgimos amcoras em xix braças, amcorajem limpa. Aly jouvemos toda aquela noute; e aa quinta feira pola manhaã fezemos vella e segujmos direitos aa terra, e os navjos pequenos diante, himdo per xbij *(17)*, xbj *(16)*, xb *(15)*, xiiij *(14)*, xiij *(13)*, xij *(12)*, x e ix braças ataa mea legoa de terra, omde todos lançamos amcoras em direito da boca de huum rio; e chegariamos a esta amcorajem aas x oras pouco mais ou menos; e d aly ouvemos vista de homeens que amdavam pela praya, obra de bij *(7)*, ou biij *(8)*, segundo os navjos pequenos diseram, por chegarem primeiro. Aly lançamos os batees e esquifes fora; e vieram logo todolos capitaães das naaos a esta naao do capitam moor; e aly falaram; e o capitam mandou no batel em tera Nicolaao Coelho pera veer aquelle rio; e tamto que ele começou pera la d hir acodiram pela praya homeens, quando dous, quando tres, de maneira que, quamdo o batel chegou aa boca do rio, heram aly xbiij *(18)* ou xx homeens pardos, to-

dos nuus, sem nenhuũa cousa que lhes cobrise suas vergonhas: traziam arcos nas maãos e suas seetas; vjnham todos rijos pera o batel; e Nicolaao Coelho lhes fez sinal que posesem os arcos; e elles os poseram. Aly nom pode d eles aver fala nem entendimento que aproveitasse, polo mar quebrar na costa; soomente deu lhes huum barete vermelho e huũa carapuça de linho que levava na cabeça e huum sombreiro preto; e huum d elles lhe deu huum sombreiro de penas d aves compridas com huũa copezinha pequena de penas vermelhas e pardas coma de papagayo; e outro lhe deu huum ramal grande de comtinhas bramcas meudas, que querem parecer d aljaveira; as quaaes peças creo que o capitam manda a Vossa Alteza; e com jsto se volveo aas naaos, por seer tarde e nom poder d eles aver mais fala, por aazo do mar.

A noute segujmte ventou tamto sueste com chuvaçeiros, que fez caçar as naaos, e especialmente a capitana; e aa sesta pola manhaã, aas biij *(8)* oras, pouco mais ou menos, per conselho dos pilotos, mandou o capitam levamtar amcoras, e fazer vela; e fomos de lomgo da costa, com os batees e esquifes amarados per popa, comtra o norte, pera veer se achavamos alguũa abrigada e boo pouso, omde jouvesemos, pera tomar agoa e lenha, nom por nos ja mjnguar, mas por nos acertarmos aquy; e quamdo fezemos vela seriam ja na praya, asentados jumto com o rio, obrra de lx ou lxx homeens que se jumtaram aly poucos e poucos; fomos de lomgo, e mandou o capitam aos navios pequenos que fosem mais chegados aa terra, e que, se achasem pouso seguro pera as naaos que amaynasem. E, seendo nós pela costa obra de x legoas d omde nos levamtamos, acharam os ditos navios pequenos huum arreçife com huum porto dentro muito boo, e muito seguro, com huũa muy larga entrada, e meteram se dentro e amaynaram; e as naaos arribaram sobr eles e

huum pouco amtes sol posto amaynaram, obra de huũa legoa do arreçife, e ancoraram se em xj *(11)* braças. E seendo Affonso Lopez, nosso piloto, em huum d aqueles navios pequenos per mandado do capitam, por seer homem vyvo e deestro pera jsso, meteo se loguo no esquife a somdar o porto demtro, e tomou em huũa almaadia dous d aqueles homeens da terra, mancebos e de boos corpos; e huum d eles trazia huum arco e bj *(6)* ou bij *(7)* seetas, e na praya amdavam mujtos com seus arcos e seetas, e nom lhe aproveitaram; trouve os logo ja de noute ao capitam, omde foram recebidos com muito prazer e festa.

A feiçam d eles he seerem pardos, maneira d avermelhados, de boos rostros e boos narizes bem feitos; amdam nuus, sem nenhuũa cobertura; nem estimam nenhũua coussa cobrir, nem mostrar suas vergonhas, e estam açerqua d isso com tamta jnocemcia como teem em mostrar o rostro; traziam ambos os beiços de baixo furados e metidos por eles senhos osos d oso bramcos de compridam de huũa maão travessa e de grosura de huum fuso d algodam, e agudo na ponta coma furador; metem nos pela parte de dentro do beiço, e o que lhe fica antre o beiço e os demtes he feito coma roque d enxadrez; e em tal maneira o trazem aly emcaxado que lhes nom da paixam, nem lhes torva a fala, nem comer, nem beber; os cabelos seus sam coredios, e andavam trosqujados de trosquya alta mais que de sobre pemtem, de boa gramdura, e rapados ataa per cjma das orelhas; e huum d eles trazia per baixo da solapa de fonte a fonte pera detras huũa maneira de cabeleira de penas d ave amarela, que seria de compridam de huum couto muy basta e muy çarada, que lhe cobria o toutuço e as orelhas, a qual amdava pegada nos cabelos pena e pena com huũa comfeiçam branda coma cera, e nom no era, de maneira que amdava a cabeleira muy redomda e muy basta e muy

jgual, que nom fazia mjngua mais lavajem pera a levantar. O capitam, quando eles vieram, estava asentado em huũa cadeira, e huũa alcatifa aos pees por estrado, e bem vestido com huum colar d ouro muy grande ao pescoço, e Sancho de Toar, e Simam de Miranda, e Nicolaao Coelho, e Aires Corea, e nos outros que aquy na naao com ele himos asentados no chaão per esa alcatifa. Acemderam tochas e emtraram, e nom fezeram nenhuũa mençam de cortesia, nem de falar ao capitam, nem a njmguem; pero huum d eles pos olho no colar de capitam, e começou d acenar com a maão pera a terra, e despois pera o colar, com o que nos dezia que avia em tera ouro; e tambem viu huum castiçal de prata, e asy meesmo acenava pera a tera e entam pera o castiçal como que avia tambem praia. Mostraram lhes huum papagayo pardo que aquy o capitam traz; tomaram no logo na maão, e acenaram pera a terra, como que os avia hy. Mostraram lhes huum carneiro; nom fezeram d ele mençam. Mostraran lhes huũa galinha; casy aviam medo d ela, e nom lhe queriam poer a maão; e despois a tomaram coma espantados. Deran lhes aly de comer pam e pescado cozido, confeitos, fartees, mel, e figos pasados; nom quiseram comer d aquilo casy nada, e alguũa coussa, se a provavam, lamçavam na logo fora. Trouveram lhes vinho per hũa taça; pozeram lhe asy a boca tammalavês e nom gostaram d ele nada, nem o quiseram mais; trouveram lhes agoa per huũa albarada; tomaram d ela senhos bocados e nom beberam; soomente lavaram as bocas e lamçaram fora. Vio huum d eles huũas contas de rosairo brancas; acenou que lh as desem; e folgou muito com elas; e lançou as ao pescoço; e despois tirou as e enbrulhou as no braço; e acenava pera a terra e entam pera as contas e pera o colar do capitam, como que dariam ouro por aquilo. Isto tomavamo nos asy polo desejarmos; mas se ele queria dizer que levaria as

contas e mais o colar. isto nom querjamos nos emtender porque lh o nom aviamos de dar; e despois tornou as contas a quem lh as deu. e entam estiraran se asy de costas na alcatifa a dormjr sem teer nenhũa maneira de cobrirem suas vergonhas, as quaaes nom heram fanadas, e as cabeleiras d elas bem rrapadas e feitas. O capitam lhes mandou poer aas cabeças senhos coxijs, e o da cabeleira procurava asaz polla nom quebrar, e lançaram lhes huum manto em cjma. e eles consentiram e jouveram e dormiram.

Ao sabado pola manhaã mandou o capitam fazer vella, e fomos demandar a emtrada, a qual era muy largua e alta, de bj *(6)*. bij *(7)* braças, e entraram todalas naaos demtro e amcoraram se em b *(5)*, bj *(6)* braças, a qual amcorajem dentro he tam grande e tam fremossa e tam segura, que podem jazer dentro nela mais de ij^c *(200)* navjos e naaos. E tanto que as naaos foram pousadas e amcoradas vieram os capitaães todos a esta naao do capitam moor, e d aquy mandou o capitam Nicolaao Coelho e Bertolameo Dias que fosem em terra e levasem aqueles dous homeens, e os leixasem hir com seu arco e seetas; aos quaaes mandou dar senhas camisas novas e senhas carapuças vermelhas e dous rrosairos de contas brancas d oso. que eles levavam nos braços. e senhos cascavees e senhas campainhas. E mandou com eles pera ficar la huum mancebo degradado, creado de Dom Joham Teello, a que chamam Affonso Ribeiro. pera amdar la com eles, e saber de seu vjver e maneira. e a mym mandou que fose com Nicolaao Coelho. Fomos asy de frecha direitos aa praya; aly acodiram logo obra de ij^c *(200)* homeens todos nuus e com arcos e seetas nas maãos; aqueles que nos levavamos acenaram lhes que se afastasem e posesem os arcos; e eles os poseram e nom se afastaram muito; abasta que poseram seus arcos, e emtam sairam os que nos levavamos e o mancebo degradado com eles; os

quaaes, asy como sairam, nom pararam mais, nem esperava huum por outro, senom a quem mais coreria; e pasaram huum rio que per hy core d agoa doce de mujta agoa, que lhes dava pela braga, e outros mujtos com eles; e foram asy corendo aalem do rrio antre huũas moutas de palmas, onde estavam outros; e aly pararom; e naquilo foy o degradado com huum homem, que logo ao sair do batel ho agasalhou; e levou o ataa la; e logo ho tornaram a nos; e com ele vieram os outros que nos levamos, os quaaes vijnham ja nuus e sem carapuças. E entam se começaram de chegar mujtos, e entravam pela beira do mar pera os batees ataa que mais nom podiam; e traziam cabaaços d agoa e tomavam alguuns barris que nos levavamos, e emchia nos d agoa e trazia nos aos batees; nom que eles de todo chegasem a bordo do batel, mas, junto com ele, lançavam no da maão, e nos tomavamo los, e pediam que lhes desem alguũa coussa. Levava Nicolaao Coelho cascavees e manjlhas, e huuns dava huum cascavel, e a outros huũa manjlha, de maneira que com aquela emcarna casy nos queriam dar a maão. Davam nos d aqueles arcos e seetas por sombreiros e carapuças de linho, e por qualquer coussa que lhes homem queria dar. D aly se partiram os outros dous mançebos, que nom os vimos mais.

Amdavam aly mujtos d eles ou casy a maior parte, que todos traziam aqueles bicos d oso nos beiços, e alguuns que amdavam sem elles traziam os beiços furados, e nos buracos traziam huuns espelhos de paao que pareciam espelhos de boracha; e alguuns d eles traziam tres d aqueles bicos, saber, huum na metade e os dous nos cabos, e amdavam hy outrros quartejados de cores, saber, d elles ameetade da sua propia cor, e ameetade de timtura negra maneira de zulada, e outros quartejados d escaques. Aly amdavam antr eles tres ou quatro moças bem moças e bem jentijs, com cabelos

mujto pretos comprjdos pelas espadoas, e suas vergonhas tão altas e tam çaradinhas, e tam limpas das cabeleiras, que de as nos mujto bem olharmos nom tijnhamos nenhuũa vergonha. Aly por emtam nam ouve mais fala nem emtendimento com eles por a berberja d eles seer tamanha que se nom emtendia nem ouvia njngem. Açenamos lhe que se fosem ; e asy o fezeram e pasaram se aalem do rrio, e sairam tres ou quatro homeens nossos dos batees, e encheram nom sey quantos barrijs d agoa que nos levavamos, e tornamo nos aas naaos ; e em nos asy vyndo açenavam nos que tornasemos : tornamos e eles mandarom o degradado, e nom quiseram que ficase la com eles ; o qual levava hũua baçia pequena e duas ou tres carapuças vermelhas pera dar la ao senhor, se o hy ouvese. Nom curaram de lhe tomar nada, e asy o mandaram com tudo ; e entam Bertolameu Dias o fez outra vez tornar que lhes dese aquilo ; e ele tornou, e deu aquilo, em vista de nós, aaquelle que o da primeira *(sic)* agasalhou ; e entam veo ssee trouvemolo. Este que o agasalhou era ja de dias e amdava todo per louçaynha, cheo de penas pegadas pelo corpo, que pareçia aseetado coma Sam Sebastiam ; outros traziam carapuças de penas amarelas, e outros de vermelhas, e outros de verdes ; e hũua d aquellas moças era toda timta de fumdo a cima daquela timtura, a qual certo era tam bem feita e tam rredomda, e sua vergonha que ela nom tjnha, tam graciosa, que a mujtas molheres de nossa terra, veendo lhe taaes feiçoeés fezera vergonha, por nom terem a sua com ela. Nenhuũm d eles nom era fanado, mas todos asy coma nos ; e com isto nos tornamos ; e eles foram sse.

Aa tarde sayo o capitam moor em seu batel com todos nos outros e com os outros capitaaes das naaos em seus batees a folgar pela baya, a caram da praya ; mas njnguem sayo em tera, polo capitam nom querer, sem embargo de njmguem neela estar ; soomente sayo

ele com todos em huum ilheeo grande que na baya esta, que de baixamar fica muy vazio, pero he de todas partes cercado d agoa, que nom pode njmguem hir a ele sem barco ou a nado. Aly folgou ele e todos nos outros bem hua ora e meya e pescaram hy amdando marinheiros com huum chimchorro; e matarom pescado meudo nom mujto; e entam volvemo nos aas naaos ja bem noute. Ao domingo de pascoela pola manhaã detremjnou o capitam d hir ouvir misa e preegaçam naquele ilheo, e mandou a todolos capitaães que se correjesem nos batees e fosem com ele; e asy foy feito. Mandou naquele ilheeo armar huum esperavel, e dentro neele alevantar altar muy bem coregido; e aly com todos nos outros fez dizer misa, a qual dise o padre frei Amrique em voz entoada, e oficiada com aquela meesma voz pelos outros padres e sacerdotes que aly todos heram; a qual misa, segundo meu parecer, foy ouvjda por todos com muito prazer e devaçom. Aly era com o capitam a bandeira de Christos com que sayo de Belem, a qual esteve sempre alta aa parte do avamjelho. Acabada a misa, desvestio se o padre, e pose se em huũa cadeira alta, e nos todos lamçados per esa area, e preegou huũa solene e preveitossa preegaçom da estoria do avanjelho, e em fim d ela trautou de nossa vjnda e do achamento d esta terra conformando se com o sinal da cruz sô cuja obediencia vijmos, a qual veo mujto a preposito e fez mujta devaçom.

Emquanto estevemos aa misa e aa preegaçom seriam na praya outra tanta jente pouco mais ou menos como os d omtem com seus arcos e seetas, os quaaes amdavam folgando e olhando nos; e asentaram se; e, despois d acabada a misa, aseentados nos aa pregaçom, alevantaran se mujtos d elles, e tanjeram corno ou vozina, e começaram a saltar e dançar huum pedeço, e alguuns d eles se meteram em almaadias duas ou tres que hy tijnham, as quaaes nom sam feitas como as que

eu já vy, soomente sam tres traves atadas jumtas; e aly se metiam iiij *(4)* ou b *(5)* ou eses que queriam, nom se afastando casy nada da terra, senom quanto podiam tomar pee. Acabada a pregaçom, moveo o capitam, e todos pera os batees com nosa bandeira alta, e embarcamos, e fomos asy todos contra terra pera pasarmos ao longo per ond eles estavam, hjndo Bertolameo Dias em su esquife, per mandado do capitam, diamte com huum paao d huũa almadia que lhes o mar levara, pera lh o dar, e nos todos obra de tiro de pedra tras ele. Como eles viram ho esquife de Bertolameo Dias, chegaram se logo todos a agoa, metendo se neela ataa onde mais podiam. Acenaran lhes que posesem os arcos, e mujtos d eles os hiam logo poer em terra, e outros os nom punham. Amdava hy huum que falava mujto aos outros que se afastasem, mas nom ja que m a mym parecese que lhe tijnham acatamento, nem medo. Este que os asy amdava afastando trazia seu arco e seetas, e amdava timto de timtura vermelha pelos peitos e espadoas e pelos quadrijs, coxas e pernas, ataa baixo; e os vazios com a bariga e estamego era da sua propria cor, e a timtura era asy vermelha, que a agoa lh a nom comya nem desfazia, ante, quando saya da agoa era mais vermelho. Sayo hunm homem do esquife de Bertolameu Dias, e andava antr eles sem eles emtenderem nada neele quanta pera lhe fazerem mal, senom quanto lhe davam cabaaços d agoa, e acenavam aos do esquife que saisem em terra. Com isto se volveo Bertolameu Dias ao capitam, e veemo nos aas naaos a comer, tanjendo tronbetas e gaitas, sem lhes dar mais apresam; e eles tornaram se a asentar na praya, e asy por entam ficaram. Neeste jlheo omde fomos ouvjr misa e preegaçam espraya mujto a agoa e descobre mujta area e mujto cascalhaao. Foram alguuns, em nos hy estando, buscar marisco, e nom no acharom; e acharam alguuns camaroões grosos e cur-

tos, antre os quaaes vinha huum mujto grande camaram, e muito grosso, que em nenhuum tenpo o vj tamanho; tambem acharom cascas de bergoões, e d ameijeas, mas nom toparam com nenhuũa peça inteira; e, tamto que comemos, vieram logo todolos capitaaes a esta naao per mandado do capitam moor, com os quaaes se ele apartou, e eu na conpanhia, e preguntou asy a todos se nos parecia seer bem mandar a nova do achamento d esta terra a Vosa Alteza pelo navjo dos mantijmentos, pera a mjlhor mandar descobrjr, e saber d ela mais do que agora nos podiamos saber, por hirmos de nosa viajem; e antre mujtas falas que no caso se fezeram, foj per todos ou a mayor parte dito que seria mujto bem, e nisto comcrudiram; e, tamto que a concrusam foy tomada, pregnmtou mais se seria boo tomar aquy per força huum par d estes homeens pera os mandar a Vossa Alteza, e leixar aquy por eles outros dous d estes degradados. A esto acordaram que nom era necesareo tomar per força homeens, porque jeeral costume era dos que asy levavom per força pera algũa parte dizerem que ha hy todo o que lhe preguntam; e que mjlhor e mujto mjlhor emformaçom da terra dariam dous homeens, d estes degradados, que aquy leixassem, do que eles dariam, se os levasem, por seer jente que njmguem emtende, nem eles tam cedo aprenderiam a falar pera o saberem tambem dizer, que mujto mjlhor ho estoutros nom digam, quando ca Vosa Alteza mandar; e que portamto nom curasem aquy de per força tomar njmguem, nem fazer escandolo, pera os de todo mais amansar e apaceficar, senom soomente leixar aquy os dous degradados, quando d aquy partisemos; e asy por mjlhor parecer a todos ficou detreminado; acabado jsto, dise o capitam que fosemos nos batees em terra e veersia bem o rrio quejando era, e tambem pera folgarmos. Fomos todos nos batees em tera armados, e a bandeira comnosco.

Eles amdavam aly na praya aa boca do rrio, omde nos hiamos, e ante que chegasemos, do emsino que d antes tynham, pozeram todos os arcos, e acenavam que saisemos; e, tanto que os batees pozeram as proas em terra, pasaram se logo todos aalem do rrio, o qual nom he mais ancho que huum jogo de manqual, e, tanto que desenbarcamos, alguuns dos nosos pasarom logo o rrio e foram antr elles, e alguuns aguardavam, e outros se afastavam; pero era a cousa de maneira que todos andavam mesturados. Eles davam d eses arcos com suas seetas por sonbreiros e carapuças de linho e por quallquer cousa que lhes davam. Pasaram aalem tamtos dos nosos e amdavam asy mesturados com eles, que eles se esquјvavam, e afastavan se, e hian se d eles pera cima onde outros estavam; e entam o capitam feze se tomar ao colo de dous homeens, e pasou o rrio e fez tornar todos. A jente que aly era nom serja mais ca aquela que soya; e, tanto que o capitam fez tornar todos, vieram alguuns d eles a ele, nom polo conhecerem por senhor, ca me pareçe que nom entendem, nem tomavam d isso conhecimento, mas porque a jente nossa pasava já pera aquem do rrio. Aly falavam e traziam mujtos arcos e contjnhas d aquelas ja ditas, e resgatavam por qualquer cousa, em tal maneira, que trouveram d aly pera as naaos mujtos arcos e seetas e comtas; e entam tornou se o capitam aaquem do rrio, e logo acodiram mujtos aa beira d ele. Aly verjees galantes pimtados de preto e vermelho, e quartejados, asy pelos corpos, como pelas pernas, que certo pareciam asy bem; tambem andavam antr eles iiij *(4)* ou b *(5)* molheres moças asy nuas, que nom pareciam mal. antre as quaaes andava huũa com huũa coxa do giolho ataa o quadril e a nadega toda tinta d aquela tintura preta, e o al todo da sua propia cor; outra trazia anbolos giolhos com as curvas asy timtas, e tambem os colos dos pees, e suas vergonhas tam nuas e com tanta inoçemçia descu-

bertas, que nom avia hy nehuũa vergonha. Tambem andava hy outra molher moça com huum menjno ou menjna no colo atado com huum pano nom sey de que aos peitos, que lhe nom pareçia senom as pernjnhas, mas as pernas da may e o al nom trazia nenhuum pano. E despois moveu o capitam pera cima ao longo do rrio, que anda sempre a caram da praya, e aly esperou huum velho que trazia na maão hũa paa d almadia; falou, estando o capitam com ele, perante nos todos, sem o nunca njmguem emtender, nem ele a nos quant a cousas que lh omem pregumtava d ouro, que nos desejavamos saber se o avia na terra. Trazia este velho o beiço tam furado, que lhe caberja pelo furado huum gram dedo polegar, e trazia metido no furado huũa pedra verde roim que çarava per fora aquele buraco; e o capitam lh a fez tirar; e ele nom sey que diaabo falava, e hia com ela pera a boca do capitam pera lh a meter; estevemos sobre iso huum pouco rijnado (rijnando), e entam enfadou se o capitam e leixou o; e huum dos nosos deu lhe pola pedra huum sonbreiro velho, nom por ela valer algũa coussa, mas por mostra; e despois a ouve o capitam, creo pera com as outras cousas a a mandar a Vossa Alteza. Amdamos per hy veendo a rribeira, aqual he de mujta agoa, e mujto boa; ao longo d ela ha mujtas palmas, nom mujto altas, em que ha muito boos palmitos. Colhemos e comemos d eles muitos. Entam tornou-se o capitam pera baixo pera a boca do rrio, onde desenbarcamos, e aalem do rrio amdavam muitos d eles damçando e folgando huuns ante outros, sem se tomarem pelas maãos, e faziam no bem. Pasou se emtam aalem do rrio Diogo Dias, almoxarife que foy de Sacavem, que he homem gracioso e de prazer, e levou comsigo huum gayteiro noso com sua gaita, e meteo se com eles a dançar tomando os pelas maãos, e eles folgavam e riam, e amdavam com ele muy bem ao soom da gaita. Despois de dançarem fez lhe aly am-

dando no chaão muitas voltas ligeiras e salto real, de que se eles espantavam, e riam e folgavam mujto; e com quanto os com aquilo muito segurou e afaagou, tomavam logo huũa esqujveza coma montezes; e foram se pera cjma; e entam o capitam pasou o rrio com todos nos outros; e fomos pela praya de longo, himdo os batees asy a caram de terra, e fomos ataa huũa lagoa grande de agoa doçe, que esta jumto com a praya, porque toda aquela rribeira do mar he apaulada per çjma e saay a agoa per mujtos lugares; e, depois de pasarmos o rrio, foram huuns bij *(7)* ou biij *(8)* d eles amdar antre os marinheiros que se recolhiam aos batees. e levaram d aly huum tubaram, que Bertolomeu Dias matou; e levava lh o, e lançou o na praya. Abasta que ataa quy, como quer que se eles em alguũa parte amansasem, logo d huũa maão pera a outra se esquivavam coma pardaaes de cevadoiro: e homem nom lhes ousa de falar rijo, por se mais nom esqujvarem; e todo se pasa como eles querem, polos bem amansar. Ao velho, com que o capitam falou, deu huũa carapuça vermelha; e com toda a fala que com ele pasou, e com a carapuça que lhe deu, tanto que se espedio, que começou de pasar o rrio, foi se logo recatando, e nom quis mais tornar do rrio pera aquem: os outros dous, que o capitam teve nas naaos, a que deu o que já dito he, numca aquy mais pareceram; de que tiro seer jente bestial e de pouco saber; e por ysso sam asy esqujvos; eles porem comtudo amdam muito bem curados e mujto limpos, e naquilo me pareçe aimda mais que sam coma aves ou alimareas monteses, que lhes faz ho aar mjlhor pena e milhor cabelo, que aas mansas; porque os corpos seus sam tam timpos é tão gordos e tam fremosos, que nom pode mais seer; e isto me faz presumjr que nom teem casas, nem moradas em que se colham, e o aar, a que se criam, os faz taaes; nem nos ainda ataa gora nom vimos nenhuũas casas nem maneira d elas. Mandou o

capitam aaquele degradado Afionso Ribeiro que se fosse outra vez com eles; o qual se foy; e andou la huum boom pedaço; e aa tarde tornou se, que o fezeram eles vimjr; e nom o quizeram la consemtir; e deram lhe arcos e seetas, e nom lhe tomaram nenhuũa cousa do seu; ante, dise ele que lhe tomara huum d eles hũas continhas amarelas que ele levava, e fogia com elas; e ele se queixou, e os outros foram logo apos ele e lh as tornaram e tornaran lhas a dar; e emtam mandaram no vimjr; dise ele que nom vira la antre eles senom hũuas choupanjnhas de rama verde e de feeytos muito grandes coma d amtre Doiro e Mjnho; e asy nos tornamos aas naaos ja casy noute adormjr. Aa segunda feira depois de comer saimos todos em terra a tomar agoa; aly vieram emtam mujtos, mas nom tamtos coma as outras vezes; e traziam ja muito poucos arcos; e esteveram asy huum pouco afastados de nos; e despois poucos e poucos mesturaran se comnosco; e abraçavam nos e folgavam; e alguuns d eles se esquivavam logo; aly davam alguuns arcos por folhas de papel, e por algũa carapucinha velha, e por qualquer cousa; e em tal maneira se pasou a cousa, que bem xx ou xxx pesoas das nosas se foram com elles onde outros mujtos d eles estavam, com moças e molheres, e trouveram de la muitos arcos e baretes de penas d aves d eles verdes, e deles amarelos, de que creo que o capitam ha de mandar amostra a Vossa Alteza; e, segundo deziam eses que la foram folgavam com eles. Neeste dia os vimos de mais perto, e mais aa nosa vontade por andarmos todos casy mesturados; e aly d eles andavam d aquelas timturas quartejados; outros de metades; outros de tanta feiçam coma em panos d armar; e todos com os beiços furados; e mujtos com os osos neeles; e d eles sem osos. Traziam alguuns d eles huuns ourjços verdes d arvores que na cor querjam parecer de castinheiros, senom quanto heram mais e mais pequenos; e

aqueles heram cheos de huuns graãos vermelhos pequenos, que, esmagando os antre os dedos fazia timtura muito vermelha, da que eles amdavam timtos, e quanto se mais molhavam tanto mais vermelhos ficavam. Todos andam rapados ataa cjma das orelhas, e asy as sobrancelhas e pestanas; trazem todos as testas de fonte a fonte timtas da timtura preta que parece huũa fita preta ancha de dous dedos. E o capitam mandou aaquele degradado Affonso Ribeiro e a outros dous degradados que fosem amdar la antr eles; e asy a Diogo Dias, por seer homem ledo, com que eles folgavam; e aos degradados mandou que ficasem lá esta noute. Foram se la todos e andaram antr eles; e, segundo elles deziam, foram bem huũa legoa e mea a hua povoraçom de casas, em que averja ix ou x casas, as quaaes deziam que eram tam conpridas cada hũa com eesta naao capitana; e heram de madeira, e das jlhargas de tavoas, e cubertas de palha de razoada altura, e todas em huũa soo casa, sem nenhuum repartimento; tinham de dentro mujtos esteos, e d esteo a esteo huũa rede atada pelos cabos em cada esteo, altas, em que dormjam; e debaixo, pera se aquentarem, faziam seus fogos; e tinha cada casa duas portas pequenas, huũa em huum cabo, e outra no outro; e deziam que em cada casa se colhiam xxx ou R *(40)* pesoas, e que asy os achavam; e que lhes davam de comer d aquela vianda que eles tijnham, saber, mujto jnhame, e outras sementes que na terra ha, que eles comem. E, como foi tarde, fezeram nos logo todos tornar, e nom quiseram que la ficasse nenhuum, e ajnda, segundo eles deziam, queriam se vimjr com eles. Resgataram la, por cascavees e por outras cousinhas de pouco valor que levavam, papagayos vermelhos mujto grandes e fremosos, e dous verdes pequenjnos, e carapuças de penas verdes, e huum pano de penas de mujtas cores, maneira de tecido, asaz fremoso, segundo Vosa Alteza todas estas cousas vera, porque o capitam

volas ha de mandar, segundo ele dise. E com isto vieram, e nos tornamo nos as naaos. Aa terça feira, depois de comer, fomos em terra dar guarda de lenha, e lavar roupa; estavam na praya, quando chegamos, obra de lx ou lxx sem arcos e sem nada; tamto que chegamos, vieram se logo pera nos sem se esquivarem; e depois acodiram mujtos que seriam bem ij^c *(200)* todos sem arcos; e mesturaram se todos tanto comnosco, que nos ajudavam d eles a acaretar lenha e meter nos batees e lujtavam com os nosos, e tomavam mujto prazer; e, emquanto nos faziamos a lenha, faziam dous carpenteiros huũa grande cruz de huum paao que se omtem pera yso cortou. Mujtos d eles viinham aly estar com os carpenteiros; e creo que o faziam mais por veerem a faramenta de ferro com que a faziam, que por veerem a cruz, porque eles nom teem cousa que de fero seja; e cortam sua madeira e paaos com pedras feitas coma cunhas metidas em huum paao, antre duas talas muy bem atadas, e per tal maneira que andam fortes, segundo os homeens que omtem as suas casas *(sic)* deziam, porque lh as viram la. Era ja a conversaçam d eles comnosco tanta, que casy nos torvavam ao que haviamos de fazer; e o capitam mandou a dous degradados, e a Diogo Dias que fosem la a aldea, e a outras, se ouvesem d elas novas, e que em toda maneira nom se viesem a dormjr aas naaos, ainda que os eles mandasem; e asy se foram. Emquanto andavamos neesa mata a cortar a lenha, atravesavam alguuns papagayos per esas arvores, d eles verdes, e outros pardos, grandes e pequenos, de maneira que me pareçe que avera neesta terra mujtos; pero eu nom veria mais que ataa ix ou x; outras aves entam nom vimos, somente algũuas ponbas seixas; e pareceram me mayores em boa camtidade ca as de Portugal; alguuns deziam que viram rolas; mas eu nom as vy; mas, segundo os arvoredos sam muy mujto e grandes, e d jmfimdas maneiras;

nom dovjdo que per ese sartaão ajam mujtas aves; e acerqua da noute nos volvemos pera as naaos com nossa lenha. Eu creo, senhor, que nom dey ajnda aquy conta a Vosa Alteza da feiçam de seus arcos e seetas; os arcos sam pretos e comprdos e as seetas comprjdas, e os feros d elas de canas aparadas, segundo Vosa Alteza vera per alguuns que creo que o capitam a ela ha d emvjar.

Aa quarta feira nom fomos em terra, porque o capitam andou todo o dia no navio dos mantijmentos a despejalo, e fazer levar aas naaos isso que cada huũa podia levar; eles acodiram aa praya mujtos, segundo das naaos vimos, que seriam obra de iij^c *(300)*, segundo Sancho de Toar, que la foy, dise, Diogo Dias e Affonso Ribeiro, o degradado, a que o capitam omtem mandou que em toda maneira la dormisem, volveram se ja de noute, por eles nom quererem que la dormisem, e trouveram papagayos verdes e outras aves pretas casy coma pegas, senom quanto tijnham o bico branco e os rabos curtos; e quando se Sancho de Toar recolheo aa naao querian se vimjr com ele alguuns, mas ele nom quis, senom dous mancebos despostos, e homeens de prol. Mandou os esa noute muy bem pensar e curar, e comeram toda vianda que lhes deram; e mandou lhes fazer cama de lençooes, segundo ele dise, e dormjram, e folgaram aquela noute; e asy nom foy mais este dia que pera sprever seja.

Aa quinta feira, deradeiro d Abril, comemos logo casy pola manhaã, e fomos em terra por mais lenha e agoa; e, em querendo o capitam sair d esta naao, chegou Sancho de Toar com seus dous ospedes, e por ele nom teer ajnda comjdo poseran lhe toalhas, e veo lhe vianda, e comeo; os ospedes asentaram nos em senhas cadeiras, e de todo o que lhes deram comeram muy bem, especialmente lacam cozido frio e arroz; nom lhes deram vinho, por Sancho de Toar dizer que o nom

bebiam bem; acabado o comer, metemo nos todos no batel, e eles comnosco; deu huum gromete a huum d eles huũa armadura grande de porco montes bem revolta, e tamto que a tomou meteo a logo no beiço, e, porque se lhe nom queria teer, deram lhe huũa pequena de cera vermelha, e ele corejeo lhe de tras seu aderemço pera se teer, e meteo a no beiço asy revolta pera cjma, e vijnha tam comtente com ela, como se tevera huũa grande joya; e tamto que saymos em terra, foi se logo com ela, que nom pareçeo hy mais. Andariam na praya, quando saymos biij *(8)* ou x d eles, e d hy a pouco começaram de vimjr, e parece me que vimjriam este dia aa praya iiij[c] *(400)* ou iiij[c] *(450)*. Traziam alguuns d eles arcos e seetas, e todolos deram por carapuças e por quallquer cousa que lhes davam; comjam comnosco do que lhes davamos; e bebiam alguũs d eles vinho, e outros o nom podiam beber; mas parece me que, se lh o avezarem, que o beberam de boa vomtade. Andavam todos tam despostos e tam bem feitos e galamtes com suas timturas, que pareciam bem; acaretavam d esa lenha quamta podiam com muy boas vomtades, e levavam na aos batees, e andavam ja mais mansos e seguros antre nos, do que nos andavamos antr eles. Foi o capitam com alguuns de nos huum pedaço per este arvoredo ataa huũa ribeira grande e de muita agoa, que a noso parecer era esta mesma que vem teer aa praya, em que nos tomamos agoa; ali jouvemos huum pedaço bebendo e folgando ao longo d ela antr ese arvoredo, que he tamto e tamanho e tam basto e de tamtas prumajeens, que lhe nom pode homem dar conto; ha antr ele muitas palmas, de que colhemos mujtos e boos palmjtos. Quando saymos do batel dise o capitam que seria boo hirmos dereitos aa cruz, que estava encostada a huũa arvore junto com o rrio, pera se poer de manhaã, que he sesta feira, e que nos posesemos todos em giolhos e a beijasemos, pera eles vee-

rem ho acatamento que lhe tijnhamos; e asy o fezemos. Eestes x ou xij *(12)* que hy estavam açenaram lhes que fezesem asy, e foram logo todos beijala. Pareçe me jemte de tal inoçencia, que, se os homem emtendese, e eles a nos, que seriam logo christaãos, porque eles nom teem, nem emtendem em nenhuũa creemça, segundo pareçe. E portamto, se os degradados que aquy am de ficar aprenderem bem a sua fala e os entenderem, nom dovido, segundo a santa tençam de Vosa Alteza fazerem se christaãos, e creerem na nossa samta fé, aa qual praza a nosso Senhor que os traga; porque çerto esta jente he boa e de boa sijnprezidade, e enpremarseá ligeiramente neeles qualquer crunho que lhes quiserem dar; e, logo lhes nosso Senhor deu boõs corpos e boõs rostros coma a boos homeens, e ele que nos per aquy trouve, creo que nom foy sem causa; e portanto Vosa Alteza, pois tamto deseja acreçentar na santa fe catolica, deve emtender em sua salvaçam, e prazera a Deos que com pouco trabalho sera asy. Eles nom lavram, nem criam, nem ha aquy boy nem vaca, nem cabra, nem ovelha, nem galinha, nem outra nenhuã alimaria que custumada seja ao viver dos homeens; nem comem senom d ese jnhame que aquy ha muito, e d esa semente e fruitos que a tera e as arvores de sy lançam; e com jsto andam taaes e tam rijos, e tam nedeos, que o nom somo nos tanto, com quanto trigo e legumes comemos. Em quanto aly este dia amdaram, sempre, ao soom de huum tanbory nosso, dançaram e bailharam com os nosos, em maneira que são muito mais nosos amigos que nos seus; se lhes homem acenava se queriam vimjr aas naaos, faziam se logo prestes pera iso, em tal maneira, que se os homem todos quizera comvidar, todos vieram; porem nom trouvemos esta noute aas naaos senom iiij *(4)* ou b *(5)*, saber: o capitam moor dous, e Simão de Miranda huum que trazia já por paje, e Ayres Gomes outro, asy page; os que o capitam trouve era

huum d eles huum dos seus ospedes que aa primeira. quando aquy chegamos lhe trouveram, o qual veo hoje aquy vestido na sua camiza e com ele huum seu irmaão, os quaes foram esta noute muy bem agasalhados, asy de vianda, como de cama de colchoões e lençoões, polos mais amansar.

E oje, que he sexta feira, primeiro dia de Mayo, pola manhãa saimos em terra com nossa bandeira, e fomos desenbarcar acima do rio contra o sul, onde nos pareceo que seria milhor chantar a cruz, pera seer milhor vista; e aly asijnou o capitam onde fezesem a cova pera a chantar; e emquanto a ficaram fazendo ele com todos nos outros fomos pola cruz, abaixo do rio, onde ela estava; trouvemola d ahy com eses relegiosos e sacerdotes diante cantando, maneira de precisam. Heram já hy alguuns d eles, obra de lxx ou lxxx; e quando nos asy viram vimjr, alguns d eles se foram meter de baixo d ela ajudarnos; pasamolo rio ao longo da praya e fomola poer onde avia de seer, que sera do rio obra de dous tiros de beesta: aly andando nysto vimjriam bem cl *(150)*, ou mais. Chentada a cruz com as armas e devisa de Vosa Alteza que lhe primeiro pregarom armaram altar ao pee d ela. Aly dise misa o padre frei Amrique, a qual foy camtada e ofeçiada per eses ja ditos; aly esteveram comnosco a ela obra de l ou lx d eles asentados todos em giolhos, asy coma nos, e quando veo ao avanjelho, que nos erguemos todos em pee com as mãaos levantadas, eles se levantaram comnosco e alçarom as mãaos, estando asy ataa seer acabado; e entam tornaram se a asentar coma nos. E quando levantantarom a Deos, que nos posemos em giolhos, eles se poseram todos asy coma nos estavamos com as mañ̃os levantadas, e em tal maneira asesegados, que certefico a Vosa Alteza que nos fez mujta devaçom. Esteveram asy comnosco ataa acabada a comunham, e depois da comunham comungaram eses religiosos e sacerdotes e

o capitam com alguuns de nos outros; alguuns d eles por o sol seer grande, em nos estando comungando, alevantaram-se, e outros esteveram e ficarom; huum d eles, homem de l ou lb *(55)* annos, ficou aly com aqueles que ficaram; aquele em nos asy estamdo ajumtava aqueles que aly ficaram, e ainda chamava outros; este andando asy antr eles falando lhes acenou com o dedo pera o altar. e depois mostrou o dedo pera o ceeo coma que lhes dizia alguũa cousa de bem; e nos asy o tomamos. Acabada a misa, tirou o padre a vestimenta de cjma e ficou na alva, e asy se sobio junto com ho altar em huũa cadeira; e aly nos pregou do avanjelho e dos apostolos, cujo dia hoje he, trautando em fim da preegaçoan d este voso pressegujmento tam santo e vertuoso, que nos causou mais devaçam; eses, que aa preegaçam sempre esteveram, estavam, asy coma nos, olhando pera ele; e aquele que digo chamava alguuns que viesem pera aly; alguuns vijnham e outros hiam se; e, acabada a preegaçom, trazia Njcolaao Coelho mujtas cruzes d estanho com cruçufiços que lhe ficarom ainda da outra vijnda; e ouveram por bem que lançasem a cada huum sua ao pescoço; pela qual cousa se asentou o padre frey Anrique ao pee da cruz, e aly a huum e huum lançava sua atada em huum fio ao pescoço, fazendo lhe primeiro beijar e alevantar as maãos; vinham a isso mujtos e lançaram nas todas, que seriam obra de R *(40)* ou L; e, isto acabado, era ja bem huũa ora depois do meo dja, viemos aas naaos a comer, onde o capitam trouve comsigo aquelle meesmo que fez aos outros aquela mostramça pera o altar e pera o ceeo, e huum seu irmaão com ele, ao qual fez mujta homrra; e deu lhe huũa camisa mourisca; e ao outro huũa camisa d estroutras; e, segundo o que a mym e a todos pareçeo, esta jemte nom lhes faleçe outra cousa pera seer toda christaã ca entenderem nos; porque asy tornavam aquilo que nos viam fazer coma nos meesmos,

per onde pareçeo a todos que nenhuũa jdolatria nem adoraçom teem. E bem creo que, se Vosa Alteza aquy mandar quem mais antr eles de vagar ande, que todos seram tornados ao desejo de Vosa Alteza; e pera isso, se alguem vjer, nom leixe logo de vimjr clerigo pera os bautizar, porque ja entam teeram mais conheçimento de nosa fe pelos dous degradados que aquy antr eles ficam; os quaaes ambos oje tambem comungaram. Antre todos estes que oje vieram, nom veo mais que hhũa molher moça, a qual esteve sempre aa misa, aa qual deram huum pano com que se cobrise, e poseram lh o d arredor de sy; pero ao asentar nom fazia memorea de o mujto estender pera se cobrir; asy, senhor, que a jnoçençia d esta jemte he tal, que a d Adam nom seria majs quanta em vergonha; ora veja Vosa Alteza quem em tal jnocencia vjve, ensinamdo lhes o que pera sua salvaçom perteeçe, se se converteram ou nom. Acabado isto, fomos asy perante eles beijar a cruz, e espedimo nos, e vjemos comer.

Creo, senhor, que com estes dous degradados, que aquy ficam, ficam mais dous grometes, que esta noute se sairam d esta naao no esquife em terra fogidos, os quaes nom vieram majs, e creemos que ficaram aquy, porque de manhaã, prazendo a Deos, fazemos d aquy nosa partida.

Esta terra, senhor, me pareçe que da pomta, que mais contra o sul vimos, ataa outra ponta, que contra o norte vem, de que nos d este porto ouvemos vista, sera tamanha, que avera neela bem xx ou xxb *(25)* legoas per costa. Traz as lomgo do mar em alguũas partes grandes bareiras, d elas vermelhas, e d elas bramcas; e a terra per cima toda chaã e mujto chea de grandes arvoredos. De pomta a pomta he toda praya parma mujto chaã e mujto fremosa; pelo sartaão nos pareceo do mar mujto grande, porque, a estender olhos, nom podiamos veer senem terra e arvoredos, que nos pareçia

muy longa tera. Neela ataa agora nom podemos saber que aja ouro nem prata, nem nenhuũa cousa de metal, nem de fero, nem lh o vimos; pero a terra em sy he de mujto boos aares asy frios e e *(sic)* tenperados coma os d antre Doiro e Minho, porque neste tempo d agora asy os achavamos coma os de la; agoas sam mujtas imfimdas; em tal maneira he graciosa que querendo a aproveitar, darseá nela tudo per bem das agoas que tem; pero o mjlhor fruito que neela se pode fazer me pareçe que será salvar esta jemte; e esta deve seer a principal semente que Vosa Alteza em ela deve lamçar; e que hy nom ouvese mais ca teer aquy esta pousada pera esta navegaçom de Calecut abastaria, quanto majs desposiçam pera se neela conprir e fazer o que Vosa Alteza tamto deseja, saber, acrecentamento da nosa santa fé.

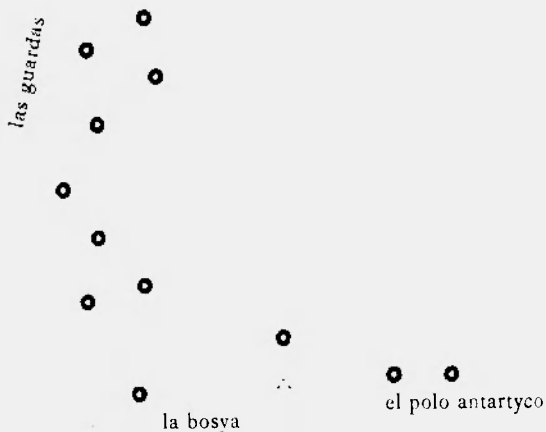
E neesta maneira, senhor, dou aquy a Vosa Alteza do que neesta vosa terra vy *(sic)*; e se a alguum pouco alonguey, ela me perdoe, e ao desejo que tijnha de vos tudo dizer m o fez asy poer pelo meudo. E pois que, senhor, he certo que, asy neeste careguo que levo, como em outra qualquer coussa que de vosso serviço for Vosa Alteza ha de seer de mym mujto bem servida, a ela peço que por me fazer simgular merçee mande vijr da jlha de Sam Thome Jorge Dosoiro meu jenrro, o que d ela receberey em mujta merçee. Beijo as maãos de Vosa Alteza. D este Porto Seguro da vosa jlha da Vera Cruz oje sesta feira primeiro dia de Mayo de 1500. Pero Vaaz de Camjnha.

(Sobrescripto:) A ElRei noso Senhor.

(Tem nas costas por letra coeva:) Carta de Pero Vaaz de Caminha do descobrimento da terra nova que fez Pedro Alvarez.

Carta de Mestre João

Senor: O bacherel mestre Joham, fisjco e çirurgyano de Vossa Alteza, beso vosas rreales manos. Senor: porque, de todo lo aca pasado largamente escrivieron a Vosa Alteza, asy Arias Correa, como todos los otros, solamente escrevjrê dos puntos. Señor: ayer segunda feria, que fueron 27 de Abril, desçendjmos en tierra, yo, e el pyloto do capytan moor, e el pyloto de Sancho de Tovar; e tomamos el altura del sol, al medjo dja; e fallamos 66 grrados, e la sonbrra era septentrional. Por lo qual, segund las rregras del estrslabjo, jusgamos ser afastados de la equinoçial, por 17 grrados; e, por consygujente, tener el altura del polo antartico en 17 grrados, segund que es magnjfiesto en el espera; e esto es quanto a la uno. Por lo qual, sabrra Vosa Alteza que todos los pylotos van adjante de mj, en tanto que Pero Escobar va adjante 150 leguas, e otros mas. e otros menos; pero quien djso la verdad, non se puede çertyficar, fasta que en boa ora allegemos al cabo de Boa Esperança, e ally sabrremos quien va mas çierto; ellos con la carta, o yo con la carta e con el estrolabjo. Quanto, señor, al sytyo desta tierra, mande Vosa Alteza traer un napamundj que tjene Pero Vaaz Bisagudo, e por ay podrra ver Vosa Alteza el sytyo desta tierra; en pero, aquel napamunj non certifica esta tierra ser habytada, o no. Es napamundj antjguo; e ally fallara Vosa Alteza escripta tanbyen la Mina. Ayer casy entendjmos por

aseños que esta era ysla, e que eran quatro, e que de otra ysla vyenen aqui almadjas a pelear con ellos, e los llevan catjvos. Quanto, señor, al otro pumto, sabrra Vosa Alteza que, çerca de las estrellas, yo he trabajado algo de lo que he podjdo, pero non mucho, a cabsa de una pyerna que tengo muj mala, que de una cosadura se me ha fecho una chaga, mayor que la palma de la mano; e tanbyen a cabsa de este navjo ser mucho pequeno e muj cargado, que non ay lugar pera cosa njnguna. Solamente mando a Vosa Alteza como estan situadas las estrellas del; pero en que grrado esta cada una, non lo he podjdo saber, antes me paresçe ser jnposjble, en la mar, tomarse altura de njnguna estrella; por que yo trabajê mucho en eso; e, por poco que el

navjo enbalançe, se yerran quatro o çinco grrados, de gujsa que se non puede faser, synon en tierra; e otro tanto casy djgo de las tablas de la Indja, que se non pueden tomar con ellas, synon con muj mucho trabajo;

que sy Vosa Alteza supyesse como desconçertavan todos en las pulgadas, rreyrya dello mas que del estrolabjo; porque desde Ljsboa ate as Canarias, unos de otros desconçertavan en muchas pulgadas, que unos desyan, mas que otros, tres e quatro pulgadas; e otro tanto desde las Canarias ate as yslas de Cabo Verde; e esto, rresguardando todos, que el tomar fuese a una mjsma ora, de gujsa que mas jusgavan puantas pulgadas que eran, por la qnantydad del camjno que les paresçia que avyan andado, que non el camjno por las pulgadas. Tornando, senor, al proposito, estas guardas nunca se esconden; antes syempre andan en derredor, sobre el orizonte, e aun estó dudoso, que non sê qual de aquellas dos mas baxas sea el polo antartyco; e estas estrellas, prinçipalmente las de la crus, son grrandes, casy como las del carro; e la estrella del polo antartyco, o sul, es pequena, como la del norte, e muy clara; e la estrella que esta en rriba de toda la crus es mucho pequena. Non quiero mas alargar, por non ynportunar a Vosa Alteza, salvo que quedo rrogando a Noso Senhor Jesu Christo la la *(sic)* vyda e estado de Vosa Alteza acresçiente, como Vosa Alteza desea. Fecha en Vera Crus, a primero de Majo de 500. Pera la mar, mejor es rregyrse por el altura del sol, que non por ningunas estrella *(sic)*; e mejor con estrolabjo que non con quadrante, njn con otro ningud estrumento.

Do criado de Vosa Alteza e voso leal servjdor Johanes artium et medicine bachalarius.

(Sobrescripto):) A El Rey noso Senhor.

Relação do Piloto anónimo

CAPITULO I.

De como ElRei de Portugal mandou huma Armada de doze nãos, de que era Capitão mór Pedro Alvares Cabral; dez das quaes forão ter a Calicut, e as outras duas a Çofala, que fica na mesma derrota, a fim de contratar em mercadorias; e de como descobrirão huma terra muito povoada de arvores e de gente

No anno de mil e quinhentos mandou o Serenissimo Rei de Portugal D. Manoel huma armada de doze nãos e navios para as partes da India, e por seu Capitão mór Pedro Alvares Cabral, Fidalgo da sua Casa, as quaes partirão bem apparelhadas, e providas do necessario para anno e meio de viagem. Dez destas nãos levavão regimento de hir a Calicut, e as duas restantes a hum lugar chamado Çofala para contratar em mercadorias, ficando este porto na mesma derrota de Calicut, para onde as outras dez hião carregadas. Em hum Domingo outo de Março daquelle anno, estando tudo prestes, sahimos a duas milhas de distancia de Lisboa, a hum lugar chamado Rastello, onde está o Convento de Be-

lem, e ahi foi ElRei entregar pessoalmente ao Capitão mór o Estandarte Real para a dita Armada. No dia seguinte levantámos ancoras com vento prospero, e aos quatorze do mesmo mez chegámos ás Canarias: aos vinte e dous passámos Cabo verde; e no dia seguinte esgarrou-se huma náo da Armada, por fórma tal, que não se soube mais della. Aos vinte e quatro de Abril, que era huma quarta feira do Outavario da Pascoa houvemos vista de terra; com o que tendo todos grandissimo prazer, nos chegámos a ella para a reconhecer, e achando-a muito povoada de arvores, e de gente que andava pela praia, lançámos ancora na embocadura de hum pequeno rio.

O nosso Capitão mór mandou deitar fora hum batel, para ver que povos erão aquelles, e os que nelle forão acharão huma gente parda, bem disposta, com cabellos compridos; andavão todos nús sem vergonha alguma, e cada hum delles trazia aquelle seu arco com frexas, como quem estava alli para defender aquelle rio: não havia ninguem na armada que entendesse a sua lingoagem, de sorte que vendo isto os dos bateis, tornárão para Pedro Alvares, e no em tanto se fez noute, e se levantou com ella hum muito rijo temporal. Na manhã seguinte escorremos com elle a costa para o Norte, estando o vento Sueste, até ver se achavamos algum porto aonde nos podessemos abrigar e surgir; finalmente achámos hum aonde ancorámos, e vimos daquelles mesmos homens, que andavão pescando nas suas barcas; hum dos nossos bateis foi ter aonde elles estavão, e apanhou dous que trouxe ao Capitão mór, para saber que gente erão: porém, como dissemos, não se entendião por fallas, nem mesmo por acenos, e assim tendo-os retido huma noute comsigo, os poz em terra no dia seguinte, com huma camiza, hum vestido, e hum barrete vermelho, com o que ficarão muito contentes, e maravilhados das cousas que lhes havião sido mostradas.

CAPITULO II.

Como os homens daquella terra principiarão a tratar comnosco: das suas casas, e de alguns peixes que alli ha muito diversos dos nossos

Naquelle mesmo dia, que era no Outavario da Pascoa a vinte e seis de Abril, determinou o Capitão mor de ouvir Missa; e assim mandou armar hum tenda naquella praia, e debaixo della hum altar; e toda a gente da Armada assistio tanto á Missa como á Pregação, juntamente com muitos dos naturaes, que bailavão, e tangião nos seus instrumentos; logo que se acabou, voltámos aos navios, e aquelles homens entravão no mar até aos peitos, cantando e fazendo muitas festas e folias. Depois de jantar tornou a terra o Capitão mor, e a gente da armada para espairecer com elles: e achámos neste lugar hum rio de agoa doce. Pela volta da tarde tornamos ás náos, e no dia seguinte determinou-se fazer aguada, e tomar lenhas; pelo que fomos todos a terra, e os naturaes vierão comnosco para ajudar-nos. Alguns dos nossos caminhárão até huma povoação onde elles habitavão, cousa de tres milhas distante do mar, e trouxerão de lá papagaios, e huma ralz chamada inhame, que he o pão de que alli uzão, e algum arroz; dando-lhe os da armada cascaveis e folhas de papel, em troca do que recebião. Estivemos neste lugar sinco ou seis dias: os homens, como já dissemos, são baços, e andão nús sem vergonha, tem os seus cabellos grandes, e a barba pelada; as palpebras e sobrancelhas são pintadas de branco, negro, azul, ou vermelho; trazem o beiço debaixo furado, e metem-lhe hum osso grande como hum prégo; outros trazem huma pedra azul ou

verde, e assobião pelos ditos buracos : as mulheres andão igualmente nuas, são bem feitas de corpo, e trazem os cabellos compridos. As suas casas são de madeira, cobertas de folhas e ramos de arvores, com muitas colunnas de páo pelo meio, e entre ellas e as paredes pregão redes de algodão, nas quaes póde estar hum homem ; e de cada huma destas redes fazem hum fogo, de modo que n'huma só casa póde haver quarenta ou sincoenta leitos armados a modo de teares. Nesta terra não vimos ferro nem outro algum metal, e cortão as madeiras com huma pedra: tem muitas aves de diversas castas, especialmente papagaios de muitas cores, e entre elles alguns do tamanho de gallinhas, e outros passaros muito bellos, das pennas dos quaes fazem os chapeos e barretes de que uzão. A terra he muito abundante de arvores, e de agoas, milho, inhame, e algodão; e não vimos animal algum quadrupede : o terreno he grande, porém não podemos saber se era Ilha ou terra firme; ainda que nos inclinamos a esta ultima opinião pelo seu tamanho; tem muito bom ar ; os homens uzão de redes, e são grandes pescadores ; o peixe que tirão he de diversas qualidades, e entre elle vimos hum, que podia ser do tamanho de hum tonel, mas mais comprido, e todo redondo, a sua cabeça era do feitio da de hum porco, os olhos pequenos, sem dentes, com as orelhas compridas : pela parte inferior do corpo tinha varios buracos, e a sua cauda era do tamanho de hum braço ; não tinha pés, a pele era da grossura de hum dedo, e a sua carne gorda e branca como a de porco.

CAPITULO III.

Como o Capitão mor mandou cartas a ElRei de Portugal, dando-lhe parte de ter descoberto aquella nova terra; e como por causa da tempestade se perderão quatro naos: da povoação de Çofala, aonde ha huma mina de ouro, a qual fica junta a duas Ilhas

Nos dias que aqui estivemos, determinou Pedro Alvares fazer saber ao nosso Serenissimo Rei o descobrimento desta terra, e deixar nella dous homens condenados á morte, que traziamos na Armada para este effeito; e assim despachou hum navio que vinha em nossa conserva carregado de mantimentos, além dos doze sobreditos, o qual trouxe a ElRei as cartas em que se continha tudo quanto tinhamos visto e descoberto. Despachado o navio sahio o Capitão em terra, mandou fazer huma Cruz de madeira muito grande, e a plantou na praia, deixando, como já disse, os dous degradados neste mesmo lugar; os quaes começárão a chorar, e forão animados pelos naturaes do paiz, que mostravão ter piedade delles. No outro dia, que erão dous de Maio, fizemo-nos á véla, para hir demandar o Cabo da boa Esperança, achando-nos então engollados no mar mais de mil e duzentas leguas de quatro milhas cada huma: e aos doze do mesmo mez, seguindo o nosso caminho, nos appareceo hum cometa para as partes da Ethiopia, com huma cauda muito comprida, o qual vimos outo ou dez noutes a fio: em fim quando se contavão vinte do mez, navegando a Armada toda junta, com bom vento, as velas em meia arvore e sem traquetes, por causa de huma borrasca, que tinhamos tido em o dia

antecedente, veio hum tufão de vento tão forte, e tão de subito por diante, que o não percebemos senão quando as vélas ficarão cruzadas nos mastros; neste mesmo instante se perderão quatro náos com toda a sua matalotagem, sem se lhe poder dar soccorro algum; e as outras sete que escaparão, estiverão em perigo de se perderem; e assim fomos agoentando o vento com os mastros e vélas rotas, e a Deos misericordia todo aquelle dia: o mar embraveceo-se por maneira tal, que parecia levantar-nos ao Ceo; até que o vento se mudou de repente, e posto que a tempestade ainda era tão forte que não nos atreviamos a largar as vélas; ainda assim navegando sem ellas, perdemo-nos huns dos outros de modo que a Capitania com duas outrai náos tomárão hum rumo, outra chamada ElRei com mais duas tomarão outro; e as que restavão ainda outro; e assim passámos esta tempestade vinte dias consecutivos sempre em arvore seca; até que aos dezaseis do mez de Junho, houvemos vista da terra da Arabia onde surgimos; e chegados á costa podemos fazer huma boa pescaria. Esta terra he muito populosa, como vimos, navegando ao longo da praia com bom vento, e tempo aprazivel: além disso he muito fructifera, com muitos rios grandes, e muitos animaes, de modo que toda era bem povoada. Continuando a nossa viagem chegámos diante de Çofala, onde ha huma mina de ouro, e achámos junto a esta povoação duas Ilhas: estavão aqui duas náos de Mouros, que tinhão carregado ouro daquella mina, e hião para Melinde, os quaes tanto que nos avistarão, começárão a fugir, e lançárão-se todos ao mar, tendo primeiro alijado o ouro para que lho não tirassemos. Pedro Alvares depois de se ter apoderado das duas náos, fez vir ante si o Capitão dellas, e lhe perguntou de que paiz era, ao que respondeo que era Mouro, primo de ElRei de Melinde, que as náos erão suas, e que vinha de Çofala com aquelle ouro, trazendo

comsigo sua mulher e hum filho, os quaes se tinhão afogado querendo fugir para terra: o Capitão mór quando soube que o Mouro era primo de ElRei de Melinde (o qual era muito nosso amigo) se desgostou sobre maneira, e fazendo-lhe muita honra, lhe mandou entregar as suas duas naos com todo o ouro que se lhe tinha tirado. O Capitão Mouro perguntou ao nosso se trazia comsigo algum Encantador, que podesse tirar a outra porção que tinhão deitado ao mar, ao que elle respondeo que eramos Christãos, e que não tinhamos semelhantes uzos. Depois tirou o nosso Capitão mór informações das cousas de Çofala, que ainda neste tempo não era descoberta senão por fama, e o Mouro lhe deo por novas, que em Çofala havia huma mina muito abundante de ouro, cujo Senhor era hum Rei Mouro, o qual assistia em huma Ilha chamada Quilôa, que estava na derrota que deviamos seguir: e que o parcel de Çofala já nos ficava atraz; com isto o Capitão se despedio de nós, e continuámos a nossa jornada.

CAPITULO IV.

Da Ilha de Moçambique; e como chegamos a Quilôa aonde achamos as outras naos que se tinhão esgarrado: como o Capitão Mór fallou com o Rei da dita terra, e da Cidade de Mombaça

Aos vinte do mez de Julho chegámos a huma Ilha pequena, que he do mesmo Rei de Çofala, chamada Moçambique, não muito povoada, apezar de assistirem nella mercadores ricos; aqui fizemos agoada, e tomámos refrescos, e hum Piloto para nos levar a Quilôa:

esta Ilha tem muito bom porto, e está pouco distante da terra firme; daqui partimos para Quilôa ao longo da costa, e achámos muitas Ilhas povoadas, que são deste mesmo Rei. Chegámos a Quilòa aos vinte e seis do dito mez, e ahi nos ajuntámos seis das nossas velas, porem a outra nunca mais se encontrou. Esta Ilha he pequena, junta com a terra firme, e tem huma bella Cidade; as suas casas são altas ao modo de Hespanha: habitão nella mercadores ricos, que commercêão muito em ouro, prata, ambar, almiscar, e perolas: os da terra andão vestidos de panos de algodão finos, e de sedas e brocados finissimos, e são negros. Logo que aqui chegámos mandou o Capitão mór pedir hum salvo-conducto ao Rei, que lho enviou immediatamente, e assim que o teve mandou a terra Affonso Furtado, com sete ou outo homens bem vestidos, por seu Embaixador, e por elle lhe fez dizer que aquellas náos erão de ElRei de Portugal, as quaes vinhão alli para commerciar com elle; e trazião muitas mercadorias de varias qualidades de que podia escolher; e bem assim que teria muito gosto de fallar-lhe. ElRei respondeo que era muito contente disso, e que no dia seguinte lhe viria fallar querendo elle sahir em terra. Affonso Furtado fez-lhe então saber, que o Capitão mór tinha regimento para não desembarcar, e que sendo sua vontade se fallarião antes nos bateis; e nisso ficarão de accordo para o outro dia, em que o Capitão mór se poz em ordem com toda a sua gente, e as náos e bateis todos embandeirados, com os seus toldos, e com a artilharia prestes. O Rei mandou tambem apparelhar as suas Almadias, ou bateis com muitas festas, e tangeres ao seu modo, e Pedro Alvares com as suas trombetas e pifaros, e assim partírão hum para o outro: logo que se avisinhárão, disparou-se a artilharia das náos, fazendo hum tão grande estrondo, que ElRei com toda a sua comitiva ficou attonito e assustado; depois disto estiverão hum bom

espaço em conversação, e despedindo-se hum do outro voltou o Capitão mór para a náo. No dia seguinte tornou a mandar Affonso Furtado a terra, para principiar a negociação, porem achou o Rei muito fóra do proposito em que primeiramente estava, escusando-se que não tinha necessidade das nossas mercadorias, e persuadido de que eramos Corsarios; deixando pois as cousas neste estado voltou Affonso Furtado ao Capitão mór. Demorámo-nos ainda neste lugar dous ou tres dias, mas por mais diligencias que pozemos, não nos foi possivel conseguir cousa alguma; e no tempo que alli ficámos, estiverão sempre mandando gente da Ilha para a terra firme receando que a tomassemos por força. Quando Pedro Alvares percebeo isto, determinou partir, e se fez á véla pelo rumo de Melinde. Ao longo desta costa achámos muitas Ilhas, povoadas de Mouros, e vimos outra Cidade por nome Moçambique, que tinha hum Rei da mesma nação, e de que he povoada toda esta costa da Ethiopia: tanto porém na Ilha como pela terra dentro, dizem elles, que ha Christãos, que lhes fazem muita guerra; porém nós não o soubemos senão por informações.

CAPITULO V.

Como chegamos a Melinde, aonde fomos muito bem recebidos pelo Rei; do presente que lhe mandou ElRei de Portugal, e como o de Melinde fallou com o Capitão mór

Chegámos a Melinde aos dous de Agosto deste mesmo anno, e alli achámos surtas tres nãos de Cambaya, cada huma do porte de cem toneladas; são muito bem feitas, de boas madeiras, e bem cosidas com cordas

pois não tem pregos; e alcatroadas com huma mistura, em que entra muito encenso, e não tem senão o castello de popa: estas nãos vinhão aqui a contratar das partes da India. Logo que chegámos, mandou-nos ElRei visitar, e ao mesmo tempo hum refresco de muitos carneiros, gallinhas, patos, limões, e laranjas as melhores que ha no mundo, e com ellas sarárão de escrobuto alguns doentes, que tinhamos comnosco. Apenas ancorámos diante da Cidade, mandou o Capitão mór dar logo a todas as bombardas, e embandeirar as nãos, e forão logo a terra dous Feitores d'ElRei, hum dos quaes sabia fallar Mouro, isto he, Arabigo, com hum cumprimento para ElRei de Melinde, e a dar-lhe parte como eramos chegados, ao que vinhamos, e que no dia seguinte mandaria o Capitão mór a sua embaixada, com a carta que ElRei de Portugal lhe escrevia. O Rei teve grande prazer com a nossa vinda, e a rogos seus ficou em terra o Feitor, que sabia fallar Arabigo, e logo no dia seguinte mandou á não dous Mouros muito honrados, e que fallavão a mesma lingoagem, para visitar a Pedro Alvares, e por elles lhe fez dizer como tinha grande contentamento com a sua chegada, rogando-lhe mandasse a terra por tudo quanto lhe fosse necessario, do mesmo modo que o faria se estivesse em Portugal, pois que elle e todo o seu Reino estava á disposição do nosso Rei. Com isto determinou logo o Capitão mór mandar a terra as cartas com o presente que ElRei de Portugal lhe remettia, e era huma sella rica, hum par de cabecadas com seu esmalte, hum par de estribos com humas esporas tudo de prata esmaltado e dourado, com seu peitoral irmão para a dita sella, e todas as corrêas e mais jaezes de carmezim muito ricos; e hum cabrestilho de fio de ouro tambem para hum cavallo: duas almofadas de brocado, e outras duas de veludo carmezim; hum tapete fino, hum pano de Arraz, e dous córtes de pano escarlate; huma peça de setim carmezim,

e outra de tafetá da mesma côr; o que tudo em Portugal valeria mil ducados; e tiverão conselho de que Aires Corrêa, que hia por Feitor mór, lhe levasse aquelles presentes, pelo que foi a terra com as cartas, e com elle muitas pessoas das principaes, com os seus trombetas: e igualmente mandou ElRei todos os seus príncipaes a receber o Feitor mor. O seu palacio era junto da praia, e antes que os Portuguezes chegassem a elle, lhes vierão ao encontro muitas mulheres com perfumadores chêos de brazas, deitando-lhes tantos perfumes, que toda a terra estava embalsamada; e assim entrárão aonde o Rei estava assentado em huma cadeira, acompanhado de muitos Mouros dos principaes, o qual mostrou muito prazer com o presente e a carta, que de huma parte era escrita em Portuguez e da outra em Arabigo; e tanto que a leo, fallou áquelles Mouros, que fizerão muita festa entre si, e todos a hum tempo derão hum grande grito no meio da sala, dando graças a Deos em ter por amigo hum tão grande Rei e Senhor como era ElRei de Portugal: depois disto, mandou vir alguns panos, e sedas e as repartio por aquelles que tinhão trazido o presente, e disse a Aires Corrêa, que lhe rogava ficasse em terra em quanto a Armada não partia, porque sentia grande contentamento em fallar com elle; Aires Corrêa lhe respondeo que não podia sem licença do Capitão mór, e assim ElRei lhe expedio hum cunhado com hum anel seu a rogar-lhe deixasse ficar Aires Corrêa, e que mandasse a terra por tudo quanto lhe fosse necessario, tanto para agoada como para o mais. Pedro Alvares foi disso contente, e ElRei mandou logo dar a Aires Corrêa hum muito bom alojamento, com todas as cousas que lhe havião ser necessarias, como carneiros, gallinhas, arroz, leite, manteiga, tamaras, mel, e fructos de toda a especie, salvo pão que elles não comem; e assim esteva em terra tres dias, fallando-lhe ElRei a todo o instante a respeito do de Portu-

gal, e das cousas Portuguezas, dizendo-lhe que teria grande satisfação em vêr-se com o Capitão mór. Aires Corrêa fez tanto com elle, que o resolveo a isso, e logo o mandou dizer a Pedro Alvares, o qual se fez prestes com os seus bateis deixando as náos em bom recado: o em que elle hia era coberto de seda, e levava a gente secretamente armada por baixo das suas vestes de gram e panos finos: ElRei mandou igualmente apparelhar dous bateis dos seus tambem com toldos, e com a gente mais luzida, e fez ajaezar hum cavallo ao modo de Portugal mas os seus não o souberão fazer, tanto que forão os nossos que o arrearão; depois desceo por huma escada, e no fundo della estavão-o esperando todos os Mouros mais ricos e honrados, com hum carneiro, que degolarão apenas montou a cavallo: ElRei passou sobre elle, e toda a gente gritou muito e com grande vozaria; tendo este costume por ceremonia e feitiço. Falárão depois ambos hum grande espaço, até que o Capitão mór disse, que desejava partir; mas que tinha necessidade de hum Piloto que o conduzisse a Calicut: ElRei lhe respondeo, que lho mandaria dar; e assim se deepedirão hum do outro. Logo que ElRei chegou a terra mandou Aires Corrêa para a não com muitas carnes, e frutas para o Capitão, e igualmente hum Piloto Guzarate daquellas náos de Cambaya que estavão no porto. O Capitão mór deixou alli dous homens Portuguezes que hião degradados, para ficar hum delles em Melinde, e o outro hir com a não de Cambaya; e no dia seguinte, que se contavão sete de Agosto, fizemo-nos á véla, e começámos a atravessar o golfo para Calicut.

CAPITULO VI.

Da Cidade chamada Magadaxo; da Ilha Julfar, e Ormuz, e da mui fertil e pingue Provincia de Cambaya

Deixámos atraz em toda esta travessa a costa de Melinde, e huma Cidade de Mouros que se chama Magadaxo muito rica e formosa; mais adiante está huma Ilha grandissima, com outra Cidade tambem muito bella e grande, cercada de muro; chama-se esta Ilha Socotora, e caminhando mais avante pela costa está a embocadura do estreito de Meca, que terá obra de legoa e meia de largo, e dentro delle jaz o mar roixo, a Casa de Meca, e a de Santa Catharina do monte Sinay, por onde levão as especiarias e joias ao Cairo e Alexandria, atravessando hum dezerto em dromedarios, que são huma especie de camelos corredores: deste mar se poderião contar muitas cousas que passo em em silencio. Da outra banda do Estreito está o mar da Persia, no qual ha grandissimas Provincias e Reinos sugeitos ao Grão Sultão de Babilonia; no meio deste mar ha huma Ilha pequena chamada Julfar, na qual se pescão muitas e bellissimas pérolas; ha tambem outra Ilha na sua embocadura chamada Ormuz, que he de Mouros, e tem hum Rei que tambem o he de Julfar. Em Ormuz ha optimos cavallos que se levão a vender por toda a India, e tem hum grande valor, e em todas estas terras ha um grande trafico de navios. Passado este mar da Persia acha-se huma Provincia chamada Cambaya, a qual tem o seu Rei, que he muito poderoso e forte; esta terra he mais fructifera e pingue, que nenhuma outra do Mundo; nella se acha muito trigo, cevada, arroz, cêra, e açucar, produz tambem encenso, e fabricão-se nella muitos panos de seda e algodão, e tem

muitos cavallos e elefantes: o Rei foi Idolatra, mas fez-se depois Mouro por causa dos muitos de que abunda o seu Reino; porém entre os naturaes ainda ha bastantes Idolatras. Achão-se alli grandes mercadores, os quaes por huma parte contratão com os Arabes, e pela outra com a India, que começa propriamente aqui, e correm estes mercadores toda esta costa até ao Reino de Calicut, e por toda ella ha grandes e bellissimas Provincias e Reinos de Mouros e de Idolatras. Deve advertir-se que tudo o que neste Capitulo deixo escrito foi observado por nós.

CAPITULO VII.

De huma Ilha chamada Anchediva

Chegámos á vista da India aos vinte e dous de Agosto, e a primeira terra que vimos foi a do Reino de Goga: assim que o reconhecemos, fomos ao longo delle até chegar a huma Ilha pequena chamada Anchediva, a qual he de hum Mouro; tem no meio hum grande lago de agoa doce, e he despovoada; d'alli á terra firme são duas milhas; foi n'outro tempo habitada por Gentios, mas porque os Mouros de Meca fazem este caminho para hir a Calicut, e alli se demorão pela necessidade de agoa, e lenhas, por isso se despovoou mais. Tanto que alli chegámos, descemos a terra, e estivemos bons quinze dias a tomar as ditas provisões; aguardando entre tanto se vinhão as náos de Meca, que queriamos aprezar, se nos fosse possivel; e durante este tempo a gente da terra vinha a bordo, e nos trazia muitas noticias, recebendo-a o Capitão mór com muito festejo. Ha em esta Ilha huma especie de Ermida na qual, nos dias que alli estivemos, se celebrárão muitas Missas pelos

Padres que levavamos para ficarem com o Feitor de Calicut: e assim nos confessámos e commungámos todos, e depois de tomada a agoa e lenha precisa vendo que as náos dos Mouros não acabavão de chegar, partimos para Calicut, que dista daqui setenta legoas.

CAPITULO VIII.

Como chegamos a Calicut, e o Capitão mór sahio a terra a fallar com ElRei

Chegámos a Calicut aos treze de Setembro, e a huma legoa de distancia da Cidade, sahio a receber-nos huma frota de bateis, em que vinha o Governador, e hum mercador Guzarate muito rico e principal: os quaes entrárão na Capitania, dizendo como ElRei tinha grande prazer com a nossa vinda, e que assim lançassemos as aecoras diante da Cidade. Principiámos logo a desparar a nossa artilharia, do que elles se maravilhárão grandemente, dizendo que contra nós ninguem tinha poder senão Deos; e assim estivemos toda aquella noute: no dia seguinte pela manhã determinou Pedro Alvares mandar a terra os Indios que trouxeramos comnosco de Portugal, que erão sinco, a saber, hum Mouro que entre nós se tinha feito Christão, e quatro pescadores Gentios, e enviou-os todos muito bem vestidos á Cidade, para fallar com ElRei, e dizer-lhe a causa porque alli eramos chegados; e que lhe pediamos hum salvo-conducto para podermos sahir em terra. O Mouro fallou com ElRei, porque os outros que erão pescadores não se atreviam a chegar a elle, nem mesmo o podérão vêr, tendo esta ceremonia por estado e grandeza Real, como ao diante se dirá. O Rei mandou o salvo-conducto, dizendo que qualquer de nós podia

sahir em terra: o que visto pelo Capitão mór fez desembarcar logo Affonso Furtado com hum Interpreta, que sabia fallar Arabigo, o qual devia dizer a ElRei como estas náos erão de ElRei de Portugal, que as mandava a esta Cidade para tratar de Paz, e trafico de mercancias; e que para fazer isto era necessario que sahisse a terra o Capitão mór, o qual levava em o seu regimento de não desembarcar em parte alguma, sem primeiro ter hum penhor pela sua pessoa; e que assim lhe houvesse de mandar para as nàos aquelles homens que Affonso Furtado lhe indicasse. ElRei ouvida a dita embaixada, recusou hum pouco; dizendo que os refens que lhe pedião erão muito velhos e anciãos; e que não podião ficar no mar; mas que elle lhe daria outros. Affonso Furtado lhe tornou, que não havia de tomar senão aquelles que lhe pedia pela memoria que o Capitão mór lhe tinha dado, que era a mesma que lhe entregara ElRei de Portugal. O Rei se maravilhou bastante com isto, e esteve em duvidas dous ou tres dias, até que finalmente se resolveo a mandallos. Recebendo Pedro Alvares este aviso aprontou-se para sahir em terra, e ficar alli dous ou tres dias levando comsigo trinta homens dos mais honrados, e assim se pôz pronto com todos os seus officiaes e creados, como podia convir a hum Principe, e levou toda a prata que havia em as náos, das quaes deixou por Capitão mór Sancho de Tovar, com o encargo de fazer honra e agazalho aquelles homens da terra, que ficavão em penhor. No dia seguinte veio ElRei a huma casa, que tinha junto à marinha, e dahi mandou os refens para as náos, a saber sinco homens muito principaes, e cem outros de espada e adarga, que os acompanhavão com vinte e sinco ou trinta tangedores: o Capitão mór sahio da náo em os seus bateis, depois de ter mandado para terra tudo o que lhe parecêra necessario, e sahindo na praia vierão tambem os sinco homens da Cidade, que não quizerão

entrar na náo, sem que elle desembarcasse; e sobre isto estiverão em questão hum grande espaço, ate que Aires Corrêa subio a hum seu Zambuco, e tanto fez que entrárão nella. Logo que Pedro Alvares sahio em terra vierão recebello muitos Gentis-homens, que o tomarão nos braços como igualmente toda a sua comitiva; por tal maneira que não tocarão com os pés em terra até que chegárão perante o Rei, o qual estava pelo modo que ao diante se dirá.

CAPITULO IX.

DA GRANDE MAGNIFICENCIA E POMPA DE ELREI DE CALICUT; E DO PRESENTE QUE LHE FEZ O CAPITÃO MÓR EM NOME DE ELREI DE PORTUGAL.

Estava ElRei em huma casa alta, assentado em hum estrado com duas ou tres almofadas de seda debaixo do braço; a coberta deste estrado era de seda côr de purpura; estava nú da cintura para cima, e dalli para baixo envolvido em hum panno de seda e algodão muito subtil e branco, e com muita roda, todo lavrado de ouro. Tinha na cabeça hum barrete de brocado, feito a modo de capacete comprido, e muito alto: as suas orelhas erão furadas e dellas pendião grandes brincos d'ouro, com rubins de muito preço, diamantes, e duas perolas muito grandes, huma redonda, outra do feitio de huma pera, e maior que huma grande avela: tinha tambem nos braços do cotovello para cima braceletes d'ouro adornados de ricas joias, e perolas de grande valor: as pernas estavão igualmente adornadas, e em hum dedo do pé tinha hum anel de hum rubim ou carbunculo de grande fogo e estima. Os dedos das mãos estavão tambem cubertos de joias, como rubins, esme-

raldas e diamantes; e entre estes hum do tamanho de huma fava grande: tinha dous cintos de ouro cheos de rubins, de modo que não havia preço que pagasse as riquezas que o adornavão. Ao seu lado estava huma grande cadeira toda de prata, salvo o lugar aonde encostava os braços, que era de ouro, e as suas costas engastadas de joias e pedras preciosas. Havia nesta casa huma especie de andor, em o qual tinha vindo do palacio aonde costumava residir habitualmente; este andor he levado por homens infinitamente ricos, e junto a elle tocavão de quinze a vinte trombetas de prata, e tres de ouro, huma das quaes era de grandeza e pezo tal, que custava a dous homens a levalla; as bocas destas tres tinhão cravados muitos rubins. Tinha tambem junto de si quatro vasos de prata, muitos de bronze dourado, e bastantes candieiros de latão grandes e cheos de azeite com pavios sempre accesos; a pesar de não ser necessario para a claridade, mas somente para grandeza. Estava tambem alli hum seu parente com sinco pagens em pé, e igualmente dous Irmãos seus cobertos de infinitas riquezas; e muitos outros Gentis-homens, que estavão mais desviados, mas tambem muito ricos ao modo do Rei. Quando o Capitão mór entrou, quiz hir direito beijar-lhe a mão; porém accenarão-lhe para que parasse, por não ser costume entre elles avisinhar-se-lhe ninguem, e assim o fez. ElRei fello sentar por maior honra, e Pedro Alvares lhe começou a dar a sua embaixada, e lhe fez lêr a carta de ElRei de Portugal, que era escrita em lingoa Arabiga, e logo mandou pelo presente, que se compunha do seguinte: huma bacia de prata para as mãos lavrada de bastiões todos dourados, e muito grande; hum gomil dourado com a sua tampa tambem de bastiões; huma taça grande de prata lavrada pelo dito modo; duas maças de prata com as suas cadêas do mesmo metal para os maceiros, e quatro almofadas grandes, duas de brocado

e duas de veludo carmezim: demais disto hum docel de brocado com franjas de ouro e carmezim, hum tapete grande, e dous panos de Arraz muito ricos, hum de figuras, e outro de verdura. Quando ElRei houve recebido este presente juntamente com a carta, e a embaixada, mostrou-se muito alegre, e disse ao Capitão mor que se podia retirar para aquella casa que lhe tinha mandado preparar, e que fizesse vir os homens que dera em refens, porque erão de qualidade, e não podião comer, beber, nem dormir no mar; e que se elle queria hir para as náos que fosse, pois no dia seguinte tornaria a mandar-lhos, e elle voltaria a terra, para tratar do que lhe fosse necessario.

CAPITULO X.

Como tornando o Capitão mór para as náos, se deitárão ao mar os que estavão em refens, e dous delles forão retidos; dos inconvenientes que daqui provierão e como Aires Corrêa concluio com ElRei o acordo que pertendia.

Voltou Pedro Alvares para as náos, e deixou em terra Affonso Furtado com sete ou outo homens, para cuidarem no que tinha em casa. Apenas elle partio da praia, logo hum Zambuco dos de Calicut lhe foi adiante ate ás náos, para dizer aos que estavão em refens, como o Capitão mór voltava: assim que elles ouvirão isto immediatamente se lançarão ao mar; e logo Aires Corrêa Feitor mór se metteo em hum batel, e tomou dous dos principaes, com dous ou tres dos seus familiares que os tinhão acompanhado, porém todos os ou-

tros fugirão a nado para terra. Neste instante chegou o Capitão mór á não, e mandou pôr os dous prisioneiros debaixo da coberta, fazendo dizer ao Rei, que quando elle chegára tinha achado aquella desordem, que hum Escrivão da sua terra tinha causado; e que elle mandára depois reter aquelles dous, por terem ficado em terra muitos homens dos seus, e igualmente muita fazenda; que assim Sua Alteza lhe enviasse tudo e elle lhe entregaria logo os que tinha retido, que entre tanto erão muito bem tratados. Com esta embaixada partirão dous Italianos daquelles que tinhamos tomado, e toda aquella noute esteve o Capitão mór esperando a resposta; no dia seguinte veio o Rei á praia com mais de dez ou doze mil homens, e os nossos que tinhão ficado em terra forão prezos, a fim de serem mandados á Armada e trocados por aquelles que o Capitão mór tinha retido. Estando as cousas nestes termos vierão vinte ou trinta almadias, e sahirão os nossos bateis para effeituar a dita troca, mas nem as almadias tiverão animo de chegar-se aos nossos bateis, nem estes a ellas; e assim estiverão todo aquelle dia sem se fazer cousa alguma; e como voltarão outra vez para terra com os nossos, principiárão a fazer-lhes grande descortezia metendo-lhes medo, e dizendo-lhes que os querião matar: os nossos estiverão toda aquella noute em grande tribulação, e no dia seguinte tornou ElRei a mandar dizer a Pedro Alvares, que lhe mandaria os Portuguezes e sua fazenda nas almadias totalmente desarmados, e que do mesmo modo mandasse elle os seus bateis. Pedro Alvares logo lhos mandou, e com elles Sancho de Tovar segundo Capitão, e chegando aonde estavão as almadias principiárão a receber todos os trastes de prata e tudo mais que tinhão em terra (de modo que não restava já senão hum almofreixe ou mala aonde estava o leito com os seus preparos) e igualmente quasi todos os homens: senão quando hum daquelles Gentis-

homens, que estavão nos nossos bateis, e que Sancho de Tovar tinha pelo braço se deitou ao mar, o que visto pelos nossas que estavão em algumas das almadias, principiarão a ensoberbecer-se e indignar-se de modo, que deitárão á agoa os Mouros das almadias apoderando-se dellas. Nos nossos bateis ficou hum velho Gentil-homem que estava em penhor; e dous rapazes Portuguezes que não poderão escapar-se, ficarão nas suas almadias. No dia seguinte, condoendo-se Pedro Alvares daquelle Velho, que havia já tres dias que não tinha comido, o mandou para terra, e lhe deo todas as armas, que tinhão ficado na náo, pertencentes aos que se havião lançado ao mar, com hum recado para que ElRei lhe mandasse os dous moços, o que elle fez. Passado isto estivemos tres ou quatro dias, sem que ninguem fosse a terra, nem viesse ás náos, e tendo Pedro Alvares conselho com os outros Capitães sobre o que devião fazer; disse o Feitor mór que se alguem de Calicut lhe mandasse dous homens para segurança, elle estava pronto pára hir a terra: a todos pareceo bem esta resolução, mas não sabião se haveria quem quizesse levar a embaixada, e logo hum Cavalheiro chamado Francisco Corrêa, disse que elle estava pronto, e partindo immediatamente representou a ElRei como Aires Corrêa Feitor mór ordenava de hir a terra a firmar o contrato com S. Alteza; e que assim lhe mandasse por penhor dous mercadores, que elle lhe nomeava, hum dos quaes era Guzarate muito rico. Este Mouro, que estava presente, respondeo que entregaria em seu lugar dous netos seus: com o que ElRei se mostrou muito satisfeito. No outro dia mandárão esta resposta ao Capitão mór e os refens juntamente: e assim Aires Corrêa partio para terra levando comsigo outo ou dez homens. Naquella noute veio dormir á náo, e no dia seguinte tornou novamente para terra a effeituar quanto estava determinado, ficando todavia os penhores na

não. ElRei mandou que se lhe désse a melhor casa da terra, que era a de hum Mouro Guzarate, a quem cometeo o cargo de ensinar ao Feitor os costumes e tratos do paiz, e assim Aires Corrêa principiou a negocear e vender as suas mercadorias. O Interprete que fallava por nos era Arabe, de modo que não se podia fallar ao Rei, sem se meterem Mouros de permeio, que são huma gente má e muito nossa contraria; que a todo o instante usavão de embustes, e nos prohibião que mandassemos ninguem as nãos. Quando o Capitão mor vio que todos os dias hião homens a terra, sem que nenhum voltasse, determinou-se a partir e mandou dar á vela; e estando nós prezos em terra em huma casa guardada por muita gente, vimos como as náos se hião embora, e o Guzarate por respeito de seus netos, que tambem partião, deo azo a Aires Corrêa para mandar hum rapaz em huma almadia a protestar ao Capitão mór por semelhante partida. Pedro Alvares voltou em razão disto para o porto, e Aires Corrêa principiou a tratar com ElRei, e se concluio depois de algumas dilacões, o contrato como elle queria; porque o Guzarate fazia para isso todas as diligencias por causa dos netos que tinha em penhor. ElRei encarregou hum Turco grande mercador, de fazer todos os nossos negocios, e nos mandou sahir daquella casa para outra mais visinha á sua; e logo principiámos a vêr algumas mercadorias de que comprámos parte; e assim estivemos dous mezes e meio antes que o dito tratado se acabasse de assentar; mas em fim ficou terminado com muito trabalho de Aires Corrêa, e dos que com elle estavão, e acabado elle tornamo-nos a mudar para huma casa junto ao mar, a qual tinha hum jardim grande e nella arvorou o Feitor huma bandeira com as Armas Reaes. Deste contrato deo ElRei duas escrituras assignadas pela sua mão, huma das quaes era em huma lamina de cobre com o seu sello esculpido em latão, e esta devia

ficar na Feitoria: a outra era de prata com o sello esculpido em ouro; e deviamo-la trazer comnosco para ElRei de Portugal. Feitas estas escrituras veio logo Aires Corrêa ás náos, e entregou a de sello de prata ao Capitão mór, e levou para terra os homens que estavão em refens, e dahi para diante principiámos a fiar-nos tanto desta gente, que parecia que estavamos no nosso proprio paiz.

CAPITULO XI.

Como o Capitão mór, a rogos d'ElRei, mandou huma sua caravella a combater com huma náo grande; e depois de aprezada entregou tanto a náo como o Capitão della ao mesmo Rei

Aconteceo hum dia apparecer naquellas paragens huma náo, que hia de hum para outro Reino, dentro da qual estavão sinco elefantes, hum delles muito formoso e de grande preço por ser pratico na guerra. A náo que os trazia era muito possante e tinha muita gente de guerra: quando ElRei soube da sua chegada mandou rogar ao Capitão mór, que a mandasse aprezar, pois trazia hum elefante pelo qual tinha offerecido muito dinheiro, mas não lho tinhão querido vender. Pedro Alvares lhe mandou dizer que assim o faria: mas que a tripulação corria risco de ser morta, se não se quizesse render; ElRei o houve por bem, e fez hir hum Mouro comnosco, para vêr como tomavamos a náo, e para fallar com os que nella vinhão a fim de se entregarem. O Capitão mór mandou huma caravella de bombarda grossa e bem armada, com sessenta ou setenta homens, a qual partio de noute direita á nao, sem a poder abordar; mas no dia seguinte cahio sobre

ella gritando-lhe que se rendesse: os Mouros puzerão-se a rir, porque erão muitos, e a náo muito grande; e principiarão a atirar com frechas. Quando o Capitão da caravella vio isto, mandou disparar a artilharia, de modo que achando-se os da náo sem esperança, logo se renderão; e assim a levárão a Calicut com toda a gente. O Rei sahio á praia a vêllos, e o Commandante da caravella veio entregar-lhe o Capitão Mouro, e a sua preza; e o deixou muito maravilhado de ver como huma caravella tão pequena, e com tão pouca gente, tinha podido aprezar huma náo tão grande, na qual havia trezentos homens de batalha; assim recebeo a náo e os elefantes, com grande prazer e satisfação, e a caravella tornou a ajuntar-se á Esquadra.

CAPITULO XII.

Descripção da Cidade de Calicut, e dos uzos do Rei e do seu Povo

A Cidade de Calicut he grande, e não tem muros que a cerquem; no seu interior tem muitos lugares vasios, e as casas afastadas humas das outras; são de pedra e cal, chapeadas de relevos, e em cima cobertas de folhas de palmeira; as portas são grandes, e os portaes muito bem trabalhados; em torno das casas ha hum muro, dentro do qual estão muitas arvores e lagos de agoa, em que se lavão, como tambem poços de donde bebem. Pela Cidade ha outros lagos grandes, aonde o povo miudo vem lavar-se; e he isto preciso, porque cada dia lavão duas ou tres vezes o corpo todo. O Rei he Idolatra, ainda que alguns pensárão que era Cristão; mas procede isto de não terem sabido tanto dos seus uzos, como nós, que temos negociado bastante em Calicut.

O Rei actual chama-se *Glafer*, e todos os seus Gentis-homens, e gente que o serve são homens pardos como os Mouros, mas bem dispostos. Andão nus da cintura para cima, e trazem á roda de si panos finos de algodao brancos e de outras cores; não uzão de calçado nem de barretes, salvo os grandes Senhores que os trazem de veludo e brocado, e algum delles são muito altos. Tem as orelhas furadas, e nellas põem muitas joias, e braceletes de ouro em os braços. Estes Gentis-homens trazem espada e adraga, e as espadas nuas; são mais largas na ponta do que no resto, e as adargas redondas, como rodelas de Italia; muito leves, e de cor negra ou vermelha; e são os maiores jogadores que ha de espada e rodela, não se empregando quasi noutra cousa; e havendo innumeraveis homens destes na Corte. Casão com huma so mulher, e convidão sinco ou seis dos seus maiores amigos para dormirem com ella; de modo que entre elles não ha honestidade, nem vergonha, e assim as raparigas quando tem outo annos principião a prostituir-se. Estas mulheres andão nuas assim como os homens, e trazem sobre si muita riqueza e os cabellos muito bem pintados: são muito luxuriosas, e pedem aos homens que lhe tirem a virgindade: porque em quanto estão virgens não achão marido. Estes povos comem duas vezes ao dia, porém não usão de pão, vinho, carne, ou peixe: mas sim de arroz, manteiga, leite, açucar e frutas. Lavão-se antes de comer, e depois de lavados, se algum que o não estivesse, lhes tocasse, não comerião sem se tornar a lavar; de modo que fazem nisto grande cerimonia. Tanto homens como mulheres trazem todo o dia na boca huma folha de betele, que tem a propriedade de a fazer vermelha, e os dentes negros: os que não fazem isto são homens de baixa extracção. Quando algum morre, os que devem trazer luto tingem os dentes de preto, e não comem desta folha durante alguns mezes;

CAPITULO XIII.

COMO OS SACERDOTES CHAMADOS BRAMANES TRATÃO CARNALMENTE COM AS MULHERES DO REI PARA HONRALLO, E DA GRANDE REVEREECIA QUE O POVO TEM AO SEU REI

O Rei tem duas mulheres, e cada huma dellas he acompanhada por dez Sacerdotes, a que chamão Bramanes, cada hum dos quaes dorme com ellas para o honrar. Por esta causa não herdão os filhos o Reino, mas sim os sobrinhos, filhos da irmã. Habitão no palacio mais de mil a mil e quinhentas mulheres, para maior magnificencia e estado; e a sua occupação he de varrer, limpar, e agoar as casas por onde ElRei quer andar, com agoa misturada com bosta de vacca. Os quartos do palacio são muito grandes, e tem nelles muitas fontes de agoa em que se lava; quando sahe fora vai em hum andor muito rico que levão dous homens, e vão com elle muitos tangedores de instrumentos, e muitos Gentis-homens com espadas e rodelas, e muitos archeiros, e adiante de tudo os seus guardas, e porteiros: vai ElRei coberto com hum docel, de sorte que lhe fazem mais honra do que a nenhum outro Rei do Mundo, porque ninguem se avisinha a elle senão na distancia de tres ou quatro passos; e se lhes querem dar alguma cousa he em hum ramo para o não tocarem: quando lhe fallão he sempre com a cabeça baixa, e a mão diante da boca; e nenhum Gentil-homem lhe apparece sem espada e rodela: quando fazem cortezia póem a mão sobre a cabeça, e nenhum official, nem homem de baixa extracção se atreve a ver o Rei, nem a fallar com elle, especialmente os pescadores; de tal sorte que se hum Gentil-homem viesse por hum caminho, e dous

pescadores lhe sahissem ao encontro; ou fugirião, ou receberião muitas bastonadas. Estes principaes quando morre o Rei, ou suas mulheres, queimão o corpo com madeira de sandalo pelo honrar: a gente de baixa condição he enterrada, e cobrem-lhe com cinza a cabeça e as costas: trazem sempre a barba comprida.

CAPITULO XIV.

DE HUMA CASTA DE MERCADORES GUZARATES, E DOS SEUS UZOS.

Os Guzarates são grandes musicos, e escrivães: escrevem em huma folha de palmeira, com huma pena de ferro sem tinta: são grandes mercadores, e naturaes de huma Provincia ehamada Cambaya. Estes e os naturaes são Idolatras, e adorão o Sol, a Lua e as vaccas; de sorte que se alguem matasse huma, seria logo morto. Estes Guzarates não comem cousa alguma que padeça morte, nem igualmente pão; nem bebem vinho, e se alguma criança das suas come carne, deitão-a fóra a pedir esmola pelo mundo, ainda que descendesse, ou fosse filho de hum senhor grande, ou de hum mercador rico. Crem nos encantamentos e nos adevinhos, são mais brancos que os naturaes de Calicut, trazem os cabellos da cabeça e barba muito compridos; os seus vestidos são de algodão fino, uzão dos cabellos ornados e enlaçados como mulheres: trazem çapatos, e casão com huma só mulher como nós, são muito ciosos, e as mulheres muito bellas e castas; commerceão em panos, sedas e joias.

CAPITULO XV.

De outra casta de mercadores chamados Zetires, e dos seus uzos

Ha tambem outros mercadores de outra Provincia, chamados Zetires, os quaes são Idolatras, e grandes contratadores de joias, de pérolas, de ouro e de prata. São mais negros, andão nus, e trazem toucados mais pequenos, e os cabellos metidos por baixo em huma especie de bolsas compridas, que parecem caudas de boi, ou de cavallo. Estes homens são os maiores encantadores do mundo, fallão todos os dias invisivelmente com o Demonio; e as suas mulheres são muito luxuriosas. Nesta Cidade ha tambem Mouros de Meca, de Turquia, de Babilonia, de Persia, e de muitas outras Provincias. São mercadores grandes e ricos, que tem de todas as mercancias, que aqui vao; isto he, joias de muitas qualidades, sedas de ouro e prata muito ricas, almiscar, ambar, beijoim, encenso, páo aloes, ruibarbo, porçolana, cravo da India, canella, páo Brazil, sandalo, laca, noz moscada e massa, o que tudo vem de fóra: além da gengibre, pimenta, tamarindos, mirobalanos, e cassiafistula, que nascem mesmo em Calicut, juntamente com alguma canella silvestre. Estes Mouros são tão poderosos e ricos, que quasi são os que governão em todo Calicut.

CAPITULO XVI.

Do Rei de Narsinga, e do grande numero de mulheres que tem, e como por sua morte todas ellas se queimão vivas: dos seus elefantes; do tempo em que tem o Verão e o Inverno, e em que mezes partem os navios de Meca com as especiarias.

Nas montanhas deste paiz ha hum Rei muito grande e poderoso, com o titulo de Rei de Narsinga; cujos Povos são Idolatras: tem elle duzentas ou trezentas mulheres, e no dia em que morre queimão o seu corpo, e todas estas mulheres juntamente. Por igual maneira todas as pessoas casadas, quando morrem fazem-lhe huma grande cova, em que as queimão; as suas viuvas vestem-se o mais ricamente que podem, e acompanhadas de todos os seus parentes, com muitos instrumentos e folias vão á cova, e bailando á roda della como caranguejo, se deixão cahir dentro estando a cova chea de fogo. Os parentes estão com muita attenção, e apparelhados com panellas de azeite e manteiga, e tão depressa cahem dentro como lhas deitão em cima para se abrazarem com mais brevidade. Ha neste Reino muitos cavallos e elefantes, com que fazem guerra, e tem-os tão bem ensinados, que não lhe falta nada senão fallar; e entendem tudo como se fossem gente, segundo vimos em Calicut. Os elefantes que tem o Rei, e em que elle cavalga, são os mais robustos e ferozes animaes do mundo; por modo que dous delles, arrastão huma não para terra. As naos não navegão aqui senão em Outubro e Novembro, até o fim de Março; nestes mezes he o seu Verão e nos outros o Inverno, durante o qual tem as nãos em terra. No mez de Novembro partem de Ca-

licut estás náos de Meca carregadas de especiarias, que levão a Zeide que he porto de Meca, e dalli por terra ao Cairo para Alexandria.

Havendo já tres mezes que estavamos em terra com o tratado assentado, e duas das nossas náos carregadas; mandou o Capitão mór hum dia dizer a ElRei, que ja era passante de tres mezes que alli estavamos, e que não havia ainda carregadas senão duas náos; que os Mouros lhe escondião as mercadorias, as quaes as naos de Meca carregavão occultamente; pelo que elle lhe fizesse dar melhor despacho, pois a monção estava proxima. ElRei lhe respondeo que aprontaria todas as mercadorias que quizesse, e que nenhuma náo de Mouros carregaria em quanto as nossas não estivessem carregadas; mas se alguma contraviesse esta ordem, o Capitão mor a poderia tomar para examinar se continhão especiarias, que elle lhe faria dar pelo mesmo preço que os Mouros as tivessem comprado.

CAPITULO XVII.

Como os Portuguezes forão assaltados de improviso pelos Mouros, e por elles combatidos, e como foi morto Aires Correa, Feitor d'ElRei.

Aos dezasseis de Dezembro, estando Aires Corrêa fazendo contas com os Feitores das duas náos carregadas: fez-se á vela huma náo de Mouros chea de especiarias, a qual Pedro Alvares aprisionou. O Capitão del'a, e os mais principaes sahirão em terra, e fizerão grandes lamentos e rumores, de modo que todos os Mouros se juntarão, e forão fallar a ElRei, dizendo-lhe

que nós tinhamos ajuntado em terra mais riquezas do que levaramos para o seu Reino, e eramos ladroes e roubadores, que andavamos pelo mundo: e tendo aprizionado aquella náo em o seu proprio porto, que se podia esperar que fizessemos dalli por diante? que assim elles se obrigavão a matar-nos todos, e Sua Alteza roubaria a casa da Feitoria. ElRei como homem avaro disse logo que assim se fizesse, e em quanto nós, que não sabiamos nada do que se urdia, andavamos alguns pela terra tratando nos nossos negocios, de repente vimos vir todo o povo sobre nós, matando e ferindo: o que tendo sido participado aos da Feitoria sahirão logo em seu socorro, de modo que nesta praia matámos sete ou outo, e elles dous ou tres dos nossos. Eramos cousa de setenta homens de espada e capa, e elles hum numero infinito com lanças, espadas, rodelas, arcos e frechas; e apertarão-nos de modo, que foi necessario refugiarmo-nos na casa da Feitoria: mas não o fizemos tanto a salvo, que sinco ou seis não ficassem feridos; e assim fechámos a porta com muito trabalho. Os Mouros combatião por todos os lados a casa, que era cercada de hum muro da altura de hum homem a cavallo; achavamo-nos nós com sete ou outo béstas, com que matámos hum montão de gente, mas nisto tendo-se ajuntado mais de tres mil homens de peleja, içámos huma bandeira para que nos mandassem soccorro das náos. Immediatamente vierão os bateis até junto da praia, e dalli atirárão com as suas bombardas, mas não podião fazer mal algum. Os Mouros principiarão a arrombar as paredes da casa, de modo que no espaço de meia hora a deitárão toda por terra, ao som de trombetas e atabales, com grande vozaria, e muito prazer d'ElRei; o que podemos conhecer por causa de hum pagem seu, que aqui vimos. Vendo Aires Corrêa, que não tinhamos remedio algum em resistir, porque havia já duas horas que combatiamos, tão asperamente

que nos não podiamos sustentar; determinou que nos recolhecemos á praia, rompendo por meio delles, para ver se nos podiamos salvar em os bateis, e assim o fizemos; chegando a maior parte dos nossos até meter-se na agoa, sem que os bateis ouzassem avisinhar-se para recebel-os; e assim por falta de socorro matárão Aires Corrêa, e com elle sincoenta e tantos homens; e nos podemos escapar sendo por todos vinte pessoas, porem muito feridos, e entre estes fugiu hum filho de Aires Corrêa de idade de onze annos: assim quasi afogados entrámos nos bateis cujo Capitão era Sancho de Tovar, porque Pedro Alvares estava doente, e chegamos as náos. Quando o Capitão mór vio esta destruição e máo recado, mandou aprizionar dez náos de mouros, que estavão no porto, e fez matar toda a gente que nellas se achava, que serião de quinhentos a seiscentos homens; e achámos vinte ou trinta, que se havião escondido no fundo por baixo das mercadorias, e assim roubámos e saqueámos o que tinhão dentro; achando n'huma tres elefantes, que matámos e comemos. As náos depois de descarregadas forão todas queimadas: no dia seguinte chegárão a terra todas as nossas embarcações, e bombeárão a Cidade de maneira que lhe matámos infinita gente e fizemos muito dano. Elles nos respondiao com bombardas, mas com muita frouxidão; e estando nisto passarão duas náos ao largo, que hião para Pandarame, daqui sinco legoas de distancia, e vendo-nos forão varar em terra de companhia com outras sete naos grandes, que já ahi estavão em seco, e deitarão muita gente em terra, pelo que tambem as bombardeámos, e lhe matámos grande parte da matalotagem que ainda tinhão; mas não as podemos aprizionar por estarem muito em seco. Depois disto feito determinou Pedro Alvares hirmos a Cochim aonde carregámos as náos.

CAPITULO XVIII.

Como hindo para Cochim, Reino trinta legoas distante de Calicut, queimamos duas náos que vinhão carregadas daquele Reino, e como ElRei de Cochim teve grande prazer com a nossa chegada.

Partimos para Cochim distante trinta legoas de Calicut; he Reino diverso cujos Povos são Idolatras e uzão da mesma lingoagem; e seguindo a nossa derrota achámos duas náos de Calicut, carregadas de arroz; fomos direitos a ellas e os Mouros fugirão para terra nos bateis e nos deixarão as náos: vendo o Capitão que não levavão mercadorias, as mandou queimar; e com isto chegámos a Cochim aos vinte e quatro de Dezembro, e lançamos ancora na embocadura de hum rio. Pedro Alvares mandou a terra hum pobre homem de nação Guzarate, que por sua vontade partira de Calicut para vir a Portugal, o qual disse ao Rei quanto nos tinha succedido em Calicut, e que o Capitão lhe mandava pedir carga para as náos, em cuja troca lhe podia dar dinheiro e mercadorias. Respondeo-lhe ElRei que sentia muito ter-lhe sido feita tamanha injuria, e que tinha grande prazer em termos vindo á sua terra, pois bem sabia quão boa gente eramos, e que assim faria tudo quanto quizessemos. O Guzarate lhe tornou, que para a nossa gente hir a terra com segurança, precizava de algum penhor, o qual se dava homem por homem; que lhe mandasse algum dos seus, e logo os nossos desembarcarião. O Rei mandou logo dous homens dos principaes com outros mercadores, e algumas amostras de especiarias e os seus preços, com hum recado ao Capitão mór que fizesse tudo o que lhe agra-

dasse: este mandou logo o Feitor a terra, com quatro ou sinco homens para fazer as compras, retendo todavia os outros para penhor, e tratando-os muito bem; trocavão-se porém todos os dias, porque todos os homens destes Paizes não comem no mar, e se por ventura comessem não poderião mais ver o Rei: aqui nos demorámos doze ou quinze dias carregando as naos.

CAPITULO XIX.

Como veio huma Armada de Calicut para combater os Portuguezes, e chegámos ao Reino de Cananor cujo Rei nos fez grandes offertas, e mandou logo dar a canella que nos faltava para completar a carga

Algum tanto affastado de Cochim está hum lugar chamado Carangolor, aonde ha Christãos, Judeos, Mouros e Cafres; e neste lugar achámos huma Judia de Sevilha, a qual veio pela via do Cairo e de Meca; e aqui vierão tambem ter comnosco dous outros Christãos, os quaes dizião que querião passar a Roma, e dahi a Jerusalem. O Capitão mór teve grande prazer com estes dous homens, e estando as náos já quasi carregadas, veio de Calicut huma Armada de outenta ou outenta e sinco velas, entre as quaes vinte e sinco muito grandes. Como o Rei teve esta noticia, mandou logo dizer ao Capitão mór, que se queria combater elle lhe mandaria náos e gente: Pedro Alvares respondeo-lhe que não era necessario; e a Armada inimiga por ser já noute surgio distante de nós cousa de legoa e meia. O Capitão mor assim que escureceo de todo mandou dar á vela, levando comsigo os homens que tinha em penhor; porém o vento acalmou de todo: no

dia seguinte, que erão dez de Janeiro de mil quinhentos e hum, podemos adiantar-nos para elles e elles para nós, de modo que depressa nos ajuntámos. Estando Pedro Alvares determinado a combatellos, e na distancia de hum tiro de bombarda, reparou que Sancho de Tovar segundo Capitão com a sua não, e outro navio tinhão ficado para traz; e vendo assim que não estavão em ordem resolveo com os outros Capitães tomar o rumo de Portugal, para onde tinhamos o vento em pôpa. A Armada de Calicut seguio-nos todo aquelle dia, e huma hora depois de noute, até a perdermos de vista: então o Capitão mór determinou partir para Portugal, deixando os seus sete homens com o Feitor em terra, e levando comsigo os dous de Cochim, os quaes principiámos a acaríciar pedindo-lhes, que quizessem comer pois erão já tres dias passados sem terem tomado alimento algum; e com effeito comêrão com grande pena e paixão, e nós seguimos a nossa jornada. Aos quinze de Janeiro chegámos a hum Reino áquem de Calicut, chamado Cananor, que he de Cafres; e tem huma linguagem quasi como a de Calicut, e passando por elle mandou ElRei dizer ao Capitão mór, que tinha grande desprazer em nao abordarmos no seu Reino, e que assím lhe rogava lançassemos ferro, pois se não levassemos carga elle no-la daria. Vendo isto Pedro Alvares ferrou as vélas e mandou hum Guzarate a terra, e dizer-lhe que as náos estavão carregadas e não tinha necessidade senão de cem *bahares* de canella, que são quatrocentos quintaes, os quaes logo se lhe mandárão com muita brevidade; fiando-se ElRei muito de nós. O Capitão mór fez immediatamente pagar tudo, e foi depois trazida tanta que já não havia onde a meter. ElRei mandou dizer a Pedro Alvares que senão a tomava por não ter dinheiro, nem por isso deixasse de carregar a sua vontade, que na viagem seguinte lhe pagaria; porque bem tinha sabido, como ElRei de Calicut o tinha

roubado, e quam boa gente nós eramos. O Capitão mór lhe agradeceo muito o recado e mostrou ao mensageiro ou embaixador, tres ou quatro mil cruzados, que ainda nos restavão; e assim mandando-lhe ElRei perguntar se queria mais alguma cousa, lhe respondeo que não, salvo que mandasse S. Alteza hum homem comnosco para ver as cousas de Portugal. ElRei mandou-lhe hum Gentil-homem; e os dous de Cochim, que tinhão ficado comnosco nas náos, escrevêrão ao seu Rei como vinhão para Portugal, e do mesmo modo o fez Pedro Alvares ao Feitor, que lá tinha ficado. Não nos demorámos aqui mais que hum dia, e principiámos a atravessar o golfo para Melinde; no ultimo de Janeiro estavamos no meio delle, e encontrando huma náo de Cambaya a aprizionámos julgando ser de Meca: vinha ella muito rica e carregada com mais de duzentos homens e mulheres: quando o Capitão mór vio que erão de Cambaya deixou-os seguir a sua viagem excepto hum Piloto que lhe tirou, e assim partírão elles pelo seu caminho, e nós pelo nosso.

CAPITULO XX.

Como a náo de Sancho de Tovar carregada de especiaria deo em seco, e se abrio de modo que não se salvou nada senão a gente em camiza.

Aos doze de Fevereiro quasi á boca da noute, todos os Pilotos e aquelles que tinhão cartas de navegar, dizião que estavamos juntos a terra; e Sancho de Tovar, que era Capitão de huma náo grande, disse que queria hir adiante de todos; mandou deitar fóra todo o pano, e se poz adiante das outras: pela volta da meia noute deo elle em seco e principiou a desparar a artelharia.

Quando o Capitão mór vio isto mandou ferrar; mas o vento cresceo tanto pela noute adiante, que o nao podiamos augoentar; logo que elle amainou, mandou Pedro Alvares os batéis á náo, com ordem de a salvar se podessem, e se não, queimarem-na voltando com a gente. Neste tempo estava ja a nao aberta, e posta em paragem donde não podia sahir: e o vento crescia tanto, que as outras estavao em grande perigo; de modo que foi necessario muito trabalho para salvar a gente em camiza, tudo o mais se perdeo. A náo era de duzentas toneladas, carregada de especiarias; e tendo ella ardido partimos dalli somente em numero de sinco, e passámos por Melinde aonde nao podemos entrar, depois viemos a Moçambique aonde fizemos agoada, tomámos lenhas e espalmámos as embarcações. Por ordem do Capitão mór partio dalli Sancho de Tovar em hum navio mais pequeno, com hum Piloto que tinhamos tomado, a fim de reconhecer a Ilha de Çofala, e nós depois de reparados, partimos em numero de quatro náos, e fomos dar a huma angra aonde fizemos huma grande pescaria de pargos, e partidos de lá tivemos huma tormenta, que nos fez voltar para traz em arvore seca, perdendo neste meio tempo huma náo de vista, por maneira que ficámos sómente tres.

CAPITULO XXI.

Como de toda a Armada que foi para Calicut voltarão a Portugal sómente seis naos; do paiz de Besenegue e da Ilha de Çofala

Chegámos ao Cabo de Boa Esperança dia de Pascoa de flores, e ahi achámos bom tempo, com o qual viajámos para diante e abordámos na primeira terra junta

com Cabo verde que se chama Besenegue aonde achámos tres navios, que ElRei de Portugal mandara para descobrir a terra nova, que nós tinhamos achado quando hiamos para Calicut. Estes nos derão noticias da náo que se tinha esgarrado quando hiamos para lá, a qual foi até á embocadura do estreito de Meca, e chegou a huma cidade aonde lhe tirárão o batel com toda a gente que tinha; e assim vinha a náo somente com seis homens a maior parte doentes, e somente com a agoa que podião ajuntar quando chovia. Partindo daqui chegámos a esta Cidade de Lisboa no fim de Julho: hum dia depois chegou a náo que perdemos de vista quando voltavamos, e igualmente Sancho de Tovar com a Caravella que foi a Çofala; que elle disse ser huma pequena Ilha na embocadura de hum rio: e que o ouro que alli vem, he de huma montanha aonde está a mina; he povoada de Mouros, e Gentios, que resgatão o dito ouro por outras mercadorias. Quando alli chegou Sancho de Tovar achou muitas náos de Mouros, e tomou hum destes para refens de hum Christão da Arabia que mandara a terra, e pelo qual esperou dous ou tres dias; passados os quaes vendo que elle não voltava o deixou ficar vindo com o Mouro para Portugal; de modo que da Armada que foi a Calicut vierão seis náos, e todas as outras se perdêrão.

Quando o Capitão mór vio isto mandou ferrar; mas o vento cresceo tanto pela noute adiante, que o não podiamos augoentar; logo que elle amainou, mandou Pedro Alvares os batéis á náo, com ordem de a salvar se podessem, e se não. queimarem-na voltando com a gente. Neste tempo estava já a náo aberta, e posta em paragem donde não podia sahir; e o vento crescia tanto, que as outras estavão em grande perigo; de modo que foi necessario muito trabalho para salvar a gente em camiza, tudo o mais se perdeo. A náo era de duzentas toneladas, carregada de especiarias; e tendo ella ardido partimos dalli somente em numero de sinco, e passámos por Melinde aonde não podemos entrar: depois viemos a Moçambique aonde fizemos agoada, tomámos lenhas e espalmámos as embarcações. Por ordem do Capitão mór partio dalli Sancho de Tovar em hum navio mais pequeno, com hum Piloto que tinhamos tomado, a fim de reconhecer a Ilha de Çofala; e nós depois de reparados, partimos em numero de quatro náos, e fomos dar a huma angra aonde fizemos huma grande pescaria de pargos, e partidos de lá tivemos huma tormenta, que nos fez voltar para traz em arvore seca, perdendo neste meio tempo huma náo de vista, por maneira que ficámos sómente tres.

CAPITULO XXI.

Como de toda a Armada que foi para Calicut voltarão a Portugal sómente seis náos; do paiz de Besenegue e da Ilha de Çofala

Chegámos ao Cabo de Boa Esperança dia de Pascoa de flores, e ahi achámos bom tempo, com o qual viajámos para diante e abordámos na primeira terra junta

com Cabo verde que se chama Besenegue aonde achámos tres navios, que ElRei de Portugal mandára para descobrir a terra nova, que nós tinhamos achado quando hiamos para Calicut. Estes nos derão noticias da náo que se tinha esgarrado quando hiamos para lá, a qual foi até á embocadura do estreito de Meca, e chegou a huma cidade aonde lhe tirárão o batel com toda a gente que tinha; e assim vinha a náo somente com seis homens a maior parte doentes, e sómente com a agoa que podião ajuntar quando chovia. Partindo daqui chegámos a esta Cidade de Lisboa no fim de Julho: hum dia depois chegou a náo que perdemos de vista quando voltavamos, e igualmente Sancho de Tovar com a Caravella que foi a Çofala; que elle disse ser huma pequena Ilha na embocadura de hum rio; e que o ouro que alli vem, he de huma montanha aonde está a mina; he povoada de Mouros, e Gentios, que resgatão o dito ouro por outras mercadorias. Quando alli chegou Sancho de Tovar achou muitas náos de Mouros, e tomou hum destes para refens de hum Christão da Arabia que mandára a terra, e pelo qual esperou dous ou tres dias; passados os quaes vendo que elle não voltava o deixou ficar vindo com o Mouro para Portugal; de modo que da Armada que foi a Calicut vierão seis náos, e todas as outras se perdêrão.

Carta de Americo Vespucio, escrita de Cabo Verde, a 4 de Junho de 1501, a Lourenço de Pier Francisco de Medicis.

Magnifico padron mio, agli otto di Maggio fu l'ultima vi scriss stando a Lisbona presto per partirmi. In questo presente viaggio, che ora coll'aiuto dello Spirito Santo ho cominciato, e pensato fino al mio ritorno non vi avere a scrivere più; e pare che la sorte m'abbia dato tempo sopra uno di potervi scrivere non solamente di lunga terra, ma dell'alto mare.

Voi arete inteso, Lorenzo, sì per la mia, come per lettera de' nostri Fiorentini di Lisbona, come fui chiamato, stando io a Sibilia, dal Re di Portogallo; e mi prego che mi disponessi a servillo per questo viaggioi nel quale m'imbarcai a Lisbona a' tredici del' passato, e pigliammo nostro cammino per mezzodì; e tanto navigammo, che passammo a vista dell' Isole Fortunate, che oggi si chiamano di Canaria, e passammole di largo, tenendo nostra navigazione lungo la costa d'Africa, e tanto navigammo, che giugnemmo qui a uno cavo, che si chiama *el Cavo Verde*, ch' e principio della provincia d'Etiopia, e sta al meridiano dell' Isole Fortunate, e tiene di larghezza quattordici gradi della linea equinoziale, dove a caso trovammo surto due navi del Re di Portogallo, ch'erano di ritorno d' alle parte d'India

orientale, che sono di quelli medesimi che andarono a Calichut, ora quattordici mesi fa, che furono tredici navigli, co quali i' ho auto grandissimi ragionamenti non tanto del loro viaggio, come della costa della terra che corsono, e delle richezze che trovorono, e di quelle che tengono, tutto sotto bre vità si farà in questa menzione a Vostra Magnificenza, non per via de cosmografia, perchè non fu in essa frotta Cosmografo, nè Mattematico nessuno, che fu grande errore. Mas vi si diranno così discontortamente, come me la contarono, salvo quello io ho alcun tanto corretto colla cosmografia di Tolomeo.

Questa frotta del Re di Portogallo, patti di Lisbona l'anno 1499, del mese d'Aprile, e navicorono al mezzodì fino all' Isole del Cavo Verde, che distanno dalla linea equinoziale quattordici gradi circa, e fuora d' ogni meridiano verso l'occidente, che potete dire che le stanno più all' occidente che l'Isole di Canaria sei gradi poco più o meno, che ben sapete come Tolomeo, e la maggior parte delle scuole de' cosmografi, pongono el fine dell' occidente abitato l'Isole Fortunate, le quali tengono di latitudine coll' Astrolabio, e con el quadrante, e l' ho trovato esser così. La longitudine è cosa piu difficile, che per pochi si può conoscere, salvo per chi molto vegghia, e guarda la cogiunzione della Luna co' Pianeti. Per causa della detta longitudine io ho perduti molti sonni, e ho abreviato la vita mia dieci anni, e tutto tengo per bene speso, perchè, spero venire in fama lungo secolo, se io torno con salute di questo viaggio. Iddio non me lo reputi a superbia, che ogni mio travaglio raddirizzarò al suo santo servizio.

Ora torno al mio proposito: come dico questi tredici navigli sopradetti navigorono verso el mezzodì dell' Isole del Cavo Verde, per il vento che i dice fra mezzodì, e libeccio. E dipoi d' aver navigato venti giornate, circa a settecento leghe (che ogni lega è quattro miglia

e mezzo) posono in una terra, dove trovorono gente bianca e ignuda della medesima terra, che io discopersi per Re di Castella, salvo che è più a levante, la quale per altra mia vi scrissi, dove dicono che pigliorono ogni rinfrescamento, e di quivi partirono, e presono loro navigazione verso levante, e navigorono pel vento dello scilocco, pigliando la quarta di levante. E quando furono larghi dalla detta terra, ebbono tanto tormento di mare col vento a libeccio, e tanto fortunoso, che mandò sotto sopra cinque delle loro navi, e le somerse nel mare con tutta la gente. Iddio abbia auto misericordia dell' anime loro. E le otto altre nave, dicono che corsono ad albero secco, cioè sanza vela quarantotto dì, e quarantotto notte con grandissimo tormento. E tanto corsono, che si trovorono colla loro navigazione sopra a vento dal Cavo di Buona Speranza, che sta figurato nella costa d' Etiopia, e sta fuora del Tropico di Capricornio dieci gradi alla parte del meridiano, dico che ista dall' altezza della linea equinoziale verso el mezzodì trentatre gradi. Diche fatta la proporzione del parallelo truovono che'l detto Cavo, tiene di longitudine dall' Occidente abitato sessantadue gradi. poco più, o meno. che possiamo dire che stia nel meridiano d'Alessandria. E di qui navigorono di poi verso el settentrione, alla quarta del greco, navigando di continuo a lungo della costa, la quale secondo me è'l prencipio d'Asia, e provincia d' Arabia Felice, e di terre del Presto Giovanni, perchè quivi ebbono nuove del Nilo, che restava loro verso l' Occidente, che sapete ch' elli parte l' Affrica, dall' Asia. E in questa costa vi sono infinita popolazione, e cità, e in alcuni ferono scala, e la prima fut Zafale, la quale dicono essere città di tanta grandezza come è l Cairo, e tiene mina d' oro: e dicono che pagano di tributo allo re loro dugento migliaia di miccicalli d' oro l' anno, che ogni miccicalle vale una castellana d' oro, o circa. E di qui partirono e venono a Mezibinco, dove

dice, è molto alue, e infinita lacca, e molta drapperia di seta. Ed è di tanta popolazione come el Cairo, e di Mezibinco furono a Chiloa, e a Mabaza, (Monbaza) e da Mabaza a Dimodaza, e a Melinde. Dipoi a Mogodasco (Magadasso), e a Camperuia, e a Zendach dipoi a Amaab, dipoi Adabul (forse Rasbel) e Albaicon. Tutte queste città sono nella costa del mare Occeano, e vanno fino allo stretto del Mare Rosso. El quale mare avete da costa del mare Indico. Credo che sia la provincia che Tolomeo la chiama Gedrosica. Questo Mare Persico, dicono che è molto ricco, ma tutto non s'ha credere, perciò le lascio nella penna a chi meglio ne porgerà la verità.

Ora mi resta a dire della costa, che va dallo stretto del Mare Persico verso el mare Indico, secondo che mi racontonno, molti che funno nella detta armata; e massime il detto Guasparre, el quale sapeva dimolte lingue, e il nome di molte provincie e citta. Come dico è uomo molto altentico, perche ha fatto due fiate el viaggio di Portogallo al Mare Indico.

Dalla bôcca del mare Persico si navica a una città, che si dice Zabule (forse Dabule); di Zabule a Goosa (Goa), e da Goosa a Zedeuba, e dipoi a Nui, dipoi a Bacanut, (forse Barcelor), dipoi a Salut; dipoi a Mangalut, (Mangalur), dipoi a Batecala, dipoi a Calnut, poi a Dremepetam, dipoi a Fandorana, dipoi a Catat, dipoi a Caligut. Questa città è molto grande; e fu l' armata de ' Portogallesi a riposare in essa. Dipoi di Caligut a Belfur, dipoi a Stailat, dipoi a Remond, dipoi a Paravrangrari, dipoi a Tanui (Tanor), dipoi a Propornat, dipoi a Cuninam, dipoi a Lonam, dipoi a Belingut, dipoi a Palur, dipoi a Gloncoloi, dipoi a Cochin, dipoi a Caincolon (forse Culan) dipoi a Cain, dipoi a Coroncaram, dipoi a Sto mondel, dipoi a Nagaitan, dipoi a Delmatan, dipoi a Carepatan, dipoi a Conimat. Infino a qui hanno navigato le frotte di Portogallo, che benchè non

si conti della longitudine, e latitudine della detta navigazione, ch'e fare cosa impossibile, a chi non tiene molta pratica delle marinerie che la possa dare ad intendere. E io tengo speranza in questa mia navigazione rivedere, e correre gran parte del sopradetto, e discoprire molto piu, e alla mia tornata darò di tutto buona e vera relazione: Lo Spirito Santo vada con meco. Questo Guasparre, che mi contò le sopradette cose, e molti Cristiani le consentirono, perche furono in alcuna d' esse, mi disse di poi el seguente, disse ch' era stato dentro in terra dell' India in uno regno che si chiama e' regno de' Perlicat, el quale è uno grandissimo regno, e rico d' oro, e di perle, e di gioie, e di pietre prezione, e contò essere stato dentro in terra a Mailepur, e a Gapatan, e a Melata, e a Tanaser. (Tarescrim), e a Pego e a Starnai, e a Bencola, e a Otezen, e a Marchin. E questo Marchin dice sta presso di rio grande, detto Enparlicat. E questo Enparlicat e città dove è il corpo di Santo Marco Apostolo, e vi sono molti Cristiani. Et mi disse essere stato in molte Isole, e massime in una che si dice Ziban (forse Seilan), che dice che volge 300 leghe, e che' l mare aveva consumato d' essa, el rio, altre 400 leghe. Dissemi ch' era ricchissima isola di pietre preziose, e di perle, e di spezierie, d' ogni generere, e di drogherie, e altre ricchezze, come sono alifanti, e gran cavalleria; di modo che istimo che questa sia l' Isola Taprobana, secondo che lui me la affigura. E più mi disse, che mai senti mentovare Taprobana in tale parte, che come sasapere che non e rosso, ed è come questo nostro, ma tiene solo il nome di rosso. E tutte queste città sono richissime d' oro, e di gioie, e drapperie e spezzerie, e drogherie, e di suo proprio nascimento, ch' elle sono tratte colle carette dalla parte d' India, come intenderete, che sarebbe cosa lunga a ripricalla.

Da Albarcone, traverso lo Stretto del Mare Rosso e' vanno alla Moca, la dove fu una nave della detta frotta,

che in questo punto è arrivata qui a questo cavo, e infino a qui è scritto la costa d' Arabia Felice. Ora vi dirò la costa del Mare Rosso verso l' India, cioè dentro allo Stretto d' esso mare.

Alla bocca dello stretto sta un porto nel Mare Rosso, che si chiama Haden, con una gran città. Più innanzi verso el settentrione sta, uno altro porto, che si chiama Camarcan, e Ansuva; dipoi è uno altro porto che si dice Odeinda (Odeida), e da Odeinda a Lamoia (Lahoia) e da Lamoia a Guda (Gudda). Questo porto di Guda è giunto con il Monte Sinai, che come saprete è in Arabia Diserta, dove dicono ch' e iscala di tutti e' navili che vengono da inadia, e da Mecca. E in questo porto dicono che discaricano tutte le spezzerie, e drogherie: e gioie: e tutto quello che pongono qui, di poi vengono le carovane de' cammelli dal Cairo, e d' Alessandria, e le conducono lì, che dicono che vanno ottanta leghe pel deserto d' Arabia. E dicono che in questo Mare Rosso, non navigano se non di dì per causa di molti scoglj, e secche che vi sono. E molte altre cose mi furono conte di questo mare, che per non essere prolisso si lasciano.

Ora diró la costa del Mare Rosso dalla parte dell' Africa. Alla bocca dello stretto d' esso mare sta Zoiche [Zeile], ch' e signore d'essa uno Moro, che si chiama Agidarcabi, e dice che sta tre giornate apresso al porto di Guda, tiene molto oro, molti alefanti e infinito mantenimento.

Da Zoiche ad Arbazui [forse Asab]. Di questi duo porti d' Arboiam e Zala n' è signore el Presto Giovanni, e ivi dirimpetto è un porto che si nomina Tui è quale e del gran Soldano di Babilonia. Dipoi da Tui a Ardem, e da Ardem a Zeon. Questo e quanto io ho potuto avere del Mare Rosso; riferiscomi a chi meglio lo sa. Restami ora a dire quello io intesi della costa della Mecca, ch' e dentro del Mare Persico che si è el seguente.

Partonsi dalla Mecca, e vanno per costa del mare fino a una città che si domanda Ormuz, el quale è un porto nella bocca del Mare Persico. E dipoi da Ormusa a Tus (forse Kis) e di Tus a Tunas, dipoi a Capan, dipoi a Lechor, dipoi a Dua, dipoi a Torsis, dipoi a Pares, dipoi a Stucara, dipoi a Ratar. Tutti questi porti che sono molto populati stanno dentro dalla costa del Mare Persico. Credo che saranno molto più alla mente mia, che alla verità mi referisco, che questi mi contò uno uomo degno di fede, che si chiamava Guaspare, che avea corso dal Cairo fino a una provincia che si domanda Molecca, (forse Malacca) la quale sla situata alla pete e' sta tutta in fronte di rio suddetto.

Item mi disse, ch' era stato in una altra Isola che si dice Stamatara (forse Sumatra), la quale è di tanta grandezza, come Ziban, e Bencomarcano, insieme è tanto ricca como lei; sicchè non essendo Ziban l' Isola Taprobana sarà Scamatarra. Di questi due isole vengono in Persia e in Arabia infinitissime navi cariche d' ogni genere spezierie, e drogherie, e gioie preziose. E dicono, che hanno visto gran copia de navilj di quelle parte, che sono grandissimi, e di 40 mila, e 50 mila cantari di porto, e' quali chiamano giunchi, e hanno li alberi delle navi grandissimi, e in ogni albero tre, o quattro cabin. Le vele sono di giunchi, non sono fabbricate con ferro, salvo che sono intrecciate con corde. Pare che quello mare non sia tempestuoso. Tengono bombarde, ma non sono e' navilj velieri, ne si mettono molto in mare, perchè di continovo navicano a vista di terra. Accadde che questa frotta di Portogallo, per fare piacere a petizone del Re di Caligut, prese una nave ch' era carica d' alifanti, e di riso, e di più di 300 uomini; ella prese una carovella di 70 tonelli. E un altra volta misono in fondo dodici nai. Di poi vennono a una Isola detta Arenbuche, e Maluche, e molte altre Isole del mare Indico, di che sono di quelle che conta Tolomeo,

che stanno intorno all' Isola Taprobana, e tutte sono ricche.

La detta armata se ne tornò in Portogallo, e alla volta ch' erano restate otto navi se ne perdè una carica di molte ricchezze, che dicono che valeva centomila ducati, e le cinque per temporali si perdenno. Della capitana, del quale oggi n' è capitata una quì *(sic)*, come di sopra dico; credo che l' altro verrano a salvamento. Cosi a Dio piaccia.

Quello che le dette nave portano è 'l seguente.

Vengono carice d' infinita cannella, gengiavo verde e secco, e molto pepe, e garofani, noci moscadi, mace, muschio, algalia, istorac, bongiui, porcellane, casia, mastica, incenso, mirra, sandale rosi e bianchi, legno aloe, canfora, ambra, canne, molta lacca, mumia, *anib* e *tuzia*, oppio, aloe patico, folio indico, e molte altre drogherie, che sarebbe cosa lunga al contalle. Di gioie non sol el resto, salvo che vidi dimolti diamanti, e rubini, e perle, fra' quali viddi uno rubino d' un pezzo, rotolo di bellissimo colore, che pesava sette carati, e mezzo. Non mi vo più rallargare perchè el navilio... non mi lascia scrivere. Di Portogallo intenderete le nuove. In concrusione el Re di Portogallo, tiene nelle mani uno grandissimo traffico, e gran richezza. Iddio la prosperi. Credo che le spezierie verrano di queste parti in Alessandria, e in Italia, secondo la qualità e pregj. Così va el mondo.

Credete, Lorenzo, che quello che io ho scritto infino a quì è la verità. E se non si risconteranno le provincie, e regni, e nomi di città, e d' isole colli scrittori antichi, e segno ben che sono rimutati, come veggiamo nella nostra Europa, che per maraviglia si sente uno nome antico. E per maggiore chiarezza della verità si trovo presente Gherardo Verdi, frattello di Simon Verdi di Cadisi, el quale viene in mia compagnia, e a voi si raccomanda.

Questo viaggio, che ora fo, veggo ch' è pericoloso

quanto alla franchezza di questo vivere nostro umano. Nondimeno lo fo con franco anime per servire a Dio. el al mondo. E se Dio s' è servito di me, mi darà virtù. quanto che io sia apperechiato a ogni sua volontà, purchè mi dia eterno riposo all' anima mia.

Carta de la Faitada

Questa e copia di una letera di Zuan Francesco de la Faitada, scrita in Lisbona, a di 26 zugno 1501, drizata in Spagna, a sier Domenego Pixani, el cavalier, orator nostro; la qual per sue di X luio, la mando in questa terra.

Magnifice orator etc.

A questi zorni passati scrissi per Zuan Vesiga; poi in questo zorno havemo vostra, per la qual ne comete, li dagamo notitia de la expedition de l'armata di questo serenisimo re. Ben che per missier Cretico sara scrito a compimento, io voglio dar notitia a quela de la partita de questa armata, la qual partite de qui a li 17 zugno, et a li 18 fu in Lacus, terra de lo Algarius, che de qui a questa terra fanno 40 lige. Del qual loco de Lacus siamo avisati, luni passato la predita armada era ingrossata de molte nave et molta gente; e, secondo m'avisano per letere de domenica passata, del regno de Algarius montarano piu di 2000 homeni, oltra quelli che de qui andorono con le nave che partino. Lo effecto che questo re manda questa armada a questo loco del mori, é per pigliarlo; et eri, che fo lo di de Sancto Joanne, havevano lo arsalto in terra. Questo é quanto, fin questo di, se intende de la prefata armata. Da po' se extima andara a suo camino, dove era deputada; che Dio li concieda vitória! La magnificentia vostra sapera,

che eri, al tardi, vene uno de li navilij, che fu in zener fino a Coloqut, el qual loco si é quello donde si aspetava le spiziarie. Et perche so, quella havera piazer intendere le nove portano, faro notitia, como questo serenisimo re mando a lo dito loco de Coloqut 12 nave e navilij, de li quali g'é X soi, uno del signor don Alvaro, in compagnia de Bortolo, fiorentino et Hironimo et uno genoese, l'altro del conte de Porta Alegra e de certi altri merchadanti assai. In tutto sono 12 tra nave e navilij, de li quali, a l'andata, de qui lontano 80 lige, una de queste nave del re se perdete, che de lei non s'é saputo mai novela; le altre 11, andorono a suo viagio, arivarono ad un loco, che se dimanda el Cavo de Bona Speranza. Un zorno de luio, da poi de disnar, li sopravene grande vento, in modo, che, per quella fortuna, se perdete altre tre nave di quele del re, e lo navilio del conte di Porta Alegra; si che non restorono se nom 7, le quale andorono piu avanti, tanto che arivono al Coloqut; tamen dicono, che avanti giongeseno al Coloqut, discosto da lo ditto loco lontano 100 lige, arivono in uno loco; che lo re di quel loco li feze grande honor, e le mando refreschamenti di carne, agneli et altri presenti. Zonti poi a Coloqut, el capetanio vene a parlamento com quel re, e li feze, per nome di questo serenissimo re, presente de molte cosse, in modo che restorono grandi amici; e il capetanio se ne ritorno a la nave, e mando el fator general, com li altri deputati officiali, che havesseno a star li in terra, e comenzorono a contratar e far partiti de sue mercantie. In quelo tempo se atrovava, in lo dito locho de Coloqut, la frota de le nave de' mori de la Mecha, che stavano per cargar specie. A uno giorno, li mori con lo factor del re vegnirono a diferentia; dicendo l'uno, che volea cargar prima che l'altro; et li mori comenzorono a mazar di portogalesi da 25 in 30 de li principali, intra li qual fu lo factor general e scrivani, et certi frati

de observantia, che lo re in la dita armata mando. Alcuni de quelli che erano in terra, butati in mar, natorono a la nave, e deteno noticia al capetanio di la nova. El qual mando a parecchiar tute le nave a vela, e comenzo a bombardar le nave de. mori, in modo che ne mandô in fondo circa XII nave, et occise piu de 300 mori. Facto questo, comenzo a tirar le bombarde in terra, et amazo molta gente, ruinando molte case: e l'altro zorno pigliarono molti homeni de Coloqut, e li menorono a la sua nave. El capetanio stete in deliberation de ritornarse qui. Uno Judeo, che l'altro capetanio meno qui la prima volta che'l fu in Coloqut per questo re, fu mandato in questa armata, tuta via non lo lassorono mai andar a terra, comenzo a dir al capetanio che non si retornasse, ma che se andasseno piu avanti 70 in 80 lige che lui li meneria al loco proprio, donde nasceno la spiciarie, che e loco de altro re. El capetanio, visto le proposition del judeo, determino de far quello che lui diceva, e mando a far vela verso questo loco che costui li diceva, tanto che arivorono a questa terra, che se domanda Chuchi, dove el capetanio mando homeni in terra a parlar a lo re de questa terra, et a quello narono quello li é sta fato in Colocut. Questo re de questa terra e grande inimico del re di Coloqut, et inteso questo, li mando 4 homeni, de li sui piu principali, a le nave, che stesseno li, per contro de altri 4, che lo capetanio mando in terra; e comenzorono a far partiti, per modo che in nove zorni carichono tutte 7 le nave de spiziarie; zoe garofali, canelle, nose muschate, pevere et altre sorte specie. E da poi che le nave fonno del tutto cargate, questo re li mando altre 14 barchaze de spiziarie, e loro le retornorono a remandar, perché non le podevano alevar; e questo re ge le mando a dar senza denari, né altra cossa per contro. El re de Chaliqut, inteso che questa armada era andata a cargar a questo loco, perché era inimico de quel'altro re, e dubi-

tandose che lo trafico de Caliqut non se vastasse, ordeno una grande armada, per mandar a pigliar le nave de Portogallo, in la qual armata andava no piu de 15 milia homeni: El re de Chuchi, che sepe questa nova de questa ma armata, lo faze as aper al capetanio de Portogallo, fazendoli grande offerto, per salvarli quanto lui potesse; et oltra questo feceno partito, che li 4 homeni de le nave, stavano in terra, restasseno la, et li 4 altri de la terra, che stava no in le nave, vegnisseno qui con le dite na ve, e cussi feceno, con grande amicitia. Uno giorno stavano per partir le dite nave, per vegnir a suo camino, l'armata di Chaliqut aparse; et quell de la nave deteno le vella, che haveano bon vento, e lassorono per pope l'armata de Chaliqut, perche quele nave non vano a vela, se non con vento in pupa. In Chaliqut remase grande valuta de zoie, che za haveano comprado; tuta via se existiam ne vegna qui, in queste nave del re, grande summa. La fama de la richeza di questo re é tanto grande, che, hessendo la terza parte, é una grande cossa. Da poi, come é dfto, che fossemo partiti da Chuchi, luntadadi dal dito loco 200 lige, trovorono un altra terra, chiamata Lichinocho, e li stava uno re molto richo, el quelle mando presentf al capetanio, et mandoli doi ambasadori, i qualli vegnano a lo re de Portogallo. Expediti da questo re, partirono al suo viazo, e se ne veneno a Zafale, che in questo loco dicono eseere grande rescato de oro e, de le 12 nave, el re ordeno che do de esse se ne andaseno a questa terra; ma quando se perdeteno le 4 nave, haveano ad andar a questa terra de Zafale. Da poi se ne veneno piu avanti, e uno giorno se feze grande vento, in modo che una de le sette nave fu a dar in terra, e le persone se salvorono. El capetanio mando a brusar la dita nave con la mercantia. Gionti al Capo de Bona Spuranza, el capetanio mando a tute le altre nave, se zoncesen insieme, et andono in compagnia 3 in 4 zorni. Da poi comando,

che questa, ch'é venuta, per esser neglior de le vele, se partisse da le altre, e venisse a dar nova de esse nave qui, a questo re de Portogalo ; e cussi feze. Questo navilio, che e venuto, é lo piu pícolo de tuti, et é del signor Alvaro e tre altri merchadanti nominati di sopra. Lui é lo piu povero de tutti li altri, lo quale porta 300 cantera de pevere et 200 de canella, nose muscade, lacha, benzui ; et porta la novella de esse cosse ; de modo che de tuto vien cargate. Questo discorso vi ho facto, per dar notitia a vostra magnificentia del successo de questa cossa de Coliqut. Le sopradit nove se sono havute da uno marinaro de lo navilio che é venuto, el quale navilio ancora sta in restello, et ozi s'aspeta qui. Intendendose altro, ne sareti avisato del tutto particularmente etc.

Carta de Pisani a Senhoria de Veneza

Credo, vostra serenitá, per letere del magnifico ambasador, domino Piero Pasqualigo, doctor, habia inteso quello ho per capitolo di una letera di missier Cretico, doctor, ch'e *apud regem Lusitaniae*, de 27 luio, in Lisbona. Come questo serenisimo re havia mandato nave a la volta de India, le quale al presente son tornate: ma di 13 che furono son perse le 7. El lor viazo, serenisimo principe, é: prima per la costa de Mauritania et Getulia, per ostro, fin al Capo Verde, che *antiquitus* si chiamava *Hespeviceras* dove sono le insule de le Hesperide. Qui principia la Ethiopia, verso levante tanto, che coresponde per *lineam rectam* a la Sicilia. Dista dita costa de la linea equinoctiale 5 in 6 gradi; et a mezo dicta costa è la mina de questo serenissimo re. Da poi extende uno capo verso ostro in tanto, che excede el tropico de Capricorno 9 gradi. Questo capo chiamano Capo de Bona Esperanza, che vien esser larga la Barbaria in questo loco più di 5000 mia, dal lito intrinseco verso nui ad questo cao de li. *Iterum* se incolfa verso uno cao, chiamato da gli antiqui *Prason Promontorium*, fino al qual fu noto a li antiqui. Da l'altra banda, de qui *iterum* scorre, quasi greco e levante, per la Tragloditica, dove trovano una mina d'oro, la qual chiamano Cephala, (Sofala) dove li antiqui affermano esser mazor copia d'oro che in alguna altra parte. De qui entrano nel mar

barbarico, et poi nel mar de India et arivano al Coliqut. Questo è il lor camino, ch'è più di XV milia miglia; ma transversando lo scurterano assai.

De sopra el Capo de Bona Speranza, verso garbin, hanno discoperto una terra nuova, chiamano la terra de li papaga', per esser li papaga' longi uno brazo et più, de varij colori, de li quali hanno visto doy. Judicano questa terra esser terra ferma, perche corseno per costa 2000 mia e (sic) più, nè mai trovorono fin. Habitano homeni nudi et formosi. A la lor andata perseno, per fortuna, 4 nave, dove mandorono a la mina nova dicta, le qual si judicha, siano perse. Le sete andorono al Coliqut, dove forono prima ben visti et foli dato una caxa per quel signor; dove rimaseno alcune de le nave, le altre erano in lochi vicini. Da poi soprazonse zerme X del soldan, li quali se sdegnavano che portogalesi fosseno andati ad torleli lo inviamento, et volevano cargar prima. El fator del re de Portogal se lamentò con el signor de Coloqut, (sic) et qual, judicano, se intendesse con mori, et disse che se gli cargavano, li tolesse le specie. De che venero a le mane, che tutta la terra favori a'mori, et corseno a la caxa designata a'portogalesi, et tagliorono a pezi tutti che erano in terra, per numero 40, tra li quali el fator del re, qual se à butato in aqua pār fuzir. Inteso questo, le altre nave venero et abrusorono le zerme del soldan, che erano X, et le bombarde fecero gran danno a la terra et brusorono assai caxe, che el forzo è coperte de paglia. Per questo rumor se parti da Coloqut, et forono conduti de la lor guida, ch'e uno judeo batizato, ad una altra terra più oltra, chiamata Chucin, (Cochim) de uno altro re, inimico dil re di Coloqut, el qual li ha fato optima compagnia et ha mazor copia de specie che al Coloqut. Hano cargà ad stiva per precio che me temo dirlo; et dicono comprano uno canter de canela per un ducato et meno. Questo signor de Chucin manda soi ambasadori com

queste nave a questo signor re, et *etiam* obstasi, a ciò che torniano securamente. Nel retorno mori et quelli de Calicut (sic) se misseno in ordene per prenderli, et armarono 150 navilij con 15 milia homeni; *tamen* costoro, siando chargi, non volseno combater, nè quelli li poteva offender, chè lusitani se messeno a la vela de la borina, che lore non sano andare. Venendo, arivono in una insula, dove è el corpo di San Thomà. El signor de quella li ha fatto gran chareze et datoli de la reliquie de San Thomà; li pregava volessero tuor specie da lui et che le tolesseno in credenza a l'altro viazo; questi erano za cargi et non poteva tuor più. Sono stati mesi 14 sul viazo, ma nel ritorno solo 4; et dicono voler da mo avanti far questo viazo in 9 o ver 10 mesi al più. Nel ritorno, de 7 nave, le 6 son venute salve, una dete in una secha, li homeni de le qual son salvi; et questa era de 600 bote et carga. Ma ancora non è arivate qui, salvo una di bote 300; le altre son propinque, per quanto dicono; e queste introno la sera di San Zuane. Io me ritrovava dal re, el qual me chiamò et diseme, me congratulasse, che le sue nave de India erano zonte cariche de specie; et cussi mi congratulai con li debiti modi. Feze far festa in palazo et letizia de campane per tutta la terra; el di sequente feze una procession solenne. Da poi, *iterum* atrovandomi con sua magestà, me retornò a la nave et diseme dovesse scriver a vostra serenità, che mandi da mo avanti le galie a levar specie de qui, a le qual faria bona ciera, et poriano judicar esser in caxa sua; et che *omnino* vuol prohibir che al soldan non vadi specie; et voler meter a questo viazo 40 nave, de le qual algune vadi et algune torni; et *demum* tiene haver la India al suo commando. Questa nave intrata, in porto, e la nave et el cargo de Bartolo Fiorentino, el cargo de la qual è piper, cantera 300; canella, cantera 120; lacha, cantera 60; benzui, cantera 15; garofalli non hanno, perchè mori gli haveano levati; neanche zenzeri, perchè

a Chuchin, (sic) dove hanno carga non ne hè, ma nasce a Caliqut (sic); specie minute non hanno di alguna sorte.

Dicono haver perso assai zoglie in quel rumor de Chaliqut (sic). Non preterirò *etiam* questo, esser venuti de qui ambasadori de uno re de Ethiopia, chiamato re Ubeam, qual à mandato presente a questo re, schiavi et denti de avuolio et altre cosse, et son de qui za assai. Li a presso *etiam* de quelli nasse piper, ma non è cussi compito come l'altro. *Praeterea* queste nave nel suo ritorno scontrarono do grosse nave, che erano partite de la mina nova et andavano verso la India, li qual haveano gran suma di oro; et, temendo che costoro non i volesse pigliar, li offerse 15 milia doble *pro primo*, che chadauna val più del ducato; ma questi non hanno voluto tuor cossa alguna; *imo* li hanno fato presenti a loro et bona compagnia per poter navegar quelli mari, *nec alia*.

Data Ulysiponi, die 27 julii 1501.

Carta de D. Manuel aos Reis Catolicos

Carta del Rey D. Manuel de Portugal á los Reyes Católicos, dándoles cuenta de todo lo sucedido en el viage de Pedro Alvarez Cabral por la costa de Africa hasta el Mar Rojo. (Existia en Zaragoza en el archivo de la antigua Diputacion de Aragon, destruido en la guerra de la independencia. Copia sacada por D. Joaquin Traggia.)

Muy altos y muy excelentes y muy poderosos Príncipes Señores padre y madre: estos dias pasados, despues que la primera nueva de la India llegó, no escribí luego á vuestras Señorias las cosas de allá, porque no era aun venido Pedro Alvarez Cabral mi capitan mayor de la flota que allá tenia enviada; y despues de su llegada sobreseí en ello, porque no eran aun venidas dos naos de su compañia, de las cuales la una tenia enviada á Zofala, que es mina de oro que nuevamente se halló, no para rescatar sino solamente para hacer verdadera informacion de las cosas de allá, porque de dos naos que para ello iban una de ellas ce perdió en la mar, é otra se apartó de la flota con tiempo fortunoso, é no fué la dicha. Y despues de llegadas las dichas naos é estando para notificarlo todo á VV. SS.. Pero Lopez de Padilla me dijo que folgábades de saber las nuevas de cómo las cosas de allá sucedieron; las cuales de como todo sumariamente pasó son estas.

El dicho mi capitan con trece naos partió de Lisboa á nueve de Marzo del ano pasado. En las octavas de la pascua siguiente llegó á una tierra que nuevamente descubrió, á la cual puso nombre de Santa Cruz, en la cual halló las gentes desnudas como en la primera inocencia, mansas y pacíficas; la cual parece que nuestro Senor milagrosamente quiso que se hallase, porque es muy conveniente y necesaria para la navegacion de la India, porque allí reparó sus navíos é tomó agua; y por el camino grande que tenia por andar no se detuvo para se informar de las cosas de la dicha tierra, solamente me envio de allí um navío á me notificar como la halló, e fizo su camino la via del cabo de Buena-Esperanza; en el cual golfo, antes de llegar á ella, pasó grandes tormentas, en que en uno solo dia se anegaron juntamente á sua vista cuatro naos de que nó escapó persona alguna; siendo á este tiempo desaparecida dél otra nao de que hasta agora no he habido noticia, y la en que en él iba con las otras que quedaron pasaron grande peligro, é así fué su via para aportar al reino de Quiloa, que es de moros, debajo de cuyo señorío está la dicha mina de Zofala, porque para el Rey dél llevaba mis cartas e recaudos para con él asentar la paz, y trató acerca del rescate é negocio de la dicha mina. E antes de llegar al dicho reino halló dos naos con gran suma de oro, las cuales tomó en su poder, y porque eran del dicho rey de Quiloa, faciéndoles mucha honra, las dejó ir. Del cual Rey fué muy bien recibido, viniendo en persona á verse con el dicho mi capitan á la mar, y entró con él en su bajel, y le envió presentes, y despues de haber visto mis cartas y recaudos asentó el trato, y porque las naos que para la dicha mina iban dirigidas eran de las que se perdieron, no se comenzó por entónces allí ningun rescate porque la mercadería que las otras llevaban, no era conforme á la que para aquella tierra convenia. Partióse de allí e fuese á otro reino Melinde,

para donde llevaba tambien mis cartas y recaudos para el Rey dél, que asimismo es moro, y tenia fechas buenas obras á D. Vasco, que fué el primero allá á descubrir, el cual Rey asimismo se vió con él en la mar, y le envio tambien presentes y con él firmó y asentó amistad é paz, é le dió los pilotos que le convenian para su viage. Los cuales reinos son de la mar Bermeja para acá: de la parte de la tierra confinam con gentiles, los cuales gentiles confinan con el Preste Joan, que ellos allá llaman Coavixi, que en su lengua quiere decir ferrados, porque de hecho lo son, y se fierran por senal que son bautizados en agua. E de allí se partió pára Calecut, que es mas allá setecientas leguas, la cual ciudad creemos que ya terneis sabida es de gentiles que adoran muchas cosas y creen que hay un solo Dios, y de muy gran pueblo, y hay en ella muchos moros que hasta agora siempre trataron en ella de especería, porque ella es así, como Brujas en Flandes. Está la principal de las cosas de la India que de fuera viene á ella, y en ella no hay sino cañafistola y gengibre, á la cual ciudad llegó habiendo cinco meses que era partido de Lisboa, y fué del Rey muy honradamente recibido, viniéndole á hablar á una casa junto á la mar, con todos sus grandes y mucha otra compañía, é allí le dió mis recaudos y asentó mi paz y concierto, del cual asiento el dicho Rey mandó facer una carta escrita en pasta de plata, con su senal de *tauxía* dorada, por ser así el costumbre en su tierra en las cosas de grande instancia, e otras cartas escritas en fojas de unos árboles que parecen palmas en que acordadamente escriben, y de estos árboles y de su fruto se hacen estas cosas que se siguen: azucar, miel, aceite, vino, agua, vinagre, carbon y cuerdas para navíos, é para toda otra cosa é esteras, de que hacen algunas velas de naos, é se sirven de ellas en todo lo al que les cumple, y el dicho fruto allende de aquello que de él así se hace es grande mantenimiento suyo.

principalmente en la mar; y despues del asiento así fecho con el dicho Rey puso mi fator con toda la casa ordenada que para la dicha fatoría enviaba en tierra, é comenzó luego de tratar sus mercaderías, é de cargar las naos de especería; y en este medio tiempo envio el Rey de Calecut á decir á mi capitan que una nao muy grande é muy armada de otro rey, su enemigo, le habia enviado á decir que pasaba por ante su puerto sin ningun miedo suyo, é que ya otras veces le tenia enojado que le rogaba mucho que le mandase tomar, encareciéndosels como cosa que tocaba mucho á su estado é honra. Y el dicho mi capitan viendo el tratamiento que el y el dicho fator comenzaban á recibir del dicho Rey por mas confirmar mi paz e amistad, acordo de lo facer y por le mostrar la fuerza de nuestra gente en navíos y artillería, envio solamente á ella el mas pequeno navío que tenia con una lombarda gruesa é alcanzóla dentro en el puerto de otro Rey su vecino, é á vista del é de toda su gente la tomo y la trujo á Calecut con cuatrocientos hombres arteros é alguna artilleria é con siete elefantes enseñados de guerra dentro de ella que allá valdrian 30⅌ mil cruzados, porque por uno de ellos solo daban 5⅌ cruzados, é con otra mercadería de especiería, la cual nao le envio á presentar é se la dió con todo lo que en ella venia, é él la vino á ver á la ribera, por ser a ellos muy grande espanto tan pequño navío con tan pocos hombres tomar una tamaña nao, é con tanta gente, é á recebir el recaudo que el dicho capitan sobre ella le enviaba, viniendo con todo su estado é fiesta. Y estando así en esta concordia e amistad siendo ya dos naos de especiería, los moros, principalmente los de Meca que allí estan estantes, por ver el gran daño que se les seguía, buscaban todos lo modos que podian para poner discordia entre mi fator y el rey, y pusieron la tierra en alboroto por estorbar el trato; y porque todas las mercaderías estaban en manos de los moros, escon-

dianlae y enviábanlas secretamente para otras partes; y sabiendo esto el dicho capitan envio á decir al rey de Calecut quejándose y pidiéndole que cumpliese lo que con él tenia asentado, que era que dentro de veinte dias se le daria mercaderia de que cargase las dichas naos e que hasta ser ellas cargadas no daria lugar que ningunas otras cargasen, y el rex le respondió que toda la mercadería que hubiese en la tierra le mandaria luego dar, é que si alguna se cargase en su puerto sin saberlo sus oficiales, que él le daba lugar é poder para que la detuviese hasta que él enviase los dichos sus oficiales para que en ello hubiesen de proveer para se la entregar; é en sabiendo esto los moros acordaron, con grande diligencia, de cargar una nao públicamente, dando aún mayor diligencia en esconder la mercadería de lo que ántes solian, y esto para dar causa á que él escándalo se comenzase, porque son poderosos y la ciudad es de muchas naciones y de extendida poblacion, y en que el rey mal puede proveer á los alborotos del pueblo. E viendo mi fator como la nao se cargaba, requirió al capitan que la detuviese como con el rey tenia asentado, y el dicho capitan, recelando el escándalo, dudó de lo hacer, y el dicho fator tornó á le requerir que todavía la detuviese, diciendo que los principales de los moros, é así algunos gentiles, le decian que si la dicha nao no era detenida, en ninguna manera podria cargar sus naos, y segun lo que se siguió, parecece que lo hacian á fin de dar causa al dicho escándalo. Y mi capitan despues de lo dudar muchas veces, recelando lo que se seguió, envio á decir á la gente de aquella nao, por el poder que para ello tenia, que no se partiese, y ellos no lo quisieron hacer, y entónces fué necesario de la mandar retener, y mando á sus bajeles que la metiesen en dentro del puerto donde estuviese segura de no poder partir sin su placer. Y luego que esto vieron los moros, como era el fin que ellos deseaban, en aquel mismo ins

tante vinieron luego con todo el otro pueblo, que ya ántes tenian alborotado sobre el dicho fator y casa combatiéndolo; y él con esos pocos que consigo tenia se defendió por algun espacio, y se salió de la casa viniéndose recogiendo á la mar. Y el mi capitan, que entónces estaba doliente, luego que le fué dicho del alboroto, que habia en tierra, envio todos sus bajeles á le socorrer, y puesto que la mar estaba muy brava, todavía recogió alguna parte de la gente, mataron al fator, y con él se perdieron cincuenta personas entre muertos y cativos, y esto así fecho, viendo el dicho capitan como el rey á esto no acudia, e veiendo que no le enviaba ningun recaudo, ántes se proveia de algunos aparejos recelando guerra, y que asimismo estaba apoderado de mi hacienda que quedo en tierra, sobreseyendo un dia por ver si se hacia enmienda del dicho caso, cuando vió que ningun recaudo le enviaba, temiéndose que armase gruesamente, como despues fizo, para que le pudiese impedir la venganza que en aquel tiempo podia tomar, acordó de lo poner luego en obra, é tomóle diez naos gruesas que en el puerto estaban, y mandou poner á espada todá la gente que en ellas habia, salvo alguna que quedo escondida, la cual despues no quiso matar, y me la trujo cativa, y mandó quemar las dichas naos delante del dicho puerto, que fué al dicho rey é á la gente de tierra grande espanto, en las cuales estaban tres elefantes que allí murieron, y en esto gasto todo aquel dia, y luego que fué noche se fué con todas las naos, é se puso lo mas en tierra que pudo al luengo la ciudad, y en amaneciendo le comenzó á tirar con artilleria, é le tirou hasta la noche principalmente á las casas del rey, en la cual le fizo mucho daño, é le mató mucha gente, como despues supo, é le mató un hombre principal que estaba con él, por lo cual él se salió luego fuera de la ciudad por parecerle que en toda no estaba seguro. De allí fizo vela, y se fué á otro puerto suyo que se

llama Fandarene, en que tambien le fizo enojo con artilleria, é le mató gente, é de alli fizo vela la via del reino Chochim, que es aquella parte donde viene la especieria, treinta leguas mas allá de Calecut, y en el camino halló otras dos naos de Calecut, que tambien tomo é mando quemar, é llegado á Chochim, despues de haber hecho saber al rey lo que habia pasado en Calecut, fué de él muy bien recibido, é asentó con él su trato de la manera que lo tenia asentado en Calecut, é puso luego mi fator é ciertos hombres con él en tierra, para lo cual le dieron rehenes de hombres honrados que le trujiese, y le cargaron las naos en diez y seis dias, y la mercaderia le traian en sus bateles á ellas con tanto mas amor é seguridad que parece que Nuestro Señor permitió el escándalo de Calecut, porque se acertase este otro asiento que es de mucho mas provecho é seguridad, porque es mucho mejor puerto, é de mucha mas mercaderia, porque cuasi toda la mercaderia que va á Calecut mucha de ella hay en aquella tierra, y las otras primero van alli que no á Calecut: en la cual ciudad de Cuthin hay muchas naos, y supo que dos mercaderes solamente tenian cincuenta naos. En aquel reino hay mucho cristianos verdaderos de la conversion de Santo Tomás, y los sacerdotes de ellos siguen la vida de los apóstoles con mucha estrechura, no teniendo propio sino lo que les dan de limosnas, y guardan enteramente castidad, y tienen iglesias en que dicen misas, é consagran pan zenceño é vino que hacen de pasas secas con agua, porque no pueden hacer otro: en las iglesias no tienen imágenes sino la cruz, é todos los cristianos traen los vestidos apostólicos con sus barbas y cabellos sin los nunca hacer. Y alli halló cierta noticia donde yace el cuerpo de Santo Tomás que es ciento y cincuenta leguas de alli en la costa de la mar, en una ciudad que se llama Mailapur, de poca poblacion, y me trujo tierra de su sepultura, y todos los cristianos, é asi

los moros é gentiles por los grandes milagros que hace van á su casa en romería, y así nos trujo dos cristianos, los cuales vinieron por su placer é con licencia de su perlado para que los enviasemos á Roma é Hierusalem, é viesen las cosas de la iglesia de acá, porque tienen que son mejor regidas por ser ordenadas por San Pedro, que ellos creen que fué la cabeza de los apostoles, por ser ellos informados de ellas. Y tambien supe nuevas ciertas de grandes gentes de cristianos, que son allende de aquel reino de Chochim, los cuales vienen en romería á la dicha casa de Santo Tomás, y tienen reyes muy grandes, los cuales obedecen á uno solo y son hombres blancos y de cabellos loros, é habidos por fuertes, é llamase la tierra Malchima, de donde vienen las porcelanas é asmisle é ámbar e ligno aloe, que traen del rio Ganje, que es acuende de ellos, y de las porcelanas hay vasos tan finos que uno solo vale hallá cien cruzados. Y estando en este reino de Chochim con el trato ya asentado y las naos cargadas, le vino recaudo del rei de Cananor é del rei de Colum, que son allí comarcanos, requiriendole que se pasase á ellos porque le harian el trato mas á su provecho, y por tener ya el asiento fecho se escuso de ir. En este tiempo, estando para partir de Chochim, le envió el mismo rey á decir como una armada gruesa de Calecut venia sobre él, en que venian hasta quince mil hombres, con la cual á mi capitan no le pareció bien de pelear por tener sus naos cargadas, y tener poca gente, y no le pareció tiempo ni necesidad de aventurar por tener recelo que le matarian ó heririan alguna della por largueza del camino que tenia de andar, que eran cuatro mil leguas de aquí; pero fizose á la vela con ellas no dejando su camino, y ellos no osando de se alargar á la mar se tornaron recelando de ir sobre ellos, y de allí fizo su camino por el reino de Cananor uno de aquellos reyes que lo mandaron requerir, é pasando luego que de tierra hubieron vista dél le

mandó otro recaudo, rogándole que pasase por allí porque queria enviar con él a mí su mensagero, el cual me trujo, y en un solo dia que allí estuvo le mando traer tanta especiería á las naos que las cargara del todo si vinieran vacías, y se la daban que la trujese de gracia en presente á mí por cobrarme amistad, é así vinieron todos sus grandes á mi capitan, diciendo de parte del rey que por allí veria que seria allí de otra manera tratado que fué en Calecut, que le ayudarian é iria él en persona por tierra, é toda su armada por mar: y despues de se lo mucho agradecer de mi parte, se despidió dél diciendole que en esta otra armada que luego habia de enviar, le enviaria mi respuesta de todo. E se vino por su camino, y en el medio de aquel traves tomó una muy grande nao cargada de mercaderías, pareciéndole que seria de las de Meca, que entónces habian de venir de Calecut, é hallando que la dicha não era del rey de Cobaía, la dejó, enviando por ella á decir al dicho rey que la dejaba porque no iba a facer guerra á nenguno, solamente la tenia fecha á aquellos que le faltaron de la verdad que con él en mi nombre tenian asentada: y siguiendo mas adelante se le perdió una de las naos que traia cargada porque de noche fue a dar en tierra, y salvóse la gente, y mandó quemar la nao porque no se podia sacar salva, y desta *parado*... envió el navío á haber nuevas de la mina de Zofala, como ya detras está dicho, el cual es ya venido, y me trujo informacion cierta de allá y asi del trato y mercadería de la tierra, y de la gran cantidad del oro que alli hay, y allí alló nuevas que entre los hombres que traen el oro allí a cuestas, vienen muchos que tienen cuatro ojos, dos delante y dos detras, y son hombres pequeños de cuerpo é bermejos, y diz que son crueles é que comen los hombres con quien tienen guerra, y que las vacas del rey traen collares de oro gruesos al pescuezo. Y cerca de esta mina hay dos islas en que cogen mucho aljófar é ámbar. Y

de allí se vino el dicho mi capitan, y llegó á Lisboa á tiempo que hacia diez y seis meses del dia que della partió, y bendito sea Nuestro Señor en todo este viage no le murieron de dolencia mas de tres hombres, é todos los otros vienen sanos é en buena disposicion. Agora nos vino cierto recaudo como uno de los navíos que iba para Zofala que tenia por perdido, viene é será un dia de estos aquí, el cual dicen que entró en la mar Bermeja, y que trae della alguna plata, é así alguna informacion de la cosas de allá, puesto que ya de la dicha mar Bermeja estábamos largamente informados por el dicho mi capitan, y por muchas vias fuí de ello sabidor. Las otras particularidades deste negocio a Pero Lopez las remito, que á todo fué acá presente. Muy altos y muy excelentes é muy poderosos principes senores Padre é Madre. Nuestro Señor haya vuestra vida y Real Estado en su santa guarda. Escrita en Santaren á veinte é nueve de Julio. — EL REY.

ÍNDICE

DOCUMENTOS